

*Karen Thompson
Walker*

OS SONHADORES





*Karen Thompson
Walker*

OS SONHADORES

Tradução de Renato Marques



Sumário

1.	<u>Capa</u>
2.	<u>Rosto</u>
3.	<u>Dedicatória</u>
4.	<u>Epígrafe</u>
5.	<u>1</u>
6.	<u>2</u>
7.	<u>3</u>
8.	<u>4</u>
9.	<u>5</u>
10.	<u>6</u>
11.	<u>7</u>
12.	<u>8</u>
13.	<u>9</u>
14.	<u>10</u>
15.	<u>11</u>
16.	<u>12</u>
17.	<u>13</u>
18.	<u>14</u>
19.	<u>15</u>
20.	<u>16</u>
21.	<u>17</u>
22.	<u>18</u>
23.	<u>19</u>
24.	<u>20</u>
25.	<u>21</u>
26.	<u>22</u>
27.	<u>23</u>
28.	<u>24</u>
29.	<u>25</u>
30.	<u>26</u>

- 31. [27](#)
- 32. [28](#)
- 33. [29](#)
- 34. [30](#)
- 35. [31](#)
- 36. [32](#)
- 37. [33](#)
- 38. [34](#)
- 39. [35](#)
- 40. [36](#)
- 41. [37](#)
- 42. [38](#)
- 43. [39](#)
- 44. [40](#)
- 45. [41](#)
- 46. [42](#)
- 47. [43](#)
- 48. [44](#)
- 49. [45](#)
- 50. [46](#)
- 51. [47](#)
- 52. [48](#)
- 53. [49](#)
- 54. [50](#)
- 55. [51](#)
- 56. [52](#)
- 57. [53](#)
- 58. [54](#)
- 59. [55](#)
- 60. [56](#)
- 61. [57](#)

- 62. [Agradecimentos](#)
- 63. [Créditos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title Page](#)
3. [Dedication](#)
4. [Epigraph](#)
5. [Table of Contents](#)
6. [Acknowledgments](#)
7. [Copyright Page](#)
8. [Body Matter](#)

*Esta
edição foi
feita com
carinho
pela TAG
para seus
associado
s.*

Para minhas filhas, Hazel e Penelope, ambas nascidas durante os anos em que escrevi este livro, e que estão por toda parte nestas páginas.

Nessa noite o cego sonhou que estava cego.

Ensaio sobre a cegueira, José Saramago

No começo eles culpam o ar.

É uma ideia antiga, um veneno no éter, um perigo que o vento carrega. Uma estranha névoa é vista à deriva cidade afora nessa primeira noite, a noite em que o problema começa. Chega como uma intempérie, ou feito fumaça, alguém disse depois, mas ninguém consegue localizar fogo nenhum. Alguns culpam a seca, que há anos vem sangrando o lago, amarronzando o ar com poeira.

O que quer que seja, assoma sobre eles em silêncio: uma sonolência súbita, um fechar dos olhos. A maioria das vítimas é surpreendida em sua própria cama.

Mas há quem diga que essa doença não é inteiramente nova, que os primos dela já visitaram os nossos algumas vezes. Em certas cartas de séculos passados, é possível encontrar referências esporádicas — distantes décadas entre si — a uma estranha espécie de sono, um misterioso e persistente torpor.

Em 1935, duas crianças foram para a cama em uma choupana em meio à Dust Bowl^a e só acordaram depois de nove dias. Algum contágio semelhante certa vez tomou de assalto, insidioso, um vilarejo mexicano — *El Niente*, eles o chamaram: “o Nada”. E, três mil anos antes disso, um poeta grego descreveu uma série de bizarras mortes em uma aldeia à beira-mar: as pessoas morreram, escreveu ele, como que arrebatadas pelo sono — ou, de acordo com outra tradução: como que afogadas em um sonho.

Desta vez começa na faculdade.

Começa com uma garota saindo de uma festa. Ela está se sentindo mal, enjoada, diz a suas amigas, parece febre, diz ela, como gripe. E cansada também, tão cansada quanto jamais se sentiu na vida.

[a](#) “Dust Bowl” foram tempestades de areia ocorridas nos Estados Unidos na década de 1930 que afetaram a região das Grandes Planícies, em particular Oklahoma, Kansas, Colorado e Texas. Embora esse fenômeno fosse para alguns um castigo divino, na verdade foi provocado pelo tipo de agricultura que se praticava nessas zonas semidesérticas. (N. T.)

2

A colega de quarto da garota, Mei, se lembrará mais tarde de acordar com o som da chave girando na fechadura. Mei vai recordar do rangido das molas no breu no instante em que sua colega de quarto — cujo nome é Kara — sobe no beliche acima do dela. Parece estar bêbada, essa menina, o modo como ela se desloca tão devagar da porta até a cama, mas o quarto está às escuras e — como sempre — elas não se falam.

De manhã, Mei vê que Kara dormiu sem trocar de roupa. Os saltos pretos e estreitos das botas dela se projetam para fora sob os cobertores do beliche de cima. Mas Mei já a viu fazer isso uma vez. Enquanto se veste, Mei toma cuidado para não acordar a outra. Manuseia em silêncio as chaves e fecha sem alarde a porta. Mei deixa apenas a impressão mais leve possível nesse espaço — o conforto de não ser vista.

Esta é a Califórnia, Santa Lora, faz seis semanas que ela começou sua vida como caloura.

Mei fica longe do quarto o dia todo. Ela se sente melhor assim, ainda atordoada com a rapidez com que aconteceu, como as amizades se formaram sem ela, um gelo espesso e repentino.

Todas as noites, Kara e as outras garotas do dormitório atravancam o banheiro, enroladas em toalhas, bloqueando as pias enquanto se inclinam diante dos espelhos para retocar os lábios e os olhos. Da escrivania do seu quarto do outro lado do corredor, Mei consegue ouvir as gargalhadas, as vozes ruidosas delas por cima do zumbido dos secadores de cabelo.

“Leva tempo conhecer as pessoas”, diz a mãe dela ao telefone. “Às vezes demora anos.”

Mas há certas histórias que Mei não contou à sua mãe. Como a daqueles rapazes que vieram até a porta na primeira semana de aula. Havia um cheiro ruim no corredor, disseram eles, e seguiram o

rastro do fedor até o dormitório dela. “Parece que alguma coisa morreu aqui dentro”, disseram eles, entrando sem pedir, amontoando-se no quarto acanhado, chinelos e bermudas, bonés de beisebol enfiados na cabeça.

Os rapazes se exaltaram quando se puseram a farejar o entorno da escrivaninha de Mei. “Está aqui”, disseram eles, tapando o nariz. “Deve ser alguma coisa aqui dentro.” Eles apontaram para a gaveta de baixo. “Que troço você guarda aí?”

Era o bacalhau seco da mãe dela, que havia chegado na companhia de três barras de chocolate amargo e dois sabonetes de alfazema.

“A minha mãe faz isso”, disse ela. É um dos poucos legados que a mãe dela herdou da própria mãe, a avó de Mei, a única da família nascida na China e não em San Diego. “É peixe.”

Ela sabe que aqueles rapazes se referem a ela como a *quietona*, a exemplo de “*Ei, quietona, conversar não faz mal*”. Não é assim que ela pensa de si mesma, alguém especialmente calada, mas ali estava ela, como se estivesse sob o domínio deles: de repente muda.

“Deus do céu”, disse o que se chama Tom, que é mais alto que os outros e joga basquete no time da faculdade. Ele amarrou um bandana vermelha em volta do rosto, como um trabalhador em um hospital da Guerra Civil. “Isso fede demais”, disse ele.

Toda vez que ela se lembra disso, a bandana cobrindo a boca dele, o rosto de Mei fica afogueado de vergonha.

No final das contas ela jogou o pacote com o bacalhau na lixeira na ponta do corredor, dez andares abaixo, o plástico raspando o latão do duto, rodeada pelos rapazes que se juntaram ao redor para se certificar.

“Eu não sabia que eles agiriam assim”, disse Kara mais tarde. Foi assim que Mei descobriu que Kara é que havia contado a eles sobre um cheiro no quarto, embora não tenha dito a Mei nem sequer uma palavra a respeito.

Esse é um dos motivos pelos quais Mei passa suas tardes em um café no campus, onde, nesse dia em particular de outubro, ela espera até ter certeza de que sua colega de quarto e as outras garotas já terão saído do prédio, os secadores de cabelo

emudecidos, as chapinhas de cabelo arrefecidas, e as garotas propriamente a essa altura enredadas nos complicados rituais de suas irmandades e organizações estudantis. Os rapazes, ela espera, já estarão no jantar.

Mas quando Mei volta para o dormitório nessa noite, nove horas depois de tê-lo deixado, encontra um bilhete, escrito em vermelho, no quadro branco pendurado na porta. “Estamos saindo”, ela lê. “Onde você está?”. Essas palavras — é óbvio — destinam-se à sua colega de quarto.

Quando Mei destranca a porta, encontra Kara ainda deitada onde ela a deixou naquela manhã, o corpo dela enrodilhado rente à parede no beliche de cima, as botas pretas ainda salientes dos lençóis.

“Kara?”, diz ela, com voz suave. Lá fora, o sol vai afundando. O céu está claro e se tornando róseo. Mei acende a luz do teto. “Kara?”, ela chama mais uma vez.

Mas Kara não acorda. Nem ao som das súplicas de Mei, tampouco às vozes mais altas dos dois paramédicos que logo detectam — através de seu vestido bastante amarrotado — que ela está respirando, pelo menos, que ainda tem pulsação.

Kara dorme em meio aos gritos das outras garotas que observam a maneira como a cabeça dela pende para trás batendo na maca, o modo como sua boca se escancara, seu cabelo castanho caindo solto sobre o rosto. Ela dorme em meio aos guinchos estridentes dos grilos cricrilando nos pinheiros lá fora e dorme enquanto o ar gélido da noite roça sua pele.

Mei está descalça na calçada enquanto os paramédicos deslizam a maca para dentro da bolha brilhante da ambulância, com certa indelicadeza, pensa Mei. Tenham cuidado, ela quer dizer. E depois as portas se fecham sem ela, deixando Mei sozinha na rua.

Mais tarde os paramédicos vão registrar em seu relatório que a garota segue dormindo também em meio ao toque da sirene e do lampejo das luzes. Ela dorme entre os solavancos das ruas esburacadas no apressado trajeto da ambulância em direção ao Hospital St. Mary, onde, depois de várias tentativas, dois médicos descobrem que também não são capazes de acordá-la.

Nos outros andares do hospital naquela noite, mulheres entram em trabalho de parto enquanto a garota dorme. Bebês nascem enquanto ela dorme. Ela dorme enquanto um velho morre em um quarto distante, uma morte esperada — a família dele reunida, um capelão.

Ela dorme ao nascer do sol e dorme ao pôr do sol.

E, no entanto, nessas primeiras horas, os médicos não conseguem encontrar mais nada de errado. Ela parece uma garota comum dormindo um sono normal.

Haverá alguma confusão, mais tarde, sobre o que aconteceu com ela lá, como a frequência dos batimentos cardíacos dela podiam ter diminuído tanto sem que os monitores se acionassem. Mas uma coisa é fato incontestável: no decorrer de muitas horas, a respiração rasa dela se tornou gradualmente mais rasa.

É difícil dizer depois por que as derradeiras batidas do coração dela não foram registradas por aquelas máquinas.

As garotas: elas choram e choram e não dormem. Passam o dia à toa, de chinelo, calça e blusa de moletom no carpete duro dos quartos umas das outras. Elas se dão as mãos. Bebem chá. Se pelo menos tivessem dado uma olhada nela antes, pensam. Se ao menos tivessem escutado quando ela disse que estava se sentindo mal. Elas deveriam saber, é o sentimento que predomina. Deveriam ter feito alguma coisa. Talvez, elas pensam, tivessem conseguido salvá-la.

Os rapazes se aquietam e bebem ainda mais — cerveja barata comprada com identidades falsas. Nesses primeiros dias eles sossegam o facho e apenas tentam ficar fora do caminho das garotas. É como se eles pudessem sentir, mesmo naquelas meninas, em sua intimidade fácil e seus braços entrelaçados: toda a história das mulheres e o sofrimento, as gerações de prática no luto.

Para as garotas, parece errado se arrumar. Parece errado usar maquiagem. Os cabelos sem lavar ficam ensebados, e as pernas ficam sem depilar, e as lentes de contato flutuam, intocadas, no soro fisiológico. Elas usam óculos, é então revelado aos rapazes. Mais da metade dessas garotas usa óculos.

Coitada da mãe dela, dizem as meninas umas às outras, os joelhos encolhidos com força junto ao peito, como se o choque as tivesse tornado ainda mais jovens. Cada uma pensa na própria mãe. Elas imaginam os telefones tocando na sua cozinha, na casa da sua família, em outras cidadezinhas de outros estados: Arizona, Nebraska, Illinois. *Eu não consigo imaginar*, elas dizem umas para as outras, *simplesmente não dá pra imaginar*.

O velório é no Kansas. Longe demais para ir.

“A gente devia fazer alguma coisa pelos pais dela”, diz uma das meninas. Eles virão no dia seguinte, as garotas ouviram dizer, para pegar as coisas de Kara. “A gente devia encomendar flores.”

Todas as garotas concordam de imediato. Há um intenso desejo de fazer a coisa certa. Parece ser esse o raciocínio indutivo delas. De repente, aqui está a vida, cortada bem no centro. Aqui está ela, desmantelada até os ossos.

Elas se decidem por lírios, duas dúzias, brancos. Todas assinam o cartão.

Elas não conseguem pensar em mais nada útil para fazer, mas um certo anseio persiste. Enquanto isso, uma nova generosidade jorra entre elas. Quão pequenas as outras preocupações começam a parecer, desprovidas de sentido, em comparação. As brigas cessam, ofensas e menosprezos são perdoados, e duas das garotas se reconciliam por telefone com os rapazes distantes que elas amavam tanto no ensino médio e que, até então, achavam que já tinham superado.

Ainda assim, porém, as garotas querem algo mais. Elas desejam ser úteis.

Quando Mei vem caminhando pelo corredor, os braços cruzados e a cabeça abaixada e o cabelo preto preso em uma trança, as garotas a notam como nunca haviam reparado antes.

Ela não deve se culpar, todas concordam. Ninguém tem certeza do nome dela, da menina chinesa, ou talvez japonesa, que morava no mesmo quarto que Kara. Não havia como ela saber que Kara precisava de ajuda.

“É melhor a gente dizer a ela que ela não tem culpa”, sussurra uma das garotas. “Devemos dizer a ela que ela não deve se sentir mal.”

Mas elas permanecem onde estão.

“Ela fala inglês?”, diz outra.

“Claro que sim”, responde mais uma. “Eu acho que ela é daqui, né?”

Em algum lugar, de outro quarto, emana o cheiro de pipoca de micro-ondas. Ninguém vai para a aula.

A cesta de lírios chega nessa tarde, mas é menos do que as meninas tinham esperado, incapaz, no final, de realizar o que elas desejavam, que é transmitir o que elas não conseguem dizer de outra maneira, algo essencial que elas não conhecem as palavras para expressar.

Os pais de Kara: o rosto deles é pálido e vazio. Ela é uma mulher de suéter cinza. Ela é Kara com uma pele diferente. O pai tem barba e veste uma camisa de flanela. É um homem que trinta anos antes poderia ter sido qualquer um daqueles rapazes do dormitório, encostado com desleixo no batente da porta, as mãos enfiadas nos bolsos como os deles, sem saber o que o aguarda pela frente.

Lentamente, o pai e a mãe começam a recolher os pertences da filha.

As garotas ficam tímidas ao vê-los. Inibidas, escondem-se em seus quartos, receosas de dizer a coisa errada. Durante algum tempo, o único som no dormitório é o estalo áspero da fita adesiva sendo arrancada do seu suporte, ou às vezes o tilintar dos cabides esvaziados, o suave deslizar dos vestidos sendo armazenados em caixas.

Observando de longe o pai e a mãe de Kara, as garotas são rápidas em confundir todos os sinais habituais da meia-idade — aquelas rugas na testa, aquelas olheiras escuras sob os olhos — com evidências de luto em vez de idade. E talvez, de certo modo, as meninas estejam certas: o rosto deles é prova da passagem dos anos, e é a passagem dos anos que os levou até ali para aquela tarefa.

O pai e a mãe de Kara têm a voz rouca e combalida, como se os doentes fossem eles. Em dado instante, um ofego repentino sai da garganta da mãe, “Pare com isso, Richard”, diz ela, que começa a chorar aos soluços. “Você está rasgando.”

Este é o momento em que Mei dá uma espiada no pai e na mãe, como se estivesse olhando de uma grande distância, o que, de certo modo, ela está.

O pai está pelejando para enrolar um dos cartazes de Kara. É um pôster de Paris, preto e branco, afixado na parede com tachas e comprado, Mei sabe, na livraria do campus na primeira semana de aula. Mei está tão familiarizada com o cartaz que começou a associar Kara com as moças na fotografia, glamorosas e rindo em uma rua de paralelepípedos na chuva.

“Apenas pare de encostar nele”, diz a mãe ao pai. “Por favor.”

Depois disso, o pai se cala.

Mei permanece no corredor. Ela deveria se apresentar ao pai e à mãe de Kara, é o que sua mãe diria.

Mas há algo insuportável na maneira como aquele homem olha pela janela, de um jeito muito semelhante com o que o pai da própria Mei faria, e como ele parece não saber onde colocar as mãos. É alguma coisa no modo como ele continua tocando a barba, como se detém em silêncio no canto daquele quarto.

Mei volta correndo para seu novo quarto sem falar com eles.

Caleb é o único corajoso o suficiente para se aproximar dos pais de Kara. Caleb, alto e magricela, cabelo castanho e sardas. Caleb, aluno do curso de língua e literatura inglesa, um pouco mais sério que os outros rapazes.

As meninas assistem a Caleb apertar as mãos do pai de Kara. Observam o modo como ele segura ao lado do corpo seu boné do time de beisebol Chicago Cubs enquanto fala com a mãe de Kara. E as garotas — todas elas — anseiam por alisar o cabelo dele, que por causa do boné está espetado de um lado e, do outro, empapado de suor.

As garotas o amam naquele momento por conversar com os pais de Kara. Elas o amam por ele saber o que fazer.

Caleb ajuda o pai dela a carregar as caixas até o elevador, e qualquer desconhecido que passe por eles talvez ache que entendeu a cena — aqui está um pai ajudando seu filho a se mudar de um dormitório.

Amanda: a duas portas de distância do quarto de Kara e a próxima garota a sentir os sintomas. Tontura, cansaço, uma dor que vai lentamente se espalhando. A colega de quarto dela também acordou com os mesmos indícios. Ambas estão com o aspecto pálido e febril. Seus olhos estão um pouco vermelhos.

“E se for contagioso?”, diz Amanda de sua cama. “E se a gente tiver o que a Kara teve?”

As outras garotas as tranquilizam do vão da porta, mas estão apavoradas demais para entrar no quarto.

“Eu tenho certeza de que vocês estão bem”, diz uma delas, que mal consegue respirar direito. É incrível a velocidade com que a adrenalina se espalha pelo corpo, como as mãos depressa começam a tremer. “Mas talvez vocês deversem ir ao médico. Só pra garantir.”

O dormitório inteiro logo é tomado de pânico à medida que a notícia corre de quarto em quarto: há duas garotas doentes entre eles. Não ocorreu a ninguém até então que Kara teve uma doença que poderia se alastrar.

Telefonemas são feitos. O diretor do dormitório chega. As meninas doentes são levadas ao Serviço de Saúde do Estudante. Para os demais é difícil não se perguntar se voltarão a ver essas garotas.

As horas passam.

Aos poucos a luz vai mudando através das janelas, mas ninguém presta atenção ao tempo lá fora, todo aquele sol e nenhuma chuva, e a terra mais um dia entranhada na seca.

A melancolia se assenta sobre o prédio, e toma conta de uma garota em especial. Ela é conhecida em casa e na igreja como Rebecca, mas aqui, nessas últimas seis semanas, como Becca ou Becks ou B.

Rebecca: uma garota pequenina de cabelo ruivo e calça jeans emprestada, agora detectando um ligeiro zumbido em seus ouvidos. Ela quer ignorar o ruído. Ninguém mencionou um zumbido.

No banheiro, ela coloca os óculos sobre o balcão. Espirra água no rosto. Provavelmente não é nada. Ela está nervosa, isso sim. Está assustada. Mas uma tontura começa a despontar dentro da sua cabeça.

Ela se inclina sobre uma das pias, que são do tipo antigo de porcelana, rachadas e amareladas, e ela ainda consegue ver as manchas de quando, nessa mesma pia, manteve-se de cabeça inclinada enquanto duas amigas lhe tingiam o cabelo de um eletrizante castanho-avermelhado na primeira semana de aula, rodeadas por todas as outras garotas, aconselhando. Aquilo era

novidade para ela, o pertencimento, os sons de dez garotas rindo em um espaço pequeno.

Rebecca foi à igreja apenas uma vez até agora, saindo às escondidas do dormitório no primeiro domingo, pronta para mentir para qualquer um que perguntasse. É que ela nunca tinha se sentido de repente tão querida, e nunca antes por garotas desse tipo.

Elas prepararam o primeiro coquetel que Rebecca bebeu na vida. Usaram os próprios batons rosados nos lábios inexperientes dela. Essas garotas manusearam as próprias pinças para fazer as sobrancelhas dela e depois lhe mostraram como modelá-las sozinha. Emprestaram suas roupas a ela e a ajudaram a comprar um sutiã melhor, e ainda outro dia caíram na gargalhada quando descobriram, juntas, que o ciclo menstrual de todas elas estava sincronizado.

Mas agora Rebecca começa a se preocupar. A tontura está se assentando sobre ela como um nevoeiro. Ela espera que passe, mas não passa. Um pensamento absurdo floresce em sua mente: talvez ela esteja sendo punida — punida pela maneira como vinha agindo nessas semanas, esquivando-se da igreja, bebendo muito e mentindo para seus pais a respeito de tudo isso.

Há um gemido de dobradiças atrás dela quando a porta se abre. A colega de quarto de Kara, aquela garota quietona, entra no banheiro. Ela segura uma toalha amarela debaixo do braço e, na mão, um balde de plástico cor-de-rosa, dentro do qual chacoalha um frasco de xampu. Veste uma blusa de moletom e calça jeans, que é como ela sempre chega para o banho, Rebecca notou, em vez de andar pelo corredor de roupão ou enrolada em uma toalha, do jeito que fazem todas as outras garotas.

Rebecca sente um desejo súbito de fazer uma gentileza. “Oi”, diz ela.

A garota não olha para ela, o que Rebecca reconhece como um hábito que ela própria tinha antigamente, a surpresa diante de alguém lhe dirigindo a palavra.

“Oi”, diz Rebecca mais uma vez. “Desculpe, mas qual é o seu nome mesmo?”

Dessa vez a garota ergue os olhos. Ela é bonita, de certo modo, olhos pretos e pele boa. Mas deveria usar os cabelos soltos — Rebecca sabe que é isso o que as outras garotas diriam — em vez de amarrá-los para trás o tempo todo naquela trança. E franja, talvez. Uma franja quem sabe deixasse o visual dela um pouco mais divertido.

“É Mei”, responde a garota.

Ela coloca as suas coisas no chão do lado de fora do chuveiro mais distante de Rebecca. Desembaraça com os dedos sua trança preta, mas o cabelo mantém a forma, frisado desde a raiz até a ponta.

“Eu queria lhe dizer uma coisa”, anuncia Rebecca.

Ela tem sido egoísta ultimamente. É verdade. Devemos dar às pessoas tudo aquilo de que elas precisam, e ela não deu nada a essa pobre garota. Se alguém pede sua camisa, diria o pai dela, você deve dar seu casaco também.

Rebecca continua: “Eu queria dizer que você não precisa se sentir mal”.

Mei parece desconfiada.

“Sobre o quê?”

“Não tinha como você saber que ela precisava de ajuda”, diz Rebecca.

Mei morde o lábio e se afasta. Ela entra no chuveiro e desaparece da vista de Rebecca.

“Não é minha culpa”, diz Mei do lado de dentro, sua voz ecoando contra o azulejo. Ela parece falar com cautela agora, cada palavra um objeto frágil, tirado de uma prateleira alta. “Eu não fiz nada de errado.”

“Certo”, confirma Rebecca. “É o que eu estou tentando dizer.”

Mas a conversa está escapando para longe dela. Ela está estragando tudo.

Mei fecha a porta do chuveiro atrás de si. Há o som do trinco clicando até travar. Através da fresta embaixo da porta, Rebecca consegue ver a blusa de moletom e o jeans caírem no chão aos pés de Mei, as mãos dela descendo para pegar as roupas e pendurá-las, e então há um rangido da torneira do chuveiro, um estrépito de

canos, a torrente de água se acumulando até formar uma poça no ladrilho.

Rebecca tenta pensar em algo mais amigável para dizer através da porta.

Mas alguma coisa está acontecendo com a visão dela. Há um lampejo no canto dos olhos. Algum tipo de distorção na sua capacidade de ver, como uma ondulação na superfície da água. Ela começa a tremer.

Rebecca não conta para ninguém, como se falar as palavras em voz alta pudesse torná-las mais verdadeiras, uma espécie de feitiço.

Volta para o quarto e se deita na cama. Está convencida de que precisa relaxar. Fecha os olhos. São quatro da tarde. Um versículo da Bíblia vem à sua mente: Quanto ao dia e à hora, ninguém sabe.

O primeiro estágio do sono é o mais leve, o breve desprender-se, como o quicar de uma pedra sobre a água. É a cabeça que pende quando a pessoa cochila no teatro. É o deixar cair um livro sobre a cama.

Rebecca afunda rapidamente dentro dessa primeira camada. Mais dez minutos. Ela submerge ainda mais, apenas começando o mergulho profundo. É quando um súbito sonho irrompe nela: ela está na igreja com seus pais. Um bebê está sendo batizado. Mas há algo de errado. É a voz do pastor — no sonho, as palavras dele estão de alguma maneira fora de sincronia com o movimento de seus lábios. E o barulho da água espirrada na testa do bebê chega alguns segundos depois da visão da coisa acontecendo, como a pausa entre o relâmpago e o trovão. No sonho, Rebecca é a única na igreja que percebe isso.

Mas então o sonho é interrompido — uma voz esplêndida e vigorosa ressoa no corredor. Rebecca abre os olhos.

A voz que a despertou é logo acrescida por um coro de outras vozes. Alguém está rindo lá no corredor.

Quando ela abre a porta, encontra o corredor abarrotado de crianças. Lá estão elas, no centro do grupo, as duas garotas doentes, de volta do Serviço de Saúde do Estudante, seus rabos de

cavalo balançando, seus dentes brancos e risonhos. Na mão delas há dois imensos burritos e duas cocas.

“Eu me sinto tão estúpida”, diz uma das garotas, ainda de moletom, enquanto as crianças começam a se aglomerar em torno delas.

“Nós duas estamos só resfriadas”, diz sua colega de quarto.

“Graças a Deus”, diz Rebecca. O alívio tem sobre ela o efeito de uma droga. “Graças a Deus vocês estão bem.” Rebecca também começa a se sentir melhor. O zumbido nos ouvidos dela, pelo menos, parou. A vertigem está se dissipando.

Seja lá o que for, elas estão bem. Elas estão bem, dizem as garotas, você ouviu?, dizem elas, a qualquer um que passa no corredor. Elas estão bem. Elas estão bem. Elas estão bem.

Depois disso, algo muda. O medo rompe feito febre, e nessa noite, na terceira noite, as garotas e os rapazes se amontoam no minúsculo quarto de Amanda para se embebedar, o alívio irradiando de suas bochechas.

Para as garotas há licor à base de café mexicano Kahlúa e leite e há sacos e sacos de gelo e cerveja e tequila e vinho com sabor de pêssago. Há o chiado do liquidificador e o tilintar de copos e a música um pouco alta demais.

Fala-se sobre fazer algo por Kara, uma placa ornamental no edifício, talvez, ou o plantio de uma árvore. Sim, dizem eles, uma árvore, dizem eles, ou quem sabe até mesmo um pequeno jardim com as flores favoritas dela. Eles brindam a sua curta amizade com ela, aquelas seis boas semanas. Ela era tão doce, todos concordam, talvez a mais doce entre eles.

Eles começam a ficar bêbados e não há como evitar: há desvario naquele quarto. Eles são jovens e saudáveis e sobreviveram a uma coisa terrível.

Em um canto alto do quarto, Rebecca se sente calma e corajosa, suas pernas penduradas no beliche de cima. Por alguma razão, Caleb está sentado ao lado dela.

“Que dia de merda”, diz ele. Caleb fala com voz suave — só ela consegue ouvir.

Ela faz que sim com a cabeça. Está ciente do calor da perna dele ao lado da sua, a cabeça dele inclinada rente ao teto.

“Foi mesmo”, concorda ela.

Amanhã ela vai tentar de novo, Rebecca pensa em meio à embriaguez, reparar o erro e acertar os ponteiros com a colega de quarto de Kara — qual era mesmo o nome dela? Mei? Ninguém, ela então se dá conta, com outra pontada de culpa, pensou em convidar Mei para a festinha no quarto.

Lá embaixo, o liquidificador está zunindo, um longo alarido de gelo.

Experimente isso, dizem todos uns para os outros, de novo e de novo, copos de plástico passando de pessoa para pessoa, cada boca bebericando um gole. Copinhos de doses são usados e reutilizados.

Os estudantes de biologia ali presentes um dia virão a aprender este fato: certos parasitas podem distorcer o comportamento de seus hospedeiros para servir a seus próprios propósitos. Se os vírus pudessem fazê-lo, seria assim: dezessete pessoas apinhadas dentro de um quarto, dezessete pares de pulmões respirando o mesmo ar, dezessete bocas bebendo dos mesmos dois copinhos, sem parar, por horas a fio.

Por fim, a festa termina. Termina do jeito que sempre acontece nas festas deles, com uma batida na porta e a voz do Supervisor do Dormitório, um estudante apenas três anos mais velho do que eles e hábil em não ver álcool nenhum.

“Tá legal, galera”, diz ele do outro lado da porta. “Já chega.”

Os estudantes se dispersam corredor afora, as luzes fluorescentes zumbindo do teto enquanto eles marcham, cambaleando, em direção a seus respectivos quartos, um a um ou dois a dois.

Rebecca se arrasta sozinha rumo ao seu quarto, a poucos passos atrás das outras garotas, quando sente a respiração de alguém em seu ouvido.

“Vem cá”, diz Caleb. Ele pega na mão dela.

Como isto é surpreendente, o súbito entrelaçamento dos dedos de Caleb com os dela, e o cheiro dele perto dela, o chiclete e o sabonete dele, a simples e absoluta alegria de ser escolhida.

“A gente pode conversar aqui”, diz Caleb. Ele empurra a porta corta-fogo e a leva até as escadas.

A porta se fecha atrás deles e reduz a fragmentos a luz e o barulho dos outros jovens, deixando apenas os dois ali, no escuro e no silêncio, um rapaz e uma moça sentados lado a lado no mesmo degrau frio.

As outras garotas acham Caleb magro demais, mas para Rebecca ele é alto e esguio. Há algo de inteligente na angulosidade de suas feições, um tipo de eficiência, como um bom design.

Ela espera ele falar.

Do bolso, Caleb tira um saquinho de M&M's.

“Quer um pouco?”, ele pergunta.

A escada é tão silenciosa que até mesmo o farfalhar do saquinho de M&M's parece ecoar pelas paredes. Ele despeja um punhado na mão dela.

Eles permanecem assim por um tempo, sem falar. Ela não sabe ao certo como fazer isso. Consegue ouvir os dentes dele esmagando os M&M's.

“Eu me sinto tão mal por não ter falado com os pais dela”, diz Rebecca, finalmente. “Eu não sabia o que dizer pra eles.”

Caleb joga um M&M no poço da escada. Dez andares abaixo, um prazeroso silvo.

“As pessoas nunca sabem o que dizer”, diz ele.

Ela ouviu um boato de que o irmão de Caleb morreu ainda novo.

Eles conversam um pouco mais, bêbados e sonhadores. Ela consegue sentir a Kahlúa na sua cabeça, uma agradável sensação de estar à deriva. Tudo ao seu redor, as luzes fracas e os corrimões enferrujados e o som distante de algo gotejando — tudo isso parece impregnado de significado, como se a noite inteira já tivesse se transformado em lembrança.

Há coisas sobre as quais ela quer falar, contar-lhe sobre todas as regras sob o jugo das quais ela vivia na casa dos pais, em relação a não poder assistir a filmes, usar maquiagem, não ter frequentado a escola regular, sobre aprender álgebra com os irmãos na mesa da

cozinha, enquanto sua mãe se esforçava para dominar os manuais de ensino doméstico, e sobre o seu pai ter tentado abrir um orfanato mas ter fracassado. Porém, ela não diz nada a respeito dessas coisas naquela escada. Em vez disso, se inclina em silêncio e se apoia no ombro de Caleb, como se pudesse comunicar seus pensamentos através de diferentes canais, como o calor de seu braço contra o dele.

Caleb continua despejando os M&M's escada abaixo, como se os dois estivessem sentados à beira de um poço de verdade, fazendo pedidos a cada pedrinha jogada.

“As pessoas não sabem o que dizer porque não há nada que se possa dizer”, diz Caleb. Ela se sente examinando o passado dele com lupa. “Não há nada a ser dito.”

Rebecca já consegue ouvir a versão mais velha de si mesma contando essa história um dia, anos no futuro, a coisa terrível que aconteceu quando ela era jovem, aquela garota, Kara, no dormitório, o segundo mês do seu ano de caloura na faculdade, seu primeiro desastre. Todo o evento está correndo em disparada rumo ao passado distante.

Enquanto observam o último M&M cair pelo ar, eles batem a cabeça. Quando olham para cima, rostos próximos e protegidos da luz, começam a rir. Caleb toca o cabelo dela. Está acontecendo. Um beijo. A boca dele tem gosto de chocolate. Os dentes se tocam; ela nunca sabe se está fazendo certo. As mãos dele pousam nos quadris dela. Os dedos dele roçam a pele da cintura dela, e ela consegue perceber que ele está tremendo um pouco quando a toca, seu nervosismo mais amável que a ousadia. E isso parece um começo, isso aqui, o começo de tudo. Ela está aquecida com uma esperança furiosa, a euforia disponível apenas para os muito jovens.

As garotas dormem até tarde, cabeças latejando por causa da Kahlúa. Elas acordam, uma a uma, para fazer xixi ou tomar água ou para engolir o Advil que mantêm ao lado da cama ou apenas para fechar as cortinas contra a claridade da manhã, apertando os olhos na luz do sol de mais um dia sem nuvens.

Em seguida, voltam para a cama.

Não demora, estão sonhando os sonhos vívidos do sono superficial.

É por volta do meio-dia, as garotas depois concordam que algo extraordinário acontece: os sonhos de todas elas começam a seguir um enredo semelhante, a rodopiar em torno do mesmo tema, um som inconfundível. Todas de uma só vez sonham que alguém, em algum lugar, está gritando.

Leva alguns segundos para os olhos delas se abrirem, para que o ruído se aglutine até se converter em uma história: alguém realmente está gritando.

No corredor, as garotas encontram Caleb — de cueca, sem camisa. Elas conseguem ver as costelas subindo e descendo sob sua pele enquanto ele, arfante, berra no corredor. É possível que nenhuma dessas meninas jamais tenha visto o verdadeiro pânico no rosto de um garoto.

É a Rebecca, ele está dizendo. E gesticula apontando para a cama dele, onde a cabeleira arruivada e cacheada dela está espalhada sobre o travesseiro. É a Rebecca, diz ele novamente, tem algo de errado com a Rebecca.

Que coisa terrível está acontecendo na faculdade — é assim que as pessoas de Santa Lora falam pelos corredores da loja de ferragens e do supermercado ou enquanto passeiam com seus cães no bosque. Ficou sabendo do que aconteceu na faculdade?, é o que tagarelam os vizinhos por cima das cercas e nas arquibancadas da escola de ensino médio, como se a faculdade fosse uma ilha à parte da cidade, seus portões impenetráveis mesmo aos germes.

Uma doença do sono. É assim que os repórteres locais estão chamando. Uma garota morreu, outra está inconsciente, ambas do mesmo andar do dormitório.

Uma seca se alastra por toda a Califórnia. Não cai uma gota de chuva há noventa dias, e ano anterior já choveu bem menos que o esperado. Ninguém nunca viu o nível das águas do lago em Santa Lora tão baixo, os bancos de areia se erguendo no meio feito dunas, as antigas docas secas, a quinze metros da margem.

É a pior estiagem em cem anos. Ou mais, dizem alguns. Quinhentos, talvez, ou mais.

Mas o tempo, esse tempo: é glorioso. Seis semanas seguidas de sol.

Não parece ser possível sofrer com um clima assim, como se a beleza fosse um feitiço capaz de rechaçar a morte, mas eles sabem que as videiras estão morrendo no vale abaixo, e seus gramados estão ficando mais marrons a cada dia, ressecados pelo mesmo sol que aquece as varandas até meados de outubro.

E, no entanto, de alguma maneira, a descrença persiste: de fato não parece possível, em um clima tão agradável, que uma garota de dezoito anos morra.

Mas Santa Lora é um lugar que já sofreu antes.

Essa terra é propensa a tremores. Essas colinas estão sujeitas a deslizamentos. E essa floresta é tão propícia a incêndios que os

poucos cautelosos entre eles mantêm suas fotos de família embaladas em sacos de lona na porta da frente, para o caso de haver a necessidade súbita de fugir.

A tribo que outrora perambulava por esses bosques para caçar foi devastada pela varíola dos comerciantes de peles, e certa feita um grupo de pioneiros morreu de fome nessas montanhas. Dez anos depois, as primeiras casas de madeira, construídas quando se encontrou prata nas colinas, foram soterradas com cerca de um metro de neve derretida naquela primeira primavera. Ainda é possível encontrar a prova nas lojas de antiguidades na esquina da Mariposa com a Klein: fotografias de mulheres em vestidos escuros, homens em casacos puídos e aquelas crianças, tão sérias, tão magras, de pé, com água até os joelhos, seus olhos os olhos daqueles acostumados à tribulação.

Mais tarde, um deslizamento de terra engoliu todos os bangalôs na parte leste da cidade, e a minúscula prefeitura, com sua cúpula e seu sino, é apenas uma réplica da primeira — um terremoto rachou as paredes da original.

O primeiro cemitério, há muito tempo fechado para recém-chegados, está repleto de mortos da gripe espanhola. Alguns dizem que seus fantasmas ainda vagueiam pelas mansões da Catalina Street, hoje caindo aos pedaços e subdivididas para servir de moradia a estudantes. O povo de Santa Lora sabia que ela estava chegando, aquela gripe. Dizem que a doença vinha viajando de cidadezinha em cidadezinha rumo ao Oeste. Tentaram bloquear a única estrada que dava acesso à cidade, mas a doença chegou mesmo assim, e em seguida se alastrou depressa, feito notícia ruim. Aqui morreram duas vezes mais vítimas do que no município vizinho, levando alguns a suspeitar, na época, que Santa Lora estaria amaldiçoada.

Vez por outra essa ideia ainda vem à tona em certas mentes supersticiosas. Sempre que um adolescente se afoga no lago ou um transeunte desaparece na floresta, alguns em Santa Lora se perguntam se esta é uma terra fadada à catástrofe. E se o infortúnio puder ser atraído por um lugar tal qual um raio por uma haste metálica?

Se, na quarta noite daquela primeira semana, um forasteiro visitasse Santa Lora, e se esse forasteiro caminhasse no fim do dia, ao pôr do sol, quem sabe, ou um pouco antes, se perambulasse dez quarteirões a leste da faculdade, talvez por fim notasse um casarão amarelo, talvez de cem anos de idade, outrora majestoso, mas não mais, com calhas enferrujadas e um balanço de varanda capenga e vergado e pés de vagem crescendo na frente. Se por acaso visse aquela casa, poderia reparar em uma menina. E ele se perguntaria, enquanto caminhava, do jeito que os forasteiros por vezes fazem, o que é que ela está fazendo lá, essa menina na janela, tão séria, tão imóvel, apenas lá de pé parada, fitando.

Ela tem doze anos, essa menina na janela. Ela é magricela em seu short feito de jeans rasgado, cabelo preto. Óculos, pulseiras, queimaduras solares. Sara.

Ela já tem a sensação de que vai se lembrar dessa noite por muito tempo. Mas com frequência ela se sente assim, um certo desassossego. É um hábito de pensar que compartilha com o pai — todo momento banal contém uma potencial calamidade, e é impossível saber quando uma delas vai acontecer.

Nessa noite, o que há é isto: o pai dela já deveria ter voltado para casa.

Da janela, ela assiste a outros carros deslizarem para dentro das garagens em sua rua. Ouve o abrir e fechar das portas dos vizinhos. Há o farfalhar das sacolas com compras de supermercado, o tilintar de chaves e a calma nas vozes — as outras pessoas estão sempre tão calmas — enquanto falam com seus filhos, seus maridos e seus cães.

“Talvez ele tenha parado em algum lugar no caminho do trabalho pra casa”, diz Libby, sua irmã, dez meses mais nova, no andar de cima com os gatinhos. Com cinco semanas de idade, eles dormem em uma caixa.

“Você sempre surta”, continua sua irmã. “Mas sempre fica tudo bem.”

“Ele nunca se atrasa tanto”, diz Sara. Ela se vira de novo para olhar a rua.

Lá fora, os pássaros estão trinando nas árvores, andorinhas, talvez, ou chapins. Em ritmo de trote, um par de corredores passa zunindo na calçada. Os jovens que fizeram do casarão da esquina uma república estudantil estão acendendo uma churrasqueira na varanda. A picape azul do pai dela não aparece.

Ela consegue sentir o cheiro do jantar que estão cozinhando na casa ao lado, aquela que é cinza com o alpendre telado e os acabamentos brancos, a casa onde os novos vizinhos moram com um bebê, aqueles professores, como o pai dela se refere a eles, aqueles professores que cortaram o pinheiro que por tantos anos se ergueu entre as duas casas, a árvore que existia desde que seu pai se lembrava, desde antes de ele nascer, o que ocorreu trinta e cinco anos antes das meninas. Era a nossa árvore, o pai dela vive dizendo. Ele sempre para e inspeciona o toco. A árvore não era deles para que a matassem.

Do céu escorrem as últimas réstias de luz. Insetos começaram a trombar nas telas.

Quando o peito de Sara fica apertado assim, pode ser difícil saber se é a asma que está fazendo isso ou o estado de ânimo dela. Pega o inalador na mochila. Duas rápidas puxadas de ar.

Ela consulta o relógio no micro-ondas novamente. O pai está uma hora e dez minutos atrasado.

Mas finalmente: o ruído dos pneus esmagando o cascalho, o agradável estrépito do cano de escapamento quebrado.

Ela abre a porta da frente. Tantos dias parecem propensos a descambar para o desastre, mas tantos tomam o rumo contrário.

“A gente ficou com fome”, diz ela ao pai, escondendo sua alegria por vê-lo. A barba castanha do homem está ficando grisalha. Sua camisa de trabalho azul está se esgarçando. “Aí eu fiz sanduíches pra Libby e pra mim.”

Seu pai bate a porta da picape.

“E a gente deu comida pros gatos também”, diz ela. Ela sai para a varanda, os pés descalços na madeira esfarpada.

“Não venha aqui”, diz ele.

Ela se detém onde está. Ele pode ficar bravo. É verdade. Mas as razões são geralmente claras. Ela espera que ele diga por quê. Ele não diz.

Em vez de entrar, ele corre até o quintal, suas botinas de trabalho pisando com força no cascalho, os passos rápidos no crepúsculo.

Pouco depois ele desenrola a mangueira do jardim. Abre a torneira.

Sara abre a porta dos fundos.

“O que o senhor está fazendo?”, pergunta ela em voz alta no lusco-fusco. Ela consegue ouvir a mangueira deslizando pela terra.

“Traz um sabonete pra mim”, diz ele. Ele começa a desabotoar sua camisa. “E uma toalha também. Rápido.”

A embriaguez da adrenalina volta depressa ao sangue dela. Há um magro sabonete na banheira. Ela encontra uma toalha na secadora, onde as roupas limpas sempre esperam, em vez de dobradas nas gavetas.

“O que ele está fazendo lá fora?”, pergunta a irmã. O menor dos gatinhos está enrodilhado na mão dela, a boca bem aberta, dentes afiados para o ar. É preciso aguçar os ouvidos para escutar aquele chorinho tênue.

“Sei lá”, diz Sara. “Eu não sei o que ele está fazendo.”

E então ela desce as escadas, observando o pai pela janela.

É difícil ver através da tela e da pouca luz, e a essa altura ele foi para o canto mais distante do quintal, depois das batatas e das abóboras. Mas ela olha de novo e sabe que é verdade: o pai dela está quase nu no quintal.

Agora ele está só de cuecas e segurando a mangueira por cima da cabeça.

Seu peito parece ossudo sob aquele jorro de água, sua barba emplastrada junto ao queixo. O resto de suas roupas está espalhado pela terra, feito a roupa lavada que o vento derrubou de um varal.

Sara consegue ver os novos vizinhos sentados em sua cozinha na casa ao lado, taças de vinho reluzindo sobre a mesa, a bebê nos

braços da mulher. Eles podem ver o senhor, ela quer dizer ao pai. Aquela mulher consegue ver o senhor. Mas está com medo demais para falar.

“Preciso do sabonete”, diz ele. Ela consegue ouvi-lo tremendo no escuro em contraste com o cricrilar dos grilos. Alguns vaga-lumes piscam entre os legumes e as verduras. “Não chegue muito perto”, diz ele. “Só jogue para mim.”

O branco do sabão, enquanto navega pelo ar, reflete o brilho da luz da varanda dos vizinhos. A mulher está olhando na direção deles.

“Agora volte para dentro”, diz o pai dela. “Agora.”

Ele esfrega com força o rosto com o sabonete. Esfrega os braços e as pernas e as mãos, as mãos mais do que qualquer outra coisa. Ela está acostumada com as ideias do pai, com o quanto elas são diferentes das de outras pessoas, mas é invadida por um novo medo. Talvez ele tenha feito algo errado. Talvez seja por isso que está se lavando tanto.

O chão range perto — os pés da irmã, de meias. “O que é isso?”, diz Libby.

Sara se sente grata por sua irmã naquele momento, pelo castanho dos olhos dela, por sua voz cristalina, pelos brincos de joaninha que ela sempre usa nas orelhas — são da mãe delas, as meninas acham, mas não têm certeza. Até o cheiro dos pretzels no hálito de Libby é parte disso, apenas a verdade da sua irmã ao lado dela.

Elas permanecem juntas por um longo tempo, sem falar, observando o pai através do vidro, do mesmo jeito como às vezes observam os guaxinins tomando seus banhos noturnos — como é estranha a ação daquelas mãos em miniatura.

Libby continua perguntando a Sara o que o pai delas está fazendo lá fora. Sara continua balançando a cabeça. Elas são quase como gêmeas. Isso é o que as pessoas dizem, duas irmãs nascidas tão próximas uma da outra, com menos de um ano de diferença — filhas de uma mãe que se foi deste mundo antes que uma delas completasse quatro anos.

Por fim, o pai delas desliga a mangueira. Por fim, pega a toalha da terra. A última coisa que ele faz é jogar suas roupas dentro da

lata de lixo lá atrás. O pai delas, que nunca joga nada fora, deixa o seu bom cinto marrom na lata de lixo, ainda enfiado nos ilhós da calça.

Ele não fala sobre isso. Não a princípio.

“Me deixem pensar”, diz ele, erguendo a palma de uma das mãos, como que para conter uma multidão. Ele se senta encurvado à mesa da cozinha, a toalha enrolada na cintura. Sua barba está respingando no linóleo, o som é o mesmo de cada uma das torneiras da casa, todos os acessórios e as instalações ligeiramente frouxas, o lugar todo se desintegrando. “Apenas me deixem pensar por um minuto”, diz ele.

Ele toca as meninas para fora da cozinha, e Libby sobe para ficar com os gatinhos, mas Sara permanece perto do pai, no cômodo ao lado, à espera de algum tipo de notícia.

Há algo na televisão que acalma Sara. Não os programas, mas as vozes, as pessoas, o fato de saber que ela não está assistindo à *Roda da Fortuna* sozinha, na verdade, porque milhares de outras pessoas também estão assistindo, uma enorme rede de pessoas. Ela consegue senti-las consigo enquanto assiste, como se, em uma crise, esse elo pudesse funcionar de outra maneira, como se os outros pudessem vê-la, enviar ajuda.

Ao som do tique-taque da Roda da Fortuna que vai perdendo velocidade, os dedos do pai tamborilam na mesa da cozinha. Ele abre uma lata de cerveja. Da sala de estar, Sara vasculha os sons em busca de significado, pistas para os mecanismos de funcionamento de uma mente: a cadeira arranhando o assoalho, o suspiro e os goles, o tilintar metálico cada vez mais suave da lata enquanto ele a esvazia.

Quando o telefone começa a tocar, o pai dela não se mexe. Sara também deixa para lá, mas sua irmã atende e depois desce as escadas para sussurrar no ouvido de Sara: “Tem um menino no telefone querendo falar com você”.

Com o arranhão desse sussurro, uma súbita tensão domina seu corpo. Ela não recebe muitos telefonemas — e nunca de um menino.

Sua voz, ela percebe, está tremendo quando pega o fone: “Alô?”. “Sara?”, diz o menino. “É o Akil.”

Akil: uma onda de surpresa e felicidade a invade. Akil, um menino novo na escola. Ele interpreta o marido de Sara na peça de teatro: *Nossa cidade*.

“Oi”, diz ela, mas sua respiração está ofegante. Ela não sabe ao certo como lidar com esse tipo de conversa.

“Este é o número do seu celular?”, pergunta Akil. Ele tem um jeito formal de falar, esse menino, um ligeiríssimo sotaque, quase britânico, mas sua família é do Egito, ela o ouviu dizer, o pai dele é algum tipo de professor. “Eu tinha a intenção de ligar para o seu celular”, diz ele.

“Ah”, diz ela. “Eu não tenho celular.”

Ela se arrepende imediatamente — por que chamar tanta atenção para isso? Será que ela parece muito estranha para as outras crianças?

“Ah”, diz ele.

Libby está de olho nela, esforçando-se para ouvir o que está sendo dito do outro lado da linha.

“Bom, de qualquer forma”, diz o menino. Ele limpa a garganta. No espaço dessa pausa floresce uma imensa sensação de anseio. “Você sabe”, pergunta ele, “a que horas é o ensaio amanhã?”

O rosto dela enrubesce de vergonha — trata-se apenas de um telefonema prático.

“Eu esqueci de anotar”, diz ele.

A ligação termina em menos de dois minutos. E então o mundo da casa volta com tudo, impetuoso como uma inundação: o pai dela enrolado naquela toalha à mesa, aquele olhar em seus olhos, sua recusa em explicar qual é o problema.

Roda da Fortuna continua no ar. Um quebra-cabeça é solucionado, outro é apresentado. Por fim ela toma consciência de uma dor na parte posterior da mandíbula. Só então se dá conta da força com que está cerrando os dentes.

Finalmente, o pai dela fala. “Sara”, chama ele da cozinha. Um fiapo de esperança. Uma explicação está chegando, um arranjo de partes para formar um todo.

“Quero que você vá lá embaixo”, diz ele, “e conte quantos galões de água nós temos.”

É nesse instante que ela sabe. Algo terrível aconteceu.

O porão: ela odeia o porão. O porão é a prova de tudo que pode dar errado. É onde eles guardam as latas de comida que vão comer se houver um inverno nuclear. Aqui está a água que eles vão beber quando acabar a de todo o mundo. Aqui estão as munições que eles vão usar como escambo, caso um dia o dinheiro perca seu valor. E aqui estão as armas que o pai dela vai usar para proteger toda aquela comida e aquela água e aquelas balas quando outras pessoas vierem para roubar tudo.

É difícil imaginar dormir lá embaixo, com as lâmpadas nuas e as aranhas, o cheiro de sujeira sempre pairando no ar, a janela pequena, lacrada com tábuas. Mas eles mantêm cobertores e travesseiros no canto, como precaução em caso de necessidade. Três catres esperam, empilhados.

Quando ela chega aos galões de água do outro lado do porão, suas mãos estão tremendo. Ela conta devagar. Conta duas vezes.

O tempo está mudando, o pai dela vive dizendo. O nível do mar está subindo. O petróleo e a água estão se esvaindo. E os asteroides. O que mais a preocupa são os asteroides. Da sua cama, à noite, ela consegue ver as estrelas, e às vezes as sente se aproximando, sempre na hora de dormir, vigilante e de olhos bem abertos, à procura da estrela que talvez não seja uma estrela.

“Mas talvez nada disso aconteça, né?”, diz ela volta e meia para o pai. Ninguém consegue ver o futuro. Não há como ele saber com certeza. “Pode ser que as coisas fiquem bem por um tempo, né?”

“Talvez”, diz ele sempre, balançando a cabeça como se quisesse dizer “não”. “Só que mais cedo ou mais tarde alguma coisa grande vai mudar. As coisas não podem continuar como estão.”

É por isso que eles cultivam os legumes e as verduras no quintal. É por isso que, quando a abóbora amadurece, eles fazem conserva e colocam em potes de vidro; quando as batatas brotam, eles as desidratam e congelam. É por isso que eles mantêm um suprimento de dois anos de sua medicação para a asma em uma caixa na prateleira mais alta do porão.

Ninguém mais sabe o que eles guardam lá dentro. Nem mesmo seu tio Joe, que nasceu nessa casa como seu pai e que veio visitá-los no último verão, depois de estar ausente por tantos anos, viciado em drogas, contou o pai, no Arizona. Durante toda a visita, duas semanas, eles mantiveram a porta do porão trancada, porque a coisa mais importante sobre o porão é que o seu conteúdo permanece em segredo.

Da escada atrás dela vem um som quase imperceptível. Ela olha para cima. É apenas Daisy na porta, olhando para ela, uma das patas brancas estendida no ar, sua sombra imensa na escada.

Sara se lembra então do que seu pai disse sobre os gatos. Quando isso acontecer, disse ele, terão que se livrar dos bichanos. Não haverá comida e água suficiente para compartilhar. Ele fará isso de modo humanitário, segundo o pai. Mas pode ser que tenha que atirar neles. Talvez seja a forma menos dolorosa. Ela pensa em quando os filhotes nasceram, as marcas de agulhada daqueles dentinhos, os olhos pequenos, ainda grudados, e a maneira como Daisy os carregava de um lado para o outro com a boca, como ela sabia fazer isso tão rápido, sabia exatamente onde segurá-los — pelo pedaço solto de pele na parte de trás do pescoço.

Sara sente a garganta se estreitar. São apenas bebês. Ela e a irmã terão que convencer o pai a não fazer isso. Na cozinha, ele está à janela fitando o nada. As pessoas notam seus olhos, um verde incomum. Há nos pelos do peito nu dele mais cinza do que ela se lembrava.

“Então?”, diz ele.

“Cinquenta galões”, responde ela. “Temos cinquenta galões de água.”

“Tudo bem”, diz ele, levantando-se da mesa, ainda segurando a toalha em volta da cintura. “Tudo bem.”

Pouco a pouco, a situação fica mais clara. Ele não conta a história numa sequência. Os fatos aparecem lentamente, como as mensagens secretas invisíveis de suco de limão que sua irmã aprendeu a escrever no jardim naquele verão — é preciso aquecê-las ao sol para que as letras apareçam. É assim que a história vai

saindo dele naquela noite, exigindo paciência e precisando de decifração, as partes mais simples deixadas de fora.

Alguma coisa aconteceu com ele no trabalho.

“Eles não contaram nada pra gente”, diz ele. Ele é zelador na faculdade. “Aqueles malditos não contaram nada pra gente, merda.”

As meninas ficam na cozinha, ouvindo em silêncio.

“Eles deveriam ter explicado por que motivo a gente limpou aqueles quartos com água sanitária”, diz ele.

A voz dele se eleva até um berro, e quanto mais ele fala, menos as meninas abrem a boca, como se o volume fosse como oxigênio, uma coisa que se esgota.

“Eu teria usado uma máscara”, diz ele. “Eu teria usado luvas.”

Demora um bocado de tempo para entender o ponto crucial da história.

Uma doença do sono — é assim que ele insiste em chamar. Há um surto de uma estranha doença do sono na faculdade.

“Mas eles não querem admitir”, diz ele. “Estão tentando abafar a história.”

E também isto: a doença está se espalhando.

“Morreu alguém?”, quer saber Libby. Ela é a calma, o bálsamo, tranquila, com fé na bondade das coisas. Ela não é de se assustar fácil, mas ali está ela, apavorada.

“Escutem”, diz o pai, apertando os ombros de ambas com força, com força demais. Elas recuam. “Eu não quero que vocês saiam, meninas. Por alguns dias, pelo menos. Tudo bem? Nós todos vamos ficar aqui dentro de casa.”

Em seguida ele se levanta rápido, como se tivesse acabado de se lembrar de outra coisa. Precipita-se escada abaixo até o porão. Elas conseguem ouvi-lo lá, fuçando e procurando alguma coisa com urgência.

“E a escola?”, sussurra Libby, e de súbito Sara se sente muito mais velha que a irmã, apenas um ano, mas isso importa, e ela consegue perceber a diferença nessa pergunta. A escola é a menor das preocupações da família. O que quer que seja necessário fazer, Sara pensa, será ela, e não sua irmã, quem fará.

O pai delas volta para a cozinha com três comprimidos brancos na mão.

“Tomem isto”, diz ele, deixando uma das pílulas cair sobre a mão de Sara. Ele vai até o balcão para cortar o de Libby pela metade. Ela não consegue engolir comprimidos grandes.

“O que é isto?”, pergunta Sara.

“Antibióticos”, diz ele. “Agora vão para a cama.”

Hora de dormir: elas conseguem ouvir os ratos zanzando pelo sótão. Os sons incomodam os gatinhos, que vagueiam pelo assoalho em círculos, as cabeças voltadas para o teto, as gargantas brancas expostas enquanto choram.

Os sons perturbam as meninas também.

“Papai”, chamam elas do seu quarto.

Sem resposta. Elas conseguem ouvir os cliques dos dedos dele em um teclado, o bipe e o tremor do velho computador em sua conexão discada com a internet.

Se vocês baterem no teto com o cabo de uma vassoura, os ratos se acalmam por um tempo. Esse é o truque do pai delas, e dá para ver a prova disso no teto, as marcas da vassoura, luas e meias-luas, carimbadas no gesso de todas aquelas noites anteriores a esta, um mapa de lapso temporal de uma pequena migração, de um lado do quarto para o outro.

“Papai”, chama Libby de novo. “Papai, vem cá.”

Sara consegue vê-lo sem olhar, os olhos dele à luz azul daquele monitor antigo, a espera e a espera enquanto as páginas da rede vão se carregando através da linha telefônica.

“O que foi?”, diz ele finalmente, sua voz distante.

“Os ratos”, respondem as meninas com um grito em uníssono.

No silêncio que se segue, Sara consegue imaginar o rosto dele, enrijecido com o esforço da paciência.

“Esta noite vocês vão ter que lidar com isso”, diz ele.

É um som rascante, como o raspar de uma unha que tenta abrir um buraco na parede, como um minúsculo prisioneiro, preso em algum lugar da casa, como se mil dias arranhando a parede enfim pudessem arrombá-la.

“Vamos deixar as luzes acesas”, diz Libby. Ela está enrolada debaixo de uma colcha amarela, feita à mão — talvez pela mãe

delas ou talvez não. As meninas estão sempre à procura de coisas que poderiam ter sido dela.

A maior parte do que elas sabem vem de uma matéria do jornal que certa vez encontraram dobrado na gaveta da mesa do seu pai: em uma manhã de junho, um homem que corria pela rua encontrou uma menina de três anos chorando no quintal da frente de uma casa. Uma menina ainda mais nova estava parada na porta, a fralda transbordando. Sara memorizou todos os detalhes: como esse homem encontrou um almoço intocado na cozinha, macarrão com queijo em três tigelas, e uma mulher inconsciente no chão. A asma é a única coisa que Sara sabe com certeza que herdou da sua mãe.

Nessa noite elas ficam acordadas por muito tempo, ouvindo as atividades dos ratos. Às vezes um medo grande pode ampliar os menores.

Logo o dia vai amanhecer, mas elas não trocarão de roupa para ir à escola. Elas não vão caminhar até o ponto de ônibus. Quando seus professores fizerem a chamada, ninguém vai responder quando disserem seus nomes. Sara não vai declamar suas falas no ensaio geral de *Nossa cidade*, tampouco ensaiar — naquela última cena da peça — o momento em que ela segura o braço de Akil e sai do palco.

Sara está acostumada a não dormir. Ela é uma sonhadora de pesadelos, sonhos ruins que mantêm sua mente em movimento por horas a fio — uma sensação de completude e bem-estar. Mas é estranho ver a sua irmã acordada também até tão tarde. Libby encara o teto com os olhos arregalados.

Alguma coisa precisa ser dita naquele quarto, mas não há ninguém para dizer. Sara finalmente faz isso por conta própria.

“Não se preocupe”, diz ela para a irmã. A voz não parece ser a dela, o tremor que antecede uma mentira: “Vai ficar tudo bem”, diz ela. “Acho que tudo vai ficar bem.”

Uma doença infecciosa não é a única coisa que pode se espalhar. No quinto dia, uma especialista em distúrbios psiquiátricos é chamada de Los Angeles.

Ela já viu esse tipo de coisa antes — como uma garota às vezes pode sentir as mesmas coisas de outra, um tipo diferente de contágio, o modo como um bocejo às vezes salta de boca em boca. Uma certa espécie de empatia. Numa ocasião, cem animadoras de torcida desmaiaram dessa maneira em um campo de futebol americano em Dallas — e no fim se descobriu que apenas uma delas estava doente.

São duas horas de carro até o hospital neuropsiquiátrico do centro da cidade, em seu Volvo de cinco anos, migalhas de bolachinhas de queijo incrustadas no couro, as pecinhas de Lego da filha rolando para trás e para a frente no banco traseiro.

Ela é Catherine para seus colegas, Katie para sua família, dra. Cohen quando caminha pelos corredores de sua isolada ala de tratamento psiquiátrico no hospital.

A cidade dá lugar aos subúrbios enquanto ela dirige rumo a Santa Lora, os subúrbios dão lugar a quilômetros de limoeiros. Uma longa sucessão de zigue-zagues finalmente desemboca nas montanhas e na sombra de uma densa floresta de pinheiros.

O sinal das estações de rádio desaparece. O celular dela emudece. E então a estrada serpeia por mais sessenta quilômetros de florestas ininterruptas.

Que alívio quando um hotelzinho de beira de estrada aparece à margem da pista. Mas as janelas estão lacradas com tábuas. Uma placa desbotada ainda anuncia TV EM CORES.

Finalmente, um lago cintila por entre as árvores. A floresta se abre. Um campus universitário desponha, estudantes espalhados em gramados, a grama tostada com a cor do trigo. Santa Lora.

O hospital, quando ela chega lá, não é maior do que o hotelzinho da beira da estrada.

A paciente está dormindo de costas, um braço pousado sobre o estômago. A sala está às escuras. As persianas estão fechadas. Pelo prontuário, Catherine fica sabendo que o nome dela é Rebecca. Ela está dormindo há sessenta horas seguidas.

A mãe da garota — deve ser a mãe — está sentada ao lado da cama, com os olhos avermelhados, mais que arregalados. Mães: conversar com as mães é a pior parte do trabalho dela.

“Posso abrir?”, pergunta Catherine, mas não espera por uma resposta. Ela puxa a cordinha das persianas e a luz do sol enche o quarto.

A mãe parece aliviada ao ouvir que essa calamidade pode ser psicológica, como se as falhas da mente fossem menos destrutivas que as do corpo.

“A senhora quer dizer que talvez ela não tenha uma doença de verdade?”, pergunta a mãe.

“Não é isso o que estou dizendo”, responde Catherine.

A pressão arterial da garota, disseram os médicos, está normal. A frequência dos batimentos cardíacos também. Foi o mesmo com a primeira garota, dizem eles, aquela que morreu. Nenhum sintoma além do sono profundo. Essa menina aqui dá a impressão de que pode acordar ao menor ruído ou ao brando roçar da mais leve pluma.

Catherine tem visto pacientes igualmente inertes por obra da depressão catatônica ou em consequência de repentinas notícias traumáticas. Quando a vida de uma pessoa parece destroçada além da possibilidade de conserto, resta uma última manobra: alguém pode pelo menos fechar os olhos dela.

Catherine esqueceu o nome dessa garota, mas parece tarde demais para perguntar. “Ela tem algum histórico de ansiedade?”, pergunta ela. “Ou de depressão?”

A mãe nega, balançando a cabeça com força. Mas os pais, Catherine aprendeu, nunca sabem o que realmente acontece.

Uma Bíblia foi enfiada na dobra do braço esquerdo da menina, como se as mensagens da Escritura pudessem ser transmitidas para dentro da alma através da pele.

Um som quase inaudível sai da boca da garota.

A mãe tem um sobressalto. “Rebecca?”, ela diz.

As pálpebras da menina começam a tremular.

Em um ser humano saudável, Catherine sabe, esse movimento dos olhos sob as pálpebras indicaria o sono REM, o estado mais propício ao sonho. Mas Catherine não é capaz de dizer com convicção, sem testes, o que está acontecendo dentro do cérebro dessa garota.

Ela pede uma ressonância magnética. E avisa que voltará ao hospital em dois dias.

A filha de Catherine está dormindo quando ela volta para Los Angeles, a babá lendo no sofá. Mas nessa noite, como em todas as noites do mês passado, sua filha acorda aos gritos depois da meia-noite. Pesadelos são comuns na idade dela.

Demora um bocado de tempo até que a menina se acalme.

“Mamãe”, sussurra ela no ouvido de Catherine, suas bochechas iluminadas por uma luminária em formato de lua. “Eu acho que tem algo de errado com os meus olhos.”

“Como assim?”, ela pergunta.

Os braços de três anos da menina estão bem apertados em volta do pescoço de Catherine.

“Quando eu fecho os olhos”, diz a filha, “eu vejo uma coisa assustadora.”

“São sonhos”, diz Catherine. “Como a gente já conversou.”

Que coisa maluca de se fazer, sua própria mãe dissera: ter uma bebê sozinha — e propositadamente. Todos os seus dias murmuram a possibilidade de que ela possa estar fazendo do jeito errado.

Mas há também isto: o prazer secreto nesses minutos bem ali mesmo, aquele corpinho morno pressionado contra o peito dela, o hálito quente da menina no pescoço dela e a simplicidade da cura — uma conversa e um abraço no escuro.

“Desta vez”, diz a filha, “eu sonhei que tinha umas cobras saindo da minha pele.”

“Uau”, diz Catherine. “Isso aí também me assustaria.”

Uma de suas pacientes costumava ver a mesma imagem, mas enquanto estava acordada. Em um exame de ressonância magnética, o cérebro do sonhador é quase idêntico ao cérebro de um esquizofrênico.

Mais uma vez ela se surpreende, quantos dos medos de uma criança são apenas respostas racionais aos fatos da experiência cotidiana.

Duas músicas e uma massagem nas costas — e logo a filha está dormindo novamente.

Catherine está de volta à própria cama quando ouve o toque de uma nova mensagem em seu celular: uma terceira garota do mesmo andar do dormitório perdeu a consciência em Santa Lora.

Assim que raia o dia, um professor de biologia sai para andar pelos bosques de Santa Lora.

Seu cabelo branco é cortado muito rente. Ele veste uma jaqueta de dez anos. Botas de caminhada. Nathaniel — esse é o nome dele.

Nada de cachorro. Sem telefone. Apenas uma garrafa térmica cheia de café e um saco plástico vazio.

O céu está límpido. Sopra uma brisa fria. O bosque ressoa com o canto dos pássaros: gaios-azuis, gaios-de-steller e chapins.

Em uma certa curva na trilha, um tronco esculpido faz as vezes de banco. É ali que, daqui a algumas horas, Nathaniel dará sua aula de biologia para os calouros, a fim de apontar certas características e fenômenos das árvores: as intrincadas estruturas da raiz de pinheiros, de que modo o escolitíneo trabalhou com a seca para matar tantos deles aqui, e depois o ponto alto da aula, a árvore zumbi.

Ele o chama assim por causa dos jovens alunos, esse toco ancestral. Sem tronco, sem ramos, sem folhas, apenas um cepo oco, e ainda assim, de algum modo, continua vivo. As explosões de verde no veio da madeira — clorofila — são prova de vida contínua, como se esse resquício de árvore estivesse ao mesmo tempo vivo e morto. “Como isso é possível?” As crianças vão querer saber, ou pelo menos as mais inteligentes, as poucas realmente interessadas. Faz anos que ele vem trazendo suas aulas para cá. É uma surpresa para a maioria dos alunos o fato de que as árvores têm certas maneiras de se comunicar umas com as outras, de que enviam mensagens químicas pelo ar, e de que às vezes ajudam as árvores vizinhas a sobreviver. “Os parentes desse toco é que o estão mantendo vivo”, dirá ele. “Enviam nutrientes para as raízes dele.”

Nesse dia, Nathaniel também se depara com um habitual espalhamento de vidro escuro no local. Garrafas de cerveja. É para isso que ele trouxe o saco plástico.

Ele não culpa os garotos pela bebedeira. Nem por quererem beber aqui, nesta mata — entre os pinheiros e as manzanitas, os abetos brancos e os cedros, em vez de ficarem sentados nos móveis de madeira aglomerada de seus quartos no dormitório. Ele entende: as montanhas, as estrelas. Há uma privacidade no ermo. Mas o lixo — por favor, essa garotada já tem idade suficiente para recolher o próprio lixo.

Ele está se curvando para pegar o vidro da terra quando percebe que há alguém caído a alguns metros de distância da trilha. Um rapaz com uma jaqueta do exército, jeans escuros, tênis, está aninhado, com o rosto virado para baixo, em meio a folhas secas.

“Oi”, diz Nathaniel. “Ei, garoto.”

Ele se agacha. Sacode o ombro do garoto. O cheiro de álcool exala da pele do rapaz, acompanhado pelos altos roncões do sono bêbado. Ele fecha o zíper da jaqueta do menino. Vira a cabeça do rapaz para o lado — assim pelo menos ele não vai engasgar se vomitar enquanto dorme.

Em casa, o professor liga para a polícia: “Há um garoto desmaiado de bêbado no bosque”, diz ele, e relata à atendente da central exatamente onde encontrá-lo. “Provavelmente ele só precisa dormir, mas achei que vocês deveriam saber.”

Uma tigela de farinha de aveia. Um copo de suco de laranja. O chacoalhar de comprimidos contra o plástico; pressão alta. Pode ter relação com o estresse — é o que a filha de Nathaniel pensa. O luto, diz ela em San Francisco ao telefone, é um tipo de estresse. A idade também, argumenta ele. Mais cedo ou mais tarde a deterioração chega para todas as coisas vivas.

Ele abre um pequeno caderno de anotações. Outra pessoa poderia chamá-lo de diário, mas não Nathaniel. É uma caderneta fina e pequena em suas mãos, uma espécie de agenda de uma linha por dia, do tipo que se estende ao longo de cinco anos: uma linha reservada para cada dia. *Qual é o objetivo disso?*, Henry costumava lhe dizer. *O que se pode exprimir em uma única frase?* Mas é reconfortante fazer isso, uma destilação misteriosa, como separar sal da água do mar, como a perfeição da mais simples

equação química. Ele escreve depressa, sem pensar muito — esse é o propósito, o hábito, o fazer: “Fui ver Henry ontem. A tosse dele parece melhor”.

Uma chuveirada, um casaco esportivo, um par de meias pretas.

As chaves do carro estão sacudindo em suas mãos e as anotações da aula protegidas dentro da mochila quando ele enfim para com o intuito de checar seus e-mails.

É agora que ele abre uma mensagem marcada como urgente: uma aluna matriculada em seu curso para os calouros, Kara Sanders, morreu de uma doença desconhecida, possivelmente contagiosa, e dois outros estudantes estão apresentando os mesmos sintomas. Mais detalhes a seguir.

O nome dela não evoca rosto nenhum à sua mente. Ele se sente um pouco culpado por isso, mas é o começo do ano. Ele ainda não os conhece. Há algo de habitual nisso, porém, a familiar sensação de desperdício. As coisas estão sempre acontecendo com esses jovens: suicídios, overdoses, dirigir embriagado. Parece pior do que costumava ser. E é pior?

Sua caixa de entrada está se enchendo com uma série de alertas em todo o campus a respeito de precauções e sintomas. Aulas são canceladas, diz um deles. O campus está fechado até segunda ordem. Eles tendem a ter reações exageradas a essas coisas, a enxergar um padrão maior onde não existe um. No fim se descobriu que um atirador que apareceu no campus no outono passado era só alguém empunhando uma pistola de água. O cheiro de gás é quase sempre apenas alguém fervendo água na cozinha de um dos dormitórios. Um bizarro surto de meningite é invariavelmente um caso único. Mas tudo bem, Nathaniel não é o responsável por essas coisas, então ele envia um e-mail a seus alunos reiterando: a aula de hoje foi cancelada.

Depois disso, a casa fica quieta, quieta demais, o eco dos seus sapatos se arrastando e raspando a madeira. Uma breve desorientação: o que fazer, agora, com o dia.

Mas em breve ele está parado em silêncio na fila da padaria, onde ainda não há ninguém falando sobre a doença, e de lá ele dirige os três quilômetros até a casa de repouso, levando para Henry um croissant de amêndoa embrulhado no banco do passageiro.

Há certa opulência neste lugar, a Vila da Restauração, com seus chafarizes e pórticos e sua vista para o lago. Outrora foi um sanatório para os ricos e tuberculosos, uma história que em outras circunstâncias teria atraído o interesse de Nathaniel e de Henry. Mas a cada visita vem à tona um detalhe, quando Nathaniel começa a ler nos pequenos movimentos do rosto de Henry uma mensagem codificada direcionada a ele: *Como você pôde me deixar nesta merda de lugar deprimente?*

Nessa manhã, nada aqui parecerá inapropriado: o deslizar metálico e o clique dos andadores dos pacientes no corredor, o risinho abafado das enfermeiras, os televisores ligados feito ventiladores nos outros quartos. Ele vai passar a manhã lendo para Henry, textos das seções prediletas de Henry do *New York Times*, enquanto Henry suga pedacinhos de croissant como balas. Dessa forma, Nathaniel vai se deparar com uma pequena reportagem nas últimas páginas, um pouco surpreso ao constatar que esse evento em Santa Lora, como um calhau, está deixando vestígios em águas distantes. As pessoas adoram uma tragédia quando está acontecendo muito longe: uma estranha doença irrompeu em um campus de uma cidadezinha da Califórnia.

“Ela era uma das minhas alunas”, dirá ele a Henry.

E Henry vai virar a cabeça para essa notícia. Vai cravar os olhos em Nathaniel apontando para ele uma expressão ilegível. A mente de Henry é como um cardume obscurecido pelas águas turvas. De vez em quando, porém, algo puxa a linha.

Nessa noite, a filha de Nathaniel vai ligar de San Francisco. Ele vai deixar a chamada cair direto na caixa postal. “Sou eu, pai. Vi as notícias e só queria ter certeza de que você está bem.” Ele vai enviar um e-mail a ela: “Sim, tudo bem por aqui. Com amor, papai”.

Rebecca: ainda dormindo profundamente, cinco dias ininterruptos, um dos braços preso a um dispositivo intravenoso com uma bolsa de soro.

Se os olhos dela pestanejassem até se abrir nesse dia em particular, ela veria um aparelho de monitoramento cardíaco ao seu lado e quatro paredes brancas e dois cestos de flores e uma bexiga colorida e as cruzes, muitas cruzes, trazidas por seus pais, junto com a Bíblia. Na cadeira ao lado da cama, ela se depararia com a mãe, a boca coberta por uma máscara descartável, os olhos cansados, a testa enrugada. Ela talvez ouvisse o tênue estalido de agulhas de tricô enquanto sua mãe ocupa as mãos, ou então o som suave da voz dela, tão cansada, ao telefone: “Não, ainda não, ainda não sabem o que é”.

Mas nesse dia, como nos outros, os olhos de Rebecca permanecem cerrados.

Durante dias a fio, o sangue dela vem deixando suas veias em frascos, extraídos de novo e de novo pelas enfermeiras — mais exames. Os médicos entram e saem sem notícias, enquanto, em outros quartos, outras mães se debruçam sobre seus próprios filhos adormecidos, apenas observando-os respirar, como se fossem recém-nascidos de novo, com pulmões ainda novos para a tarefa. Parecem tão saudáveis, essas crianças, seus corpos jovens tão robustos em suas camas, maçãs do rosto rosadas, peitos estufando e descendo, constantes feito metrônomos.

Agora há cinco acamados, doentes.

Por enquanto, estão vivos, mas o futuro está se distanciando deles a cada segundo, o próprio tempo se lançando com ímpeto à frente, sem eles.

Nessa tarde, um pastor chega ao quarto de Rebecca. Ele e a família da garota seguram nas mãos dela, enquanto o som da oração flutua pela sala. Uma imposição de mãos.

Ela sente isso em um sonho, a pressão das palmas das mãos deles nos ombros, na testa dela? Ela consegue sentir as esperanças deles nesse toque? Quem pode dizer? Ela dorme em meio a tudo isso.

A essa altura ninguém sabe que outra coisa, mais comum, também está se formando no corpo de Rebecca, um invasor de um tipo diferente. Apenas mais tarde alguém descobrirá que um aglomerado secreto de células já está flutuando livremente dentro dela — pequeno demais para ser chamado de embrião, mas se multiplicando bem rápido — enquanto se prepara para ancorar em seu útero.

Em outros tempos, teriam queimado todos os seus pertences, mas hoje os produtos químicos fazem o trabalho de limpeza purificadora do fogo. Água sanitária: os cheiros habituais do dormitório devem ter sobrevivido em algum lugar embaixo dela, toda aquela água-de-colônia e a pipoca, a cerveja derramada e os cigarros, mas de seu quarto Mei só consegue sentir o cheiro desta coisa, a água sanitária, tão claro e acre quanto fluorescência.

Com a água sanitária chegam novas regras para todo o mundo no dormitório de Mei. Proibido sair. Essa é a coisa principal. Só por enquanto, dizem eles, em nome da segurança. Sem visitas também. E sem aulas.

E nenhum trabalho também. A diretora da faculdade para quem Mei faz as vezes de babá fica aborrecida ao telefone. Quem vai cuidar da filha dela? Mei não está explicando isso direito. Não está sendo clara. Essa diretora deixa a garota nervosa, com sua casa imensa e suas prateleiras cheias de livros, e de alguma maneira parece embaraçoso mencionar a doença. Quando ela tenta novamente, a diretora abrande o tom de voz: Espere aí, você mora *naquele* dormitório?

Mei percebe que a faculdade não sabe ao certo o que fazer. Um sentimento inquietante: descobrir que os adultos não estão mais preparados do que os jovens.

Ninguém diz para onde irão os estudantes dos outros andares. Mas da sua janela Mei consegue ver o que está acontecendo. Em ondas rápidas e contínuas eles vão escoando do dormitório como formigas, os não expostos, dez andares abaixo, sobrecarregados por enormes cargas. O dia todo, o deslizar de malas na calçada. O dia todo, as vozes distantes flutuando a esmo e penetrando pelas telas, uma fila de ônibus esperando no meio-fio. É o que parece: uma evacuação.

Algumas dessas pessoas que estão de partida olham para o décimo andar à medida que desocupam o prédio, mas a maioria mantém a cabeça baixa, os olhos desviados, como que para dizer que o que está acontecendo naquele andar é íntimo demais para ser visto pelos outros.

Ninguém usa a palavra *quarentena*, mas Mei procura no dicionário. Do italiano, *quaranta giorni*, quarenta dias. Quarenta dias: o período que outrora os navios deviam esperar antes de entrar no porto de Veneza — tempo suficiente, era a esperança deles, para que uma doença contagiosa se exaurisse.

No primeiro dia do confinamento, dois homens do refeitório trazem um carrinho cheio de sanduíches para o jantar. Eles usam máscaras descartáveis brancas, esses homens, suas vozes abafadas como a de cirurgiões, e Mei consegue deduzir o que eles estão pensando, pela maneira como um deles segura o elevador enquanto o outro coloca as caixas no carpete, como se tivessem planejado de antemão essa manobra: como passar o menor número possível de segundos no ar contaminado.

O andar já parece menor do que antes, pequeno demais. E Mei tem a impressão de que os rapazes e as garotas estão se multiplicando. As mãos deles nas maçanetas. Os dedos deles tocando os interruptores de luz. Os pés deles descalços no carpete, o cuspe deles nas pias, fios de cabelo soltos flutuando por toda parte no ar.

É difícil sentir fome. Mei se concentra na mastigação, a alface fria do sanduíche contra os dentes, enquanto as outras garotas conversam e reclamam.

Ficam imediatamente obcecados: o que eles não podem fazer e quem não podem ver. “Seria mais fácil se a gente estivesse acostumado a ficar separado”, diz uma garota, cujo namorado, diz ela, mora em um dormitório diferente.

Os dias já parecem mais longos do que antes, apenas vinte e quatro horas de profundidade, como se a passagem do tempo exigisse algum movimento através do espaço e aqui estão todos eles, empacados em um só lugar.

A mãe de Mei volta a ligar.

“A senhora está ligando demais”, diz Mei. Ela cobre a boca enquanto mastiga, como se houvesse alguém com ela para ver.

“Estou apenas preocupada”, diz a mãe. “Estou tão preocupada.”

Mas a voz dela, assim, tão urgente, tão fina, traz o oposto do conforto, como os constantes toques em um dente dolorido.

“Eu estou bem”, diz Mei.

Ela tem consciência da sua voz enquanto fala, do modo como ecoa contra as paredes nuas, como que ampliada. Ela foi autorizada a trazer apenas uma sacola de seu antigo quarto para este; o antigo quarto, onde Kara ficou doente, agora está lacrado com fita amarela. Não há nada aqui para suavizar o som, a solitária acústica de um quarto vazio.

“Eles já sabem o que é?”, pergunta a mãe novamente.

No corredor, Mei consegue ouvir um dos rapazes, um maratonista, correndo de uma ponta a outra do andar, uma e outra vez, uma pista improvisada. Matthew Esquisitão, os outros o chamam, para distingui-lo do outro Matthew. Mas correr parece um uso do tempo tão bom quanto qualquer outro.

“Eu já te disse”, diz Mei. “Eu não sei.”

Ela consegue ouvir sua mãe respirando no telefone.

“Eu amo você”, diz a mãe, mas há aí uma rigidez. Eles não são o tipo de família que diz isso em voz alta. As palavras parecem extremas entre eles, um registro de perigo mais do que de ternura.

“Eu também”, diz Mei.

Depois disso, ela apura os ouvidos durante algum tempo para escutar o rapaz correndo no corredor. Ele está treinando para uma maratona, ela o ouviu por acaso dizer uma vez. Ele gosta de correr descalço, como os quenianos, diz ele, como os gregos antigos, como os humanos deveriam fazer. Agora os passos dele pousam sobre o carpete. Há a sombra de um momento a cada vez que ele passa pela porta, chegando perto, desaparecendo, voltando mais uma vez em seguida, como o tique-taque intermitente de um relógio.

No segundo dia da quarentena, uma mensagem aparece no estacionamento, dez andares abaixo da janela do salão de estudos.

Em gigantescas letras brancas, feitas de giz ou farinha, alguém soletrou o nome de uma garota, Ayanna, e outra coisa também, um código talvez, ou uma abreviação, simples e brilhante contra o asfalto. Com os olhos semicerrados, um rapaz nas proximidades encara o sol, esperando que seu trabalho seja percebido.

Mei consegue sentir naquelas letras as horas, o planejamento e o trabalho, as costas arqueadas do rapaz. Ninguém nunca dobrou as costas assim para Mei.

“Que perda de tempo”, diz Matthew Esquisitão, o corredor. Ele está de pé junto à janela também, descalço e suado, bebendo longos goles de água de uma garrafa térmica. “Né?”, diz ele.

Uma janela próxima se abre com um ruído áspero do caixilho. De pijama, Ayanna, a garota de Barbados, acena freneticamente para o menino. Ayanna de blusinha básica gola V e calça jeans, unhas cor-de-rosa e chinelo, dentes brancos e pele lisa, aquela beleza simples e sem esforço. A doce e atraente cadência do seu sotaque. Todos os rapazes são apaixonados por ela, e talvez também as garotas, que a perdoam pelo seu encanto — porque o que a torna tão radiante não é apenas sua aparência, mas seu calor humano, a bondade simples que parece irradiar de suas bochechas. Ela é a única garota que é simpática com Mei no dormitório.

Tão logo avista Ayanna, o garoto no estacionamento se levanta e acena com as duas mãos, como um homem que precisa ser resgatado por um helicóptero. Ayanna grita algo para ele, mas lá embaixo ele não consegue ouvir. Ele leva a mão ao ouvido. Logo eles estão falando ao telefone, mas ainda acenando, como se entre os dois houvesse duas latinhas amarradas num barbante.

Mei os observa da janela até que uma tristeza a invade, tão veloz quanto adrenalina. Ela fecha as cortinas.

Ela liga para sua velha amiga Katrina. Deveria ter ido para Berkeley com Katrina, agora ela se dá conta disso. Ou então para a CalArts, como ela queria, onde poderia ter se formado no que realmente desejava: desenho ou pintura ou ambos. Que saco, diz Katrina quando Mei lhe conta sobre Kara e os outros, e nesse exato instante Mei sente que sua velha amiga está se afastando para bem longe. Não parece o tipo de expressão que ela usaria, *que saco*. Todo o mundo está indo embora para bem longe.

Nesse mesmo dia, duas novas médicas chegam ao andar do dormitório. Uma delas é uma espécie de especialista, veio da Costa Leste. Usa jaleco verde e luvas verdes e uma grossa máscara cor creme que parece recém-tirada de um pacote, limpa e novinha em folha.

Ela examina os olhos dos estudantes. Inspecciona a garganta deles. Ouve as batidas do coração de cada um. Não parece nem um pouco aliviada pelo fato de que todos no andar acordaram bem.

“O período de incubação pode ser longo”, diz ela, como se os corpos deles fossem instrumentos para a medição da passagem do tempo, o que, de certo modo, são. “Quanto mais tempo demora para se manifestar”, diz ela, “mais longe pode se espalhar.”

Quando chega a vez de Mei ser examinada, a médica lhe entrega uma máscara idêntica à dela, com alças elásticas penduradas.

“A partir de agora”, diz a médica, “use isso o tempo todo.” Sua conduta é laboratorial, como se ela estivesse lidando com produtos químicos perigosos em vez de pessoas.

Mei observa o rosto da médica do mesmo modo como observa as comissárias de bordo durante uma turbulência: se elas continuarem servindo o café, ela sabe que as coisas estão bem — alguns tipos de tumulto assustam apenas os que não estão acostumados ou os que não são treinados. Mas o rosto rijo dessa médica, tão tenso e fechado, sugere que o conhecimento especializado está tendo o efeito oposto.

“E não deve haver contato físico de qualquer tipo”, diz a doutora. “Nada de beijar”, acrescenta ela. “E sem sexo.”

Um rubor afogueia as bochechas de Mei. Às vezes ela ainda se sente uma criança.

Uma segunda médica se segue à primeira, um tipo diferente, uma psiquiatra, talvez, ou algo parecido.

Essa médica faz perguntas sobre o estado de ânimo de Kara antes de morrer. “Você sabe”, diz ela, “se a sua colega de quarto tinha recebido alguma notícia desagradável recentemente?”

“Eu não a conhecia muito bem”, diz Mei.

“Ela alguma vez expressou algum pensamento sombrio?”

“Não para mim”, diz Mei.

E quanto aos outros?, essa médica quer saber.

Mei balança a cabeça.

“Eu também não os conheço”, diz Mei.

Depois disso, todos parecem mais com pacientes do que antes, com máscaras apertadas no rosto. O artefato dá uma sensação de calor nas bochechas de Mei. A pessoa consegue se sentir respirando, e é difícil não pensar nisso, em como é precário esse ritmo, como se as máscaras tivessem tornado a doença cada vez mais, em vez de menos, plausível.

Nesse meio-tempo, uma nova aflição começa a se espalhar no dormitório — um tédio como Mei nunca sentiu.

Ela passa um bocado de tempo fitando pela janela do salão de estudos o lago que bruxuleia ao longe à medida que vai se encolhendo ao sol. O recuo da água deixou a areia atravancada de fragmentos de centenas de coisas perdidas: veleiros de décadas passadas, afundados durante anos, um caminhão antigo, que de tão enferrujado se reduziu a uma silhueta. Há algo de repentinamente inquietante nessa paisagem, que antes parecia tão romântica para ela, como o bosque que margeia as encostas ao redor do lago está doente e ressequido, e como as árvores continuam tanto tempo de pé após a morte, galhos escurecidos pelo fogo ou seus troncos devorados por dentro pelos escolitíneos, como o professor de biologia dela explicou. Mas elas continuam em pé, como lápides.

Ela pensa de repente em Kara, no corpo da garota — seus ossos. Parece ridículo, nestes tempos, que os problemas de um corpo ainda possam desligar uma mente.

“O que você está olhando?”, pergunta uma das outras garotas, depois de algum tempo, como se Mei tivesse encontrado alguma distração secreta que deveria ser compartilhada e não guardada.

“Nada”, diz Mei.

Ela observa, pouco a pouco, enquanto um vento sobe e sopra as letras de giz do nome de Ayanna.

É neste momento que a voz de um rapaz paira atrás dela.

“Imagine um trem desgovernado”, diz ele. É isso — nenhuma outra introdução.

“O quê?”, diz ela.

É Matthew, o Matthew Esquisitão, com short de corrida vermelho, pés descalços. A máscara dele está pendurada no rosto.

“Imagine que há cinco pessoas amarradas nos trilhos”, diz ele.

“Ah, Deus”, diz a outra garota no salão de estudos. “Não vem com esse trem idiota de novo.”

Mei viu de longe, uma estranha rapidez na maneira como esse rapaz fala, a maneira como ele se move, como se seu corpo tivesse que correr todos os dias para, vez por outra, ficar quieto.

“O trem está indo direto em direção às pessoas”, diz ele.

Ele ainda está suado por causa de toda a correria no corredor. Ela consegue perceber isso nos cachos do cabelo dele, escuros e embaraçados, e nas manchas em sua camisa. Ela consegue sentir o cheiro.

“Por que eles estão amarrados aos trilhos?”, pergunta ela.

“Essa não é a questão”, diz ele. Enquanto fala, ele está de olhos fixos nela. A garota não consegue olhar nos olhos dele. Ela percebe então que há buracos na camiseta do rapaz, sob as axilas.

“Agora imagine que há uma alavanca junto aos trilhos”, diz ele. “Se você puxar essa alavanca, pode salvar as pessoas desviando o trem para outro trilho.”

Mas eis aqui o dilema: alguém está preso à outra linha também.

“Se você acionar a chave de desvio dos trilhos”, diz ele, “salva a vida de cinco pessoas. Mas mata uma.”

O corpo inteiro de Matthew está vibrando, como que tomado por um tipo de energia que ele não é capaz de conter. Sai assim: um jorro de palavras para uma garota com quem ele nunca falou antes.

“Você puxa a alavanca?”, quer saber o rapaz.

É uma sensação boa afundar em um problema tão distante. Esta talvez seja a conversa mais longa que Mei já teve nesse andar do dormitório.

“Eu conheço as pessoas?”, pergunta ela.

A questão parece importante, mas Matthew balança a cabeça como se não fosse, como se não tivesse a menor importância.

“Acho que eu teria que puxar a alavanca”, diz ela.

“Não é mesmo?”, diz ele. Parece que a resposta dela — esse consentimento — proporciona a ele algum tipo de libertação.

Um tumulto começa a pipocar de repente no corredor. As enfermeiras chegaram para medir a temperatura dos quarentenados de novo.

Matthew continua falando.

“Mas, e se não houver alavanca?”, ele diz. “E se a única maneira de parar o trem é arremessando algo pesado nos trilhos? E se a única coisa pesada por perto for um homem muito gordo?”

Ela consegue perceber para onde isso está indo.

“Você empurra o gordo nos trilhos?”, pergunta ele.

Esta é fácil.

“Não”, diz ela. “De jeito nenhum.”

“Mas não é o mesmo que puxar a alavanca?”, insiste ele. “De uma forma ou de outra, você está matando uma pessoa pra poupar cinco.”

“Acho que está longe de ser a mesma coisa”, diz Mei.

Uma das enfermeiras entra às pressas no salão de estudos: “Ei”, diz ela através da máscara, seu avental verde sibilando conforme ela anda, abanando no ar seu dedo com uma luva verde. “Estão muito perto, vocês dois. Um metro e meio de distância o tempo todo.”

Mei recua, mas Matthew permanece onde está, como se ele não a tivesse ouvido ou não ligasse.

Os outros estudantes ficam de bobeira o dia todo nos corredores, à espera de que algo aconteça, que algo mude, ou pelo menos que a refeição seguinte chegue. Depois de apenas alguns dias, eles se tornaram sonolentos e preguiçosos, mas quem é capaz de dizer o que está causando isso: a doença ou a calmaria?

Eles falam incessantemente do clima lá fora. O céu é enorme, o sol é tão agradável e convidativo e as folhas translúcidas à luz da tarde. Eles arrancam as telas das janelas, pouco importam os mosquitos. Penduram os braços por cima dos peitoris, apenas para sentir na pele o ar livre.

Mei consegue imaginar como devem estar as coisas lá fora, todas aquelas cabeças nas janelas, como vítimas de um incêndio. Mas, por outro lado, não há necessidade de imaginar — duas vans de

canais de notícias se instalaram no estacionamento e estão mostrando as cenas ao vivo em rede nacional. Os estudantes se aglomeram em torno de suas telas planas para assistir. Somos nós, dizem eles, apontando. Somos nós. Estamos na TV.

Mas a empolgação não dura muito. O tédio retorna cada vez mais rápido. Com que velocidade os domina, a sensação de que esse confinamento nunca terminará.

No terceiro dia, um dos rapazes finalmente quebra a monotonia. É o guitarrista, dessa vez, Todd Breaco, como o chamam. De qualquer maneira, ele é um dorminhoco. É só depois do meio-dia que eles notam.

Eles conseguem ouvi-lo respirando em sua maca, deitado de costas, sendo levado corredor afora por aqueles paramédicos que se parecem com remadores, as pálpebras dele rosadas como as de uma criança. Ele é o primeiro a deixar o andar em três dias.

Os outros recebem a notícia em silêncio dessa vez, como se tivessem vivido a vida inteira com esse tipo de perigo. Eles têm dezessete ou dezoito anos, mas algumas habilidades vêm rápido, como uma gramática universal, esperando apenas para ser colocadas em uso.

O salão de estudos nessa mesma tarde: Mei está lá lendo quando Ayanna pousa a cabeça sobre a mesa. Estão apenas as duas no recinto, aquela camaradagem silenciosa de dois leitores em um mesmo espaço. E é uma coisa tão sutil, a forma como Ayanna coloca o livro de lado, reservando um tempo para marcar a página onde parou a leitura, o modo como ela descansa a cabeça sobre os braços, devagar, com cuidado. Não há desmaio. Não há colapso. A máscara dela permanece no lugar, branca e perfeitamente encaixada no rosto.

“Você está bem?”, pergunta Mei, do outro lado do salão, seu coração começando a martelar no peito.

Parece uma enorme violação acordar alguém que você mal conhece. Mei toca o ombro dela. Sussurra o nome dela. Um quadrado de luz do sol brilha nas costas de Ayanna.

“Você está bem?”, pergunta Mei de novo. É quando Ayanna murmura alguma coisa para tranquilizar a outra. Ela meneia ligeiramente a cabeça. Ela faz isso. É do meneio que Mei se lembrará e do alívio.

Mei volta para a cadeira perto da janela.

A porta do salão de estudos se abre. É Matthew. Ela percebe uma breve explosão de alegria ao vê-lo, esse menino esquisito. Talvez ele tenha outra pergunta para ela. Talvez ele queira saber o que ela pensa.

E ele chega de fato com uma pergunta. É a seguinte:

“O que está acontecendo?”, diz ele, suas palavras umedecidas por sua máscara. “Ayanna?”

“Ela está bem”, diz Mei, seu livro no colo. “Acho que está apenas cansada.”

“Ayanna”, diz ele. “Ayanna.”

Dessa vez, Ayanna fica quieta. Quando Matthew começa a sacudi-la, o braço que estava sob o peso do corpo dela desaba. Há o leve estalo da bochecha fazendo contato com a mesa, o ligeiro tombar da cabeça e o braço balançando embaixo.

Matthew se vira para Mei.

“E você está aí sentada sem fazer nada?”, diz ele.

O lugar começa a se encher de outros estudantes, suas vozes como ímãs para os demais. “Ayanna”, continuam dizendo através de suas máscaras. Alguns têm medo de chegar perto dela. “Ayanna”, chamam à distância. “Ayanna.”

Em algum lugar, em outro dormitório, o rapaz que ama essa garota está fazendo pipoca ou lavando roupa — talvez ele esteja pensando nela naquele exato momento.

“Ela disse que estava bem”, diz Mei, mas eles não lhe dão ouvidos. As bochechas dela estão ficando quentes sob a máscara. Seus olhos estão começando a queimar. “Ela disse que estava bem há um minuto apenas.”

A cabeça de Ayanna agora jaz, pesada, sobre a mesa. É preciso olhar de perto para ver o tênue movimento de subida e descida de suas costas enquanto ela respira. É um marco inquietante: dois casos em um dia.

“E esta aqui”, diz Matthew, apontando para Mei. “Fica sentada lendo como se não tivesse nada de errado.”

Quando os paramédicos chegam para buscar Ayanna, Mei escapou para o quarto dela, onde por um longo tempo permanece deitada encolhida na cama, naqueles lençóis verdes brilhantes, escolhidos com tanto cuidado em agosto, os lençóis da garota que ela esperava ser na faculdade, não tão séria como antes, um pouco impulsiva, talvez um pouco mais ousada.

Ela sente um aperto na garganta. Lágrimas. Através da parede do quarto contíguo, vem o fraco pulsar de um televisor ligado — existe som mais solitário que esse?

Depois disso, ela fica tanto tempo sozinha em seu quarto que só vem a saber da notícia no fim do dia seguinte: mais duas meninas adoeceram.

As pálpebras remexem. A respiração é irregular. O tônus muscular fica visivelmente frouxo. A cada novo paciente, Catherine mais uma vez nota — esses sinais de que os adormecidos talvez estejam sonhando.

Que casos bizarros. A curiosidade é parte do que a faz continuar voltando de tão longe.

Em sua terceira visita a Santa Lora, um especialista em sono confirmou: o mapeamento da atividade cerebral mostra que esses adormecidos estão, de fato, sonhando.

Sonhos nunca interessaram muito a Catherine. O campo da psiquiatria rumou para um território diferente. A maior parte dos seus colegas argumentaria que os sonhos são inteiramente desprovidos de sentido, uma espécie de lixo mental, gerado aleatoriamente pelos impulsos elétricos do cérebro. Ou, na melhor das hipóteses, alguns poderiam dizer, os sonhos são como a religião — uma força que existe fora dos domínios da ciência.

Mas, em seu longo trajeto de carro voltando para casa nessa noite, é difícil não especular sobre qual é a matéria dos sonhos desses jovens.

Talvez eles estejam sonhando com os entes perdidos e falecidos, os outrora conhecidos e os mortos. Eles sonham com amores, certamente, os reais e os imaginados, aquela garota no bar, aquele rapaz antes tão próximo. Ou então eles sonham, como faz a própria Catherine às vezes, os sonhos mundanos de mesas atulhadas e telas de computador, o carregamento de roupa suja, o estrépito da louça por lavar, aparar a grama alta do jardim. Sonham que são capazes de voar. Ou sonham que podem matar. Talvez as garotas sonhem que estão grávidas e se sintam exultantes. Ou pode ser que sonhem que estão grávidas e devastadas. Ou talvez, uma ou duas delas, sonhem com as respostas para os problemas com os quais se debatem há anos — a exemplo do químico alemão do século XIX

que insistia em dizer que a estrutura oculta do composto químico benzeno chegou até ele na forma de um sonho.

Se algum desses jovens sonha que está caindo de grandes alturas, eles — pela primeira vez na vida — não acordam antes que seu corpo se espatife no chão. Em vez disso, sonham em meio ao impacto e continuam sonhando depois disso.

Não há registro do verdadeiro conteúdo desses sonhos, é claro, mas em alguns pacientes as ondas cerebrais que acompanham os sonhos são captadas por eletrodos e projetadas em telas, como silhuetas do além. Catherine fica tão perplexa quanto os especialistas em sono com o que vê nessas telas. Não se trata de cérebros de pessoas normais que estão dormindo. Não são os cérebros de pessoas em coma. São cérebros extraordinariamente ativos.

No momento em que Catherine entra com o carro na garagem de casa, a notícia já vazou para a imprensa e está sendo transmitida pelos alto-falantes do rádio: há mais atividade nessas mentes adormecidas do que jamais foi registrado em qualquer cérebro humano — acordado ou dormindo.

Nessa mesma noite, na cozinha de uma imensa casa cinza a dez quarteirões de distância da faculdade, uma mãe está cantarolando para sua bebê recém-nascida. Um pai está cozinhando o jantar.

Claro que eles ouviram as notícias. Claro. Mas, a essa altura, apenas dez dias depois, ainda é possível apreciar o cheiro de cebolas dourando em uma frigideira e o calor da cabeça da bebê contra a mão, e dizer a Annie, enquanto desarrolha a garrafa de vinho: “Viu só? Está ficando mais fácil, não?”.

A bebê tem dezessete dias de vida.

Eles são novos em Santa Lora, Ben e Annie, professores-visitantes, suas caixas ainda estão espalhadas pelo assoalho de pinho, seus livros empilhados feito lenha na sala de jantar e as estantes desmontadas, à espera de parafusos, e suas gravuras em papel Kraft encostadas por toda parte, esperando para ser penduradas nas paredes. Também uma bola de futebol, limpa e branca e comprada por impulso junto com a grelha — um quintal, dá para imaginar? Um quarto separado para a bebê. Uma casa inteira. Eles estão delirando com o espaço. São jovens, mas não tão jovens, estes são os últimos anos de sua vida em que ainda podem ser descritos dessa forma.

Annie está sentada à mesa da cozinha com uma camiseta e cueca boxer, o pijama que ela vem usando há dias e dias, seus seios soltos sob o algodão — tão mudados que parecem de outra pessoa, muito maiores do que antes, as aréolas alargadas e escuras.

Grace dorme nos braços dela. Aqueles pezinhos rosados, um cruzado por cima do outro.

“Você pode descongelar outra mamadeira, por favor?”, diz Annie. O leite dela demorou a descer. Por um tempo, a bebê estava mais leve a cada vez que a colocavam na balança, como se em pouco tempo pudesse flutuar, a sensação que os dois tinham enquanto

aguardavam, como dois animais, esperando que sua bebê vingasse. Ela é uma coisinha magricela, disse uma das enfermeiras na primeira semana, o que fez Annie chorar lá mesmo no hospital, culpa dos hormônios, talvez da exaustão ou de algo muito mais simples: amor.

Mas hoje foi um dia bom. A bebê está finalmente ganhando peso, graças em grande medida ao leite de outras mulheres, doado ao hospital por mães com excesso de suprimento. Que estranho isso teria parecido a Ben antes — leite bombeado dos seios de outras mulheres —, mas agora há apenas urgência. O que existe é dar à filhinha dele tudo de que ela precisa.

Ele aprendeu a dar banho na bebê enquanto a incisão da cesárea de Annie cicatrizava. Ele aprendeu a trocar fralda sozinho. E há também todas as outras coisas para limpar e lavar, a louça, e lençóis e roupas, sempre o som de mamadeiras estalando na pia, muito trabalho e nada de sexo, e tantas vezes o dia terminando antes mesmo que ele tenha tomado banho. Durante dezessete dias eles vêm dormindo um sono diferente: curto e súbito, e como se bebessem água salgada para matar a sede — despertam com mais carência de sono do que estavam antes de fechar os olhos. Cada hora é necessária, cada momento é aproveitado. É exatamente o que ele sempre temeu que acontecesse com um bebê. Mas o que ele não entendeu antes, o que não conseguiu imaginar de antemão, é o quanto de prazer existe em ser tão consumido.

Nesses minutos, porém, essa noite, eles fazem uma pausa repentina, há um inesperado sossego, calma durante a qual perceberam, pela primeira vez em semanas — e com um jorro de felicidade —, que talvez haja tempo suficiente para preparar uma salada, para grelhar um pedaço de peixe.

Aqui estou eu com minha esposa, Ben pensa, enquanto lava a alface na pia, aqui estamos com a nossa filha, Grace — há um contentamento em apenas dizer o nome dela. Que prazer existe em algumas exposições de fato, tamanha simplicidade, tamanha calma.

Dizer que eles estão ignorando o que vem acontecendo na faculdade não seria exatamente verdade, nem exatamente justo. Algumas pessoas desconhecidas adoeceram — coitados daqueles jovens, mas nenhum cursa as disciplinas que eles lecionam — é

apenas uma de centenas de histórias ruins que devem ser negligenciadas todos os dias. Fechar os olhos pode ser um ato de sobrevivência.

Annie vira a cabeça em direção à porta dos fundos. Ela diz algo que ele não consegue ouvir direito.

“O que você disse?”, pergunta Ben. Ele fecha a torneira da pia para ouvir.

“Você está ouvindo isso?”, diz ela, levantando-se com a bebê, que se estica e se remexe em resposta — a bebê tem uma maneira de arquear as costas como um peixe, seu rosto inteiro se avermelha com o esforço. “Os pássaros”, diz Annie. “Eles estão enlouquecendo lá fora.”

Do quintal vem o alarido dos gritos urgentes das andorinhas que vivem sob o ar-condicionado, seu ninho entalado rente ao peitoril da janela. Aquele ninho foi uma das primeiras descobertas do casal aqui, ainda mais cativante que os filhotes de ganso que deslizam no lago ao anoitecer, como se eles tivessem chegado a um lugar tão apinhado de vida que até mesmo os aparelhos de ar-condicionado poderiam engendrá-la.

Annie ocupa um cargo temporário na faculdade, dois anos em um laboratório de física, e ele trabalha em regime de dedicação parcial, lecionando literatura em meio período. Mas há um encanto na modéstia da coisa, como o assoalho empenado sob os pés, um desmazelo agradável.

“Será que há um falcão em algum lugar por aí?”, diz Annie. Com Grace enrodilhada em um dos braços, ela abre a porta de tela. Ela se move devagar, ainda dolorida da cesariana. “Talvez seja isso que incomode os pássaros, não? Um falcão?”

Ela fica parada descalça no quintal, estreitando os olhos através das lentes dos óculos. Seu cabelo escuro, como o dele, está sujo, enrolado em um nó frouxo na nuca.

Ela esquadrinha o céu, pálido e azul, a luz mal começa a desvanecer. Atrás da cerca da casa deles estão os bosques, pinheiros apertados revestindo uma encosta, no topo da qual, a mais ou menos dois quilômetros de distância, há um grande trecho enegrecido, galhos desguarnecidos que são prova do último incêndio florestal.

No quintal deles, as duas andorinhas se deslocam de um lado para o outro entre o ninho e a oliveira. A casa amarela ao lado parece deserta.

“Ei, passarinhos”, diz Ben para o divertimento de Annie. “O que há de errado com vocês, pessoal?”

Ele gosta do formato da boca de Annie quando ela sorri, seus dentes pequenos, não muito retos, seus lábios cerosos de protetor labial.

“É”, diz ela. “O que há de errado com vocês, pessoal?”

Os pássaros deles continuam gritando. É assim que os dois pensam nos pássaros, como sendo *deles*.

De repente Grace abre os olhos. Os bracinhos dela se afastam da lateral do corpo, como que em sobressalto.

“Você ouviu isso, pequena Grace?”, diz Ben. “Aquilo ali são pássaros. Os pássaros são os únicos animais que conseguem voar.”

Eles foram aconselhados a falar com ela o máximo possível, mas isso ninguém precisava dizer. É uma necessidade imediata: contar a ela tudo o que eles sabem.

Apenas três meses depois da mudança, o apartamento onde eles moravam no Brooklyn já parece uma gaiola da qual eles finalmente foram soltos. Aquele apartamento, vinte e oito metros quadrados, o local de tanta infelicidade. E que sorte terem sido libertados bem aqui, nesse lugar, essas montanhas, bordejadas dos três lados por uma floresta estadual, um lugar onde o cheiro de seiva de pinheiro flutua sobre as cercas, onde ao anoitecer eles se sentam no quintal em cadeiras Adirondack de jardim usadas compradas por dez dólares em uma venda de garagem, e onde ouvem os grilos zumbindo nas árvores e as vozes de crianças brincando na floresta. E as estrelas — dá para enxergar as estrelas de verdade. E as cabanas — algumas pessoas realmente moram em cabanas de madeira aqui. E os morangos e os tomates e os abacates e o milho, tudo vendido direto pelos produtores na barraca de hortifrúti na estrada de acesso à cidade, reabastecida todos os dias com as frutas do vale abaixo. É aqui que eles esperaram todos esses meses para o bebê chegar. Califórnia.

Um segundo som surge agora, tão ou mais urgente, a campainha. Alguém está tocando repetidamente. A surpresa salta entre os olhos

de Annie e os dele, sem a necessidade de palavras. Tanta coisa pode ser dita sem que se diga, a eficiência do casamento.

É Ben quem vai atender à porta, e assim é ele quem se depara com ela: de sandálias, uma das meninas da casa ao lado, a mais nova, está parada de pé na varanda da frente. Ela parece tão inquieta quanto os pássaros.

“Com licença”, diz ela, sua voz se despedaçando, seus olhos negros piscando e marejados de lágrimas, bochechas rosadas.

Ela tem talvez dez anos, ou onze, chupando uma mecha de cabelo. Ele não está acostumado a falar com crianças.

“Você está bem?”, diz ele.

De repente sua esposa está ao lado dele, assumindo as rédeas.

“Meu Deus”, diz Annie, uma das mãos sobre a boca. “O que foi?”

“É uma emergência”, diz a menina. Nas orelhas dela, pequenos brincos, a cor e o formato de joaninhas.

Annie estende a mão para tocar o ombro dela, mas a menina se afasta.

“Não devo tocar em ninguém”, diz ela.

Annie e Ben se entreolham.

“Como assim?”, pergunta Annie, mas a menina não diz.

Fazia um tempo que eles vinham observando essas irmãs. De manhã viam as duas caminhar até o ponto de ônibus, e à noite elas regavam a horta. Eles sabem que às vezes as meninas ficam lendo nos peitoris das janelas ou no terraço no topo daquela casa grande e antiga. O jeito calado dessas meninas parece muito diferente daquele do pai delas, que um dia chegou aos berros, vociferando alguma coisa sobre uma árvore. Ele e Annie não conseguiram convencê-lo a acreditar que apenas alugavam a casa, e que os proprietários deviam ter mandado cortar aquele abeto.

“Apenas nos diga do que você precisa”, diz Annie para a menina.

Logo em seguida, com um ruído, uma janela se abre na casa ao lado. A irmã mais velha da menina a está chamando. “Libby!”, grita ela. Como é surpreendente ouvir aquela garota tão quieta gritar. “Volte aqui. Venha aqui. Estou falando sério.”

Essas meninas estão com medo — Ben consegue perceber no rosto delas.

Do outro lado da rua, uma enfermeira, ainda de avental azul, está chegando em casa. Ben sabe o nome dela, Barbara, e nada mais. Ela olha de relance em direção a eles, por curiosidade ou em reprovação, mas continua seu caminho. Entra na casa.

“Por favor”, diz a menina na varanda. “Eu só preciso entrar no quintal de vocês por um minuto.”

Ben não consegue entender o que está acontecendo, mas seja lá qual for a necessidade dessa menina, ele quer ajudá-la. Essa menina é a filha dele dali a dez anos. Ele começou uma narração para a Grace mais velha, falando baixinho para si mesmo enquanto ela dorme sobre seu peito: *Quando você era uma bebê*, ele gosta de dizer, *nós vivíamos na Califórnia*.

“Vamos lá, então”, diz ele para a menina.

Ela se recusa a entrar na casa, por isso eles fazem o caminho mais longo, dando a volta pelo lado, todos os três, ele, Annie com a bebê e a menina. Ele destranca o portão no pátio lateral. Abre bruscamente. A menina passa correndo.

Eles pararam de fazer perguntas.

Logo depois a menina está agachada diante de alguma coisa na grama atrás do carvalho. É quando eles finalmente veem: um gatinho branco está encolhido no canto do quintal. Na boca, segura uma pequena andorinha, asas jovens penduradas pelos dentes dele.

“Solta, Chloe”, diz ela. “Solte agora.”

Depois, Ben vai pensar nesse momento como o *arché kakón*, o início dos maus tempos, como ele diria a respeito da tragédia grega, conforme já escrevera tantas vezes no quadro para seus alunos, como se aquele gatinho fosse um presságio de cada uma das rupturas que virão. Mas Annie ria desse tipo de pensamento. Ela é uma cientista, sua esposa, uma doutora em física. Você é supersticioso demais, ela diria. Mas a física dela não é tão mágica quanto qualquer outra coisa?

A garota aperta a mandíbula do gatinho até que ele solte o passarinho na grama. É um dos filhotes. Morto.

“Tem um buraco na nossa porta de tela”, diz a menina, segurando o gatinho com ambas as mãos. “Este aqui vive escapando.”

Ela sai correndo do quintal, e logo eles ouvem a batida da porta da frente.

Ben se agacha sobre o pássaro. As asas pequenas, aqueles pés em miniatura. Ele consegue ver as feridas onde os dentes do gato perfuraram as penas e a carne.

Os pássaros deles continuam gritando lá de cima. Quanto eles sabem?, Ben se pergunta. Até que ponto eles conseguem sentir?

“Você acha que elas estão bem?”, diz Annie. Há lágrimas nos olhos dela. Isso é algo que vem acontecendo desde a bebê, uma mudança nos hormônios ou na perspectiva — quem pode dizer? “Essas meninas?”

Annie olha para a casa ao lado. Morde os dedos. É um hábito dela, a razão pela qual sua pele é tão esfolada e vermelha ao redor dos leitos ungueais. Ele toca o pulso dela; ela para.

“Não sei”, diz ele. Uma melancolia rasteja para dentro da cabeça dele, pesada e conhecida. “Espero que elas estejam bem.”

Mas nunca se sabe ao certo o que acontece na casa das outras pessoas. Os vizinhos deles no Brooklyn jamais teriam adivinhado que no ano passado Annie esteve prestes a ir embora.

Eles tentam voltar para a refeição, mas as cebolas já queimaram. E logo depois a bebê acorda, seu choro se espalhando pela cozinha.

Ben se esqueceu de descongelar uma mamadeira de leite materno, e então trabalha nisso agora, virando o frasco na água morna na pia, enquanto Annie tenta alimentar Grace com seu próprio corpo, do qual fluem apenas algumas gotas de leite. Grace parece cada vez mais desesperada — ela continua afastando a cabeça para longe dos seios de Annie.

“Não acredito que você esqueceu de esquentar o leite”, diz ela. Ela arranca a mamadeira das mãos dele e a segura sob a água da torneira, como se o conteúdo viscoso no interior pudesse derreter mais rápido sob a vigilância dela do que da dele. Ele sabe o que ela não está dizendo, como a mente dela está sempre à deriva em mil direções. “Temos uma filha agora”, diz ela. “Você não pode ser tão excêntrico o tempo todo.”

Ele já descobriu, agora, como uma criança é capaz de uni-los, mas também de dividi-los.

Depois disso, Annie desaparece no andar de cima com a bebê. Ben toma uma taça de vinho, mais rápido do que ele pretendia. Alguma coisa se transformou. O clima foi destruído. Quantas e quantas vezes isso costumava acontecer no Brooklyn: uma noite boa escapando pelas mãos deles. Ele bebe outra taça.

Nessa noite, Ben tem o mesmo sonho recorrente há dois anos: Annie o deixa para ficar com o orientador da tese de doutorado dela. Certos nós cegos se desfazem durante a noite. Dessa vez, ela leva a bebê consigo. E há outra coisa nova: no fim do sonho, os dentes dele começam a se soltar das gengivas.

Para os que acreditam nos significados fixos dos sonhos, a perda de dentes é expressiva, simboliza ansiedade ou medo. Eles diriam que o sonho pressagiava o que acontecerá de manhã e talvez tudo o que vier a acontecer depois disso. Mas ele está sempre tentando atrair seus alunos para longe desse tipo de leitura, pedindo-lhes que sejam mais expansivos em seus pensamentos, menos óbvios, menos fáceis, mais verdadeiros. Tudo o que eles querem são as respostas, esses jovens, uma ordem grandiosa e superior das coisas, como se toda história fosse apenas um código para qualquer outra coisa.

Ele está acordado no momento do acidente, como dirá depois à polícia, deitado na cama, mas não dormindo. A respiração da bebê é lenta e estável no berço, e Annie está deitada ao lado dele, com uma perna descoberta estendida sobre o lençol.

Seis da manhã, tudo quieto, aquela luz mais precoce e mais esmaecida.

Dentro desse silêncio, há uma súbita explosão, tão estrondosa quanto um trovão, mas mais próxima. Sacode as janelas em seus caixilhos. Alguns sons desencadeiam uma espécie de visão. Uma imagem vem à mente.

“O que foi isso?”, diz Annie, sentando-se rapidamente no lusco-fusco. Ele percebe que ela não tem certeza se sonhou ou se realmente ouviu. Alarmes de carros disparam.

Ele estende a mão para acender a luz, mas não vem luz nenhuma. A energia elétrica foi interrompida. As mãos dele estão trêmulas. Grace começa a chorar.

De cueca, ele vai até a janela. Algo aconteceu do outro lado da rua, onde mora a enfermeira. É difícil ver através da fumaça.

“O que é?”, pergunta Annie novamente.

Por meio das ondas de fumaça, ele consegue ver que a casa não está mais de pé. As paredes desabaram, deixando uma pilha de madeira enegrecida na qual ardem pequenas fogueiras. O gramado está coberto de detritos esparsos.

“É a casa do outro lado da rua”, diz ele. “Parece que houve uma espécie de explosão.”

Os vizinhos já estão saindo na rua, mãos sobre a boca, alguns correndo em direção ao terreno com mangueiras de jardim, água jorrando. No ar, pedaços de papel adejam na brisa.

“Uma explosão?”, diz Annie.

O poste de eletricidade na esquina arrebentou. Fios elétricos estão pendurados feito guirlandas nas árvores. Eles ouvem sirenes ao longe.

Mais tarde, enquanto os bombeiros fazem o que conseguem e a polícia mantém as pessoas afastadas, Ben e Annie ficam ao lado dos outros vizinhos em roupões de banho, Ben com a bebê nos braços, os olhos arregalados e sérios, como se ela também sentisse o estado de ânimo. O sol nasce ao redor deles, no momento em que todos os cachorros da rua latem e as especulações correm de boca em boca pela multidão. Um aquecedor de água com defeito, talvez, ou um fogão que alguém deixou ligado por muito tempo. “É o que bastaria”, diz um dos homens mais velhos. “Um fogão a gás aceso por muitas horas.”

Todos têm a esperança de que a enfermeira não esteja em casa. Talvez ela estivesse no trabalho, dizem eles, no turno da noite. Mas todos podem ver o carro dela ali mesmo na entrada da garagem, o para-brisa rachado e manchado de preto.

“Primeiro aqueles jovens da faculdade ficando doentes”, diz uma das mulheres mais velhas. “E agora isso.”

Alguns tentam procurar sorte na situação: “Pelo menos o fogo não se espalhou para as outras casas”, eles estão dizendo, da maneira

que as pessoas às vezes fazem. É reconfortante pensar em algo pior do que o que aconteceu.

Em meio a tudo isso, as duas meninas da casa vizinha permanecem do lado de dentro. Ben consegue enxergá-las no terraço, observando o movimento lá do alto, com os rostos levemente vermelhos por causa das luzes intermitentes dos caminhões de bombeiros do outro lado da rua.

Ao mesmo tempo, o pai delas faz algum tipo de trabalho do lado de fora da casa. Ele está de pé em uma escada, barba espessa, sem camisa, o som de martelo e pregos.

Annie é a primeira a notá-lo. “Meu Deus”, diz ela. “Acho que ele está lacrando as janelas com tábuas.”

Ele parece um homem no mar lá em cima, fechando as escotilhas de um navio, como que se preparando para uma tempestade que ninguém mais é capaz de ver.

A décima vítima é encontrada em sua cama junto à décima primeira: dois rapazes, colegas de quarto, dormindo secretamente em um mesmo colchão de solteiro. Esses rapazes de cueca, de pernas compridas e pálidas, que fingiam tanto interesse pelas garotas do décimo andar, agora dormem em meio à lição que instantaneamente ficou clara para todos os outros: como a doença às vezes expõe o que de outra maneira está oculto. Com que desleixo a doença revela o eu privado de uma pessoa.

A décima segunda é descoberta encurvada em um dos chuveiros, a água morna escorrendo sobre sua pele nua. Seu corpo desmoronado está bloqueando o ralo, e é isso que os outros notam primeiro, uma maré de água empoçada transbordando para o carpete do corredor. Ela é sortuda, eles dizem, por não ter se afogado nesse sono. Mas quando a levam embora, coberta por uma toalha, ela não parece tão afortunada. Seu cabelo escuro respinga pelo corredor enquanto ela dorme, os dedos enrugados, o padrão axadrezado dos azulejos do banheiro impressos na pele pálida de sua coxa.

Mas as garotas — as que sobraram — notam algo mais sobre ela também, uma pequena tremulação de suas pálpebras. A ideia se espalha rapidamente: como os outros, ela está sonhando. Parece importante, esse ato de sonhar, como se essas garotas vivessem em outro tempo, quando o que a pessoa via em seu sono ainda podia ser tomado como uma espécie de verdade.

A essa altura, especialistas em doenças contagiosas começaram a encher os quartos das repúblicas, hospedarias e dormitórios de Santa Lora.

São os mesmos cientistas que percorreram o Congo para chegar a aldeias assoladas de febre hemorrágica ou para recolher a saliva de morcegos nas cavernas mais remotas do sul da China. Eles

sofreram seus próprios surtos de malária enquanto terminavam sua pesquisa de doutorado nas selvas do Zaire, e conhecem a sensação de respirar como um astronauta dentro de um traje de risco biológico de corpo inteiro. É com alguma surpresa que esses viajantes agora voltam suas atenções para um naco de terra que ainda não havia figurado em seu radar, o baixo-ventre vulnerável dos Estados Unidos, a cidadezinha de Santa Lora, na Califórnia, com uma população de 12 106 habitantes.

Esses especialistas não acreditam que a causa da doença possa ser psicológica.

Em vez disso, suspeitam de meningite, que não é uma flor tão rara nos corredores dos dormitórios universitários, onde ela viaja de beijo em beijo e no vapor dos chuveiros quentes. Ou encefalite letárgica, outra estranha doença do sono que assombrou o início do século xx. Mas os sintomas não se encaixam de todo.

Não é gripe aviária nem gripe suína, tampouco SARS. Mononucleose não é.

O que eles sabem é que essa doença é excepcionalmente contagiosa, como o sarampo: uma pessoa pode pegar sarampo se passar por uma sala dez minutos depois de alguém infectado ter tossido lá uma única vez.

Enquanto isso, os acometidos pela doença continuam a dormir um sono profundo e constante, seus corpos agora alimentados por tubos de plástico atados com fita adesiva ao nariz, a limpeza de sua pele a cargo das mãos enluvadas de desconhecidos.

Ninguém quer dizer logo de imediato, mas uma ideia rastejante já se insinua na mente de alguns desses cientistas, como uma premonição que se torna realidade: talvez essa doença seja algo novo.

No décimo segundo dia, Dia das Bruxas, o tempo enfim muda, a primeira chuva em três meses. Gotas gordas no bosque, um murmúrio nas árvores, o cheiro incomum da chuvarada encharcando a calçada. E o solo da Califórnia — é seco demais para absorvê-la.

Tão rara é a chuva que parece de algum modo sinistra e agourenta para Sara, enquanto ela assiste ao aguaceiro do terraço de sua casa, o modo como a água se avoluma na banheira da enfermeira do outro lado da rua, que permanece estranhamente intacta em meio aos destroços da explosão, exposta ao ar e ao céu, a fita de isolamento, amarela e zebreada, brilhando ao vento.

Sara juntou às suas preocupações esta nova: uma casa pode de maneira espontânea explodir. “É provável que aquela enfermeira tenha tido a doença”, o pai dela continua dizendo. Ela e Libby observaram os bombeiros puxarem o corpo da mulher, sob um lençol, dos escombros que haviam restado da casa. “Provavelmente ela estava com o fogão ligado quando pegou no sono.”

Mas ninguém mais está falando sobre a doença.

Lá fora, a vida na rua segue fluindo. Uma mulher em um casaco esportivo azul passeia com seu poodle. O homem da casa ao lado, aquele com a bebê, arrasta suas latas de lixo pela garagem. O ônibus escolar de Sara já passou pela janela sem ela, lotado de crianças fantasiadas, como qualquer outro Dia das Bruxas.

“Coloque essa panela no seu quarto”, diz o pai, com a camisa de flanela vermelha que usa há três dias, seu jeans surrado, sem sapatos. A casa está repleta de vazamentos.

Em seu quarto, Libby está debruçada no chão. Uma mancha molhada desabrocha no teto acima de sua cabeça. Ela desliza a panela sob o vazamento.

“Está respingando por todo o seu script”, diz Libby.

As páginas do roteiro da peça *Nossa cidade* já estão grudadas por causa da água da chuva, o marca-texto amarelo sangrando na primeira página. Sara vinha passando os intervalos de almoço no ensaio, em vez de ficar sentada sozinha no pátio.

Libby a ajuda a espalhar as páginas do roteiro para secar.

O telefone começa a tocar.

Um rosto vem à mente de Sara: Akil. Mas é estúpido pensar nele ligando para ela agora. São dez da manhã de uma terça-feira. Ela sabe exatamente onde Akil está — ela consegue vê-lo sem estar lá: mastigando o lápis na aula de pré-álgebra, um pé balançando no carpete sob a carteira, três fileiras depois da dela, sempre terminando sua tarefa antes de qualquer outra pessoa.

O telefone toca de novo. Dessa vez ela atende.

“É a Sara?”, diz uma mulher na linha. Vozes como essa a deixam nervosa. Essa firme aspereza.

“Quem está falando?”, diz ela. Libby a observa da porta, mexendo os lábios em silêncio para perguntar: *Quem é?*

“A sua mãe ou o seu pai está em casa?”, diz a voz ao telefone. É da secretaria da escola.

“Papai”, diz ela em voz alta chamando o pai. “O senhor esqueceu de ligar pra escola.”

Ela sente como um batimento cardíaco, o zumbido distante do sinal da escola tocando ao longo do dia. Ela percebe a sombra de seu eu se movimentando durante o horário de aula: os testes diários em pré-álgebra, os gritos na fila da lanchonete, os alunos se escondendo no banheiro durante os intervalos entre as aulas. Três ensaios de *Nossa cidade* aconteceram sem ela.

Incomoda Sara pensar em Amelia, a atriz substituta, declamando as falas que ela mesma havia decorado. “Ela?”, disse Amelia quando descobriu que Sara tinha conseguido o papel. “Sério?”, perguntou ela em voz alta para suas amigas. Naquele momento, um pensamento terrível chamejou na mente de Sara — que a sra. Campbell talvez tivesse dado o papel a ela por sentir pena.

Do andar de baixo ela consegue ouvir o pai conversando com a mulher na extensão.

“Eu não tenho que me explicar para a senhora”, diz ele.

Ele não tem mais autorização para entrar na escola, por causa de um mal-entendido no ano anterior. Não é ilegal portar uma arma, ele sempre diz, mas não é permitido nas dependências da escola. A sra. Chu notou a arma debaixo do casaco durante uma reunião de pais e professores. Em decorrência do deslize de ter deixado aquela arma entrar no campo de visão da professora dela, seguiu-se uma sequência de visitas de uma assistente social.

“É melhor vocês todos prestarem atenção e tomarem cuidado”, o pai dela diz agora para a mulher ao telefone, sua voz mais alta do que antes. “Vai ser muita sorte se vocês sobreviverem a essa coisa.”

Depois disso, Sara ouve o clique do telefone sendo recolocado em sua base.

“Ninguém nesta cidade sabe merda nenhuma sobre o que está por vir”, diz ele para si mesmo ou talvez para as meninas. A mente dele é assim: sempre mergulhada em um futuro terrível.

Ele as dispôs como peças de roupa lavada: as três máscaras de gás que em geral ficam penduradas no porão. Uma para cada membro da família — Sara, Libby e o pai delas. Faz uma semana que eles não saem de casa.

Um germe, disse-lhes o pai, pode flutuar livremente no ar. Pode estar em qualquer lugar. Basta a pessoa respirar que o engole.

“E se for como da última vez?”, sussurra Libby para Sara.

Última vez: as explosões solares, seis meses antes. Essas erupções, disse seu pai, causariam uma tempestade geomagnética que paralisaria por completo a rede de energia elétrica no mundo inteiro por semanas ou meses, ou talvez para sempre, e ninguém sabia nada sobre isso, disse ele, porque a mídia estava subjugada por uma espécie de lei da mordaca, que é uma coisa que acontece o tempo todo neste país, e quem não acredita nisso está apenas sendo ingênuo. Ele havia mantido as meninas em casa naquele dia, como precaução para o caso de violência ou saques. Sara ficou apavorada demais para comer, enquanto eles esperavam que o rádio saísse do ar de repente, que as auroras riscassem o céu da Califórnia. Mas as lâmpadas continuaram iluminando, firmes e constantes como estrelas, e o céu se manteve claro e silencioso.

“Tivemos sorte hoje”, disse por fim o pai delas, enquanto subiam as escadas para dormir nos quartos naquela noite, o perigo aparentemente tendo passado. “Mas é bom ser cauteloso.”

Eles estão à mesa da cozinha comendo sanduíches de pasta de amendoim quando ouvem uma batida na porta.

“Não abram”, diz o pai, sua cadeira raspando o linóleo. Ele estica a mão para pegar sua máscara de gás. Faz um tempo que ele as comprou, essas máscaras, mas nunca houve motivo para usá-las. A dela e a de Libby são menores que a dele, feitas especialmente para crianças, e o pai deixou as meninas enfeitá-las, de modo que o nome delas brilha em tinta com relevo, glitter dourado em contraste com a borracha verde escura das máscaras.

“Subam”, diz ele para as meninas. A batida vem de novo, dessa vez mais forte.

Elas observam das escadas enquanto o pai ajusta a máscara ao rosto, apertando as correias antes de chegar perto da porta.

Ele abre, mas apenas uma fresta, a corrente se esticando na abertura. Sara sente uma onda de constrangimento por seu pai com aquela máscara, a maneira como os fios de sua barba pendem abaixo dela, como uma planta que cresceu demais. São esses os preparativos privados que eles fazem diante da chegada de um desconhecido.

No degrau da porta, ao que parece, está um policial, e Sara tem certeza de que vê no uniforme dele o futuro: ele vai levar o pai embora.

“Está tudo bem por aqui?”, diz o policial.

Da janela do quarto, as garotas conseguem ver a parte de cima do quepe, a camisa bege salpicada de chuva, o carro estacionado na frente.

Da casa ao lado vem um som estranho, abafando o que o pai diz ao policial. Um tipo de serra. Sara olha pela janela — é o professor, em sua varanda, cortando o topo de uma abóbora.

A voz do seu pai está ficando mais alta agora, ecoando através da máscara: “Eu não ameacei ninguém”, diz ele ao policial.

“Bom”, diz o policial, suas palavras lentas e cuidadosas, um par de algemas tilintando no cinto. “A mulher da escola ficou preocupada com o que o senhor disse.”

A serração da casa vizinha diminui a velocidade até parar. O professor está olhando de soslaio para o policial. A esposa dele também está lá, com a bebê. Parem de encarar, Sara quer dizer.

“Isso é besteira”, diz o pai, e Sara tem vontade de ir até lá e acalmá-lo, drenar toda aquela aspereza da voz dele. Ele faz as coisas de um jeito difícil quando na maioria das vezes há maneiras mais fáceis. Mas ela seria capaz de traduzir, talvez, como fazem os filhos de imigrantes, explicar o que ele realmente quer dizer. “Eu estava tentando alertá-la”, diz ele. “Você pelo menos sabe o que está acontecendo?”

O policial faz que sim com a cabeça. Seu rosto é calmo como a neve. Sim, ele diz, ele está ciente da situação na faculdade.

Libby fuça no papel de parede enquanto escuta. Dá para ver as diferentes camadas, como anéis de árvores, o aveludado padrão verde estampado de quando essa casa era nova, e depois todas as folhas posteriores por cima dela, cada uma menos ornamentada que a anterior, o dinheiro da família desaparecendo ao longo dos anos, todas essas camadas levando de alguma forma a isto: um policial parado na porta de casa e dizendo as seguintes palavras: “Suas filhas estão aqui? Eu gostaria de falar com elas também”.

“Você não tem nenhum direito”, diz o pai.

Mas ela e Libby já estão descendo as escadas.

“Vocês estão bem aqui, meninas?”, diz o policial ao vê-las.

“Estamos bem”, diz Libby.

“Sim”, diz Sara. “Estamos bem.”

A chuva está ficando pesada, o tinido dos pingos nos potes e panelas espalhados por toda a casa.

“O senhor deveria tomar cuidado com o que diz às pessoas”, diz o policial. Uma súbita onda de esperança invade Sara. “Tá bom?”, diz ele.

Que alívio é ver o lento movimento do ombro daquele homem ao se virar para ir embora, e depois a parte de trás de seu uniforme enquanto ele atravessa o quintal na chuva, o lindo ronco do motor do carro sendo acionado.

E então o pai dela está de novo dentro de casa, a porta trancada mais uma vez, a máscara de gás caída sobre a mesa, os pulmões respirando o ar seguro da casa.

Ao anoitecer, feito vaga-lumes, as crianças começam a encher as calçadas batendo de porta em porta e pedindo “gostosuras ou travessuras”, primeiro as mais novas, enfiadas em casacos impermeáveis e seguidas pelos pais e pelas mães, folhas molhadas grudadas nos sapatos e nas capas, e depois as mais velhas, rápidas como ladrões, fronhas penduradas sobre os ombros.

“Jesus”, diz o pai, espiando através das tábuas marteladas nas janelas. “Essa coisa vai se alastrar pela cidade inteira hoje à noite.”

Ela quase consegue imaginar como isso acontece, a doença pulando de uma pessoa para outra através de mãos que se roçam dentro de uma tigela de doces. Uma vez ela assistiu a um programa sobre um assassinato em que a polícia usou um tipo especial de luz para fazer traços invisíveis de sangue brilharem, verdes, no escuro. Um quarto aparentemente limpo estava na verdade repleto de vestígios. Ela imagina a doença assim também, um rastro verde serpenteando cidade afora.

Quando a campainha toca, abrir a porta está fora de cogitação. “Eles vão embora”, diz o pai delas. “Apaguem as luzes.”

De qualquer forma, eles não têm doce algum para dar.

Da janela do seu quarto, Sara consegue ver dois meninos de sua classe na varanda. Eles estão fantasiados de esqueletos, um deles com uma faca saindo do peito. Os meninos sempre se vestem assim, ela aprendeu, como se não soubessem que as coisas mais assustadoras são invisíveis.

Se ela e Libby tivessem permissão para sair pedindo gostosuras ou travessuras este ano, teriam ido como sempre fazem, como damas chiques de outra época, usando os vestidos de parentes guardados no sótão, presos com alfinetes para caber nelas, as bainhas mais sujas a cada ano.

Os meninos tocam a campainha mais uma vez. Sara torce para que não saibam que ela mora ali. Por fim desistem e passam para a casa dos novos vizinhos, onde duas lanternas de abóbora

enfeitadas brilham em contraste com a noite e onde a porta da frente não para de se abrir, a mulher de pé com a bebê nos braços esperando no vão da porta — eles vestiram a filhinha com uma fantasia de abóbora.

“Eu mandei vocês apagarem a luz da varanda”, diz o pai delas.

Sara passa o resto da noite no terraço, ensaiando seus diálogos de *Nossa cidade*, voltando repetidamente àquela cena perto do fim, quando ela está morta e falando de alguma espécie de paraíso e contando a Emily, a moça bonita que havia acabado de morrer ao dar à luz, para não tentar revisitar sua vida. “Quando você estiver aqui há mais tempo”, diz ela agora para seu próprio reflexo, do modo lento e profundo como a sra. Campbell lhe ensinou, “você verá que nossa vida aqui é esquecer tudo isso”. Enquanto fala, ela olha para as luzes da vizinhança, as abóboras acesas reluzindo nas varandas, os prédios da faculdade em silhueta escura e ao longe a maior parte do edifício do hospital, onde os jovens doentes dormem seu sono estranho. Ela gosta do jeito como a sra. Campbell explicou o significado da última frase, como os vivos não conseguem ver o que é bom na vida enquanto vivem. Repete a frase bem devagar agora, como se ela mesma possuísse toda a sabedoria em suas palavras: “Não, querida”, diz ela baixinho, zumbindo com uma vaga nostalgia. “Eles não entendem.”

Ela não vê quem é que arranca a abóbora do quintal da frente e a esmaga na lateral da casa ou quem escreve com creme de barbear em sua garagem: ESQUISITOIDES.

Quando a campainha para de tocar e um silêncio cai sobre a vizinhança, ela encontra seu pai encurvado sobre o velho computador, esperando, como sempre, uma página carregar.

Esse computador é lento demais para que as meninas o usem como as outras crianças. As outras crianças estão sempre mencionando eventos que ocorreram on-line, os flertes e as brigas, uma vasta segunda sociedade que ecoa misteriosamente através da que Sara conhece.

“Eu estava pensando”, diz ela ao pai. “E a peça?”

“Que peça?”, diz ele.

Visto por trás ele parece mais velho do que é, seus ombros ossudos sob a camiseta, o ponto calvo no alto da cabeça.

“Na escola”, diz ela. “Aquele que comentei.”

Ele está digitando agora. Ele trabalha devagar, como sempre, usando apenas um dedo e passando longos segundos entre uma palavra e outra vasculhando o teclado, como se as letras fossem embaralhadas toda vez que ele desvia o olhar.

“Esta é a primeira vez que ouço falar a respeito”, diz ele.

“É nesta sexta-feira”, diz Sara. “Lembra?”

Ele para de digitar. “Um teatro cheio de gente?”, diz ele. “Você está de brincadeira? Você sabe como essa coisa se espalharia rápido em um lugar fechado como esse?”

A ferroadada das lágrimas a surpreende. É apenas uma peça de teatro idiota. E o papel dela nem é o melhor. Ela enxuga os olhos depressa. Morde o lábio, com força. Recomeçam as leves pancadas da vagarosa digitação de seu pai. Então, de repente, Margarida, a gata, está ao lado dela, esfregando o focinho contra a canela da menina — parece que os gatos conseguem sentir isso em Sara, a tristeza que às vezes a atinge.

Depois, Libby fará o favor de não comentar as lágrimas da irmã.

“De jeito nenhum”, diz o pai dela. “O único lugar seguro está bem aqui.”

Em sua quarta visita a Santa Lora, no instante em que está saindo do estacionamento do hospital, Catherine recebe uma ligação de uma das enfermeiras do lado de dentro.

“É um daqueles universitários doentes”, repete a enfermeira várias vezes. Ela está sem fôlego. “Um daqueles jovens”, diz ela. Catherine consegue ouvir um alvoroço no fundo. “Um deles — ele acordou.”

O rapaz é encontrado vagando pelo corredor; vestindo a camisola hospitalar, o equipamento de medicação intravenosa se arrastando atrás dele. Ele está descalço no linóleo, com os olhos semicerrados sob as luzes fluorescentes, enquanto nos quartos ao seu redor os outros doentes continuam dormindo.

Mas os pais: os pais saltam da cadeira e se espremem no corredor para ver esse garoto caminhar, como se ele tivesse ressuscitado dos mortos. Catherine consegue sentir a esperança irradiando do corpo deles.

Mas ele não parece muito bem, esse rapaz. Ele tem dezoito anos, mas está andando como um velho. Seu ritmo é lento, seus braços e suas pernas estão rígidos. Sua postura está ligeiramente encurvada.

Ele não para de balançar a cabeça, como se estivesse tentando entender alguma coisa. Quando fala, sua voz sai em um sussurro.

“Isso não faz sentido”, diz ele. Ele olha em volta. Coça a barba rala no queixo.

“Você está no hospital”, diz Catherine, a única psiquiatra do prédio. “Você ficou inconsciente por quatro dias.”

Uma faísca de ceticismo perpassa feito um raio pelo rosto do jovem.

“Faz muito mais tempo do que isso”, diz ele.

É preciso ser gentil com os delírios. É melhor não discutir.

É natural, ela lhe diz, sentir-se confuso. Mas confusão — essa não é a palavra exata. As palavras desse jovem estão impregnadas de uma estranha confiança.

“Faz muito tempo que estive aqui”, diz ele. Há um cansaço em seu rosto.

“O que você quer dizer?”, pergunta Catherine.

Mas ele para de falar. Ela sente que o jovem está apenas pensando em voz alta. Então é tomada por uma sensação singular: ele a está tratando como se ela fosse uma alucinação, a fantasiosa invenção de um sonho.

Ela o conduz de volta ao quarto. Ele pede água. Uma das enfermeiras traz um copo.

Por enquanto, ele se senta calmamente na sua cama.

Catherine sai do quarto a fim de ligar para casa. Uma mudança de planos: ela não estará em casa hoje à noite, avisa à babá, que está acostumada a esse tipo de coisa, os turnos de noite inteira de Catherine são uma parte do acordo entre elas. A filha dela pega o telefone: “Quando você vem pra casa, mamãe?”. A voz da menina é tão doce e tão límpida. Uma onda de saudade penetra Catherine, seus olhos se embaçam com lágrimas inesperadas. Os pais desse garoto, ela se lembra — alguém precisa ligar para os pais dele.

Os outros médicos estão reunidos em uma rodinha no fim do corredor, trocando ideias.

Quando ela volta, o quarto do rapaz está vazio.

“Eu pedi para você vigiar a porta”, diz ela a uma auxiliar do posto de enfermagem. Ela está acostumada aos protocolos da enfermaria psiquiátrica, mas este é um hospital regular, não está estruturado para a supervisão.

“Eu vigiei”, diz a auxiliar de enfermagem. “Ele não saiu daquele quarto.”

No quarto do garoto, uma brisa repentina faz as persianas farfalharem — a janela está aberta. O quarto, ela lembra, fica no terceiro andar.

Uma terrível certeza se infiltra na mente de Catherine, enquanto os outros médicos invadem em tumulto o quarto atrás dela: o que estava acontecendo dentro da cabeça daquele rapaz, fosse lá o que

fosse, permanecerá trancado para sempre, além do alcance de qualquer outra pessoa.

Ela se detém diante da janela, tem medo do que vai ver, sabendo sem saber: e lá está ele, três andares abaixo, de rosto estatelado na calçada, a camisola hospitalar avolumada em volta do corpo.

As solas dos pés descalços do rapaz são brancas como a lua. O sangue dele brilha sob a iluminação da rua. E o pescoço dele — é óbvio mesmo dessa altura — está quebrado.

Alguns dirão mais tarde que a resposta oficial foi muito vagarosa. Mas certos procedimentos *estão* sendo cumpridos. Listas estão sendo elaboradas. Cálculos. Existe, afinal, uma matemática da doença: como um caso se desdobra em três ou quatro e cada um desses quatro para mais outros quatro.

Uma aritmética silenciosa, uma especificação de nomes — é assim que, treze dias depois que a primeira garota adoeceu, o dedo enluvado de uma enfermeira aperta a campainha da casa onde moram Annie, Ben e sua bebê.

Eles ouviram falar, a enfermeira quer saber, sobre os estudantes doentes na faculdade?

Uma explosão de adrenalina dispara no sangue de Ben.

Ela parece nervosa, parada ali, essa jovem enfermeira de uniforme verde e luvas novas.

Ela segura uma prancheta apoiada em um dos braços. Faz perguntas sobre a bebê deles.

“Ela está aqui?”, diz ela. “A sua filha?”

“Por quê?”, diz ele, mas os detalhes irrompem dentro de sua mente, todos aqueles relatórios sobre os quais ele só ouviu pela metade. Uma criança é capaz de fazer isto: encolher o mundo até reduzi-lo à circunferência de sua garganta.

“Estamos tomando todas as precauções”, diz a enfermeira. “Monitorando todos os que tiveram contato com os doentes.” Ela fala como se recitasse as palavras de um roteiro recém-decorado.

“Mas quem nós conhecemos que está doente?”, pergunta Ben. Há um aperto repentino na garganta dele.

A enfermeira desvia o olhar, como se a verdade a constrangesse.

“Ninguém ligou para o senhor?”, diz ela. A enfermeira puxa a corrente de seu colar; uma minúscula cruz de prata reflete a luz.

Ele tem tido pesadelos sobre perder a bebê. Acorda com uma sensação física, um vazio terrível em seus braços.

É o leite, diz a enfermeira. É o leite doado do hospital.

“Jesus”, diz Ben. Eles têm um freezer cheio de leite, fileiras e fileiras de frascos, bombeados dos corpos de outras mulheres. E um saco cheio de mamadeiras velhas que Grace já bebeu.

“Uma das doadoras”, diz a enfermeira. “Uma delas pode ter sido exposta.”

Ele vai se lembrar, mais tarde, do olhar no rosto de Annie enquanto ela desce as escadas, o último momento antes de a esposa saber e se preocupar — aquele olhar aberto, plano, de bochechas lisas.

Ela está segurando Grace em seus braços, uma das mãos escorando a parte de trás da cabecinha dela — aquela cabeça. Ainda dá para sentir os pontos macios entre as placas em seu crânio, a moleira entre os ossos que ainda não se fundiram. O medo parece diferente, muito mais agudo, com uma bebê.

“Ela tem se sentido bem?”, pergunta a enfermeira.

“Ai, meu Deus”, diz Annie, levando a mão à boca. “Ai, meu Deus.”

Ela lamenta muito por incomodá-los, diz a enfermeira, e ela nunca fez isso antes. Sua pulseira está batendo contra a prancheta. Mas eles estão apenas tentando ser de fato cautelosos.

“Eu preciso perguntar se ela está dormindo mais do que o habitual”, diz a enfermeira.

“Como assim?”, pergunta Annie. Ela tenta falar mais, mas já está chorando, esse novo choro silencioso que ultimamente tem sido tão frequente e que é algo que ela quase nunca fazia antes — em geral ela é a mais sensata dos dois. Ela é a peça equilibrada. Mas agora é Ben quem continua tendo que assumir as rédeas, como um intérprete.

“Ela dorme bastante”, diz ele.

Nesse exato momento, inclusive, a bebê cochila, numa roupinha leve, a boca aberta, nos braços de Annie.

“Eu preciso medir a temperatura dela”, diz a enfermeira.

Ela não tem filhos, essa mulher — ele tem certeza disso. Está no modo como ela fala com eles, com tanto cuidado, como se estivesse a uma grande distância. Nos últimos tempos ele passou a enxergar todo mundo dessa maneira, sentindo quem tinha filhos e quem não

tinha, como se de repente pudesse vislumbrar todas as cordas que ligam uma pessoa à outra.

Em seguida a enfermeira segura uma varinha a poucos centímetros da testa de Grace, sem contato. É o mesmo tipo de termômetro que eles usaram no hospital nas primeiras horas de vida da menina, quando o corpo dela ainda estava aprendendo a regular sua própria temperatura, e seus braços e pernas, tão acostumados à vida subaquática, se contorciam lentamente, como uma água-viva se movendo em uma corrente marinha.

“Eles disseram que tinha sido esterilizado”, diz Ben. “Pensei que o leite deveria ser esterilizado.”

As mãos da enfermeira tremem enquanto ela segura o termômetro sobre a cabeça de Grace. Ela se posiciona o mais longe possível. Mais de uma vez, tem que começar de novo.

“Houve algum tipo de erro”, diz ela. “Eu sinto muito.”

Atrás dela, o balanço de varanda oscila levemente ao vento. Em algum lugar há um cachorro latindo. Grace começa a abrir e a fechar os lábios como um peixe.

Enfim o sinal sonoro: sem febre. Uma pequena dose de alívio.

Mas alguém vai voltar para fazer a mesma coisa de novo pela manhã, diz a enfermeira. Eles terão que fazer isso duas vezes por dia.

Enquanto isso, é melhor que parem de usar o leite. Eles devem jogar fora o que tiverem e substituir por fórmula.

E tem mais uma coisa: “Precisamos pedir que o senhor e a senhora a mantenham dentro de casa, por enquanto”, diz ela. Ela tira as luvas. Já está se afastando. “E também”, diz ela, “por favor, não saiam da cidade.”

Por semanas eles aprenderam a fazer Grace dormir. Há um certo modo de embrulhá-la, um certo ritmo no qual ela gosta de ser aconchegada e embalada. Eles têm uma tartaruga que projeta luzes através de seu casco e um cavalo-marinho que toca música acalentadora. Mas ela dorme melhor com as batidas do coração deles, razão pela qual eles passam tantas horas, os dois, com o minúsculo peso da cabeça dela pressionado contra o peito, as

costas dela curvadas, os punhos dela cerrados, um trazendo para o outro água ou café ou alguns nacos de sanduíche de queijo grelhado, enquanto o que aninha Grace no colo se move o mínimo possível por medo de acordá-la.

Mas, agora, eles estão com medo de deixá-la fechar os olhos.

Em uma hora Ben passa os olhos por todas as matérias que eles não leram, as duas semanas da cobertura que a imprensa fez da doença até agora. Os relatos são conflitantes, não se sabe até que ponto a coisa é grave ou não. Ele não consegue descobrir quantos morreram. É difícil encontrar os fatos reais.

Mas o calor do corpo de Grace no colo dele — isso é um fato. E a maneira como os olhos dela vagueiam entre o rosto dele e o brilho da tela do laptop — isso também é um fato. O peito dela subindo e descendo é um fato, e saber a cada segundo que o ar está entrando e saindo de seus pulmões.

“A culpa é minha”, diz Annie. “Isso é culpa minha.”

“É culpa do hospital”, diz Ben.

Ele lê as instruções da fórmula infantil que ambos vinham guardando no armário para o caso de o leite doado acabar.

Annie tenta amamentá-la. Há uma magia no leite humano — foi o que lhes disseram. Anticorpos e hormônios, até mesmo mensagens secretas. Qualquer gota que Annie conseguir dar é uma gota que ela deveria dar. Mas o leite dela, como de costume, acaba rapidamente, e Grace logo se afasta de seu peito, vasculhando ao redor à procura de outra fonte.

Ela logo suga a fórmula, e há um conforto animal em saber que a barriga da bebê está cheia.

Ela é uma bebê calma. Todo mundo diz isso. Mas ela está mais quieta do que o normal essa noite? Talvez essa coisa já esteja se escondendo na corrente sanguínea dela. Talvez esteja entrando em seu pequenino cérebro, nesse exato momento.

Eles não usam luvas quando tocam nela. Eles não mantêm distância dos bafejos da respiração dela. Nessa noite eles nem sequer pensam nisto: que a bebê deles pode ser uma ameaça para os dois. Por que dizer isso, essa verdade que está implícita entre eles depois de apenas três semanas: que se alguma coisa vier a

acontecer com ela, bem, que importância teria o que quer que acontecesse com eles depois disso?

Pela manhã, Annie mede a temperatura de Grace imediatamente: normal. Ela parece normal também. Olhos arregalados, bochechas rosadas. Suas perninhas balançam como de costume no trocador de fralda. Que serzinho perfeito — de gorrinho de tricô e macacãozinho de pés fechados e aqueles dedinhos em miniatura empoleirados na boca. Como é possível que os corpos deles dois soubessem como fazê-la?

Mas não demora muito e Grace grita no ouvido de Ben. É um estado de ânimo que às vezes a arreбата, e só Annie é capaz de acalmá-la quando ela fica assim.

Depois de um tempo — e se sente culpado por pensar nisso —, ele quer fugir. Eis o que ele aprendeu sobre amar uma bebê: o tempo longe dela é fundamental para o prazer de estar com ela.

“Que tal se eu for buscar mais fórmula?”, diz ele para Annie. As suas chaves já estão tilintando em sua mão.

Annie examina a testa da bebê. “Eles falaram alguma coisa sobre erupções na pele?”

“Ela sempre teve isso”, diz Ben. Ele se lembra daqueles pontinhos vermelhos desde a primeira vez que a segurou, à luz branca da sala de cirurgia, aquele olhar assustado no rosto dela, o sangue de Annie no linóleo.

Há uma urgência na maneira como ele amarra os cadarços do sapato, na maneira como procura um chapéu para cobrir o cabelo que ele não lava há uma semana. Faz dois dias que ele não sai de casa.

Mas então a porta se fecha atrás dele e ele sai. E aí está: a embriaguez daqueles primeiros minutos sozinho, o suave deslizar do carro dando ré garagem afora — até mesmo isso é parte da curtição, da satisfação de algo acontecendo de acordo com sua vontade. Como é quieto o mundo lá fora, vasto mundo — foi o que notou desde que a bebê nasceu — e como é ordenado. Uma revoada de pássaros pretos sobrevoa as montanhas em formação. Uma voz serena na rádio pública apresenta uma composição de

jazz. Uma leveza o invade enquanto ele dirige, como um primeiro gole de uísque entorpecendo sua garganta, uma calma que se espalha depressa.

Essa cidade, esses vizinhos que andam com seus cachorros nas ruas — não parece um lugar que nesse momento sente os efeitos de uma peste. É possível extrair um bocado de conforto a partir da normalidade dos outros — se uma epidemia estivesse de fato se espalhando, os vizinhos estariam limpando as folhas caídas nos gramados? O carteiro estaria entregando folhetos?

Ele pega o caminho longo, contornando o lago. Faz uma parada, toma um café e sente a maravilha disso, o que ele não fazia desde que Grace nasceu: beber uma xícara inteira enquanto está quente.

Mas, quando se vê no corredor de produtos infantis da farmácia, ele começa a se preocupar de novo. Começa a sentir falta dela. Com três semanas de idade, disse o livro, a mente da bebê não consegue entender a ideia de que um objeto continua existindo mesmo depois de sair de sua vista. Mas Ben também se sente assim, como se sempre que sua filha estivesse fora do seu campo de visão ela pudesse facilmente escapar do mundo.

A essa altura, certas teorias alternativas começam a circular on-line. É o governo, dizem. Ou são as Grandes Corporações Farmacêuticas. Algum tipo de germe deve ter escapado de um laboratório na faculdade.

Pense nisso, dizem as teorias: você acredita mesmo que um vírus totalmente novo poderia aparecer no país mais poderoso do planeta sem que os cientistas soubessem bem o que é? É bem provável que eles o tenham criado. Talvez estejam espalhando essa coisa de propósito, testando uma arma biológica. E pode ser que tenham a cura, mas a mantêm guardada a sete chaves.

Ou talvez não haja doença nenhuma — é o que alguns começaram a postar on-line. Santa Lora não é o local perfeito para uma farsa? Uma cidadezinha isolada, rodeada por florestas, apenas uma estrada para entrar e uma para sair. E aquelas pessoas que você vê na TV? Podem ser vítimas contratadas. Talvez atores treinados, pagos para desempenhar o papel de vítimas. E os supostos doentes? Ah, para com isso! É difícil alguém fingir que está dormindo?

Talvez, alguns começam a dizer, Santa Lora não seja nem mesmo uma cidade real. Alguém já ouviu falar desse lugar? E pode pesquisar: não existe uma santa chamada Lora. É invenção. O maldito lugar é, provavelmente, apenas um cenário em alguma locação externa ao lado de um estúdio da cidade de Culver. Essas casas não parecem pitorescas demais?

Não seja ingênuo, dizem outros — eles não precisam de um cenário. Todas essas imagens quem sabe estão sendo geradas e transmitidas em alguma sala de edição no vale. Se você olhar com atenção, perceberá que algumas dessas casas se repetem.

Agora, pergunte a si mesmo, dizem eles, quem vai se beneficiar com tudo isso. A coisa sempre volta ao dinheiro, certo? O complexo médico-industrial. E quem você acha que paga os salários desses

chamados “jornalistas” que informam todas essas notícias falsas? Pode esperar: daqui a poucos meses, as Grandes Corporações Farmacêuticas vão começar a vender a vacina.

É difícil dizer quem está no comando — além da polícia do campus, que se reveza montando guarda perto dos elevadores —, mas alguém em algum lugar decidiu que é hora de Mei e dos outros deixarem o dormitório. Os rumores aumentam: o germe está na água, dizem eles, ou no sistema de ventilação, ou há veneno no carpete ou na pintura das paredes.

Em questão de poucos dias, Mei já ficou entorpecida para o frio do estetoscópio no peito todas as manhãs, e aquelas mãos enluvadas que leem as glândulas do pescoço como braile, o hálito de hortelã das enfermeiras. Até a pele atrás das orelhas começou a se ajustar, rachada pelo elástico que prende a máscara no rosto. E algo semelhante talvez esteja acontecendo na mente dela.

Um cansaço tomou conta de todo o andar, um silêncio, enquanto eles se deslocam às pressas de um lado para o outro passando pelos quartos vazios, todos lacrados com fita amarela de isolamento.

Mas agora: eles são instruídos a fazer as malas.

Uma vez lá fora, Mei pisca à luz do sol, como se tivesse passado todos esses dias em um esconderijo subterrâneo. O campus está vazio de estudantes. Folhas secas derrapam ao longo de amplos relvados, onde muito recentemente frisbees percorriam o ar, e onde, em um tempo diferente, esses mesmos calouros vadiavam nas horas de folga, de camiseta regata, pés descalços.

Ela está alerta para as mais ínfimas sensações, a brisa do outono agitando os pelos finos em seus pulsos, a gangorra melódica do canto de um pássaro cujo nome ela não sabe, o sol quente e fresco em seu rosto. Uma vinda súbita.

Também há isto: uma nova profusão de policiais. Suas viaturas estão estacionadas nas calçadas. As fivelas dos cintos brilham ao sol.

Há também uma fileira de vans dos canais de notícias esperando, antenas parabólicas apontadas para o céu. Logo os pais dela verão essas imagens: Mei, pequena e magra, no noticiário da noite, caminhando como uma refém entre os outros jovens mascarados.

Eles andam de acordo com as instruções, em fila única, a poucos metros de distância uns dos outros, uma corrente de crianças vagorosamente serpenteando por um campus abandonado.

De algum lugar atrás dela vem um baque repentino, o som de uma mochila pousando no asfalto. O barulho de passos rápidos. Uma arrancada.

Ela tem uma ideia de quem seja antes de olhar: Matthew. Lá está ele, correndo em disparada para longe da fila. O som dos passos dele é imediatamente abafado pelos gritos de duas dúzias de oficiais da polícia, agora correndo também. Os outros estudantes param para assistir enquanto o boné de beisebol desbotado de Matthew voa de sua cabeça. Há um tipo de glória nisso, ou desespero — quem pode dizer? —, nas pernas daquele rapaz se arrojando tão rápido ao sol, como ele arranca a máscara e como ela flutua no chão atrás dele, devagar feito uma pétala.

Uma explosão de inveja invade Mei à medida que Matthew encolhe à distância. Esse é o tipo de coisa que ela jamais faria.

Matthew é jovem e é rápido, e os contornos dos telhados da cidade estão visíveis, logo depois da capela e da biblioteca. Ele continua correndo. O que importa se ele tem ou não um destino em mente? Um senso de possibilidade — é isso o que lhes faltava, e então eles torcem por ele, Mei e os outros, enquanto ele corre.

Mas a polícia finalmente o interrompe, surpreendendo-o por trás do refeitório. Um arquejo sincronizado sai da garganta de cada um dos jovens na fila no instante em que observam a polícia derrubar Matthew no asfalto.

Quando eles o levam de volta para a fila, há um longo vergão vermelho em sua bochecha. E nesse arranhão, e nos fragmentos de asfalto que ficam agarrados ao corte, algo de que apenas se suspeitava se prova verdadeiro: pouco importa a opinião desses jovens estudantes, eles não têm o direito de decidir coisa alguma.

Um dos rapazes atrás de Mei está falando.

“Então?”, diz ele. “Por que você nunca...?”

Ela percebe então que ele está falando com ela.

“O que você disse?”, diz ela.

“Por que você nunca sai do seu quarto?”, diz ele através de sua máscara.

“Eu saio do meu quarto”, diz ela. A pulsação dela está começando a martelar.

Ele olha para ela, cético, como se Mei tivesse contado uma espécie de mentira. Nas bordas da máscara dele crescem os primeiros indícios de um bigode — alguns dos rapazes pararam de fazer a barba.

“Sem querer ofender”, diz ele, “mas eu até esqueci que você morava com a gente.”

Ela ouviu em algum lugar sobre os vínculos que as pessoas às vezes formam em tempos de crise, mas de alguma forma ela seguiu o caminho oposto. Um rosto amigável surge como um raio em sua mente: Jennifer, da aula de língua e literatura inglesa — se ao menos Jennifer estivesse aqui com ela agora. Ela não a conhece muito bem, mas almoçaram algumas vezes depois da aula. O pensamento a constrange: essa Jennifer talvez seja sua única amiga na faculdade.

Ela transfere sua mochila de um ombro para o outro. É algo para suas mãos fazerem.

É uma curta caminhada até o lugar para onde eles estão indo e, quando chegam lá, uma decepção.

“O ginásio?”, dizem as garotas. “A gente tem que viver no ginásio agora?”

É temporário, dizem as enfermeiras, que nas últimas horas parecem nervosas, irrequietas em suas luvas de látex e uniformes verdes. O sistema de ventilação no dormitório, decidiram, pode ter sido contaminado.

As portas do ginásio foram escancaradas para que nenhuma mão precisasse tocar no metal da alça. Bactérias, disseram a eles, podem viver por até cinco dias em uma superfície. Um vírus, ainda mais tempo.

“Talvez eles não estejam nos dizendo a verdade”, grita Matthew enquanto a polícia o solta dentro do ginásio. “Talvez todos os outros do nosso andar estejam mortos.”

“Você não está ajudando”, dizem as garotas.

Mas Mei imaginou a mesma coisa. É difícil saber o que está acontecendo. É difícil saber o que é verdade.

Dentro do ginásio, camas de lona portáteis foram dispostas na quadra de basquete, em uma configuração conhecida da cobertura noticiosa de furacões. Os catres verdes se estendem de uma cesta de basquete à outra. Em cima de cada um deles há um cobertor azul enrolado à espera.

“Você está bem?”, Mei pergunta a Matthew quando ele passa.

Mas ele não diz nada. Continua andando.

Enquanto os outros tomam posse dos catres pousando sobre eles suas mochilas, vozes ecoando naquele vasto espaço, pares de tênis rangendo no chão polido, Mei sobe as arquibancadas até chegar à bancada superior. Daquela posição alta, ela telefona para a mãe.

“Estou te ligando a manhã toda”, diz a mãe dela. “Estou com tanto medo que não consigo comer.”

Mei descansa os pés em cima da sua mochila, o nylon roxo adelgaçando devido aos muitos anos de aulas de tênis. Ela fala baixinho ao telefone.

“Eu estava pensando”, diz Mei.

Ela faz uma pausa. É uma coisa difícil de dizer. Foi uma grande decisão vir para cá, a bolsa de estudos e tudo o mais, a faculdade cara. De onde ela está sentada, dez fileiras acima do chão, os movimentos dos outros jovens parecem tão misteriosos quanto a correria de ratos.

“Bom”, Mei começa de novo. “Quando tudo isso acabar, eu estava pensando em voltar para casa.”

Apenas a ideia em si já é um alívio, como rastejar de volta para sua própria cama.

Mas a mãe dela fica calada. É uma maneira de mostrar desaprovação, um silêncio para quando ela não gosta do que está ouvindo.

“Talvez”, diz Mei, “eu possa me candidatar a uma vaga na CalArts.”

Lá embaixo, uma das garotas solta uma estridente e prolongada risada. Coisas assim ainda são possíveis, explosões de gargalhadas.

“Mãe?”, diz ela agora. Mais silêncio.

Ela olha para o telefone: está morto.

E agora alguém está gritando. “Ei, você”, chama uma voz lá de baixo. É um dos guardas do campus. “Você aí, na arquibancada.” Os rostos dos outros se viram na direção de Mei. “Desça daí. Todo mundo precisa ficar aqui no chão.”

Todas as tomadas elétricas no ginásio, ela logo descobre, já estão entupidas com os telefones das outras pessoas.

É difícil dizer de quem é a ideia. Parece, de alguma forma, surgir espontaneamente do grupo, impulsionada em parte pela vodca que um dos rapazes surrupiou e levou às escondidas do dormitório. De imediato uma certa empolgação se atrela à ideia, um borbulhamento de três palavras: Verdade ou Desafio.

Mei entreouve tudo isso de seu catre, onde ela está deitada com seu caderno de esboços. Ela é boa nisso, ouvir sem parecer que está escutando. O suave deslizar do lápis no papel. Ela desenha uma série de pássaros.

Uma sombra cobre a página de desenho. O jogador de beisebol, Ryan ou Rob — ela não consegue se lembrar do nome dele —, está de pé diante dela. Ela consegue ver o contorno escuro da boca dele através da máscara.

“Você tem que jogar também”, diz ele.

Uma brisa mecânica sopra pelo ginásio, um subproduto do sistema de ventilação, agitando os estandartes que pendem do teto espalhando o cheiro da pizza que chegou do refeitório para o jantar.

“Não, obrigada”, diz ela.

“Você vai saber de todos os nossos segredos”, diz ele. “Então a gente também precisa saber dos seus.”

De trás dele vem o raspar de metal contra madeira — os outros já estão arrastando seus catres para as laterais, de modo que possam se sentar em um grande círculo no meio da quadra. Ela sente isso imediatamente: a impossibilidade de dizer “não”.

Mas há outra pessoa que parece imune a isso: Matthew. Lá está ele, lendo algum tipo de livro de filosofia no canto. “Você não está estudando de verdade para a aula, está?”, diz o jogador de beisebol. Matthew não diz nada. Ele agora usa um curativo de borboleta do lado direito da máscara.

Uma das garotas é a primeira.

“Verdade ou desafio”, diz o jogador de beisebol.

“Verdade”, diz ela.

A primeira pergunta sai da boca daquele rapaz tão devagar quanto um anel de fumaça, o prazer se espalhando pelo seu rosto antes das palavras: “Você já beijou alguma menina?”.

O grupo gosta dessa pergunta. Mei consegue sentir ao seu redor a maneira como os rapazes se remexem e as meninas dão leves risadinhas por trás de suas máscaras, a expectativa. Todo tipo de toque se tornou perigoso. Há uma espécie de eletricidade no recinto, um querer.

“Não”, diz por fim a garota, sorrindo através de sua máscara. “Eu nunca beijei uma menina.”

Em seguida é a vez de Caleb. Ele escolhe desafio.

“Eu te desafio a fazer bundalelê”, diz a primeira garota.

Há o imediato tilintar da fivela do cinto do rapaz quando ele o solta, e então o vislumbre da pele pálida quando ele puxa a calça jeans para baixo e depois para cima novamente em um movimento rápido, como se isso fosse um truque que ele já havia feito muitas vezes. Que variedade existe no tipo de coisa que os seres humanos fazem quando solicitados.

Um a um, os segredos vão caindo: quem é virgem e quem não é, quem fez o que com quem. Uma das garotas, idolatrada por alguns por causa do tamanho do seu peito, ousa tirar a camiseta, o que ela faz, levantando-se por um momento no centro do círculo, tremendo em um sutiã de renda branca, braços cruzados contra a barriga.

Um certo rapaz é desafiado a beijar uma certa garota. “Sem as máscaras”, incita o jogador de beisebol, o que suscita uma rodada de protestos do grupo, um limite sendo cruzado em direção ao risco real.

“Ei, gente, isso não está certo”, dizem algumas das garotas. “É perigoso.”

Mas eles querem fazer isso, esse rapaz e essa garota. Mei percebe pelo jeito com que a garota desliza para dentro da boca um pedaço novo de chiclete, e como o rapaz deixa cair sua máscara no chão enquanto ela dobra depressa a dela em quadrados e a enfia na calça.

Mesmo o roçar de uma mão na outra poderia ser o suficiente para espalhar essa coisa entre eles, apenas a respiração do mesmo ar reciclado. E, no entanto, ali estão eles, lábios contra lábios, como se o perigo aumentasse o deleite, tal qual o prazer de um mergulhador quando seus pés se soltam do penhasco. O beijo continua e continua, e parece que isso também aumenta o entusiasmo deles, ser observados assim pelos outros, que vibram e aplaudem com tanta força que o guarda do campus entra correndo no ginásio e por pouco não chega a tempo de ver a súbita separação daqueles lábios, e depois o desajeitado retorno das máscaras aos rostos, como dois adolescentes flagrados nus no porão da casa de alguém.

“Vamos acalmando as coisas por aqui”, diz o guarda. “Luzes apagadas em meia hora.”

Durante todo esse tempo Mei transpira, sentada em seu lugar no chão enquanto o círculo vai rodando e sua vez se aproxima cada vez mais. É um jogo idiota. E eles também já são velhos demais para isso, de qualquer forma. Uma ideia, nítida e clara, flutua dentro da sua cabeça: levantar-se e voltar para o catre dela.

Mas ela permanece exatamente onde está.

Quando perguntam verdade ou desafio, ela se senta calmamente, segurando os joelhos, imaginando os movimentos das suas pernas, o endireitamento dos seus joelhos, o levantar-se, o afastar-se do círculo. Em vez disso, ela diz, enfim: “Verdade”.

“Tá bom”, diz o jogador de beisebol. “Se você tivesse que pegar alguém que está aqui dentro deste ginásio, quem seria?”

O recinto borbulha de gargalhadas. O rosto dela fica quente. Ela vive lado a lado com essas pessoas há oito semanas, mas elas continuam sendo o que eram no começo, um bando de estranhos.

Ela permanece em silêncio, de cabeça baixa.

Todos estão assistindo agora, esperando que ela fale.

Através das máscaras, é difícil ler os rostos, mas ela consegue detectar o contentamento fervilhando no ginásio. Ao longe, Matthew não tira os olhos do seu livro.

“Esperem”, diz ela. “Eu mudei de ideia. Desafio”, diz ela. “Eu escolho desafio.”

“Tudo bem”, diz o jogador de beisebol. “Então eu te desafio a ir espiar lá fora.”

Ela é uma seguidora de regras, temerosa das consequências e, no entanto, parece muito mais seguro correr esse risco e não o outro. Que alívio há nessas palavras.

Ela sente uma minúscula dose de adrenalina enquanto caminha em direção ao luminoso da saída, que brilha verde acima da sua cabeça. Talvez ela saia mesmo daqui, fuja e não volte. Os outros rapazes e as outras garotas se aglomeram atrás dela e esperam.

Ela olha para trás e confere — o guarda está lá fora na parte da frente do ginásio, não está de vigia.

As mãos dela tremem quando ela estende os braços e puxa a maçaneta de metal. Mas algo na porta resiste. Há um leve estrépito de algo que soa como uma corrente.

Ela puxa com mais força, um pânico subindo em seu peito.

“Está trancada”, diz ela. “Estamos trancados.”

Os outros parecem não acreditar nela. Os rapazes passam à frente dela para tentar, o cheiro de álcool e suor subindo dos corpos.

Matthew também se levantou às pressas do catre e chega de repente, cheio de ímpeto.

“Porra, que merda é essa?”, diz ele enquanto balança a maçaneta, as veias em seu pulso visíveis sob pele. O curativo na sua bochecha se soltou e está pendurado no rosto, o arranhão começando a formar crosta.

“Não é um risco de incêndio?”, diz uma das garotas.

É assim que o jogo termina, e o clima azeda no ginásio; pouco depois — em mais um lance de autonomia perdida —, eles recebem a ordem de apagar as luzes.

Mais tarde, Mei adormece em meio aos pequenos ruídos de seus vizinhos, os que se beijaram, e que agora se remexem em uma das camas de lona.

Ela acorda um tempo depois ao som de gritos no escuro. Ela não se lembra, a princípio, de onde está, sua mente se ergue lentamente das profundezas. Há um estrondo de metal contra madeira. Um vozerio.

“Pare!”, alguém está berrando, a palavra ecoando através de um vasto espaço. “Caleb, pare com isso.”

De repente a lembrança volta até ela: o ginásio de esportes.

Está escuro demais para enxergar, mas os sons logo se põem em ordem até formar uma imagem — camas de lona deslizando no chão, batendo umas contra as outras, como barcos em uma tempestade.

“Pare”, gritam as vozes no escuro. “Pare.”

Enfim, alguém encontra as luzes, e o zumbido dessa fluorescência revela um agrupamento de catres, tortos e revirados, lençóis emaranhados no chão. Todos estão com os olhos semicerrados agora, exceto Caleb, Caleb que está de olhos arregalados e caminha devagar em meio a todos esses obstáculos como se nenhum deles estivesse lá, tropeçando de novo e de novo.

“Ele está dormindo”, diz seu colega de quarto. “Ele faz isso de vez em quando. É sonâmbulo.”

Os olhos de Caleb estão bem abertos — mas são como os olhos dos cegos. Ele anda em direção às arquibancadas do outro lado do ginásio.

“Mas isso é diferente”, diz o colega de quarto. Caleb está dizendo algo que eles não conseguem entender. “Em geral ele acorda imediatamente”, diz o colega de quarto. Ninguém precisa dizer que aquilo deve ser a doença. “Ele nunca ficou assim por tanto tempo.”

Caleb Ericksen, dezoito anos, filho de um agricultor, um aluno do curso de língua e literatura inglesa, e agora essa nova distinção: é o primeiro caso de sonambulismo a ser constatado em Santa Lora, Califórnia.

Enquanto os paramédicos amarram os pulsos dele na maca, ele dá pontapés e grita, e os outros se perguntam que conspiração paralela poderia estar acontecendo no sonho dele.

Mas logo descobrem outra coisa, ainda pior: dois dos outros entre eles ainda estão dormindo em seus catres. Eles dormiram em meio a um tumulto durante o qual qualquer pessoa normal teria acordado. E, logo depois, eles também são levados como os outros.

Eles dormem como crianças, boca aberta, bochechas afogueadas. A respiração é tão rítmica quanto ondas no mar.

Agora já sem permissão para entrar nos quartos, mães e pais os observam através de janelas de vidro duplo. Isolamento — é assim que os médicos chamam: a separação entre os doentes e os que estão saudáveis. Mas todo sono não é uma espécie de isolamento? Quando mais estamos tão sozinhos?

Eles, esses adormecidos, não dormem em perpétua imobilidade. O lento roçar de um braço sobre um lençol, o ocasional mexer de dedos — esses movimentos animam os pais, assim como os raros momentos em que seus filhos parecem falar durante o sono, do modo como quem tem um pesadelo terrível consegue falar no meio da noite, sua voz reverberante na garganta, como se a pessoa estivesse presa numa armadilha no fundo de um poço.

Caleb chega ao hospital ainda dormindo seu sono de olhos arregalados. Ele arqueia as costas contra as amarras da maca. Um médico se debruça feito um exorcista sobre ele.

Nesse estado de sonambulismo, Caleb foi conduzido por um emaranhado de equipes de filmagem, que, aos berros, dispararam uma saraivada de perguntas aos paramédicos quando eles passaram. As imagens de Caleb, com os braços se debatendo e com aquele olhar vidrado no rosto, logo viajarão pelo mundo inteiro via satélite.

Quando enfim o sono de Caleb se aquieta, ele é colocado em isolamento com os outros. Fica deitado a poucos metros de distância de Rebecca, a quem ele conhece há apenas algumas semanas, mas em cujo corpo uma pequena parte dele permaneceu secretamente.

Nos dias desde que Rebecca foi hospitalizada, os médicos não chegaram nem perto de entender sua condição, mas, em um outro

reino, mais costumeiro, houve um complexo progresso: aquele aglomerado de células se entocou na parede do ventre de Rebecca e está se conectando à corrente sanguínea dela. Os nutrientes corretos deslizando para dentro do seu estômago através de um tubo no nariz agora estão alimentando não um ser, mas dois. Não maior que uma semente de papoula e, no entanto, muita coisa já está decidida — os olhos castanhos, as sardas, os dentes ligeiramente tortos. O pendor para a aventura, talvez, a afinidade dela com a linguagem. Uma menina. Tudo isso está contido nessas células, como um retrato pintado em um grão de arroz.

Enquanto isso, do outro lado do vidro, os familiares de Rebecca seguram suas bíblias junto ao peito e observam o suave movimento das pálpebras dela, aquela delicada palpitação. A poucos metros de distância, o pé de Caleb se contorce em leves espasmos sob os lençóis. Por ora, o segredo dos dois dorme com eles.

Nessa mesma noite, um repentino estouro de vidro quebrado é ouvido no corredor do hospital. Um baque surdo. Uma das enfermeiras desmoronou no chão. O linóleo onde ela desabou está coberto por uma risca de sangue escuro. E seu uniforme também. Leva algum tempo para localizar a fonte de todos os respingos: os frascos que ela carregava quando caiu.

No fim, é exatamente como os outros — o sono se espalhou até ela.

O lago: agora lamacento e encolhendo ao sol, mas outrora de um azul resplandecente e extraordinário. Era o Lago do Pinheiro Pequeno na língua da tribo que em tempos passados usava essas águas para rituais de cura. Tornou-se o Lago da Restauração quando o nome foi impresso em letras cursivas azuis nos folhetos do sanatório, agora replanejado como casa de repouso. O lago foi renomeado mais uma vez, com toda a cidade, por uma incorporadora posterior, que ansiava por um nome de sonoridade hispânica e que construiu todo o centro da cidade em estilo de missão religiosa colonial para combinar com sua santa inventada: Santa Lora.

A maioria dos turistas e dos veranistas de fim de semana sempre paravam cinquenta quilômetros antes de chegarem ao Lago Santa Lora — eles nadam e passeiam de barco no lago maior e mais famoso no final da estrada.

Mas nesse pequeno lago, com as montanhas ao redor, domina o logotipo da Faculdade de Santa Lora, inscrito em cartazes, impresso em camisetas, bordado em jaquetas e bonés.

Nathaniel contemplou pela primeira vez essas águas há trinta anos, como um jovem professor de biologia, sua filha se contorcendo nos braços de sua esposa, seu casamento já fracassado, depois de apenas um ano. Era para ser um trabalho temporário, um ponto de parada. Ele teria ido embora anos atrás se não fosse por Henry, a surpresa de se apaixonar na meia-idade. A simplicidade inesperada do foco: ele. E esse lago é onde eles gostavam de caminhar juntos, ele e Henry, nas três décadas que se seguiram.

Esse lago é onde Sara e Libby aprenderam a nadar, nas águas rasas marcadas por boias a cada verão e patrulhadas por salvas-vidas adolescentes. É esse o lago que cintila no pano de fundo de uma das poucas fotografias que essas meninas já viram da mãe: seu cabelo preto soprando no rosto, um buquê de margaridas na mão, seu vestido de casamento, cor creme, até o joelho. Na foto, ela está segurando com um dedo um par de sandálias de salto alto, o pai dela ao seu lado vestindo um terno cinza simples, ambos descalços e sorrindo na areia, como se tivessem, de acordo com a expressão popular, a vida inteira pela frente.

Hoje existe menos desse lago do que costumava existir. Todo ano, ele recua, revelando mais do que foi engolindo ao longo das décadas: latas tão abundantes quanto conchas, pedaços de cadeiras de praia e refrigeradores, um esqueleto semienterrado de um Ford Modelo T.

Mas esse lago, e as famílias de patos que deslizam por sua superfície toda primavera, ainda encantou Ben e Annie em seu primeiro dia em Santa Lora, e Mei também, e os pais dela, no fim de sua viagem para conhecer o campus.

Esse lago apagou incêndios florestais, a sua água foi recolhida por helicópteros especialmente projetados e, em seguida, despejada sobre as chamas nas colinas.

E esse lago ainda fornece um quarto da água que corre pelos canos de Santa Lora. Essa é a fonte dos rumores que agora começam a se espalhar pela cidade: talvez a água esteja contaminada.

Mas os fatos são estes: no décimo quarto dia, um pesquisador do governo em Los Angeles isola o patógeno de Santa Lora em uma placa de Petri. A fonte dos problemas, ao que parece, não é loucura, nem veneno, tampouco bactérias. Santa Lora está sendo assombrada por uma força nem viva nem morta: um vírus. Um até então desconhecido pela ciência. E esse vírus não nada nas águas do lago em processo de evaporação. Em vez disso, viaja como sarampo, varíola e gripe. Essa coisa — voa.

Transportado pelo ar: no hospital, a notícia confirma o que a equipe já suspeitava havia dias. Dois médicos e quatro enfermeiras estão agora dormindo ao lado de seus pacientes. O sistema de ventilação foi desligado.

E nesse dia, o décimo quarto, o hospital fecha suas portas. Uma quarentena.

Trancados lá dentro há vinte e dois adormecidos, sessenta e dois outros pacientes, quarenta e cinco parentes em visita, trinta e oito médicos, enfermeiras e outros funcionários e uma psiquiatra de Los Angeles: Catherine, presa com todos os outros, a cento e sessenta quilômetros de onde sua filha dorme.

Nessa mesma noite, avista-se uma nuvem de fumaça que flutua em lufadas desde os bosques nas cercanias da cidade. Venta muito essa noite. Está seco. Os vendavais de Santa Ana estão soprando com força para o oeste a partir do deserto: clima de incêndios.

Como em tantas noites antes dessa, as luzes dos caminhões de bombeiros iluminam as ruas de Santa Lora. Rádios de emergência crepitam com a notícia de mais um fogo selvagem que queima essas ancestrais florestas ressecadas pela estiagem. Em uma cidade já preocupada, o estrépito das sirenes desperta os saudáveis de seus sonhos.

Mas não a bebê, que ronca no seu berço, uma hora depois do horário em que geralmente acorda para comer. E nem Ben, que caiu no sono no tapete enquanto observava, pelas ripas do berço, a filha respirar. E tampouco Annie, que se juntou ao marido lá algum tempo depois, ajeitando um cobertor sobre o corpo dele antes de fechar os olhos ao seu lado.

Ben e Annie: em quantos lugares esses dois já se deitaram lado a lado. Em várias camas de solteiro encostadas durante todo o período da faculdade — pernas emaranhadas enquanto um respirava o hálito do outro. No colchão de ar no porão da casa dos pais dela, onde ela costumava se esgueirar para se juntar a ele depois que seus pais tinham ido para a cama. Em sacos de dormir no México, no verão depois da faculdade, quando eles eram tão jovens e tão sérios que passavam as noites assim: Annie tentando de novo e de novo explicar a ele a teoria das cordas, Ben lendo em voz alta trechos de Proust. Juntos, eles dormiram o sono do uísque em excesso e do vinho em demasia, o sono fatigado do jet lag da primeira tarde naquele albergue em Roma, o dia inteiro cochilando em redes, anos depois, na varanda dos fundos da casa da família dela no Maine, e a soneca habitual de tantos domingos no Brooklyn. Houve o sono inquieto e ciumento do ano anterior, quando Annie

começou a trabalhar até tarde com seu orientador de doutorado. Houve o sono de ir-para-a-cama-furioso quando ela insistiu que nada havia acontecido, mas ela precisava de um tempo para entender e resolver as coisas. Houve o solitário sono insone das duas semanas que ela então passou na casa dos pais sem telefonar, Ben sozinho e sem dormir no estúdio, e depois o duro sono da mágoa e do alívio quando ela decidiu que queria voltar e perguntou se ele poderia perdoá-la. Eles dormiram o breve sono dos ombros, de tantas viagens de carro e trens e aviões, o sono da praia no México, aquelas queimaduras de sol na lua de mel, o sono dos sonhos ruins e dos sonhos bons, os sonhos que eles compartilharam e os sonhos que não compartilharam, e todos os sonhos de que eles nunca se lembraram e de que jamais se lembrariam, tantos dos quais percorriam sua mente enquanto as cabeças de ambos repousavam a não mais que alguns centímetros de distância uma da outra.

E agora, nas últimas três semanas, eles têm dormido esse novo tipo de sono, entrecortado, mas profundo — uma eficiência tão exorbitante —, porque quem é que sabia quando a bebê poderia abrir os olhos e chorar?

Porém, nessa noite, apesar das sirenes, a bebê não acorda. Nessa noite, a bebê não chora.

Em vez disso, os três permanecem como estão, nas profundezas de seus sonos separados, luzes apagadas no quarto da bebê, mentes em disparada em direções distantes, até mesmo a de Grace, cujos sonhos incompreensíveis fazem suas pálpebras palpar, seus lábios estremecer e um dos braços se agitar levemente no berço.

Na casa ao lado, Sara e Libby acordam rápido. Os gatos também.

“Papai”, chamam as meninas no escuro, enquanto as sirenes gritam do lado de fora.

Mas elas sabem o que fazer. Elas sabem para onde ir. Isso é algo que acontece algumas vezes por ano. Temporada de incêndios. Logo elas estarão esperando dentro da picape enquanto o pai pega a mangueira para molhar o telhado. Uma única brasa é capaz de

viajar por quase dois quilômetros ao vento e atear fogo a uma casa como a deles.

“A gente não pode deixar os gatinhos”, diz Libby.

Ela está tentando juntar os gatinhos, mas eles transbordam por seus braços magros. Dois já se esgueiraram, feito esquilos, para debaixo da cama, os pelos das costas eriçados, as caudas brancas infladas como espanadores, os olhos minúsculos intermitentes na escuridão.

Sara corre para o quarto do pai no fim do corredor. Ele dorme com a janela aberta, não importa a estação — o quarto inteiro vibra com o lamento das sirenes e com as vozes estáticas do rádio da polícia que ele mantém sempre ao lado da cama.

“Papai”, diz ela. De repente, ela fica tímida no vão da porta.

No brilho baixo da iluminação da rua, ela consegue ver a silhueta dele, a maneira como ele está deitado de lado naquela cama larga e velha, quieto na penumbra.

Uma rajada de vento seco chicoteia as cortinas quarto adentro.

“Papai?”, diz ela.

Ela acende as luzes: os olhos dele estão fechados, o rosto dele está frouxo. Com dois dedos ela puxa os lençóis. Ela o cutuca no ombro, que está nu e é um pouco ossudo. Ele emagreceu nos últimos anos.

“Acorda”, sussurra ela.

Como é estranho tocar no rosto dele, cheirar o suor velho da sua pele, a rancidez do seu hálito enquanto ele ronca.

Libby irrompe atrás dela, limpando o cabelo do rosto. “Gente, vocês têm que me ajudar a pegar todos os gatos”, diz ela. “Eles estão correndo por toda parte.”

“Ele não está acordando”, diz Sara.

É Libby quem grita no ouvido dele — sem resposta. É Libby quem belisca o braço dele.

“Cuidado”, diz Sara. “Não machuque ele.”

Mas o rosto não registra dor.

E é Libby quem se inclina para perto do rosto do pai, seus cachos caindo sobre a testa dele enquanto se curva para se certificar de que ele está respirando.

“É a doença, não é?”, diz Libby. Seus olhos já estão marejando de lágrimas.

A essa altura, eles deveriam estar lá embaixo com as malas, os sapatos calçados. Ao primeiro sinal de fogo naqueles bosques, o pai gosta de sair da cidade — é um corredor perigoso, com apenas uma saída. O lugar mais seguro para se estar é longe, e a hora mais segura para ir é antes de qualquer outra pessoa achar que deve ir.

Elas começam a sentir o cheiro da fumaça.

Esse quarto é o lugar errado para se estar em um incêndio. O terceiro andar, o lugar mais perigoso.

“A gente não pode deixar o papai aqui sozinho”, diz Libby.

As sirenes continuam sua gritaria. Sara olha pela janela. Está escuro demais para ver de onde vem a fumaça ou se sua origem está próxima ou distante.

Uma calma terrível a atinge de surpresa. É preciso tomar uma série de decisões. Ele iria querer que elas saíssem e fossem para algum lugar seguro — ela tem certeza disso. No andar de baixo, pelo menos, prontas para correr, se necessário. Mas ela não vai fazer isso.

“A gente não vai abandonar o papai”, diz ela. “Vamos ficar bem aqui, aconteça o que acontecer.”

Lá fora, os eucaliptos se dobram com a força do vento, os galhos vergados raspam o teto como se buscassem um ponto de apoio.

“Pense em quantos incêndios já aconteceram desde que esta casa foi construída”, diz Sara, inclinando-se para perto da irmã. “Pense em quanto tempo a casa está aqui e permaneceu em pé.”

E assim as duas ficam sentadas desse jeito, de camisola, segurando as mãos frouxas do pai, à espera do que virá, seja o que for.

Três ruas acima, as sirenes acordam Nathaniel de um sonho perturbador.

No sonho, ele e Henry são trinta anos mais novos — acabaram de se conhecer, dois jovens professores. A filha de Nathaniel é uma menina de dois anos, empilhando blocos de montar no tapete naquele minúsculo apartamento que Nathaniel alugou depois do

divórcio. No sonho, Henry procura por alguma coisa. Ele vasculha freneticamente o apartamento. Desvairado. Nathaniel sabe, sem que seja dito, o que Henry está procurando: algum tipo de veneno. E o que Henry quer fazer com o veneno é bebê-lo. O que Nathaniel não consegue entender é por quê. Henry implora pela ajuda de Nathaniel, implora. Ele não consegue viver assim, Henry continua dizendo, mas Nathaniel não é capaz de acompanhar o raciocínio: viver assim como? Ele não consegue, no sonho, entender qual é a fonte do sofrimento de Henry. No fim das contas, ele segue Henry pelo vão de uma porta que leva, de alguma forma, para a sala de estar da casa da avó de Nathaniel em Michigan, e Nathaniel tem uma certeza súbita de que o veneno está escondido dentro do relógio de pêndulo que tiquetaqueia no canto. Mas ele não diz a Henry onde está. Por que não? Henry continua perguntando. Seu rosto é jovem, mas seus olhos estão angustiados como os de um velho. Por que você não faz isso por mim?

Quando Nathaniel acorda, seu corpo todo está tenso. Ele está suado em meio aos lençóis.

Se ele tivesse tido esse sonho em uma época diferente, talvez o considerasse uma profecia. Ou talvez, em certos momentos da história, ele o teria interpretado como uma mensagem de Deus.

Se ele tivesse sonhado cinquenta ou cem anos atrás, a era de Freud, talvez os especialistas mais renomados argumentassem que, na verdade, o sonho não tem nada a ver com Henry, mas trata da infância do próprio Nathaniel, algum desejo sexual reprimido desde a infância, o verdadeiro significado do sonho escondido da sua mente consciente e necessitando de análise.

No entanto, aqueles que preferiam Jung naquela mesma época poderiam ter tido uma leitura ainda diferente, insistindo que um sonho não pode ser reduzido de forma tão simplista. Nem tudo tem a ver com desejo. E, como Henry gostava de dizer a seus alunos de literatura, o poema é o poema — não se pode traduzi-lo. Talvez os junguianos apontassem também a presença no sonho de certos arquétipos do inconsciente coletivo: a figura paterna, a criança, o relógio.

Mas essas são ideias de um outro tempo.

Hoje em dia, a ciência não se interessa muito por sonhos. Para Nathaniel, professor de biologia, esse sonho de Henry é apenas uma perturbadora distração. E que permanecerá sem ser investigada a fundo. Ele se apressa em pensar em outra coisa.

Nessa noite, na noite do incêndio, é fácil encontrar um foco diferente. É quase um alívio: o cheiro de fumaça no ar, o grito das sirenes, o fato de que há trabalho a ser feito.

Dali a pouco ele estará no quintal, molhando com a mangueira o telhado da casa.

No hospital, o cheiro de fumaça não passa despercebido. Doze horas após o início da quarentena, um perigo mais urgente está suspenso no ar daqueles corredores fluorescentes. Uma quinta enfermeira perde a consciência. E um senhor idoso, internado com pneumonia, agora dorme com os outros na ala de isolamento.

Não há leitos suficientes para as famílias presas no hospital, por isso eles dormem no chão dos corredores. A essa hora, ninguém é capaz de dizer, apenas olhando, quem entre eles pode estar doente e quem está bem.

Certos problemas menores já estão ameaçando ficar maiores: em dois banheiros a descarga parou de funcionar, e o suprimento habitual de comida do refeitório não chegou — o motorista do caminhão também se apavorou demais com a notícia para se aproximar do prédio.

Lá dentro, Catherine mantém a máscara apertada, as mãos dentro de luvas duplas, sua formação psiquiátrica a deixa apenas um pouco mais preparada que os demais. Um pensamento continua martelando na sua mente: se essa doença levá-la embora, sua filha não se lembrará nem sequer de um fragmento dos dias que passou com a mãe. Parece subitamente egoísta tê-la trazido sozinha a este mundo.

Ela tenta escrever um bilhete para a filha, apenas por precaução — para ela ler quando estiver mais velha. Mas Catherine é incapaz de colocar no papel algo além da maior e mais óbvia questão: *você foi amada.*

No ginásio, ninguém está dormindo. Acordados no escuro, há vinte e seis rapazes e moças, quatro a menos que no dia anterior. Entre alguns deles se espalhou a crença de que o próprio sono em si é o veneno, a causa e não o efeito. Como alguém pode pegar a doença se nunca fechar os olhos? Mei está deitada em seu catre, tremendo sob o cobertor. São duros, esses cobertores, ásperos como casacos velhos. Ela segura o celular sobre o peito como uma cruz. Alguém sussurra em um canto. Alguém mastiga doces no escuro.

No interior desse amplo espaço, as sirenes se elevam em silêncio, abafadas pelas paredes sem janelas. Mas o leve odor de fumaça logo penetra furtivamente no ginásio.

“Está sentindo esse cheiro?”, diz um dos rapazes do outro lado da sala. Mei consegue ver a silhueta dele em contraste com o brilho verde do luminoso de saída. Ele pressiona as mãos na porta, sentindo o calor.

Vozes se elevam à medida que a palavra começa a correr de boca em boca: *fogo*. O estalo de pés descalços batendo no assoalho de madeira lustrosa.

“A gente precisa sair daqui”, diz alguém.

A voz do guarda que vigia a entrada do ginásio ecoa no recinto: “Mantenham a calma, todos vocês”, diz ele, como sempre, a uma grande distância. Esses guardas estão com medo de respirar o mesmo ar que os jovens estudantes. “O fogo está lá na floresta, mas estamos de olho nele.”

Uma onda de protestos ganha força no ginásio. Eles são capazes de ouvir o vento se intensificando lá fora. Há uma necessidade de ver o que está acontecendo lá, o quanto o fogo pode estar perto.

Alguns deles começam a se amontoar perto da porta da frente. O guarda se afasta. “Vocês precisam obedecer ao perímetro”, diz ele.

Mas o cheiro da fumaça está ficando mais forte.

“Eles não se importam se a gente morrer queimado”, diz Matthew, enquanto Mei calça os sapatos, pega sua mochila.

Matthew é o primeiro a tentar. Ele caminha a passos rápidos em direção ao guarda.

“Pare”, diz o guarda, mas de repente fica óbvio para todos os que assistem: aquele guarda está com medo de tocá-lo. Matthew

continua avançando — ele sai pela porta da frente.

E então a multidão percebe isso também. Nunca Mei se sentiu tão ligada a esses outros jovens, à força de todos eles saindo pela porta, rápidos e firmes, apenas com a potência da sua mente, como se caminhassem sobre brasas incandescentes. Há terror e emoção, aquele súbito senso de propósito. Ela consegue ouvir o guarda pedindo ajuda pelo rádio.

Quando o vento bate no rosto, alguns arrancam as máscaras imediatamente, deixando-as se agitarem atrás de si como pássaros libertos. Quem sabe quantos desses rapazes e quantas dessas moças carregam a doença, a coisa se multiplicando em sua corrente sanguínea, até mesmo agora, aguardando o momento de florescer?

Mas por enquanto, nessa noite, eles se sentem bem — bem! —, e o que eles fazem é correr. Todos eles. Até Mei, a mochila batendo contra sua coluna, e o ar, levemente esfumaçado, precipitando-se para dentro da sua garganta. A ventania é tão violenta que engole a respiração dela — um vento de Santa Ana.

Se o guarda, aos berros, os está chamando, nenhum dos estudantes consegue ouvir a voz dele, estrondoso demais é o vento em seus ouvidos.

Matthew saberá o que fazer a seguir — essa é a ideia que impulsiona Mei na direção dele escuridão adentro. Ela se detém onde ele para, que é nas sombras da entrada dos fundos da biblioteca, um rapaz alto e magro, um desconhecido, na verdade, encostado em uma parede.

“Pra onde a gente pode ir?”, diz ela. Por causa da arrancada, sua respiração está acelerada.

O fogo está mais distante do que ela tinha imaginado: uma leve luminescência, vigiada por helicópteros, bem no alto da mata. De repente fica claro que não é o incêndio que os faz correr.

“Eu não sei”, diz Matthew. Ele continua olhando ao redor. Seu rosto está semiescondido nas sombras que as luzes da rua projetam. “Eu não sei.”

Os outros passam correndo por eles, passos ruidosos esmagando o chão no escuro.

“Foi uma estupidez”, diz Matthew. Ele esfrega uma mão na outra. “Eles vão mandar a SWAT pra cá a qualquer momento.”

Mas uma ideia surpreendente se forma na cabeça de Mei. O começo de um sussurro sobe da sua garganta: “Acho que conheço um lugar”, diz ela.

“O quê?”, pergunta ele em meio ao vento.

Mais alto, dessa vez: “Eu sei para onde podemos ir”.

Ela nunca saberá o significado daquele lampejo de surpresa no rosto dele — da mesma forma que, quando criança, os meninos às vezes a olhavam nas ocasiões em que ela revelava a rapidez com que conseguia atravessar correndo um campo de futebol.

Ele não pergunta nada.

Os dois simplesmente vão.

Que adrenalina é dar a esse rapaz exatamente aquilo que é necessário.

O gramado, quando eles chegam lá, está molhado sob os pés; essa grama sempre muito mais saudável do que o gramado de outros quintais, não importa a seca. Uma fileira de rosas brancas agita-se ao vento, as pétalas são confete sobre a grama.

“Eu trabalho de babá aqui”, diz Mei. O Mercedes não está na garagem, mas a luz da varanda está acesa. “Eles estão fora da cidade.”

É surpreendente o quanto isto é fácil: tão fácil quanto girar a chave, rápido como um dedo apertando teclas com o código do sistema de alarme.

No interior da casa, o ar recende a roupa lavada — e tem cheiro de segurança também, como se nenhum problema pudesse alcançar uma casa tão bem mantida. A sensação está nas bancadas de mármore daquela enorme cozinha branca, a abundância de painéis de cobre. Está nas suculentas em miniatura arranjadas em potes de conserva, um em cada peitoril das janelas. Está na maneira como os assoalhos de madeira brilham sob as luzes do teto, cujo funcionamento é regulado por um temporizador para fazer parecer que a casa está ocupada, o que, por ora, está.

“A gente precisa tirar o sapato”, diz Mei.

Matthew parece cético, mas chuta para longe suas sandálias, uma delas remendada com fita adesiva — nenhum dos outros garotos usa sandálias como as dele. Ela tenta não notar o quanto os

pés dele estão imundos no momento em que afundam no macio tapete branco-amarelado da sala de estar.

“Onde eles estão, afinal?”, diz Matthew, enquanto ela coloca as sandálias em uma prateleira dentro do armário, como se quisesse dizer: Pelo menos guardamos o sapato no lugar certo. “Talvez eles soubessem algo que a gente não sabia.”

“Eles só estão fazendo um cruzeiro”, diz Mei.

Matthew ri uma risada particular. Agora que seu rosto já não está coberto pela máscara, é a primeira vez que Mei de fato repara na boca dele, os lábios finos, o início de um bigode, os dentes apertados como azulejos, a correção excessiva do aparelho ortodôntico.

“Você já parou para se perguntar por que eles precisam de uma casa tão grande?”, diz ele. “Quero dizer, o que eles fazem com todas essas coisas?”

Ele levanta uma pequena escultura de pássaro do seu lugar sobre o piano. Como uma criança, brinca de fazer a ave voar de um lado para o outro.

“Cuidado”, diz ela.

Talvez eles não deveriam ter vindo para lá.

Sobre a lareira está pendurada uma reluzente guitarra cor de mel, cujo corpo é adornado com o autógrafo de alguém. Não é para tocar — é o que ela vive dizendo à menininha que mora aqui, de dois anos, apenas começando a entender o que ela pode e o que não pode fazer. Não toque, repete ela toda vez que passa por aquela guitarra, não toque. Mas aqui está Matthew, erguendo o braço para dedilhar a guitarra.

“Ah”, diz Mei. “Hum, você pode deixar isso aí em paz?”

É a coisa errada a se dizer. Que vergonha, essa preocupação com os objetos materiais, mas também: o modo como a voz dela se eleva no final, à feição de uma pergunta, a exemplo de será que talvez não seja melhor você não tocar nisso aí?

“Relaxa”, diz ele. “Eles não estão no meio do oceano?”

O corpo dele inteiro se mexe. Ele estala os dedos. Bate os pés. Há uma sensação de aventura na maneira como se detém para tocar bateria na mesinha de centro, como se fosse um painel de automóvel, a maneira como ele sobe no cavaleiro de balanço da

menininha, o absurdo arqueio nas laterais de suas pernas compridas. E é um pouco contagiosa — é — a impetuosidade dele.

“Eu só quero fechar as cortinas”, diz Mei. “Assim os vizinhos não vão ver a gente.”

Há muitas janelas.

Em seguida, ela encontra Matthew na cozinha — com uma garrafa de vinho em uma das mãos, um saca-rolhas na outra.

“Você não pode mesmo fazer isso”, diz ela.

Mas, um segundo depois, vem o suave estalo da rolha saindo da garrafa. Uma tensão se espalha pelo corpo retesado de Mei — quem sabe o que mais esse garoto vai fazer?

“Não é certo que eles tenham tanto quando algumas pessoas têm tão pouco”, diz Matthew. “A gente podia derramar tudo isso pelo ralo como forma de protesto.”

Em vez disso, ele despeja um pouco de vinho em duas canecas de café e desliza uma delas sobre o balcão em direção a Mei.

“Não, obrigada”, diz ela.

Ele ri. Foi um erro, ela sabe agora, trazê-lo para cá.

“Vai”, diz ele.

Ele fica lá parado, olhando fixamente para Mei, que então beberica um pequeno gole. O sabor é uma surpresa: fresco e agradável em sua boca, nada parecido com o vinho tinto pesado que ela experimentou uma ou duas vezes no Katrina’s, nunca o suficiente para sentir mais do que um leve calor na língua — parecia tão importante, naquela época, não bagunçar a mente. Mas parece juvenil agora, tipo uma bosta — a palavra que Matthew usaria.

“A gente precisa lembrar de levar a garrafa quando formos embora”, diz ela. “Aí eles não vão saber que a gente bebeu.”

“Essa é a menor das nossas preocupações”, diz ele.

Ela dá mais alguns goles. Talvez ela não queira mais ser essa garota, essa garota que segue as regras.

De vez em quando, o som agudo e estridente das sirenes ao longe. Os baques cortantes das pás dos helicópteros.

Matthew liga a televisão. Eles se afundam no sofá, o frio do couro de verdade sob as palmas das mãos.

“Olhe só”, diz Matthew. “Estamos na TV.”

Na tela aparece o campus, visto de um helicóptero, rodeado das luzes intermitentes dos carros da polícia. Relatos não confirmados, informa o repórter, sugerem que cerca de vinte estudantes escaparam da quarentena.

Desse sofá, a situação parece cada vez menos urgente. Parece um pouco engraçado, na verdade. Matthew continua reabastecendo sua caneca.

Ele diz algo sobre a história dos Estados Unidos. Ele diz algo sobre a ética fodida da quarentena, sobre liberdades civis.

Em um certo ponto, ela sente o desejo de fechar os olhos. Alguns segundos depois vem o som de dedilhar. A guitarra autografada da lareira agora está esticada sobre o colo de Matthew.

“Eu acho que isto aqui é só pra decoração”, diz Mei, mas ela está se derretendo sofá adentro.

A garrafa de vinho está quase vazia sobre a mesinha de centro.

“Esta coisa está totalmente desafinada”, diz Matthew.

Em algum lugar daquela sala está a ideia de que ele não deveria tocar aquela guitarra, mas isso é um conceito e não um sentimento, como algo teórico e nem um pouco conectado a ela.

Ela está ficando cansada também, muito cansada — talvez ela nunca tenha se sentido tão sonolenta em sua vida. Uma centelha de medo a faz estremecer: e se chegou a hora, a doença enfim tomando conta do seu corpo? Mas essa preocupação logo se dissipa. Alguma coisa está entorpecendo todas as possibilidades, menos esta: a fria calma do sofá de couro sob as palmas das mãos, a maciez da almofada embaixo da cabeça dela.

“Ei, espere”, diz Matthew. “Talvez seja melhor você beber um pouco de água antes de dormir.”

Mas é tarde demais. Ela adormece ali mesmo, sentada no sofá ao lado de Matthew. É um sono escuro e oceânico: profundo e silencioso e vazio de sonhos.

As garotas: saindo do ginásio, algumas correm em disparada para o estacionamento, descalças ou de chinelos, cabelos esvoaçando ao vento. Elas se espremem dentro de seus carros, em grupos de três e quatro, zunindo em direção à estrada principal. Um dos carros é logo parado pela polícia. Um deles é encontrado na frente da casa de um namorado, as garotas comendo pizza no interior do veículo. Mas um dos carros consegue escapar, acelera cidade afora sem ser detectado. Dentro desse carro vibra uma empolgação íntima, uma diversão sem causa aparente efervescendo por baixo de tudo. Está no som das vozes delas, cantando alto junto com o rádio, nos vislumbres de floresta nos faróis a cada curva e guinada da estrada que serpenteia em alta velocidade. Que história elas vão contar um dia. A embriagante curtição de escapar por um triz. Dentro da noite veloz, elas passam a mil por hora por cabanas e áreas de acampamento até não haver nada além de mata em todas as direções. Elas desviam abruptamente para não atropelar um cervo, faróis brilham nos olhos do animal. Elas se sentem invencíveis. E também, de repente: apaixonadas umas pelas outras, por si mesmas, pela vida! Tudo faz parte disso. As estrelas. O bosque. O cheiro de fumaça no ar. A proximidade do perigo — ou a ideia dele, pelo menos — apenas aumenta o prazer de ter dezoito anos em um carro voando feroz por uma estrada escura nessa noite em particular.

Elas percorrem mais de trinta quilômetros até a cidade vizinha, um pequeno povoado de beira de estrada, população de duzentos e cinquenta habitantes. Param em um posto de gasolina, compram chiclete. Uma das garotas usa uma carteira de identidade falsa para comprar seis garrafas de vodca sabor limão. O dinheiro escorrega das mãos nuas dela para as mãos nuas do balconista da loja de conveniência do posto. Uma outra sussurra algum flerte no ouvido de um desconhecido, sua respiração se mistura à dele. As palmas

das mãos dela escorregam pelo balcão. Suas mãos tocam as alças das geladeiras enquanto pegam o sorvete e o vinho. Elas tocam os chaveiros que estão pendurados ao lado da caixa registradora.

Elas não conseguem, nesse momento, conceber o perigo que representam. É impossível (impossível!), nessa noite e nesse estado de espírito, imaginar que, apenas um dia depois, todas elas terão sucumbido ao sono em um quarto no hotelzinho barato de beira de estrada que logo encontrarão adiante, ou que, alguns dias depois disso, o funcionário do posto será encontrado caído nesse mesmo balcão no final do turno da noite. O sono também virá para aquele desconhecido que, depois de alguns dias viajando sozinho de mochilão, adormecerá em seu saco de dormir, em algum recanto remoto desses bosques, e lá ficará, sem ser encontrado, por dois anos.

No início ninguém nunca sabe quanto estrago um incêndio vai causar, mas o alvorecer do dia seguinte revela apenas alguns hectares de árvores mortas, negras e nuas em contraste com o céu, os galhos despidos das folhas finas e pontiagudas, como se o inverno finalmente tivesse chegado para as sempre-vivas.

Bem mais tarde, as autoridades vão rastrear a propagação da doença até essa noite, as exalações contaminadas daqueles vinte e seis estudantes enquanto eles se esparramavam colina abaixo pela floresta cidade adentro.

Mas aqui a cronologia fica obscura, a cadeia de transmissão pouco clara. Sempre há lacunas nessas narrativas. Um limite para o que pode ser conhecido. Em alguns tipos de rachaduras, a especulação é a única coisa que cria raízes.

Nos primeiros minutos da manhã, no dia seguinte ao incêndio, Sara está estendida sobre um piso de madeira, a cabeça girando levemente durante o sono.

Um dos gatinhos lambe alguma coisa do chão. É isso que a faz acordar, o branco daquelas patas no nível dos olhos, o tique-taque de garras ávidas. De resto, a casa está sossegada. Luz do sol.

O pai delas, em sua cama, parece o mesmo de antes, ainda em um sono profundo e silencioso.

“Papai”, sussurra ela. Sem resposta.

O pânico da noite anterior volta de uma forma diferente: congelado. O pai dela tem a doença — só pode ser.

Sara também sente uma onda de algo mais: que ela já viu tudo isso com antecedência, tem esperado por isso há anos, não exatamente esse desastre, mas alguma perda inevitável, alguma repentina ruptura como se todas aquelas noites que ela passou deitada insone e preocupada fossem, todas elas, um ensaio para um desmoronamento.

O pai delas parece calmo em sua cama, e jovem, ou mais jovem que o normal, de qualquer maneira, a testa lisa como uma folha de papel. Como é raro flagrar esse corpo em repouso, esses olhos fechados.

As pálpebras dele, Sara percebe, estão estremeando.

Ela tenta adivinhar de que tipo de coisa se ocupam os sonhos do pai naquela cabeça. Catástrofes ou a ausência delas? Uma vida diferente ou a vida que eles têm?

Quando elas afastam as cobertas do corpo dele, o odor de urina sobe dos lençóis.

“Acho que a gente precisa ligar pra alguém”, diz Sara. “Talvez para a emergência.”

“Não”, diz Libby. “Ele não iria querer isso.”

E é verdade. Elas sabem o que ele diria: a polícia é um bando de mentirosos, os médicos só querem saber de dinheiro, todo o sistema é manipulado contra eles.

“E eles vão levar a gente embora”, diz Libby. “A gente vai pro orfanato e nunca mais vai se ver.”

Essas ideias foram colocadas na cabeça delas pelo pai. Quantas vezes ele as alertou sobre o que aconteceria se os serviços sociais as levassem embora?

Não há avó para quem ligar. Nenhuma tia. Não há amigo da família que saberia o que fazer. Sempre foram apenas eles três, nessa casa e na vida. E agora, de certa forma, são apenas as duas.

No fim, a coisa volta à água. O corpo dele precisa de água, não é? Elas não têm como enfiar água dentro dele.

É Sara quem finalmente pede ajuda. É ela quem conta as mentiras que precisam ser contadas. Ela liga de Minnesota, diz ela, da casa da sua avó, diz ela à atendente da central de emergência. O pai dela, lá na casa onde ele mora, talvez esteja doente, diz ela ao telefone, com aquela coisa, ela diz, aquela doença do sono. Será que alguém poderia ir até lá dar uma olhada nele?

Mais tarde, as meninas observam a casa delas do bosque, na pequena colina na extremidade da rua, joelhos apertados com força contra o peito, como se fossem apenas vizinhas sentadas lá

naquela terra seca, colhendo pinhas enquanto esperam, apenas as filhas de outra pessoa. Sara vê agora o que os vizinhos devem achar do aspecto da sua casa, aquelas janelas lacradas com tábuas, aquelas calhas de chuva enferrujando.

“E daí?”, diz Libby. Ela aperta os olhos ao sol do fim de tarde. “Eu não me importo com o que pensam.”

Do lago sopra uma brisa. Ao ar livre está mais frio do que elas pensavam, depois de tantos dias dentro de casa.

No ar: o aroma de seiva de pinheiro, o zumbido de insetos, os gritos da bebê da casa ao lado. A mãe está na varanda com a menininha no colo, andando de um lado para o outro. Ela colocou o rosto junto à bochecha da bebê. Sua boca se mexe como se ela cantasse.

“Aquele é o menor bebê que eu já vi”, diz Libby.

O rosto da bebê está vermelho. Os olhos estão meio fechados. Ela está empacotada em um cobertor de tricô branco.

Antes de saírem de casa, as meninas encurralaram os gatos no porão e trancaram a porta. Deixaram a porta da frente aberta para os socorristas. O plano delas se estende apenas algumas horas no futuro. Elas vão ficar escondidas lá fora por algum tempo. Amanhã é uma escuridão. O dia seguinte, desconhecido.

Quando uma sirene enfim ecoa ao longe, Sara aperta a mão da irmã — chegou a ajuda para o pai. Mas quando as portas duplas da ambulância se abrem, parece ser outra coisa.

Libby engole em seco: quatro figuras descem da ambulância em macacões azuis de corpo inteiro. Parecem astronautas, Sara pensa. Homens ou mulheres — as meninas não são capazes de dizer, não com aqueles óculos de proteção e aquelas máscaras, os capuzes que cobrem a cabeça. Usam luvas de borracha verde que se estendem sobre as mãos e sobem até os cotovelos. Até os sapatos deles estão envoltos em plástico. E aventais — cada um usa um avental de plástico transparente sobre o traje, como se fossem açougueiros, que estão ali para cortar um pouco de carne.

“O que vão fazer com ele?”, pergunta Libby.

“Eles vão ajudá-lo”, diz Sara, mas ela não tem tanta certeza. De repente os medos de seu pai florescem em sua própria mente. Uma onda de culpa pressiona seu estômago.

“Eu te disse”, diz Libby. “Você não devia ter ligado.”

Mas é tarde demais. Aqueles desconhecidos de macacão azul já estão entrando pela porta da frente, para reaparecer como clarões de azul nas janelas do andar de cima, seus trajes visíveis acima das tábuas sobre o vidro.

A bebê chora de novo na casa ao lado, mas a mãe parou de embalá-la. Em vez disso, a mulher está completamente imóvel, olhando para o que se passa na casa das meninas. Ela está com uma das mãos sobre a boca, como alguém que recebe más notícias. Ou um choque. Ela deixou o cobertor da bebê cair, os pequenos pés rosados se esticam no ar.

Quando a porta da frente da casa das meninas se abre de novo, lá está ele, o pai delas — estendido em uma maca, que balança como um caixão nos braços dos socorristas.

Ele parece tão exposto naquela maca, seu peito nu e suas cuecas samba-canção. Ela não gosta da maneira como a cabeça dele balança enquanto eles carregam a maca até a calçada.

Nem tudo o que acontece em uma vida pode ser digerido. Alguns eventos permanecem eternamente inteiros. Algumas imagens nunca saem da cabeça.

“Ele não ia querer isso”, diz Libby. Ela joga uma pinha dentro da floresta. Seus bracinhos de menino. “Ele odiaria isso.”

“O que mais a gente podia ter feito?”, diz Sara. Mas uma tensão percorre seu corpo, o arrependimento passando ao longo de toda a extensão, um músculo de cada vez.

As solas dos pés do pai estão sujas como de costume e calejadas e agora desaparecem no interior branco da ambulância. Um dos socorristas pulveriza os outros com um tipo de névoa.

A mulher da casa ao lado desapareceu com a bebê.

Antes de a ambulância ir embora, um dos macacões azuis volta até a varanda com uma lata de algo na mão. As garotas conseguem ouvir o chocalho metálico enquanto ele sacode a lata no ar e depois o longo chiado de tinta spray esguichando por um bico.

“Ei”, sussurra Libby. “O que eles estão fazendo com a nossa casa?”

Um gigantesco X preto agora escorre pela madeira lascada da porta da frente. Elas ouvem o chacoalhar de novo, mais borrifos de

tinta quando o macacão azul desenha um segundo X, dessa vez ao lado da casa.

As meninas demoram um longo tempo para perceberem que estão com fome. Assim que o sol se põe sobre a colina e os grilos começam a chamar um ao outro e a rua está quase escura, elas voltam para casa, quietas como criminosas e com medo de acender as luzes. Elas têm onze e doze anos. Estão completamente sozinhas em uma casa grande.

Ben espera na fila do drive-thru, o carro cheio de fraldas e mantimentos, quando ele pensa em checar seu telefone. Talvez ele sinta, de alguma forma, o problema que encontrará lá: duas chamadas não atendidas de Annie, uma mensagem. “Sou eu”, diz ela na gravação. “Venha pra casa agora.”

Ele liga para ela do estacionamento. Sem resposta.

Ele dirige de volta para casa às pressas, brinquedos de bebê rolando no banco de trás. Uma sensação de flutuar.

Na noite anterior, ele sonhou que estava boiando no oceano com a bebê. Nenhuma jangada. Nada de terra à vista. Ele segurava a filha com um dos braços, remando com o outro. A cabeça dela teimava em continuar tombando para a frente água adentro. Era sobre isto o sonho: manter o nariz acima das ondas. Mas a criança logo caiu, e o resto do sonho foi apenas se debater veementemente à procura dela naquela água escura e fria. Isso durou horas a fio, essa agitação de braços, mas o que sabemos sobre a física dos sonhos? Talvez, no quarto onde ele estava dormindo no chão ao lado do berço, apenas alguns segundos tenham se passado no relógio em formato de baleia da bebê.

Ele acelera pela cidade, abraçando o lago.

Em um semáforo, liga para Annie de novo. Nada.

Quando finalmente chega à sua garagem, deixa as sacolas de compras no porta-malas, o carro destrancado. Sobe correndo as escadas.

Ele ouve a voz de sua esposa antes de vê-la: urgente, ríspida, curta e grossa. Ele não percebe as marcas pintadas na casa ao lado.

“Até que enfim”, diz ela do andar de cima. “Eu estou te ligando sem parar.”

“Cadê ela?”, diz ele. Mas a bebê está ali, como de costume, deitada de lado no berço: olhos azuis abertos, vivos. Ele encosta no

rosto a cabeça quente da bebê. “Ela está bem?”, diz ele. Ela ainda é tão pequena que suas mãozinhas continuam desaparecendo dentro das mangas da roupa.

Às vezes, assusta-o se lembrar de que ele não queria ter um filho, como se o tempo pudesse, às vezes, retroceder para um acerto de contas, no qual qualquer coisa que *existe*, seja o que for, será revogada e substituída por aquilo que poderia ter sido de outra forma.

“Os vizinhos”, diz Annie. “Eles têm a doença.”

Uma tensão se revira dentro do estômago dele.

“Como assim?”, diz ele. Mas ele sabe o que ela quer dizer.

“Acabaram de trazer o pai para fora estendido em uma maca, agora”, diz ela. “Inconsciente.”

Será que a doença poderia se espalhar pelo ar através de uma janela aberta e entrar em outra? Ou flutuar da garganta de uma menina que havia pouco tempo estivera na varanda, a poucos metros de distância da bebê?

“E os homens que vieram estavam usando aqueles macacões”, diz Annie. “Você sabe, trajes todos cobertos de plástico, sem pele aparecendo. Daqueles usados para o ebola.”

“Jesus”, diz ele.

Em qualquer outro dia, ele poderia ter se preocupado mais com as filhas daquele homem, mas hoje ele só é capaz de pensar na própria menina, que nesse momento se contorce em seu peito, o sistema imunológico dela ainda não está totalmente formado. O que o corpo de um adulto logo descartaria pode florescer no de um recém-nascido. Ele a balança em seus braços, como se ela fosse a pessoa que precisasse de conforto.

“Vamos embora”, diz Annie. “Vamos apenas entrar no carro e ir embora.”

Talvez a bebê não pegue a doença pelo leite, ela continua dizendo, mas se ficarem nessa cidade, com certeza ela será infectada de alguma maneira.

Ela amontoa as roupas de Grace em uma pequena pilha sobre a cama, fazendo as malas.

“Mas disseram que a gente não deve sair da cidade”, diz ele.

Annie suspira, dura e deliberadamente, como se estivesse discutindo com ele o dia todo.

“Eu sabia que vocêalaria isso”, diz ela.

Há algo de perverso na voz dela, algo novo.

“Fique, se você quiser”, diz ela. “Mas eu vou levar a minha filha embora daqui.”

Só Annie pode dizer uma coisa dessas, como se ela e a bebê ainda estivessem alojadas juntas dentro de um único corpo.

Ela puxa uma mala do alto do armário.

“Deixe-me fazer isso”, diz ele. Ela não deve fazer força nem levantar nada pesado ainda.

“Se a gente vai embora mesmo”, diz Ben, “é melhor fazermos isso logo. Falta apenas uma hora antes de a enfermeira voltar para medir a temperatura da bebê.”

Mas demora muito tempo para reunir tudo o que eles precisam. No momento em que o berço e as fraldas, as mamadeiras limpas e a fórmula, os cobertores, cueiros e as chupetas e a bomba de tirar leite — no momento em que tudo é acondicionado no porta-malas do carro, é hora de alimentá-la mais uma vez, o que significa que a campainha toca no momento em que Grace termina uma mamadeira de fórmula, seus olhos esmorecendo com a última gota, para depois adormecer nos braços de Annie.

Ben sente seu rosto radiante com o segredo de sua partida.

“Apenas seja normal”, sussurra Annie quando a campainha toca novamente.

A mentira está na forma como Ben tira os sapatos antes de abrir a porta para que a atenda descalço, como um homem que vai passar a noite em casa.

Na soleira da porta está a mesma enfermeira de antes, mas agora ela usa mais equipamentos: um macacão verde completo e uma máscara descartável, luvas azuis que se estendem até os cotovelos.

“Os procedimentos continuam mudando”, diz ela através do abafado da máscara. Com as costas do pulso, ela afasta uma mecha de cabelo dos olhos. “Pronto?”, diz ela.

Quando ela vê a filha deles, ainda cochilando nos braços de Annie, um pequeno suspiro sai de sua garganta.

“Há quanto tempo ela está dormindo?”

“Ela sempre faz isso depois de comer”, diz Annie.

A enfermeira escreve algo em sua prancheta.

Annie começa a se levantar do sofá.

“Pode ficar aí”, diz a enfermeira. Ela segura a mão no ar, firme, como um empurrão. “Eu consigo medir a temperatura dela daqui mesmo.”

Nenhum deles fala enquanto a enfermeira segura o termômetro apontado para a testa de Grace. O único som é o vento soprando através das árvores e, muito mais perto, em paralelo: o ar entrando e saindo dos pulmões da filha.

Por fim, a varinha emite um bipe. “Sem febre ainda”, diz a enfermeira.

Ben não gosta do jeito como ela diz esta palavra, *ainda*, como se ela pudesse enxergar o futuro naquele termômetro.

“E ainda não há outros sintomas?”, diz a enfermeira.

Ela já se desloca em direção à porta, seu macacão sibilando à medida que ela se move. Mesmo com as luvas, ela usa o menor número possível de dedos para tocar a maçaneta, como se a segurasse com pinças.

“Volto amanhã às nove”, diz ela.

“Claro”, dizem eles e meneiam a cabeça. “Até mais, então.”

Mas amanhã eles estarão a cento e sessenta quilômetros de distância, em San Diego, com a irmã de Annie.

Annie viaja ao lado da bebê, no banco de trás — é assim que eles fazem desde o começo. Mais do que qualquer outra coisa, em um ponto os dois concordam: para filha deles, se sentir sozinha no mundo parece ser a pior coisa possível.

“Eu acho que, se fosse para ela pegar a doença do leite, a essa altura já estaria doente”, diz Annie. Soa como verdade quando ela diz, com a mesma certeza da ciência. Nem sempre é possível distinguir razão de esperança.

Ela procura os olhos de Ben no retrovisor. Ela está segurando a mão da bebê. Sua pequena família.

“Você não acha?”, diz ela.

No momento em que eles passam pela faculdade, Grace está dormindo de novo. Eles veem agora, pela primeira vez, as vans dos canais noticiosos enfileiradas na College Avenue há uma semana, suas amplas laterais se tornando rosadas no pôr do sol, enquanto notícias sombrias voam invisivelmente das parabólicas nos tetos, algumas delas despejando nos alto-falantes no carro de Ben e Annie: trinta e nove casos, um repórter local está dizendo, o que é quase o dobro do total do dia anterior, e ainda nenhuma palavra sobre qual é a causa disso.

Ben desliga o rádio.

Eles saem da cidade da única maneira que é possível, pela estrada que serpenteia montanhas acima e depois descem mais uma vez até o vale do outro lado. As casas são cada vez mais escassas à medida que a estrada sobe. E por alguns minutos, na sombra daqueles bosques antigos, eles se sentem livres dessa coisa.

“Estaremos em San Diego lá pelas oito”, diz Ben, como se o perigo viesse da própria terra e tudo o que eles precisassem fosse de uma cura geográfica.

Mas uma curva na estrada revela uma longa fila de luzes de freio. Uma sucessão de carros espera na penumbra.

“Não estou vendo acidente nenhum”, diz Ben. Suas mãos começam a suar no volante.

“Não vamos ficar paranoicos”, diz Annie.

A possibilidade paira entre eles por um momento, uma silenciosa lufada de esperança: de que se trata de uma calamidade rotineira, que pode ser removida do caminho com guinchos enquanto os motoristas trocam informações sobre seguros.

Sim, eles concordam, um acidente.

Mas eles nunca viram tanto tráfego nessa estrada.

Dez minutos se passam. Vinte. Suas rodas giram tão raramente que o velocímetro não detecta nenhum movimento. Alguns motoristas desligaram o motor.

O sol está afundando rápido. Grace emite seus pequeninos roncões.

No sono, ela sempre parece sem vida. E ele está tão propenso quanto Annie a abaixar a cabeça para junto do peito da bebê e ouvir

o funcionamento de seus pulmões. Não vamos incomodá-la, eles dizem um ao outro enquanto a menina dorme, não vamos incomodá-la, mas depois acabam fazendo isso de qualquer forma, um ou outro, uma compulsão que compartilharam desde o nascimento dela.

“Eu quero acordá-la”, diz Annie. “Apenas pra ter certeza. Posso acordá-la?”

Muitos carros à frente, duas portas se abrem. Um homem e um menino pequeno saem e começam a caminhar juntos pelo acostamento. Param perto do carro de Ben e o homem aponta para a mata, e então o menino vai caminhando sozinho para dentro da floresta. Dá para dizer o que está acontecendo, o garoto parou para abrir o zíper da calça perto de uma árvore, de costas para a estrada.

O pai, de braços cruzados, acena para Ben. “Ele não aguentou segurar”, diz ele, com um pequeno sorriso.

Há entre os pais uma camaradagem que Ben não reconhecia antes. Pessoas desconhecidas com crianças não são muito parecidas com estranhos comuns — ele não precisa conhecê-las para saber um bocado sobre a vida delas.

Ben pergunta para o homem: “Você sabe dizer o que está acontecendo lá em cima?”.

O homem vem alguns passos mais perto, o som dos sapatos esmagando a terra.

“Há um posto de controle lá em cima”, diz ele. “Estão procurando aqueles estudantes. Os que estavam em quarentena, ou coisa do tipo, na faculdade. Os que fugiram.”

Talvez eles estejam escondidos na floresta, diz o homem, olhando em volta, como se os estudantes pudessem estar observando. Mas ele não os culpa, diz o homem. “Nós também estamos tentando escapar.”

O homem percebe a presença de Grace no banco de trás.

“Qual é a idade dela?”, diz ele.

“Três semanas”, diz Ben.

O homem balança a cabeça, como se Ben tivesse dito algo doloroso.

“Aproveite”, diz ele, olhando de novo para o filho. “Você não vai acreditar em como passa voando.”

Ben concorda com um meneio da cabeça. Um sorriso educado. Mas ele sobe o vidro da janela — é desnecessário dizer a eficiência com que uma criança pequena prova a inexorabilidade do tempo.

Quando eles finalmente conseguem enxergar o começo da fila, está escuro. Uma escuridão de verdade, um mar profundo, não como as noites que eles conheciam em Nova York. Nesse negrume do céu eles podem avistar as constelações, mas a luminescência das estrelas não é tão reluzente quanto as luzes de Klieg que brilham no topo dos carros da polícia, ou como as lanternas que oscilam em suas mãos.

Um grupo de estudantes universitários está parado na beira da estrada, enquanto um policial aponta uma lanterna para o portamalas.

“Você acha que são eles?”, diz Ben. “Aqueles garotos?”

Mas o banco de trás ficou quieto. Ele se vira. É quando ele vê: a cabeça da esposa está desmoronada junto à janela, os olhos fechados.

“Annie”, diz ele.

Nada.

“Annie!”, diz ele de novo. “Acorde.”

No instante seguinte ele está do lado de fora do carro, abrindo a porta traseira. Ele grita o nome dela no escuro. Uma clareza de foco. Ele a sacode e a chacoalha. A cabeça dela tomba para a frente e se enrosca no cinto de segurança.

As pessoas no carro atrás dele o observam agora, um homem e uma mulher. Será que ele precisa de ajuda?, eles perguntam, mas ele não os ouve e não os vê. Ele vê apenas Annie, com o rosto frouxo, os olhos fechados — e a bebê ainda dormindo no banco do carro ao lado dela.

“Annie!”, grita ele de novo.

Agora a bebê acorda e começa a chorar — e é a voz da menininha, e não a dele, que finalmente acorda a esposa.

“O quê? Qual é o problema?”, diz ela.

O alívio chega para ele na forma de um coração batendo em ritmo acelerado. Uma dificuldade em falar.

“Por que você está me olhando desse jeito?”, diz Annie, mas uma súbita compreensão fulgura brevemente em seu rosto. “Eu estou bem.” Ela boceja. “Só estou exausta.”

É verdade que durante semanas o sono dela chega assim — de repente e sem aviso prévio, independentemente da hora. Durma quando o seu bebê dormir — é o que todos os livros recomendam. Mas, nesse momento, Ben não está pensando em todas as vezes nas últimas semanas em que Annie adormeceu sentada em uma cadeira ou quando ele próprio cochilou sem trocar de roupa, ainda de sapato, e sem jantar.

Os movimentos dele estão repletos de raiva quando volta para o banco do motorista. Ele sente um desejo de bater com força a porta — um sentimento mais do que um pensamento.

“Eu não seria capaz de fazer isso sem você”, diz ele, olhando para a frente. Ele não precisa explicar o que quer dizer.

Pelo retrovisor ele vê Annie segurando uma mamadeira na boca de Grace.

“Sim, você seria”, diz ela, os lábios de sua filha batendo contra o plástico da mamadeira. “Você teria que fazer”, diz ela. “Então você faria.”

Na frente da fila, um policial pede sua carteira de motorista.

“E a bebê?”, diz ele.

Ben sente seu rosto corar.

“Ela tem apenas três semanas”, diz ele.

“Preciso do nome de todos os passageiros”, diz o policial, e então Ben lhe diz — primeiro nome, nome do meio, sobrenome, e a sonoridade disso ainda parece algo novo em sua boca, e estranho, como alguma coisa inventada, o que, de certa forma, é.

“Espere aqui”, diz o policial.

Quando ele olha para a sua prancheta, algo muda. Ele se afasta do carro. Coloca uma máscara descartável.

Ben não está preparado para isso. A sensação de ser pego. Ele quer se desculpar ou se explicar, como um adolescente tentando comprar cerveja. Mas Annie, atrás, toca o ombro dele. Não diga nada, diz a mão dela.

Quando o policial volta a falar, é através de uma máscara: “Ela está nesta lista”, diz ele, acenando na direção da bebê.

Annie assume as rédeas, inclinando-se pela janela do passageiro.

“Que lista?”, diz ela. “Ela está bem. Está vendo?”

Nesse momento, Grace encara a etiqueta de alerta na almofada interna da cadeirinha da bebê: o diagrama da cabeça de uma criança voando para a frente em reação à força de um air bag — a pessoa nunca tem permissão para se esquecer de todas as coisas terríveis que, caso ela cometa algum tipo de erro, podem acontecer com uma criança.

“O senhor vai ter que dar meia-volta”, diz o policial, como se estivesse falando com criminosos. Ele aponta para a outra pista, no sentido leste. “O senhor precisa ir para casa.”

Eles não viram nenhum outro carro fazer esse retorno, mas ali estão eles, Ben girando o volante com força para a esquerda dando ré e girando-o novamente. Ele consegue sentir os outros motoristas a observá-lo.

“Eu te disse que a gente não deveria sair”, diz ele, enquanto o carro avança devagar colina abaixo no escuro. “Era melhor a gente ter ficado em casa.”

Uma nesga de lua apareceu no horizonte, mas não é suficiente para iluminar a floresta.

“Se dependesse de mim”, diz Annie, rígida em seu assento, “a gente nem estaria aqui.”

E aí está: a coisa que ficou sem ser dita por todos esses meses.

Ele não fala imediatamente, tem medo do que possa dizer. Ela tinha uma proposta de emprego em Nova York, mas parecia fundamental fugir do lugar onde as coisas tinham dado errado entre eles.

Agora ela fala com a bebê. “O papai queria me punir”, diz ela.

Isso abriu a caixa de Pandora. Meses de contida compostura entram em colapso: acontece que todas as coisas que eles não disseram — fosse por bondade, medo ou qualquer outra coisa — ainda estão lá, apenas esperando para pular para fora da garganta de ambos.

Mas eles não estavam felizes aqui?

“Estávamos de saco cheio de Nova York”, diz ele.

“Você estava”, diz ela.

Ele fica furioso de repente.

“Não fui eu quem quis usar o leite doado”, diz Ben. “Eu sempre achei estranho usar leite de pessoas desconhecidas — quem é que sabe o que essas mulheres colocam dentro do corpo delas?”

Isso significa algo para Annie, leite materno, algo profundo que ele não entende e que não o inclui.

No silêncio dela, ele vai mais longe.

“Você poderia ter se esforçado mais para alimentar a bebê”, diz ele, mas, no exato momento em que essas palavras saem de sua boca, não soam verdadeiras, uma coisa em que ele jamais havia pensado antes até agora. “Talvez se você pudesse se comprometer com algo, pelo menos uma vez.”

Talvez então, diz ele, não estivéssemos nessa situação. Mas o arrependimento já está se avolumando em sua mente. Ele tem medo de terminar o raciocínio, que é um substituto, de qualquer maneira, para aquilo que ele de fato quer dizer: eu tenho medo pela nossa pequena.

“Vá se foder”, diz Annie.

Essas palavras são seguidas por um silêncio que dura o resto da noite.

Ele deseja que ela grite, mas ela não grita. E a sensação é a de que ele não pode falar também.

Mais tarde, Annie vai dormir no quarto de Grace. Ben também quer dormir lá ao lado da esposa e da bebê, mas a porta está fechada. Ele não consegue imaginar girar aquela maçaneta.

Esta sempre foi a punição mais drástica e severa que ela infligiu a ele: fazê-lo dormir sozinho. Ele fica acordado por um longo período antes de pegar no sono e então desperta rapidamente, depois de apenas alguns minutos, com o cheiro intenso do chá que ela bebe à noite — hortelã e eucalipto —, o cheiro da sua mulher vindo para a cama. Mas o aroma desaparece depressa demais para ser real, uma alucinação olfativa, como um médico certa vez a chamou — a vida toda ele as teve. Esta é a verdade: Annie não está no quarto. Aqui está ele, sozinho em sua cama.

Nesse meio-tempo, na mesma noite, em outra parte da cidade, os sons rodopiantes de um órgão jorram para a rua. Uma fileira de damas de honra treme na entrada da igreja. Todos os casamentos depois desse serão cancelados ou adiados. Mas esse é realizado, os últimos votos a serem ditos nessa cidade.

A noiva passou o dia com tontura. É normal, diz a mãe dela. São apenas os nervos. E, de qualquer forma, ela ficou acordada até tarde na noite anterior, finalizando os arranjos da cerimônia, depois de um longo dia de trabalho — ela é enfermeira em um consultório médico. Não admira que se sinta tão cansada. Ela parece um pouco pálida, as damas de honra concordam, mas duas pinceladas de blush devolvem a cor ao rosto, e uma camada extra de corretivo esconde o cinza sob seus olhos.

Porém, quem quer que tenha compartilhado seu batom nesse dia, quem quer que tenha emprestado seu delineador, quem beijar a bochecha dela nessa noite ou dançar muito perto ou tilintar sua taça de champanhe, quem quer que toque a mão da noiva para admirar o anel, quem quer que pegue o buquê no final da noite — todos essas pessoas, sem exceção, estão expostas.

É assim que a doença se alastra melhor: percorrendo os mesmos canais que o carinho, a amizade e o amor.

Nos anais das doenças infecciosas, existe um fenômeno conhecido como “superpropagador”: uma pessoa que, por algum acidente de bioquímica ou destino, infecta muito mais pessoas do que as outras vítimas.

Rebecca, fica evidente, ainda na animação suspensa do sono, exerce exatamente esse tipo de influência.

Ao contrário das outras famílias, os parentes de Rebecca permanecem junto dela: a mãe dorme na cama ao seu lado, e o pai também jaz inconsciente. Ali, no canto, estão deitados seus dois irmãos adolescentes, enrodilhados como crianças em suas camas. Todos eles, agora, têm o corpo perpassado por tubos que os envolvem feito serpentes.

Se eles estivessem acordados, os membros dessa família — que sabem de cor tantos versículos — poderiam pensar em Mateus, capítulo 9, quando um pai cuja filha acabou de morrer vai até Jesus e lhe pede ajuda, e em como, antes de curar o corpo dela, Jesus diz aos enlutados em volta da filha: “Retirai-vos. A menina não está morta, mas adormecida”.

Enquanto isso, nesse mesmo quarto, há mais alguém, ainda jovem demais para sonhar. Uma semente de gergelim — é o que os livros diriam se Rebecca estivesse a lê-los. As células já se organizando em camadas. Logo os órgãos começarão a se formar. Em uma semana, essa partícula de coração se dividirá em câmaras. Em duas semanas, os contornos do rosto começarão a surgir. Em três, os primeiros brotos de mãos e pés.

Apenas uma coisa é necessária agora: tempo.

E então tudo se apressa, como se o aumento do número de casos tivesse causado uma aceleração do tempo.

Tudo isto em um dia:

Um homem de terno amarrotado perde a consciência durante o sermão na Igreja Luterana de Santa Lora, mas como algumas pessoas sempre cochilam nesses bancos, é só bem depois que alguém percebe o problema.

Uma mulher que limpa casas descobre dois corpos na suíte principal de um casarão vitoriano reformado em Alameda. “Estão mortos”, sussurra a diarista ao telefone, mas eles logo são reclassificados, esse reitor e sua esposa: unidos não ainda na morte, mas no sono.

A van de uma florista acelera lago adentro ao meio-dia, sem freios. O motorista não faz nenhuma tentativa de escapar. Dez dúzias de rosas vagam à deriva durante horas na água antes de desembocarem na praia.

As histórias não demoram a se multiplicar, como as histórias costumam fazer: o homem que saiu de casa para correr e foi encontrado esparramado em uma calçada enquanto seu filho pequeno chora dentro de um carrinho; o guarda-florestal, enrodilhado e hipotérmico no bosque, em uma trilha raramente frequentada; e a história, talvez apócrifa, do pescador que adormeceu no leme do seu barco, bem no meio do lago, seu cachorro latindo ao luar enquanto o barco flutua sem rumo se afastando cada vez mais da costa para nunca mais ser visto.

A doença é transportada em lufadas pelos sistemas de ventilação da Associação Cristã de Moços e da escola secundária. E se espalha pela unidade de terapia intensiva do hospital.

Certas conexões estão sendo feitas: como o florista entregou buquês para o casamento de uma enfermeira, como o reitor talvez tenha comprado uma orquídea do florista naquela semana.

A história agora começa a alardear pelas transmissões nacionais. Agora os detalhes chegam ao topo das primeiras páginas de sites e blogs, crepitando em milhões de feeds de notícias por todo o mundo. A manchete é postada, republicada e comentada: “Doença misteriosa continua a se espalhar depressa por uma cidade da Califórnia”.

O apetite por informação excede as informações que existem.

Os políticos — de prefeitos ao presidente — se apressam em preencher o vácuo com entrevistas coletivas, enquanto os apresentadores de programas de entrevistas dedicam horas inteiras ao assunto. Em suas vozes pulsa algo como uma forte emoção. Ouve-se o clique-clique de uma montanha-russa subindo um auge. Em pouco tempo começam os debates acalorados. Como lidar com isso, o que fazer. Perguntas estão vindo à tona: por que o Centro de Controle de Doenças não respondeu mais rápido? Os profissionais de saúde estão usando o equipamento de proteção adequado? E como é que as autoridades perderam o paradeiro de vinte e seis jovens estudantes mantidos em quarentena?

Na tarde do décimo sétimo dia, no solário da casa de repouso, à beira do lago, onde Nathaniel passou tantas horas sentado ao lado de Henry, uma mulher de noventa anos cochila na cadeira de rodas. O ruído da respiração dela, ofegante e chiante como sempre, mas forte e firme, impede a equipe de perturbá-la. Por que não deixar uma mulher idosa dormir? A televisão fica ligada a tarde toda. As buganvílias arranham uma janela centenária. O sol flutua lago afora. A senhora ainda dorme ao entardecer, com a cabeça encostada no ombro, enquanto os pratos começam a tilintar no refeitório. Ela parece acordar ligeiramente quando as enfermeiras a colocam na cama. Ela diz algo sobre seus filhos. E esse despertar, essa breve abertura dos olhos, atrasa o chamado de um médico. Mesmo muito mais tarde, quando ela não acorda de manhã, demora algumas horas para que alguém perceba que é a doença. Esse é um lugar onde morrer durante o sono é considerado o melhor modo de ir embora.

Depois disso, novos procedimentos são colocados em prática: a casa de repouso é fechada para visitantes.

Nathaniel recebe essa notícia naquela mesma tarde, dentro do carro, no estacionamento, transmitida por um guarda de segurança.

“É apenas um caso”, diz o guarda. Ele parece querer consolá-lo. “Mas é só por precaução.”

Nathaniel escreve o nome de Henry na sacola de papel branco no qual um croissant de amêndoa esfria. “Você pode se assegurar de que ele receba isto?”, diz ele, e entrega a sacola ao guarda.

Quando sai pelos portões da frente, Nathaniel sente apenas o mais ínfimo pinga de preocupação. Para ele, essa coisa ainda parece um exagero. Eles não colocaram o campus em modo de isolamento e acesso restrito duas vezes no ano passado, e nas duas vezes não se tratava de alarmes falsos? Histeria — essa é a verdadeira doença destes tempos.

As caminhadas dele na mata se estendem a cada dia, o ruído seco de botas sobre agulhas de pinheiro. Essas árvores também vão cair no sono, de certa forma — para lá enviadas por obra da seca e do escolitíneo. Isso vem acontecendo há anos, diz ele a seus alunos, essa devastação, mas ninguém fala a respeito desse outro desperdício, mais lento. Essas árvores vivem e morrem no tempo glacial, suas jornadas tão vagarosas que são quase imperceptíveis para os humanos. Enquanto uma raiz se arrasta pelo solo sob um descampado, nossa história se desenrola em alta velocidade.

As aulas dele foram canceladas por duas semanas. Há uma grande parte do dia para preencher.

Mas nessa tarde, uma ideia ocorre a Nathaniel com uma rajada de alívio: há um cano embaixo da pia do banheiro que precisa de conserto. Aqui está algo que precisa ser feito.

Na loja de ferragens, o homem atrás do balcão usa uma máscara branca de hospital, luvas de látex azuis.

“Acabaram as máscaras”, diz o homem para Nathaniel assim que ele entra. “Não temos mais luvas também.”

Ele consegue sentir por toda parte na cidade esse frisson de pânico e melancolia. Eles quase que querem isso, não é, o drama e a emoção?

“Estou procurando apenas uma válvula de retenção”, diz ele. É a menor parte, sete dólares por peça, mas sem ela um vazamento em uma pia pode inundar uma casa inteira na água.

O homem atrás do balcão fica surpreso e desapontado, talvez, com o fato de que alguém, em um momento como esse, possa trabalhar em um problema tão banal.

Era a casa de Henry, essa casa, antes de ser deles, o tipo de lugar que Nathaniel nunca teria escolhido para si mesmo, todos esses cômodos pequenos, um com saída para o outro, e todos abarrotados de móveis: poltronas e relógios de pêndulo, escrivaninhas de mogno repletas de toalhas de mesa. Tapetes persas. Papel de parede vitoriano. Castiçais.

Eles costumavam discutir sobre a enxurrada de jornais que inundavam o interior da casa, e as revistas de viagens, os

periódicos de poesia da França e da Itália, as caixas de partituras e as canetas-tinteiro encontradas nas vendas de garagens e nas lojas de antiguidades. Henry tinha um copo de coquetel para cada tipo de bebida, e sempre mais e mais livros, empilhados geologicamente na mesa de jantar, no chão da sala de estar e no patamar no topo da escada. Seus livros de culinária estavam sempre transbordando dos armários da cozinha, as páginas manchadas com o vinho e o azeite de trinta anos.

Mas não há nenhum alívio na visão austera da mesa de jantar, agora despida da bagunça de Henry. E tampouco nos lençóis limpos e esticados com esmero na cama, que hoje em dia não têm mais as pilhas de artigos de jornal recortados de Henry ou seus livros lidos pela metade, seus óculos de leitura perdidos em algum lugar em meio aos cobertores.

“Uau”, disse a filha de Nathaniel na última vez em que ela o visitou. “Parece que não mora ninguém aqui.”

Para alcançar o cano embaixo da pia, ele precisa deitar de costas, com as pernas estendidas no ladrilho, o ombro entalado contra a parede. É uma antiguidade, essa pia, algo que Henry trouxe para casa em um determinado verão, mais por sua beleza do que por sua funcionalidade. Alguma coisa sobre as linhas, disse ele. A silhueta. E o armário de mogno embaixo dela.

Dentro desse armário, atrás das vitaminas e da aspirina, empurrado para o canto mais distante, fica o frasco de secobarbital que Henry obteve semanas após seu diagnóstico. Algo terrível corre nos genes de Henry. O pai dele teve, um tio também. Ele sabia o que o aguardava. “Quando eu não me lembrar do seu nome”, disse ele a Nathaniel inúmeras vezes, “me dê isto.”

Mas o frasco permanece intocado no armário. Nenhuma boa razão, a não ser esta: há certas coisas que todo ser humano pode fazer e certas coisas que não pode.

O cano está coberto por uma crosta de ferrugem. É um trabalho mais difícil do que ele pensava.

Enquanto ele trabalha na pia, as vozes da rádio pública escoam através dos alto-falantes de um antigo aparelho RCA restaurado que

Henry comprou on-line: mais dez casos, eles estão dizendo agora, e mais cinco suspeitos.

Para Nathaniel é difícil dizer se é essa referência à doença que o faz se sentir subitamente um pouco cansado, ou se é apenas a hora do dia — ele sempre fica sonolento à tarde.

Ele faz um pouco de café. Continua trabalhando. Quando enfim consegue soltar a peça, é uma surpresa sentir o filete de água fria caindo em sua testa. Leva um momento para entender por que isso está acontecendo. Ele se esqueceu de desligar a água — esse é o problema. É um pouco alarmante se esquecer de fazer algo tão simples e tão fundamental. Mas a prova de que ele não deve ter se lembrado está em seus pés: uma pequena poça se formando e aumentando no azulejo do banheiro.

Agora é quando o telefone começa a tocar: é um dos médicos de Henry.

A voz desse médico, entretanto, tem um som diferente, como se pertencesse a outra pessoa, mas ele sabe que a pessoa ao telefone é o dr. Chávez, o mesmo médico que Henry sempre teve.

“Tenho algumas novidades”, diz o médico. Nathaniel se senta na cama. Existe um certo tipo de medo que com sua força destrói o mundo. “Nós realmente não esperávamos por isso.”

A voz de Henry desapareceu da sua cabeça por meses. Henry, o grande falador, o recitador de poesia, silenciou. Mas agora uma sensação correspondente agarra de repente Nathaniel: ele não consegue mais organizar na sua mente a lembrança do rosto de Henry.

“No início”, diz o médico, “achei que tinha havido um erro. Pensei que talvez as enfermeiras tivessem confundido os pacientes.”

Houve ocasiões, nos últimos meses, em que ele desejou ter feito o que Henrique pediu a ele. Era para ser rápido: dez minutos para dormir, quatro horas para o resto. Uma serena libertação para os dois. Mas agora, o sentimento mais conhecido se precipita: uma fúria desesperada para manter Henry vivo.

“Ele está bem?”, pergunta Nathaniel.

“Eu quero te alertar”, diz o médico. “Achamos que está relacionado à doença, então não há como dizer o que mais está por

vir, mas, por enquanto, ele tem um sintoma contraintuitivo que não vemos nos outros.”

A boca de Nathaniel ficou seca. Ele mal consegue respirar. Ele espera.

“Cerca de uma hora atrás”, diz o médico, “bom, Henry, ele começou a falar.”

Grande parte do resto do dia será para sempre um borrão na mente dele, o trajeto de carro de volta à casa de repouso, o guarda deixando-o entrar, uma circunstância especial, a explicação do médico, cheia de hesitações e advertências, sobre como não há maneira de saber se esse período de atenção vai durar, mas o tremor de empolgação na voz do médico, seu uso dessa palavra — *extraordinário*. Mas do que Nathaniel sempre se lembrará, com tanta riqueza de detalhes quanto qualquer outra coisa em sua vida, é aquele olhar afetuoso no rosto de Henry, a velha expressão da qual ele se esqueceu até agora, a maneira como os olhos dele se fixam em Nathaniel como não fazem há meses. Esse momento torna racional todo pensamento irracional descartado por ele desde que Henry adoeceu: que um dia ele poderia retornar, como se tivesse ido fazer uma caminhada ou saído para viajar, que talvez ele pudesse, de alguma forma, acordar. Talvez tenha sido isso que impediu Nathaniel de lhe dar o medicamento. O dia de hoje dá sentido a essa traição: Foi tudo por este dia, viu? Foi por isto aqui, Henry. Por isto.

Aqui está Henry, parecendo um pouco mais jovem, de alguma forma, do que antes de ficar doente, embora um pouco mais frágil também, e está usando aquela velha camisa vermelha que ele adorava. Há uma lentidão em suas palavras, um balbucio, mas ainda assim: “Nathaniel”, diz ele, com alívio nos olhos. São os braços de Henry se estendendo para ele. É Henry se levantando da cadeira, a pressão do seu peito contra o de Nathaniel. Ele diz outra coisa, mas é difícil de entender as palavras. Ele tenta de novo: “Nathaniel”, ele diz. “Onde você esteve?”

A biologia está repleta de reações paradoxais. Certos medicamentos estimulam o cérebro comum, mas acalmam o hiperativo. Tranquilizantes podem às vezes agitar em vez de aliviar. Alguns antidepressivos são conhecidos por desencadear o suicídio.

Nathaniel percorre exemplos — associações no lugar de uma explicação — enquanto arruma uma caixa para Henry. Livros, sobretudo. É o que ele pediu até agora. Livros e chocolate e chá.

O caso dele será estudado durante anos, é claro, pensa Nathaniel. Henry: um entre um punhado de pessoas em Santa Lora em quem o vírus produz o efeito exatamente oposto ao dos outros, um aumento da consciência em vez da perda dela.

Quatro casos foram registrados até agora na casa de repouso. Uma ala não utilizada faz as vezes de unidade de isolamento improvisada agora. Enquanto os outros três estão dormindo em suas camas, Henry, com uma máscara branca e luvas azuis, caminha pelos corredores ecoantes. Suas pernas compridas, seus longos braços — ele sempre foi o mais alto em qualquer sala. E agora aqui está ele, mais uma vez aparentando sua idade, que é vinte anos mais jovem do que os outros residentes. Ele anda um pouco mais devagar, talvez, e ligeiramente encurvado nos ombros, mas de maneira geral é o mesmo de antes. Ele cantarola e resmunga. Ele cita Emily Dickinson para as enfermeiras.

“Eu estou me sentindo bem”, Henry continua dizendo a elas, seu discurso parece mais claro a cada dia. “Eu me sinto o mesmo de sempre. Diga a elas, Nathaniel”, ele diz. “Não pareço bem?”

Mas há alguns casos famosos de catatônicos inexplicavelmente voltando a si, apenas para escapar de novo. Ele precisa ser monitorado. Isso é o que os médicos dizem. Ele não pode ir para casa.

Pelo menos ele tem permissão para isto: andar com Nathaniel no jardim, onde em um declive plantaram malmequeres, onde a madressilva enlaça a cerca, o lago visível logo além dela. Essa visão — sempre foi uma consolação.

“Mudei sua escrivaninha de lugar de novo, do jeito que você gosta”, diz Nathaniel.

É novembro, mas o dia está ensolarado e quente.

“Como eu era?”, pergunta Henry. “Como eu era todo esse tempo?”

Henry viu seu próprio pai ficar dessa maneira. E o tio dele. Ele deve saber como era.

“Era como se você tivesse ido embora”, diz Nathaniel.

Há certos pensamentos que ele não quer ter. Entre eles: quando as marés recuam, elas sempre voltam com todo ímpeto.

“Eu deveria estar com raiva de você”, diz Henry. “Você não cumpriu o que prometeu.”

Nathaniel espera, mas sabe o que o outro quer dizer. Ele não consegue olhar para o rosto de Henry, então em vez disso observa o lago. À distância, um veleiro flutua ao sabor dos ventos, como se nada de extraordinário estivesse acontecendo na cidade de Santa Lora.

“Mas eu não estou”, diz Henry. “Eu não estou com raiva.”

Essas palavras — elas são justamente a coisa certa. Alguns tipos de árvores exigem a explosão de um incêndio florestal para abrir suas sementes.

A voz de Henry suaviza até se tornar um sussurro. “Eu tenho uma ideia”, diz ele. O ressurgimento de uma antiga rebeldia, tão conhecida quanto o calor da mão de Henry na sua. “Vamos embora.”

O que surpreende é o quão fácil é.

Ninguém os impede. Nenhum guarda de segurança vem correndo atrás deles. Nada de polícia. Eles apenas abrem o portão. Eles só entram no carro e vão embora.

Eles não ouvem as notícias. Não seguem os protocolos para doenças contagiosas. Se Henry lhe oferece um gole de uísque do seu copo, Nathaniel aceita. Eles não dormem em camas separadas.

A cada dia a caminhada de Henry é mais firme, sua voz mais segura e confiante. Aqui está Henry sentado em sua poltrona com um livro. Aqui Nathaniel, fazendo chá para ele. Aqui está Henry, andando ao seu lado no bosque.

Esses bosques: se as aulas estivessem em andamento normal, hoje é o dia em que Nathaniel teria feito sua preleção sobre os feromônios das árvores. É uma maneira de chamar a atenção dos alunos de graduação por um minuto com a novidade contraintuitiva de que as árvores, tão silenciosas e tão imóveis, têm maneiras de entrar em contato umas com as outras, linhas de comunicação, sistemas de alerta. Há algo de satisfatório nisso, no fato de que a realidade simples e evidente do universo nos lê como mágica. Henry poderia ir mais longe. Ele destacaria o quanto o nosso cérebro é limitado por aquilo em que já acreditamos — a maneira como, se as pessoas esperam ver fantasmas, fantasmas são o que elas veem.

A presença de Henry na casa, e nesses bosques, desencadeia um segundo desejo, também, uma profunda necessidade de que sua filha esteja aqui, e não apenas como ela é agora — uma mulher adulta em San Francisco, a quem ele telefona para dizer sim, sim, é realmente incrível — mas também como ela já foi outrora: uma menina de seis anos, com uma presilha de cabelo em formato de borboleta azul, arrastando-se atrás dele e de Henry, como ela fez em muitas noites naquela época, nesses mesmos bosques, recitando os nomes das árvores como um catecismo, pinheiro, manzanita, carvalho-branco, os bolsos abarrotados de pinhas.

Sua filha, como ela é agora, a mulher adulta de San Francisco, parece não entender o que ele está tentando dizer ao telefone. “Ele está curado? Como isso é possível?”, diz ela, que faz uma porção de perguntas que ele não quer levar em consideração.

Uma torrente de raiva se apodera dele, destruindo todo o resto.

“Apenas deixe estar”, diz ele. “Apenas deixe para lá.”

É no terceiro ou no quarto dia que a mente de Nathaniel começa a parecer um pouco enevoada. Ele e Henry estão na varanda bebendo uísque, como costumavam fazer, e Henry conta uma história complicada sobre um homem em Key West na década de 1930. Ele estava apaixonado, esse homem. Estava apaixonado por uma mulher morta.

“No começo, ele cuidava do túmulo dela”, diz Henry, recostando-se na cadeira. “Depois ele desenterrou o cadáver dela e o manteve

em sua casa por anos.” Sete anos, diz ele em seguida. “Ele continuou embalsamando o corpo dela. Ela era como uma espécie de boneca.”

É difícil para Nathaniel se lembrar do início da história ou por que Henry está contando. Ali está ela, aquela nebulosidade de novo. Uma confusão. Pela primeira vez, Nathaniel se preocupa que ele possa estar com a doença também.

“Você está bem?”, pergunta Henry. Sua mão está nas costas dele.

Como seria cruel ficar doente logo agora que Henry se recuperou. Mas na natureza não há lei alguma contra a crueldade. Na verdade, Henry argumentaria, com seus quartos vitorianos e seus seminários sobre Thomas Hardy, ela parece, às vezes, correr nessa direção.

A confusão de Nathaniel é acompanhada por outra coisa também, um estranho barulho. “Parece água”, diz ele a Henry. “Você está ouvindo isso? Parece água pingando em algum lugar.”

Mas Henry não ouve. A casa está seca. É um dia de sol. Mas o som persiste, enervante, inexplicável: é como o leve chapinhar da água contra um barco, sempre ali e cada vez mais alto.

Cento e vinte casos se multiplicam para duzentos e cinquenta em dois dias. Em pouco tempo, duzentos e cinquenta se proliferam até chegar a quinhentos.

No entanto, com o hospital fechado para novos pacientes, esses doentes recentes são espalhados em gigantescas barracas, como se tivessem sido abatidos em um campo de batalha em algum lugar distante.

Junto com os suprimentos, voluntários são trazidos de avião de outros lugares para proporcionar o único tratamento que existe: manter os corações batendo e os corpos hidratados e alimentados. É muito trabalhoso executar manualmente todas as tarefas que o corpo desperto faz sozinho. Não há monitores suficientes. Não há camas suficientes. Não há pessoal suficiente para virar os corpos de lá para cá nos lençóis.

A história está por toda parte agora. Comentaristas de televisão circulam Santa Lora em mapas da Califórnia: esse lugar fica a apenas cento e doze quilômetros de Los Angeles e a cento e quarenta e quatro quilômetros do aeroporto LAX, e poderia muito bem ser um bairro em Nova York, Londres ou Beijing.

Alguma coisa precisa ser feita, esse é o sentimento. Algo grande.

No décimo oitavo dia, a quatro mil e oitocentos quilômetros de distância, observadores dos noticiários matutinos despertam com uma série de imagens aéreas da cidade californiana de Santa Lora.

Da cabine de um helicóptero, o campus do Colégio de Santa Lora parece sereno: dezesseis prédios de tijolos, iluminados por luzes alaranjadas, estacionamentos sem carros. O lago, ou o que resta dele, brilha ao luar, sua antiga linha-d'água não tão óbvia no escuro. Além disso, as ruas se espalham em direções diversas, feito uma malha. Piscinas cobertas para o inverno. Vans estacionadas na entrada das garagens. Uma cidade comum no meio da noite —

exceto por uma longa fila de caminhões militares entupindo a única estrada de acesso. E também isto, visível apenas de forma indistinta através das árvores: uma fila de soldados em pé na mata.

Por ora, o povo de Santa Lora está dormindo a sono solto, tanto as pessoas saudáveis quanto as doentes. Horas se passarão até que a maioria delas ouça as palavras que os moradores do Maine, da Pensilvânia e da Flórida estão aprendendo agora: *cordon sanitaire*, o isolamento completo de uma região infectada, como um torniquete, cuja função é impedir a propagação de uma epidemia; não fazem um cordão sanitário neste país há mais de cem anos.

De cima, todas as ruas parecem idênticas, as casas amontoadas bem perto entre si feito dentes, os gramados artificiais indistinguíveis da grama de verdade, que ficou marrom por causa da seca. Mas, em uma dessas ruas, sob um desses telhados, um bebê chora no escuro.

Um andar acima, Ben acorda com o barulho, sabendo que sua esposa já está com a bebê, que logo sua filha se aquietará nos braços dela.

Ele cochila, meio adormecido. Mas o choro o desperta mais uma vez.

Ele se vira na cama. Começa a se perguntar se esse choro é diferente do choro de todas as outras noites, mais urgente, talvez uma espécie de grito. A doença assoma em sua mente — e se for assim que começa?

Agora ele está de pé. Saiu da cama. Seu coração está batendo rápido. A única maneira de desacelerar seus batimentos cardíacos é ver a menina. Ele quer ver sua bebê imediatamente. Mas o quarto dela está vazio. Elas estão no andar de baixo, ele percebe — é de lá que vem o choro. Da cozinha.

“Coitadinha da pequena”, diz ele no escuro quando chega lá, o que é uma maneira de cumprimentar sua esposa, que ele sabe que está lá, em algum lugar daquela penumbra, quem sabe andando de um lado para o outro como ela faz, a bebê enrolada nos braços, ou então balançando a menina daquela maneira especial que eles aprenderam em um livro. Desde a briga eles não têm conversado

muito, mas ele esquece tudo isso agora. “Faz quanto tempo que ela acordou?”, pergunta ele.

Mas não há resposta. O choro fica mais estridente. É quando o pé dele tropeça em algo plástico — o barulho de uma mamadeira rolando pelo chão.

Os dedos dele correm ao longo da parede à procura do interruptor, e o clique desse interruptor é a prova de que o choro de um bebê é a mais verdadeira comunicação que existe: algo está errado.

Com os olhos semicerrados ele vê que sua mulher está deitada no linóleo. Os olhos dela estão fechados. Seus braços e suas pernas, inertes. A bebê está enrolada desajeitadamente sobre o peito de Annie, seu minúsculo rosto vermelho e lustroso de tanto chorar, apertando os olhos para a luz ofuscante, seu cobertor se soltando ao redor dos seus pés.

Ele levanta a menina, sua bebê, e a pressiona contra o peito. Nos braços dele, ela se aquieta imediatamente.

Mas o alívio é breve. Há uma contusão se espalhando pela testa da esposa. As pálpebras dela estão se contorcendo de maneira insana, como se ela estivesse tendo um sonho terrível.

Ele chama o nome dela. Aperta o ombro dela. Ele não ouve os helicópteros zunindo no ar acima da cidade.

Ele pensa em pressionar um pedaço de gelo na mão de Annie, como eles fizeram na aula de preparação para o parto, como uma pequena simulação das dores do trabalho de parto, uma maneira de praticar a respiração — Annie odiava. Ela não conseguia aguentar por mais do que alguns segundos. Talvez isso a acorde agora. Mas, dessa vez, a única reação detectável é no gelo, que derrete depressa no calor da palma da mão, enquanto Annie continua sonhando algum sonho incontrollável.

O estalo de um alto-falante, o zumbido da estática gravada: as palavras são pegajosas e indecifráveis, distantes demais para ser compreendidas, como anúncios de aeroporto, pelas calçadas e ruas de Santa Lora e através das janelas das casas vazias e das janelas da opulenta casa branca onde, outrora, em outros tempos, Mei era babá, mas onde, nessa manhã, ela está apenas acordando, sozinha em uma cama king size.

“Você está ouvindo isso?”, berra Matthew do corredor. Ela veste a calça jeans e abre a porta. É uma surpresa sentir o cheiro da pasta de dentes quando ele passa por ela em direção à janela — por um momento, é tudo em que ela consegue pensar: a proximidade dele.

Eles não conseguem ver, a princípio, o que está causando barulho, seja lá o que for, mas a voz ecoante é acompanhada por um som de trituração, e está aumentando — algo se move devagar em direção a eles.

As palavras começam a emergir em meio à estática. *Departamento de saúde*, ela ouve. *Isolamento. Obrigatório.*

“A cidade inteira?”, pergunta Mei.

“Estou surpreso que tenha demorado tanto”, diz Matthew.

Um utilitário blindado Humvee, pintado para camuflagem no deserto, passa com estrondo por varandas e balanços e gramados artificiais — com um alto-falante montado no capô.

“As Forças Armadas”, diz Matthew. “Claro.”

Na calçada, dois menininhos, suas sombras altas sob o sol do outono, correm ao lado do Humvee, como se fosse o caminhão de sorvetes descendo a rua, levantando folhas secas em seu rastro.

A mensagem se repete. Comida e água serão distribuídas. Um site é mencionado.

“É só a Guarda Nacional”, diz Mei. “Como quando há furacões.” Ao longo da rua inteira, as portas se abrem. As pessoas saem de

suas casas de telhados baixos estilo American Craftsman para ficar na varanda, as mãos pressionadas sobre a boca.

Há uma sensação de que essa manhã está passando para a história, uma súbita mudança de escala — longe de ser uma narração de eventos sobre o andar de um dormitório em uma faculdade.

Se você está doente, diz a gravação, ou se vir alguém doente, ligue imediatamente para a emergência.

Quatro soldados estão dentro do Humvee, com máscaras brancas e óculos de sol, enxotando as crianças para longe do veículo. Se sorriem para os meninos, é difícil dizer através das máscaras.

“Eles não deveriam estar aqui brandindo suas armas”, diz Matthew. Ele já está em seu laptop, procurando mais notícias, e por toda parte circula esta nova notícia, estas novas palavras: *cordon sanitaire*.

“Eles não estão brandindo as armas”, diz Mei, embora possa vê-las, as armas, longas e pretas e pousadas sobre o colo dos soldados.

Não se reúnam em grandes grupos, diz a mensagem. Evitem lugares públicos. Se você acha que foi exposto, ligue para o seguinte número.

“Você sabia que o governo americano uma vez deixou em quarentena um bairro chinês por causa da febre tifoide e depois colocou fogo no lugar todo?”, diz Matthew.

“Eles não vão incendiar a gente”, diz Mei.

“Já fizeram isso antes”, diz ele. “Havaí, 1930.”

“Talvez alguém saiba finalmente o que está fazendo”, diz Mei.

“Não dá pra acreditar em como você é ingênua”, diz Matthew. A pele dele é lisa sob os pelos curtos que começam a crescer em seu queixo.

Ao longo de toda a rua, os vizinhos estão agrupados nas varandas, com os braços cruzados enquanto conversam em suas garagens, como se precisassem ouvir a notícia na voz de mais de uma pessoa, da mesma forma que qualquer tipo de fé se apoia em parte no que os outros pensam.

“Eles não fazem ideia do que está acontecendo”, diz Matthew perto dela. Ela pode senti-lo resistindo ao impulso de chamar

aquelas pessoas, gritar da janela. Esse rapaz: um certo tipo de lógica corre nele como uma compulsão. Mas algo mais forte do que a lógica é manter aquelas pessoas reunidas.

Para Mei, são as varandas vazias que parecem sinistras e agourentas — em quantas dessas casas quietas as pessoas já estão dormindo, seus corpos se desidratando quando sonham?

O telefone dela começa a tocar.

“Pensei que você tivesse desligado isso”, diz Matthew. “Se alguém rastrear nossos telefones, podem encontrar a gente.”

É a mãe dela: “Onde você está?”, diz a voz.

“Estou bem”, diz Mei.

“Recebemos uma ligação da polícia”, diz a mãe.

O Humvee encolhe à distância agora. A gravação desaparece ao vento.

“Você precisa estar em algum lugar onde eles possam cuidar de você”, diz a mãe. Ela consegue perceber pelo arranhado na voz da mãe que ela está prestes a chorar.

É nesse momento que Mei vê algo quase tão surpreendente quanto o Humvee: um pequeno grupo de pessoas em ternos amarrotados marchando penosamente pela calçada e empurrando malas com rodinhas. Seus casacos pendurados sobre os braços. Eles andam devagar, cansados, como se estivessem caminhando durante dias por aquelas ruas. As rodinhas de suas malas passam com estalidos sobre as rachaduras na calçada. Algum tipo de crachá de identificação de plástico balança no pescoço de cada um.

Juntos, nessa rua residencial, esses viajantes, manobrando sua bagagem entre entradas de automóveis e hidrantes, parecem as imagens incongruentes vistas às vezes nos sonhos.

“E se você ficar doente?”, diz a mãe, mas é mais fácil se preocupar com as pessoas lá do lado de fora, enquanto elas caminham devagar, devagar, rua abaixo. Uma das mulheres de terno está descalça. Onde estão os sapatos dela?, Mei se indaga, mas esse é o problema com as pessoas que não conhecemos: não ouvimos as histórias delas.

Duas semanas: foi quanto se passou desde que as meninas saíram da casa pela última vez, exceto para regar os legumes e as verduras na horta no meio da noite e, uma vez, com lanternas, na noite em que seu pai foi levado, para inspecionar o X gigante pintado na lateral da casa.

Elas mantêm as cortinas fechadas. Falam baixo. Elas têm uma ideia de que os helicópteros talvez possam ter visão telescópica.

Notícias da quarentena não chegaram aos seus ouvidos. Elas mantêm a televisão ligada o dia todo e a noite toda, mas nunca nos canais de notícias. Propagandas ou programas de culinária — tanto faz. O que elas mais gostam, essas meninas, sozinhas nessa casa grande, é ouvir de longe os sons acalentadores das vozes vindas de outro cômodo.

Tudo o que elas precisam está no porão: pasta de amendoim e atum e macarrão com queijo, um estoque de biscoitos e barras de cereal e granola para um ano. Elas têm legumes em conserva e frutas enlatadas. Elas têm papel higiênico — pilhas e pilhas de rolos de papel higiênico — e também as prateleiras de todas aquelas coisas mais raras, cada uma delas um ato da imaginação do pai, apenas esperando para provar a clarividência: macacões de proteção contra radiação, um contador Geiger, cápsulas de iodeto de potássio. Talvez devessem estar dormindo nas camas de lona lá embaixo e não no quarto delas no andar de cima, mas há aranhas nesse porão, e aquela lâmpada nua, o cheiro de terra subindo do solo. Elas nunca imaginaram dormir lá sem o pai.

Elas não sabem para onde ele foi levado ou quando voltará para casa, ou se vai voltar, mas a única maneira de suportar a ideia de morar sozinhas nessa casa é esperar que ele retorne a qualquer momento.

Nessa manhã, Sara lava os lençóis em que ele dormiu pela última vez, para tirar deles o odor de urina. Há uma bondade em não

contar. Há amor em encobrir a verdade.

É só no instante em que ela fecha a tampa da máquina de lavar que o perigo lhe ocorre: será que ela pode pegar a doença por inalar aquele cheiro? Agora ela está na pia. Agora ela lava as mãos. Passa cinco minutos lavando as mãos.

Libby está na cozinha com os gatos, distribuindo pedaços de peito de peru.

“Não dê nossa comida pra eles”, diz Sara. Ela seca as mãos na calça jeans.

“Mas acabou a comida deles”, diz Libby.

Eles têm sido uma boa distração, os gatos, os quatro bichanos patinando pelo chão de madeira, os dois mais velhos sempre miando para pedir comida. Um dos filhotinhos continua vomitando no tapete. Outro faz xixi nas escadas. Mas cuidar deles causa uma sensação boa — o modo como é possível desaparecer dentro da necessidade de outra pessoa.

“Em algum lugar deve ter mais um pouco da comida deles”, diz Sara. Mas então ela se lembra: os planos de sobrevivência do seu pai não incluem os gatos.

Um dos gatinhos rouba um pedaço do peito de peru da boca de outro; ele engole depressa, como se o bocado pudesse ser tomado dele de volta. Há uma briga no linóleo, um súbito sibilo.

“Precisamos conseguir mais comida pra eles”, diz Libby.

“A gente não pode sair”, diz Sara.

Mas logo depois ela está girando a fechadura do cofre no porão e tirando duas notas de vinte dólares do envelope que seu pai mantém escondido ali.

“Vamos levar isto aqui”, diz ela enquanto enfia na mochila as duas máscaras de gás. “E as luvas.”

Elas saem pela cerca dos fundos, embrenham-se pela mata e então pegam uma trilha ao longo do lago, para que os vizinhos não as vejam deixando a casa. É assim que elas mantêm em sigilo o fato de que estão morando sozinhas.

Como é estranho estar do lado de fora de novo, os sapatos delas moendo a terra, o lago cintilando ao sol. Apenas duas semanas antes, elas percorriam esse mesmo trecho de areia com seu pai e seu detector de metais. À medida que o lago encolhe à distância,

moedas perdidas nessas águas décadas atrás estão escondidas agora apenas por uma fina camada de solo poeirento.

Elas andam devagar, com cuidado e propósito, como fazem quando saltam do trampolim alto na piscina da Associação Cristã de Moços. Há a sensação de que talvez elas tenham esquecido o caminho.

Dois helicópteros sobrevoam outra parte da cidade. E algum tipo de veículo militar atravessa um cruzamento à frente. Ele faz uma espécie de anúncio, mas elas não conseguem entender o que dizem.

Elas conseguem ver, do outro lado da rua, que algo está acontecendo no supermercado. Elas nunca viram tantos carros circulando à procura de vaga. Nunca viram tantos carrinhos de compras tão abarrotados — uma mulher perto da entrada inclina o corpo para a frente, fazendo força para que seu carrinho ande, como se empurrasse um automóvel desligado colina acima. Algumas pessoas puxam dois carrinhos de uma só vez.

“Talvez seja melhor a gente não entrar”, diz Sara.

“A gente tem que entrar”, diz a irmã, com suas botas de caubói brancas estalando rapidamente na faixa de pedestres.

Elas deveriam colocar as máscaras — é nisso que Sara pensa.

Mas é muito constrangedor, agora que elas estão aqui, agora que ela viu duas meninas da classe dela, entrar em um supermercado lotado usando máscaras de gás.

“Vamos pelo menos colocar as luvas”, diz Sara. “E só a comida de gato. Não toque em mais nada.”

Dentro do supermercado, os corredores estão apinhados de pessoas. As filas dos caixas serpenteiam até a parte de trás da loja. E está muito mais barulhento que o normal. Aos berros, os funcionários tentam gerenciar a multidão.

Algumas pessoas, apenas algumas, usam máscaras descartáveis.

Mas do teto ainda sai o tinido metálico da música de sempre, não o trabalho de cordas reais ou teclados reais, o pai delas gosta de

salientar, mas alguma imitação digital, tão artificial quanto as maçãs que brilham na seção de hortifrútis, geneticamente modificadas para privilegiar cores em vez de sabor.

No entanto, nesse dia, todas aquelas maçãs sumiram. E as bananas também. Na parede de trás da seção de hortifrútis, os aspersores automáticos borrifam névoa sobre uma fileira de caixas vazias onde fica em geral a alface.

A seção de comida enlatada foi depenada da mesma maneira. Sara sente um aperto no estômago. Isso é exatamente o que o pai dela previu.

Restam apenas alguns sacos de comida de gato na prateleira. As meninas pegam o que conseguem carregar, um saco grande cada uma, e continuam se movimentando.

A saída mais desobstruída é pelo corredor de doces, onde as gôndolas ainda estão bem abastecidas, o único corredor vazio de pessoas. Se elas permanecerem aqui entre as barras de chocolate e os pirulitos de chiclete, e se taparem os ouvidos, podem até fingir que a loja é a mesma de sempre, a calma fria das embalagens de comida congelada, os corredores largos e claros. Simples.

Libby se detém para puxar de uma prateleira um saco enorme de minhocas de goma.

“A gente não precisa disso”, diz Sara.

Na casa delas não é permitido comer doces.

Mas as minhocas de goma permanecem encaixadas sob o braço magro de Libby.

De repente, uma voz suave próxima diz o nome de Sara, um menino: “Ei”.

Ela se vira e dá de cara com Akil no fim do corredor, com um pequeno buldogue preto ao lado dele na coleira. Uma onda de felicidade a invade, mas também o desejo de esconder as mãos enluvadas, alisar os cabelos ensebados.

“Oi”, diz ela.

Ela não conhecia os pais de Akil, mas devem ser eles, um homem de terno cinza, uma mulher de calça preta, cachecol verde estampado enrolado no pescoço, agora vasculhando as compras no carrinho.

“Por onde você tem andado?”, diz Akil. Esse jorro de alegria — sentirem a falta dela — é forte demais para admitir.

A mentira sai quase sem que ela perceba: “Eu estive doente”.

“Cancelaram a peça”, diz Akil.

O alto-falante crepita com um anúncio: esgotaram-se as fraldas, diz a voz, todos os tamanhos.

Atrás dele, o pai de Akil parece agitado. Ele levanta a voz: “Isso é chocante”, diz ele.

“Eu não sabia que era possível isolarem uma cidade inteira”, diz Akil, daquela sua maneira formal de falar. “Enfim, não nos Estados Unidos.”

“É isso que estão fazendo?”, diz ela. Uma nova tensão toma conta dela. Essa é outra das mais sombrias imaginações do seu pai.

Mas agora a mãe de Akil se intromete entre eles; o sotaque dela é carregado e glamoroso, um lampejo de preocupação em seu rosto: “Vocês estão aqui sozinhas?”.

Sara tem a ideia de que a mãe de Akil está acostumada a crises. Eles tiveram que ir embora do Egito, disse o menino certa vez à turma, depois que seu pai foi preso por algo que ele escreveu, e quando ele saiu da prisão, a família deixou tudo para trás e se mudou para a Flórida, e de lá para a Califórnia, de modo que ele pudesse trabalhar como professor na faculdade. Pode ser que o que está acontecendo em Santa Lora não seja nada para essa mulher comparado a tudo que veio antes. Há uma calma na maneira como ela está vestida, seu cabelo preto, dividido perfeitamente ao meio, os brincos de ouro em formato de conchas. Mas toda mãe é um pouco exótica para essas garotas sem mãe.

“Nosso pai sabe que estamos aqui”, diz Sara, e as palavras liberam uma onda de anseio — de que esse desejo se torne verdade.

Há uma pausa que parece ceticismo. E é só então que Sara percebe a quantidade de pelos de gato acumulados no moletom preto de Libby. Ela consegue ouvir uma minhoca de goma se mexendo dentro da boca da irmã, doce que elas ainda não pagaram.

“Por favor, tenham cuidado, meninas”, diz a mãe de Akil, a curva de seu sotaque conferindo às palavras um peso especial.

O pai de Akil concorda: “Vocês deveriam ir direto para casa”.

“Nós vamos”, diz Sara.

Akil dá a impressão de que pode dizer algo mais, mas não diz. Ele apenas esboça um pequeno sorriso, e então se afasta com seu cachorrinho e sua linda mãe, seu pai andando devagar atrás deles.

No corredor ao lado, um homem está inclinado sobre um joelho, procurando algo em uma prateleira baixa.

“Ei, vocês, meninas”, diz ele quando elas passam às pressas por ele. “Uma de vocês consegue alcançar aquela caixa?”

Quando elas viram a cabeça para olhar, revelam-se dois fatos ao mesmo tempo: o homem é o vizinho delas, o professor, e junto com ele está a bebê, enrolada em um carregador de tecido e apertada contra o peito do pai, uma chupeta pulsando em sua boquinha de passarinho.

Se reconhece as meninas, ele não demonstra. Parece diferente. Há vestígios de uma barba irregular em seu queixo. E ele se move desajeitadamente, com delicadeza — ele não consegue alcançar a caixa por causa da bebê enfaixada no canguru.

“Eu pego”, diz Sara. É a fórmula, a última caixa. Ela a entrega para ele através dos punhos do seu moletom, sem contato com a pele.

Há algo de terrível na profundidade da gratidão desse homem quando ele agradece a ela por um ato tão simples.

De repente a bebê começa a choramingar. A chupeta caiu da sua boca e é como se, durante todo esse tempo, o barulho do seu choro tivesse sido entupido, como água em uma banheira.

“Merda”, diz o professor. Ele afaga a parte de trás da cabecinha careca da bebê e se inclina lentamente em direção ao chão — como uma mulher grávida. Ela percebe que ele não está acostumado a carregar a criança assim. Libby tenta ajudar pegando a chupeta do chão e estendendo-a em direção à boca da bebê.

Mas o professor dá um salto à frente. “Não”, diz ele, agarrando a manga do moletom de Libby. “Não toque nela.”

A bebê parece tão aturdida quanto Libby. Ela fica quieta por um momento, e em seguida o choro volta, ainda mais alto.

“Desculpe”, diz o professor. Ele esfrega os olhos. “Eu sinto muito, mesmo.”

Ele parece prestes a chorar, e não há necessidade de as meninas discutirem o que fazer a seguir. Elas querem a mesma coisa no mesmo momento: afastar-se desse homem o mais rápido que puderem.

Na fila do caixa, Sara começa a sentir um estranho cansaço nos braços e nas pernas. Sobretudo nas pernas, mas também nas costas, como se cada músculo do seu corpo a estivesse convocando para descansar.

“Você está bem?”, diz Libby.

É só a espera, ela pensa — a fila é longa e lenta, e a comida de gato é pesada em seus braços.

“Estou bem”, diz ela.

O que acontece a seguir começa com um som que ela não reconhece: o estalar de cascas de ovos no linóleo. “Ai, meu Deus”, alguém grita na seção de laticínios. “Ai, meu Deus.” Um único grito deixa um vácuo momentâneo. Todas as cabeças se voltam em direção ao som. E o que eles veem quando fazem isso é uma mulher amontoada no chão, gemas de ovos formando uma poça ao redor da cabeça dela.

Sara agarra a mão da irmã no instante em que todos saem em disparada, um brusco avanço rumo às portas da frente. As meninas correm como os demais, a comida de gato apertada contra o peito delas.

Há um gargalo na entrada — as portas automáticas continuam tentando se fechar, mas há pessoas demais procurando sair ao mesmo tempo, aquele toque sonoro se repetindo sem cessar. Então é quando Sara vê o professor pela segunda vez, apenas um vislumbre rápido do rosto dele, que está desesperado e vermelho. Ele se espreme contra uma parede de janelas, seus braços enrolados em volta da cabeça de sua menininha. “Parem de empurrar!”, berra ele. “Eu estou com um bebê! Parem de empurrar!”

As garotas lançaram-se para fora e não param de correr por dois quarteirões.

No início, Sara se sente melhor do lado de fora, o ar fresco em sua pele, o sol. Uma minhoca de goma está liberando sua doçura em sua bochecha. Ela está bem, diz para si mesma enquanto andam. Ela está bem.

Mas quando elas chegam a poucas quadras de casa, uma dor súbita faz seu estômago se contorcer. Logo a dor se espalha pelas costas. A sensação vem com um intenso desejo de se deitar. E esse desejo parece produzir bem na sua frente um pedaço de grama seca.

“Espere um segundo”, diz ela a Libby, e se senta exatamente onde está.

“Você trouxe o seu inalador?”, diz sua irmã.

“Não é isso”, diz Sara. Ela puxa os joelhos contra o peito. Parece certo fechar os olhos.

“Ai, meu Deus”, diz sua irmã. “Ai, meu Deus.”

Mas para Sara é difícil sentir medo, porque, de repente, o mundo foi reduzido a apenas um fato: essa dor maciça inundando seu corpo. Em algum lugar muito distante está o som da sua irmã deixando cair na calçada a comida de gato.

“Por favor, não fique doente”, diz Libby. “Por favor. Por favor.”

Dura apenas um minuto, a pior parte, pelo menos, e então tudo o que foi ofuscado volta para ela de uma só vez: o cheiro da grama, a terra seca contra as pernas, o terror na voz da irmã.

A dor vem e vai ao longo de todo o caminho para casa. Elas precisam parar de novo na floresta.

“Você não pode dormir”, diz Libby, assim que entram de novo na casa. “Você não pode.”

Mas ela precisa se deitar. Ela está apertando os dentes firmemente na escada.

Se ela se encolhe de uma certa maneira, acaba se sentindo ligeiramente melhor.

Pouco depois ela já não consegue mais ouvir o uivar dos gatos no andar de baixo, ou o estrépito, estrondoso como uma chuva de granizo, de Libby enchendo as tigelas de comida.

Ela se deita enrodilhada em sua cama de dossel, aquela velha colcha verde puxada até o queixo, um dos pés com meia saindo dos lençóis. Seu rabo de cavalo se espalha sobre o travesseiro, e o

capuz do moletom está amarrotado em volta do pescoço. Seus olhos estão fechados. Sua boca está aberta. Saliva se acumula em seus lábios. Sua respiração é leve e constante.

Perdeu-se, por ora, o calafrio de pânico no supermercado. Sumiu o preço das minhocas de goma. Desvaneceu o rosto da mulher que estava de pé duas pessoas atrás delas na fila e o homem empurrando um carrinho perto da entrada.

Se, nos meses que antecederam o aparecimento da doença, alguém perguntasse a um especialista por que é que um ser humano passa inconsciente parte de cada dia, poderia ter ouvido uma resposta que circula desde pelo menos os gregos antigos: nós dormimos, diz a teoria, para esquecer.

O sono, diriam os especialistas, é quando nosso cérebro vasculha as memórias do dia, desfazendo e levando embora as coisas sem importância. O que resta a Sara é o olhar suave no rosto de Akil quando ele perguntou por onde ela tinha andado, a música da voz da mãe dele, o calor suado da mão da sua irmã enquanto elas voltavam correndo para casa.

Ao contrário de muitos outros, Sara finalmente abre os olhos.

Ela acorda ao som de uma gritaria. É a Libby. Libby está gritando ao pé da cama.

“Você não acordava de jeito nenhum”, berra a irmã.

Sara ainda está um pouco dentro do seu sonho — alguma coisa sobre a mãe, a ideia dela, de alguma maneira. Ela estava vestindo o cardigã verde da foto que Sara guarda em sua gaveta. E a cozinha. Elas estavam sentadas juntas na cozinha. Mas combinar as palavras com o sonho apenas dissolve o que resta dele, da mesma forma que certas estrelas desaparecem do céu quando se olha diretamente para elas.

Leva um segundo para se lembrar de sua vida desperta. Aqui está ela no quarto, a luz do sol bruxuleando através das janelas. Aqui está a irmã dela, seu rosto vermelho de chorar.

“Você precisa ir pro hospital”, diz Libby. Ela puxa os lençóis. Há manchas de sangue marrom aqui e ali. “Você está sangrando.”

Agora o sonho se extinguiu da cabeça de Sara — sobra apenas um rastro, como patins no gelo, uma tristeza.

“Espere”, diz Sara, sua calça jeans molhada, mudando de posição para se sentar na cama. “Me deixe pensar por um segundo.”

Há uma pequena onda de alívio quando a situação se esclarece na sua cabeça. “Eu não estou doente”, diz ela.

Sara não é uma menina que espera esse dia chegar. Desde que mostraram o vídeo na escola, ela vinha nutrindo a ideia de que, talvez, tomara, isso nunca aconteça com ela. Foi fácil acreditar. Como algo tão bizarro pode ser tão comum?

“Não achei que seria tanto sangue”, diz ela para sua irmã pela porta do banheiro.

Uma maré de adrenalina a impele a dar os primeiros passos: a troca de calça jeans, as camadas de papel higiênico, a serem substituídas por uma toalha de rosto dobrada em quatro, engolir dois comprimidos de Tylenol na pia. Há a mais ligeira alegria traidora de que seu pai não esteja aqui para testemunhar nada disso.

É difícil não desejar a presença da mãe dela. A mãe de Akil aparece na sua mente — talvez ela soubesse como ajudar.

Ela consegue ouvir sua irmã no corredor, através da porta. Um estranho som de resfôlego.

“Você está bem?”, pergunta Sara em voz alta. Sem resposta.

Do outro lado da porta, ela encontra Libby esparramada no chão: rindo. Ela está gargalhando tanto que não consegue falar.

“Não é engraçado”, diz Sara.

As risadas de Libby são tão vigorosas que ela segura a barriga, como se de outra forma o abdômen pudesse se desfazer.

“Pare de rir”, diz Sara.

Mas a irmã continua soltando gargalhadas.

“Pare com isso.”

“Não acredito que achei que você estivesse morrendo”, diz Libby. O barulho atraiu os gatinhos, que esfregam o rosto no ombro dela. “E olha a sua calça.”

Mas tudo o que Sara consegue sentir nesse momento é uma vaga sensação de indiferença animal no universo, como tudo na natureza é tão implacável quanto um vírus, replicando-se repetidas e repetidas vezes sem fim.

Os pais: a cerca de dois quilômetros dos limites da cidade, em uma parada para descanso, onde a rodovia penetra na floresta, um grupo de pais começa a se reunir. É o mais próximo que os soldados permitirão que eles cheguem de Santa Lora.

Isso é um absurdo, dizem os pais uns para os outros. É uma violação das liberdades civis dos seus filhos e das suas filhas. Eles ligam para seus advogados. Acionam deputados e senadores. Convocam a mídia. Assistem aos veículos militares que circulam dentro e fora da cidade. Um pai tenta subir a bordo de um caminhão do exército, mas é logo enxotado pelos soldados.

Alguns dormem em seus carros. Outros montaram barracas. Eles se revezam dirigindo montanha abaixo em busca de comida.

Eles conversam em pequenos grupos, trocando notícias e cobertores. A maioria dos filhos ainda está acordada em Santa Lora — por que não deixá-los voltar para casa e cumprir sua quarentena em sua própria casa?

Cartazes de protesto começam a aparecer. Câmeras.

Entre os pais ali reunidos está a mãe de Mei, que, sem o conhecimento da filha, dorme na sua caminhonete. É melhor a sensação de estar pelo menos assim bem perto. Faz dois dias que a filha dela não atende ao telefone. E não há como saber se esse silêncio significa que ela contraiu a doença, ou se é apenas uma prova da ordem natural das coisas: em como os pais estão sempre muito mais preocupados com seus filhos do que o contrário.

No dia seguinte ao início da quarentena, Mei e Matthew se juntam à multidão que se aglomera nas barricadas da estrada Recuerdo, em Santa Lora. Eles estão lado a lado, de blusa de moletom e calça jeans, máscaras brancas no rosto, mãos protegidas por luvas azuis. Mei olha ao redor. Ela está nervosa. Matthew olha para a frente.

Essa é a ideia de Mei, isso de se entregar. Algo fora do comum floresce nela, algo grande, como dever.

Mas Matthew concordou. Ele refletiu a respeito. “É o bem maior para o maior número de pessoas”, diz ele.

Para Mei, é menos um pensamento do que um sentimento, quase físico, como se os músculos do estômago é que soubessem com mais clareza a coisa certa a fazer.

Duas fileiras de barricadas foram instaladas no ponto da estrada onde a floresta estadual termina e onde Santa Lora começa — com um espalhamento de cabanas nos bosques. O antigo letreiro está pendurado por perto: BEM-VINDO A SANTA LORA.

Apenas dois meses antes, Mei chegou por essa mesma estrada, o Volvo da mãe atulhado de lençóis novos, roupas novas e um frigobar ainda na caixa. Na cabeça da garota, muita esperança e anseio, sua nova vida tão próxima.

A multidão aqui está estrondosa com suas necessidades, de suprimentos e de comida, mas sobretudo de informação. Um homem pergunta sobre sua filha. Uma mulher está à procura do marido. “Eles o levaram embora em uma ambulância”, diz ela. “Ninguém me diz onde ele está.”

Cada uma dessas indagações recebe a mesma resposta dos dois soldados postados atrás da cerca: uma lenta sacudida de cabeça.

Eles usam uniformes e coturnos grandes, óculos de sol. Ajudariam se pudessem, dizem eles, através de suas máscaras brancas e novas, e aparentam pesar, como meninos, é o que eles parecem, mas com imensas armas pretas ao lado do corpo.

“É melhor vocês todos irem para casa”, diz um deles através de sua máscara. “É o lugar mais seguro para se estar.”

“Mas nós não vivemos aqui”, grita uma mulher em um terninho amarrotado. Ela faz parte de um grupo de nove ou dez pessoas que estavam reunidas na cidade para uma conferência, diz ela. “Estamos presos aqui”, diz a mulher. Esse é o momento em que Mei percebe que ela está descalça, a mesma mulher que ela viu no dia anterior. “Para onde devemos ir?”

Dois helicópteros de canais de notícias circulam no céu sobre a multidão. Todos os canais deixaram de lado a história dos universitários fugitivos em favor da manchete de maior estardalhaço: pela primeira vez na história dos Estados Unidos, um torniquete foi aplicado a uma cidade inteira.

Matthew chama um dos soldados. “Com licença”, diz ele. “Desculpe.”

“Ei”, grita um homem de algum lugar próximo. “Tem uma fila.”

Uma hora de espera dá em nada. Uma linha de nuvens finas flutua no céu. Um cachorro caminha sozinho pela estrada, sua coleira se arrastando atrás dele. De quem é esse cão?, perguntam as pessoas na multidão. De quem é esse cão? Elas continuam perguntando até que o cachorro perambula e sai da vista, sua plaquinha de identificação tilintando, sem ser lida por ninguém, sua coleira ainda batendo atrás dele. É difícil não imaginar o que tenha acontecido com a pessoa cuja mão soltou essa coleira.

Quando é a vez de eles falarem com os soldados, Mei e Matthew não se saem melhor do que os outros.

“Quem disse a vocês para virem aqui?”, pergunta um deles, como se lhe tivessem pedido algum tipo de favor. “Não podemos ajudar vocês aqui.”

“Mas nós fomos expostos”, diz Matthew. “Estamos tentando fazer o que é ético.”

Os soldados se entreolham, como se Matthew fosse algum tipo de maluco.

O soldado entrega a eles um panfleto amarelo e bate com um dedo enluvado no mesmo número para o qual Mei já ligou mais cedo.

“Mandaram a gente vir aqui”, diz Mei.

“Liguem de novo”, diz o soldado. “Eu acho.”

De repente alguém começa a gritar por perto. Barulho de metal no asfalto.

“Ei!”, gritam os soldados. “Parado.”

Um homem está tentando escalar as barricadas.

Uma mulher na multidão chama por ele: “Sayyid”, ela grita. “Volte.”

“Parado aí mesmo!”, grita o soldado mais próximo de Mei. Ele não aponta seu rifle. Mas se alguém estivesse olhando bem de perto, o que ninguém está fazendo nesse momento, poderia notar o modo como a mão dele se tensiona contra o cano.

“Vocês não podem confinar a gente aqui”, diz o homem. Ele tem sotaque, Mei não sabe dizer de onde. “E toda aquela conversa sobre direitos humanos?”

Ele veste um terno cinza, esse homem, e sapato. Já está com uma perna por cima da cerca.

A mulher continua chamando por ele de algum lugar na multidão.

“Sayyid”, diz ela. “O que você está tentando fazer?”

E agora outra voz faz coro com a dela, a de um menino: “Papai, pare”. Ele diz: “Por favor. Volte aqui”.

A mulher muda sua súplica para um idioma diferente: árabe, talvez, mas Mei não sabe dizer ao certo.

A movimentação atrai os helicópteros. Eles voam em círculos baixos e estreitos.

O homem vaga agora entre as duas séries de barricadas, como se estivesse perdido em um fosso vazio. Ele parece tonto. Está começando a chorar.

Do outro lado das barricadas, assomam os bosques e as montanhas — cinquenta quilômetros quadrados de floresta estadual se estendem pelos dois lados da estrada.

Ele segue em frente, esse homem. Começa a escalar o segundo conjunto de barricadas.

“Parado aí mesmo”, dizem os soldados, mas o homem não para.

As faixas amarelas refletivas do pavimento da estrada brilham ao sol sob o sapato do homem. Ele sobe no segundo conjunto de barricadas.

Os soldados meio que o agarram e meio que não, e Mei consegue ver, quando o homem desaba com força no asfalto, que esses soldados têm medo de tocá-lo.

Eles apontam suas armas para o homem.

“Não o machuquem!”, grita a mulher. Ela usa um lenço verde de seda no pescoço, calça bege e brinco de ouro. Um menino, talvez onze ou doze anos, fica ao lado dela. “Por favor”, pede ela aos soldados. “Ele está fora de si. Ele é professor universitário.”

O homem continua caminhando em direção aos soldados.

“Eu preciso sair daqui!”, berra ele. “Vocês têm que nos deixar passar.”

“Senhor”, dizem eles, “por favor.” E, depois, em tom mais gentil: “Vá para casa”.

“Eu estou a oito mil quilômetros de casa”, vocifera ele. “Eu fugi da minha casa. E o tratamento que vocês nos dão agora não é nem um pouco melhor do que era no lugar de onde viemos.”

A mulher grita. Ela está chorando enquanto implora aos soldados.

Alguns especialistas suspeitarão mais tarde que o vírus afeta o cérebro de maneiras sutis mesmo antes da chegada do sono. Em certos casos, a consciência desperta assume determinadas qualidades do estado de sonho. A atividade intensificada na amígdala, o centro emocional do cérebro. Diminuição da atividade no córtex cerebral, incumbido do raciocínio. Aumento da impulsividade. Mais tarde outros dirão que tais efeitos podem ter contribuído para o que aconteceu nesse dia.

Os soldados se afastam do homem, mas ele continua indo sem parar, como se o modo de fazê-los entender fosse gritar as palavras bem perto do rosto deles, como se, ao agarrar aquele uniforme, ele finalmente deixasse bem claro o seu posicionamento.

O estampido do disparo ecoa seco e frio. Esse som — absorve todos os outros barulhos do mundo. O homem desaba de imediato.

A mão de Mei se lança buscando a de Matthew, mas ele já está em movimento, se projetando à frente. Ele sai em arrancada em direção às barricadas.

“Merda”, diz o soldado que disparou o fuzil. “Merda, merda, merda. Eu falei pra ele”, continua repetindo. “Eu disse pra ele se afastar. Eu não disse?”

O outro soldado está agachado sobre o homem. Pede ajuda pelo rádio. Vídeos de celular vão captar três pessoas do meio da multidão, Matthew entre eles, pulando as duas séries de barricadas para ajudar, e também a mulher, que depois vão descobrir que é a esposa do homem, e o menino, filho dele, escalando as barricadas para chegar ao homem, o garoto ignora os pedidos da mãe. Ela chora aos soluços, falando com seu filho em uma língua que só os dois, nessa multidão, entendem.

De onde está, Mei não consegue enxergar o rosto do homem, mas consegue ver o brilho do sangue dele no asfalto. Algo está acontecendo no peito de Mei. Ela não consegue respirar fundo.

Nesse momento surge um ronco surdo e prolongado em alta altitude. Um avião corta o céu, os acontecimentos na estrada pequenos demais para serem vistos dessas janelas, como se os passageiros lá em cima e as pessoas aqui embaixo estivessem operando em duas diferentes escalas de experiência.

Que alívio — e horror — quando o homem começa a gritar.

Logo depois ele é levado por uma ambulância. Sua esposa e seu filho vão com ele. Mei tem a sensação de que algo mais precisa ser feito para eles, mas eles se foram — não há como ajudá-los agora.

Matthew conversa com um dos outros homens que tentaram ajudar, um dos membros do grupo de viajantes de negócios que estão retidos.

“Nosso hotel foi evacuado no meio da noite”, diz ele. “Isso foi há dois dias. Passamos a noite de ontem no chão da rodoviária.”

“Não temos para onde ir”, diz a mulher descalça. Ela carrega nas mãos um par de saltos altos.

“Quantos de vocês estão aí?”, pergunta Matthew. Uma pontada de medo se apodera de Mei. Ela sabe o que ele vai dizer em seguida.

Dez, dizem eles. Não, nove, alguém corrige.

“Vocês podem ficar com a gente”, diz Matthew.

“E se eles estiverem doentes?”, sussurra Mei.

O rosto de Matthew permanece duro e reto, ilegível.

“E se você estiver?”, diz ele.

Ela consegue ouvir sua mãe implorando a ela para que não corra riscos. Eles acham que estava no sistema de ventilação do hotel — foi o que disseram. Provavelmente todos eles foram expostos.

Eles são representantes de vendas, essas pessoas, cujas malas agora encham a sala de estar enquanto eles se revezam nos chuveiros, no banheiro principal e no de hóspedes e também no banheiro da menininha. Mei pensa nisso tarde demais — como talvez o mero ato de enxaguar seus corpos poderá contaminar os brinquedos de banho da menina, os barquinhos dela, aquelas letras feitas de espuma. Um pânico desenfreado bate no peito dela. Mei deve lembrar a si mesma que a pequena Rose está longe, por enquanto, flutuando em um navio de cruzeiro com seus pais.

No começo, eles ficam sentados à toa, assistindo à filmagem do tiroteio na televisão.

“Não se pode dizer que o soldado não tenha alertado o homem”, diz um dos caras, com uma camisa polo vermelha, um logotipo da empresa bordado no bolso.

Matthew balança a cabeça. Ele anda de um lado para o outro.

“Estou apenas dizendo”, explica o homem. “Que não teriam atirado se ele tivesse prestado atenção.”

“Você sabia”, diz Matthew, “que em 1930, no Havaí, o governo colocou em quarentena um bairro chinês e depois incendiou o lugar todo?”

“É verdade?”, diz uma das mulheres. Ela vestiu duas blusas de moletom, mas esfrega os braços como se estivesse com frio.

“Vamos falar sobre outra coisa”, diz o cara de camisa polo.

A casa tem fartura de vinho, e Matthew vai abrindo garrafas. Todo mundo está ávido para beber. O mero gosto da bebida na boca de Mei já faz com que ela se sinta melhor, mesmo antes de chegar ao sangue.

Talvez já não importe mais que essa casa imensa pertença a outra pessoa, como se esse pedaço de terra arborizada tivesse sido separado do resto do mundo e de todas as regras de causa e consequência.

Eles saem para a varanda dos fundos, e Mei percebe que a mulher da casa ao lado os observa de lá. Talvez ela ligue para os proprietários, essa mulher. Mas Mei se surpreende: ela não dá a mínima.

Depois de algum tempo, uma das mulheres pergunta a Mei e Matthew como eles se conheceram. “Eu sempre gosto de ouvir como os casais ficam juntos”, diz ela.

Um súbito constrangimento surge entre eles — não é esse o sentimento que, quando compartilhado, amplia o abismo entre duas pessoas em vez de diminuí-lo?

“Não somos um casal”, diz Matthew, como se isso fosse uma coisa louca de se dizer.

Mei sente seu rosto ficando quente.

“Ah”, diz a mulher.

No silêncio que se segue, as mariposas zumbem e esvoaçam contra as luzes. Um Humvee passa trovejando. Matthew vai buscar mais vinho e, em seguida, aparece na varanda com a guitarra autografada mais uma vez em seus braços.

Um dos representantes de vendas começa a fumar.

Talvez, em uma fotografia, podia parecer uma festinha em uma varanda dos fundos, a luz comprida, o final do outono, um rapaz tocando guitarra em um canto.

Não sobrou muita comida na geladeira, e todas as lojas, eles ouviram dizer, estão fechadas.

“Eu sei onde a gente consegue encontrar algo”, diz Matthew. Há uma estimulante dose de empolgação em suas palavras, o crepitar de um rapaz aceitando um desafio.

O balanço de varanda oscila em sua esteira quando ele se levanta e depois salta por cima do corrimão de madeira. Ele aterrissa ao lado de uma fileira de latas de lixo — as tampas vão sendo arrancadas por suas mãos.

“Opa”, diz o mais barulhento dos representantes de vendas da varanda. “Acho que ainda não chegamos a esse ponto.”

“Eu faço isso o tempo todo”, diz Matthew, descalço na grama, as mãos nuas desamarrando um saco de lixo branco. Há buracos na

blusa de moletom dele.

Aquele olhar no rosto dos representantes de vendas, o modo como todos eles desviam um pouco a cabeça, como se da varanda pudessem sentir o cheiro do lixo — não é algo que ela queira ver direcionado a Matthew. Em vez disso, ela concentra as atenções nele, observando a maneira como ele inclina a cabeça dentro do saco, suas mãos em ação em uma tarefa delicada. O apelido que ele tinha no dormitório volta repentinamente até ela: o Matthew Esquisito.

Metade de um pedaço de pão vem à tona, ainda aconchegado dentro de seu pacote. Uma fina linha de mofo é a única imperfeição em um bloco de queijo parmesão embrulhado em papel filme.

Os representantes de vendas se recusam a comer. Mei, no entanto, aceita. E tem um gosto bom, esse pão. Tem um gosto melhor do que bom.

“Vocês sabem o que essa coisa toda me lembra?”, diz um dos representantes de vendas. “Aquele medicamento para falta de sono que nós costumávamos vender”, diz ele. “Lembram?” Ele tem um princípio de bigode, esse cara, mais do que um restolho, está mais para grama esparsa. “Houve um caso em que um sujeito dormiu por vinte e quatro horas seguidas.”

“Calma”, diz Matthew. Ele se senta com a coluna reta. Parece subitamente irritado. “Vocês são, tipo, das Grandes Corporações Farmacêuticas?”

“Aqui vamos nós”, diz o cara da camisa polo vermelha.

Os outros assentem em suas cadeiras dobráveis. A reunião servia para isso, dizem eles: vendas de produtos farmacêuticos.

O que quer que Matthew diga em seguida é abafado pelo gemido de um helicóptero, que brevemente ilumina e depois deixa às escuras o quintal.

“Isso simplesmente não parece real”, diz uma das mulheres. Ela balança a cabeça. Bebe o vinho.

Matthew ficou em silêncio. Lá está ele no balanço de varanda, braços cruzados, fitando a floresta.

“Nada disso parece real”, diz a mulher de novo. “Sabe?”

“Talvez não seja”, diz Matthew do balanço de varanda, cujas correntes rangem enquanto ele balança. “Talvez nada disso seja

real.”

Ah, Matthew. Se pelo menos ela pudesse socorrê-lo da maneira como essa mulher troca olhares com os outros. Ele não vê ou não se importa. Mas essas não são mulheres do mesmo tipo que Mei é, de qualquer modo — quantas horas foram dedicadas à modelagem dessas sobrancelhas, o brilho rosa-pálido dessas unhas?

“Como uma farsa?”, diz a mulher.

“Você leu Descartes?”, diz Matthew.

“Sem querer ofender, cara”, diz o cara barulhento. “Mas acho que nenhum de nós está com disposição para esse tipo de besteira de papo de dormitório hoje.”

Matthew fica quieto, de braços cruzados. Mei sente uma fúria emanando dele como calor.

“Por favor, não me pergunte como é que eu sei que esta mesa está de fato aqui”, diz o cara. Ele bate os nós dos dedos no tampo da mesa do quintal. Seus dentes estão vermelhos do vinho. “Por favor, não me pergunte como eu sei que o azul que você vê é o mesmo azul que eu vejo.”

Matthew se recosta no balanço de varanda. Ela já conhece esse olhar, uma maneira de sorrir que sinaliza infelicidade.

“Então, deixe eu perguntar outra coisa”, diz Matthew. “Como você se sente ao ficar rico às custas de pessoas doentes? Como é a sensação de fazer parte de um sistema tão fodido que as crianças estão ficando sem canetas aplicadoras de insulina e inaladores de asma porque as empresas de vocês decidiram elevar o preço em mil por cento... simplesmente porque vocês podem?”

“Eu adoro estudantes universitários”, diz o primeiro homem. “Fale comigo daqui a dez anos, cara.”

Matthew não diz nada. Ele apenas se levanta e vai para dentro da casa.

“Mas, afinal”, diz Mei, mas ela não consegue pensar em muita coisa para falar, exceto o seguinte: “Há quanto tempo vocês trabalham juntos?”.

“Nós?”, diz uma das mulheres. “Todos nós acabamos de nos conhecer na terça-feira.”

Essa notícia a surpreende. Como é solitária a sensação de descobrir mais uma vez a rapidez com que outras pessoas

conseguem criar vínculos.

A certa altura, uma das mulheres cochila na cadeira. É uma visão desconfortável, e o cara escandaloso logo dá tapinhas no ombro dela. Que alívio é vê-la abrir os olhos.

Ela demora para voltar a si. Ela boceja e pede mais vinho.

“Eu sonhei que tudo estava andando para trás”, diz a mulher. “Como se o próprio tempo estivesse se movimentando ao contrário. No sonho, o cara apareceu depois de levar um tiro. Aí os soldados gritaram com ele. Então ele subiu de costas as barricadas e desapareceu no meio da multidão.”

Depois, os representantes de vendas se instalam na sala de estar, tendo recusado os quartos, como se isso fosse o tipo de perigo que exigisse segurança no número de pessoas, em vez do exato oposto. Eles usam suas blusas de moletom como travesseiros, uma vez que faltam travesseiros para todos. Eles são rápidos em apagar as luzes, mas demoram para guardar seus celulares, deixando apenas o estranho brilho dos rostos, iluminados de branco pelas telas, enquanto esperam o sono, deitados de costas.

Mei e Matthew permanecem na varanda. Uma brisa se embrenha pela floresta, fazendo soar os sinos e mensageiros do vento.

“Acho que a gente não deve dormir na casa com eles”, sussurra Matthew.

Um som suave vem lá de dentro: uma das representantes de vendas está chorando.

“Vamos dormir aqui”, diz ele, apontando com a cabeça para o quintal. “Encontrei uma barraca na garagem.”

Uma barraca. Uma sensação esquisita continua a inundar Mei — a de que esse dia está acontecendo em algum lugar fora do tempo normal. Nem a mais estranha das possibilidades pode ser descartada.

“A gente pode montar a barraca no quintal”, diz ele.

Ela se preocupa com o que os representantes de vendas vão pensar, mas há um desejo ansioso de querer o que Matthew quer. É bom concordar. E então lá estão os dois no quintal, Mei apontando uma lanterna para o chão enquanto Matthew desenrola a barraca.

Parece nova, essa barraca, fresca com o cheiro da embalagem, não como as barracas da família dela, empoeiradas e desgastadas pelo uso.

“Gente rica do caralho”, diz Matthew. “Eles sempre têm um monte de merda jogada por aí que nunca se dão ao trabalho de usar.”

De onde ele vem, ela se pergunta, com o moletom maltrapilho dele, a mochila surrada?

“O que você quis dizer, antes?”, sussurra Mei, enquanto ele estende a barraca sobre a grama. Ele lê as instruções. “Sobre as coisas não serem reais?”

“Provavelmente você já ouviu isso antes”, diz ele, sem levantar os olhos.

Ela espera que ele diga mais.

“Quando estamos sonhando”, diz ele, “não conseguimos dizer que estamos sonhando. Certo?”

“Certo”, diz ela.

“Então, se não podemos dizer que estamos sonhando quando estamos de fato sonhando”, ele diz, “então, teoricamente, se estivéssemos sonhando neste exato momento, não teríamos como saber disso.”

Essas palavras na voz dele — são como corrente elétrica, a eletricidade das grandes ideias.

“Mas, na verdade”, diz ele, “alguns filósofos acham que todo esse argumento é o xis da questão, o ponto controverso e discutível. Eles acham que a consciência em si é apenas uma grande ilusão.”

Algo corajoso e ousado se ergue dentro de Mei: “Eu gosto do jeito como você fala sobre as coisas”, diz ela.

Mas ele não olha para ela. Talvez tenha sido a coisa errada a dizer.

Ele ainda encara as estacas da barraca, estudando as direções, apertando os olhos à luz da lanterna. Em algum lugar uma sirene grita. Os helicópteros continuam rodopiando no ar.

“Você precisa de ajuda?”, diz ela.

“Acho que sim”, diz ele. Ele entrega as instruções para ela. Mas ela não precisa: sabe o que fazer, por causa de anos de viagens em família. No instante seguinte ela já está inserindo as pontas das estacas nas abas correspondentes enquanto ele segura a lanterna.

“Eu não fui totalmente honesto com você”, diz ele.

O corpo inteiro dela se tensiona. Uma pontada em sua pele. De súbito ela toma consciência do frio no ar da noite.

“Como assim?”, ela diz.

Ela não sabe o que fazer, exceto continuar trabalhando na barraca. Há o roçar do nylon contra o nylon. De repente, a barraca está de pé, como um navio dentro de uma garrafa.

“Você já ouviu falar da Baker & Baker?”, diz ele.

Os comerciais de televisão entram na cabeça dela: produtos farmacêuticos.

“Sim”, diz ela.

“É a minha família”, diz ele, como se fosse um tipo de confissão. “Eu cresci em um condomínio fechado. Eu fui mandado para o internato. Toda a minha vida tem sido financiada com dinheiro sujo.”

É verdade que ela não tinha imaginado, esse menino com um moletom esfarrapado, sapato velho. Mas há alguma coisa diferente nele: ele é todo presente, nada de passado. Como se nada que ele possa fazer fosse capaz de surpreendê-la.

“Mas eu não quero essa vida”, diz ele. Há uma espécie de desespero na sua voz, como se ele tivesse a expectativa de que ela ficaria furiosa. “Eu acho errado viver desse jeito.”

Agora ela se pergunta o que ele pensaria sobre como a família dela vive, sobre o pai dela, o contador, e a mãe dela, a professora, um Volvo estacionado na garagem.

Ela mostra a ele onde posicionar as estacas da barraca. Juntos, eles martelam as peças no chão.

Ele está dentro da barraca agora, ajoelhado, estendendo um saco de dormir lá dentro. Deixa cair a lanterna no interior, para que ela ilumine o gramado como uma luminária. Não é muito grande, essa barraca, e ela gosta da ideia dos dois agachados juntos, essa proximidade.

Ele se senta na grama. Olha para o céu. Parece tão triste sentado lá, esse rapaz misterioso.

Ela se senta ao lado dele. De repente, o rosto dele está perto do dela.

Um beijo repentino. Ela nem sequer pensa em como eles não deveriam estar fazendo isso. É rápido e veloz. É tímido.

E então ele diz algo sobre as estrelas, como já não é mais possível enxergá-las por causa de todas as luzes de emergência, e como o sonho dele é apenas viver na floresta em algum lugar e dormir sob as estrelas.

“Eu quero viver com a mesma quantidade de dinheiro com que se sustentam as pessoas mais pobres do mundo”, diz ele. “Esse é o meu objetivo. Eu acho que é o mais ético.”

Tudo na mente dele é ou uma coisa ou outra. Certo ou errado. Há adrenalina nessa clareza.

Ele faz sinal para que ela rasteje barraca adentro.

Ela vê agora como isso vai acontecer, como não há necessidade de discutir com antecedência, como se ela já pudesse sentir, o calor do braço dele ao lado do dela antes de adormecerem.

Mas de repente ele se levanta e está fora da barraca de novo e de pé na grama. “Você dorme na barraca”, diz ele. “Eu vou dormir aqui.”

De manhã, nenhum dos representantes de vendas acorda.

Um suicídio em massa é o que parece, os corpos espalhados pela sala de estar, cabelos pendendo sobre os rostos, as bocas ligeiramente entreabertas, pequenas poças de saliva acumulada nas tábuas do assoalho. Mas, ouvindo-se com atenção, é possível escutar os sons que atestam a vida deles: a lenta respiração do sono profundo.

O celular de um deles continua tocando. Há um bocado de informação nesse som, o modo como ele toca com tanta frequência que é difícil dizer quando uma ligação termina e a seguinte começa: a chamada de uma pessoa enlouquecida de preocupação. Mas, aqui nessa sala, ninguém desperta.

Há algo de terrível no modo como o jorro de sol perpassa pelos rostos, como se a luz solar fizesse parte disso — e não é verdade que o sol se tornou sinistro ultimamente, ressecando a terra cada vez mais fundo na seca?

De acordo com os especialistas, apenas pela visão não há como distinguir entre a doença e o sono, mas Mei reconhece de imediato o que é. É um profundo sossego, um vazio do rosto, e eles parecem

mais jovens, de alguma forma, do que na noite anterior, esse tipo de conhecimento que jamais pode ser detectado pelos resultados de um experimento ou pela lente de uma câmera, a mente humana o único instrumento sutil o suficiente para registrá-lo.

Se, de alguma forma, os representantes de vendas pudessem ver pelos sonhos, eis o que encontrariam, refratados, na superfície: um rapaz e uma garota com máscaras brancas no rosto, curvados sobre seus nove corpos na vasta sala de estar da casa de estranhos. A pressão dos dedos do rapaz — protegidos por luvas de cozinha que eles encontraram embaixo da pia — vasculhando seus pulsos à procura das batidas do coração. A sensação de líquido escorrendo pelo queixo enquanto a garota, com um copo de canudinho de criança, respinga água em cada uma das bocas secas. Eles ouviriam o som da voz do rapaz se irritando no outro cômodo: *mas estamos esperando o dia todo por uma ambulância*. E, por fim, a sensação de alguém, esse mesmo rapaz, levantando-os um a um pelas axilas, enquanto a garota segura com força as pernas, o balanço dos corpos feito sacos de areia. E depois o cheiro de assentos de couro. Em seguida, a gambiarra do clique improvisado dos cintos de segurança sobre os corpos caídos. O acionamento de uma porta de garagem. O giro de uma chave na ignição. O solavanco das velhas ruas sob os pneus, as cabeças balançando para a frente ou para trás a cada curva da estrada. E talvez: um vislumbre de pinheiros, das montanhas, do amplo céu de pôr do sol, seus corpos há tanto tempo em sintonia com o nascer e o poente desse mesmo sol — mas, de repente, não mais.

Da janela do terceiro andar do hospital, agora lacrada faz dez dias, Catherine vê helicópteros indo e vindo — com suprimentos e comida. O lixo se acumula nas ruas abaixo.

Há algo de monstruoso nos macacões que ela e os outros profissionais de saúde usam agora quando estão na ala de isolamento, o modo como o plástico distorce os rostos dos médicos e das enfermeiras, o modo como abafa suas vozes. Eles parecem maiores nesses trajes. Menos humanos. As pessoas se assustam.

Nas portas dos fundos do hospital, adormecidos começaram a aparecer, caídos sozinhos junto ao vidro, abandonados como recém-nascidos ou viciados em drogas, bilhetes afixados nas camisas. Os rumores se propagam: qualquer pessoa exposta será detida.

A cento e doze quilômetros de distância, na casa geminada de Catherine em Los Angeles, sua filha e a babá também estão em quarentena. É uma precaução, para o caso de Catherine ter levado consigo o vírus para casa — na roupa, talvez, ou na pele, ou no próprio ar que ela respirava ao beijar as bochechas da filha depois das primeiras visitas a Santa Lora.

Ela deveria ter sido mais cuidadosa, Catherine insiste em pensar.

Suas conversas telefônicas com a filha terminam sempre da mesma maneira: *Tá bom, mas, mamãe, agora eu posso ir lá fora?*

Ela começou a se comportar mal, diz a babá, de um jeito estranho. Ela puxa as cortinas. Joga sua comida no chão. Corre em círculos pela casa.

A babá, até agora tão paciente, começou a parecer cansada ao telefone.

No domingo seguinte, Catherine avista da janela uma pequena assembleia de fiéis reunida ao ar livre, tendo arrastado os bancos da igreja para o estacionamento de modo a limitar a propagação no ar.

Há algo de insólito nisso, aquelas famílias sentadas nos bancos, aquelas bíblias nas suas mãos, as tênues tonalidades de seus hinos fluindo ao ar livre — lágrimas vêm aos olhos de Catherine. Ela nunca ficou tanto tempo longe da sua filha.

Certa noite, Catherine assiste a uma multidão de pessoas se aglomerar feito um enxame em volta de um helicóptero na escola das imediações, enquanto a aeronave tenta aterrissar com um carregamento de comida.

Depois disso, um dos médicos do pronto-socorro a puxa de lado:

“Estamos retirando os opiáceos da farmácia”, diz ele. É muito magro, esse médico, uma barba malfeita se espalhando pelo rosto. Ele fala depressa. Nenhum dos membros do estafe está dormindo muito. A falta de sono aparece nos olhos desse homem. “Agora que a cidade está isolada”, diz o médico do pronto-socorro, “também não estão chegando as drogas de rua. É só uma questão de tempo para eles virem procurar alguma coisa aqui.”

“Quem?”, diz Catherine. Mas ela sabe o que ele quer dizer. Ele fala deles como animais. Porém, ela quer que ele diga.

“Viciados”, diz ele.

O vício não é a especialidade dela, mas muitas vezes ela o vê em seus pacientes. E por que não? Essas drogas acalmam as mesmas partes do cérebro que a doença mental incendeia.

“Se vai haver violência neste hospital”, diz o médico do pronto-socorro, “é dessa forma que vai acontecer.”

Ela consegue ver nos olhos do médico com que clareza ele é capaz de imaginar a cena: os toxicodependentes, feito zumbis, invadindo o hospital. A preocupação, ela muitas vezes faz questão de lembrar a seus pacientes, é uma espécie de criatividade. O medo é um ato da imaginação.

“A partir de agora”, diz o médico do pronto-socorro, “você e eu somos os únicos que saberão a localização exata desses

medicamentos.”

Mais e mais médicos adoecem.

Catherine se vê realizando procedimentos que ela não fazia desde a época da faculdade de medicina. Como é estranha a sensação da agulha de costura na sua mão, o fio de sutura parece grosso, enquanto ela arremata o ponto cirúrgico do corte na testa de um menino que escorregou perto de um dos banheiros superlotados. E como é estranho o peso da cabeça de um recém-nascido quando ele finalmente escorrega do útero da sua mãe para as mãos enluvadas de Catherine — o único obstetra do hospital continua sonhando na ala de isolamento.

Alguns dias depois, Catherine encontra o médico do pronto-socorro tombado em uma cadeira de escritório no que antes era a sala de espera. É cada vez menos surpreendente como, de repente, esse sono toma conta do corpo, embora sua respiração pareça ainda mais lenta que a dos outros.

Dois auxiliares de enfermagem de uniformes azuis levam o médico adormecido para a ala de isolamento quando um frasco de comprimidos cai do bolso dele.

“Espere aí. Não é a doença”, diz Catherine. É o Oxycontin. Um sono derivado de ópio. Não admira que ele soubesse com tanto discernimento o que os outros poderiam fazer.

Para isso, pelo menos, existe uma cura, pelo menos temporária: uma dose de naloxona na coxa. Ele abre os olhos, acordado e envergonhado. Ele a evita depois disso.

Nessa noite, Catherine recebe uma ligação da babá da sua filha.

“Ela está com febre”, diz a babá. A respiração de Catherine sofre um bloqueio. A doença, eles vieram a entender, começa desse modo também. Se algo acontecer com a sua filha, a culpa será de Catherine, disse ela está convicta.

“Eu não queria preocupá-la”, diz a babá. “Mas ela adormeceu algumas horas atrás, e estou tendo dificuldades para acordá-la.”

Agora é a vez de Catherine imaginar o pior, com uma profusão de detalhes rebuscados.

Uma simplicidade maluca passa por cima de todo o resto e vai direto ao ponto: ela precisa voltar para casa, para a filha.

Ela vai deixar esse hospital, do qual ninguém saiu faz duas semanas. Vai deixar essa cidade, cercada por soldados e veículos militares.

Ela tira as luvas e corre para o andar de baixo.

Ela não consegue nem sequer passar pela porta da frente. Há guardas, claro. Esta não é uma quarentena voluntária.

Catherine passa a noite toda no telefone com a babá. Na pequena tela de seu celular, o aspecto da filha adormecida é idêntico ao dos doentes. Em algum momento depois da meia-noite, ela percebe com uma explosão de pânico que não consegue se lembrar da cor exata dos olhos da sua garotinha. As pessoas comentam sobre o incomum matiz de avelã, mas ela não consegue imaginá-lo. Ela não consegue se lembrar dos olhos da própria filha.

Por fim, às três da manhã, alívio: a filha abre os olhos e pede água à babá.

Não é a doença, então, trata-se apenas de uma febre infantil comum.

O som da voz miúda da pequena filha ao telefone libera nela uma ternura pelo mundo inteiro, por todas as pessoas, as acordadas e as adormecidas, nesse hospital. Parece uma droga se espalhando pelo corpo dela. Parece o momento em que sua filha nasceu.

No centro desse hospital, na ala onde os primeiros pacientes agora são atendidos por enfermeiras com macacões de proteção Tyvek nível 4, sob os lençóis de uma cama específica, sob o tecido fino da camisola hospitalar e sob a pele lisa da barriga de uma jovem mulher: um pequeno coração começa a bater. É uma batida secreta, tremulante, de beija-flor, com quatro semanas em formação.

Rebecca não vivencia nenhuma das emoções que de outra forma ela sentiria, grávida por acidente aos dezoito anos — o pânico, o desassossego, a necessidade excruciante de tomar uma decisão.

A três metros de distância, sonhando em outra cama de hospital, Caleb também não sente nada disso.

A coisa toda, ainda jovem demais para se chamar de feto, cresceu até o tamanho de uma ervilha.

Um rosto começa a surgir do tecido da cabeça, os primeiros componentes dos olhos. Aqueles olhos: eles mostrarão a ela tudo o que ela verá na vida. Formam-se passagens que um dia se tornarão o ouvido interno. Esses ouvidos transmitirão cada voz, cada nota musical, cada gota de chuva que ela vai ouvir na vida. Já existe uma abertura que mais tarde se tornará a boca, a mesma boca que, se mãe e filho sobreviverem, talvez pergunte, um dia, o que é Deus e por que precisamos do vento, ou, afinal de contas, onde ela estava antes de estar dentro da barriga da mãe dela.

No quarto, os monitores soam e zumbem. Os macacões de proteção farfalham à medida que enfermeiras e médicos vêm e vão, realizando os mesmos testes diagnósticos que vêm fazendo desde o início: massageiam o esterno, fazem cócegas nos dedos dos pés. Nenhuma mudança.

Nutrientes percorrem um tubo de plástico através de uma narina, depois descem até a garganta e de lá para o estômago.

Enquanto isso, Rebecca dorme e dorme, o cérebro consciente, ficou claro, é tão supérfluo para o processo que se desenrola dentro

dela quanto os girassóis que agora definham no peitoril da janela.

Ele dorme quando ela dorme. Ele acorda quando ela acorda, o que ocorre seis vezes ou oito vezes ou dez vezes por dia. E cada despertar é também uma lembrança, uma nova coleta dos fatos: Ben está sozinho com sua bebê de seis semanas.

Aonde quer que vá, ele é o homem com um recém-nascido enrodilhado junto ao peito. Você deveria ficar em casa, dizem a ele de novo e de novo. É o lugar mais seguro para se estar. Mas ele precisa sair, para buscar fórmula e fraldas — começaram a distribuir suprimentos na escola secundária.

Ninguém consegue lhe informar onde está a esposa dele. Nem as telefonistas que atendem às ligações no hospital. Nem os soldados que vigiam do lado de fora da sala de emergência. Tampouco os paramédicos, naquela primeira noite, revestidos por macacões azuis e máscaras brancas — que levantaram Annie do chão da cozinha, os dedos dela tremulando um pouco, como sempre fazem quando ela dorme —, souberam dizer para onde exatamente ela seria levada.

Na manhã seguinte, quando a enfermeira chega para medir a temperatura da bebê, está usando óculos de proteção de plástico e um macacão de corpo inteiro. A bebê chora e chora. A bebê já consegue reconhecer o que é ordinário e o que não é.

Essa enfermeira nunca mais volta.

De vez em quando, um Humvee desce a rua. Uma ambulância ruge. Os vizinhos vêm e vão de suas casas, tensos e atentos. Mas tudo o que Ben consegue ver é o rosto da sua bebê. Tudo o que ele consegue ouvir é o choro dela. A única maneira de ela dormir é na curva do braço dele, os lábios afrouxando contra uma mamadeira. Todas as suas roupas recendiam urina, leite azedo e o cheiro doce das fraldas dela. Não há tempo para tomar banho. Não há tempo para lavar o rosto. O chão está atulhado por uma bagunça de roupa suja.

Nesses primeiros dias, uma das colegas de Annie faz breves visitas levando fórmula e lenços. “Não parece que ninguém sabe o que está fazendo?”, diz ela, com os braços cruzados, a voz um tanto trêmula. “Na minha opinião, eles não têm ideia que droga estão fazendo.”

Elas não são muito próximas, essa mulher e Annie, mas eles vivem nessa cidade há apenas três meses, e a gente pede ajuda a quem puder.

Annie, Annie, Annie: o som do nome dela parece subitamente sagrado — e estranho — de alguma forma se tornou extraordinário por não ser repetido trinta vezes ao dia. *Volte para casa*, sussurra ele, como uma oração.

Ele liga para sua mãe em Ohio todos os dias. Ela quer entrar em um avião e vir, mas não adianta, diz ele, sussurrando ao telefone, enquanto a bebê cochila em seu peito. “Eles nunca deixariam a senhora entrar.”

Faz décadas que ele se sente assim em relação à mãe, a simples necessidade da presença dela. “Você deveria ter me deixado ir quando ela nasceu”, diz ela, mas ele e Annie tinham decidido de antemão que queriam ficar sozinhos com a bebê por um tempo antes de permitir a vinda dos pais. Ele vê agora que essa era uma noção adolescente sobre o que é ser um adulto. “Se eu tivesse ido quando ela nasceu”, diz a mãe dele, “então eu estaria presa aí com você agora e poderia ajudar.”

Às vezes, ele se sente tão cansado que não parece tão ruim: adormecer e não acordar.

Fragmentos de notícias da rádio pública flutuam à deriva pela casa entre as mamadas da bebê. Seiscentos casos e em apuração. Setecentos. Em Los Angeles, a cento e doze quilômetros de distância, os estoques de máscaras das lojas acabaram; as pessoas estão armazenando alimentos caso a doença se espalhe.

Todas as coisas comuns se tornam sinistras. Um buldogue preto perambula pela rua. Em algum lugar nas imediações, um bule de chá choraminga durante muitas horas. Um fio de água escorre o dia todo pela sarjeta, como se alguém tivesse desmoronado enquanto regava o gramado.

No terceiro dia, quando a amiga de Annie não chega conforme o prometido, e quando ela não atende ao telefone, Ben não precisa saber o motivo.

Depois disso, ele faz um acordo com a sua mãe — ele ligará para ela todas as manhãs. “Se eu não ligar para a senhora às oito”, diz ele, “chame a polícia.” Mas o tempo com um recém-nascido é complicado e evasivo. As horas deslizam. No terceiro dia, Grace acorda gemendo e cuspiendo, e ele se esquece de ligar para a mãe — algo está acontecendo com a sua memória, algum tipo de desintegração. Duas horas se passam antes que ele olhe para o telefone. Dez chamadas perdidas e uma mensagem: sua mãe chamou a polícia.

“Graças a Deus”, diz ela quando ele finalmente retorna a ligação, e aquela avalanche de alívio em sua voz, como uma espécie de embriaguez — e então ele entende pela primeira vez na vida: o sofrimento especial de amar um filho. “Então”, diz ela, sua respiração ainda ofegante ao telefone. “O que você disse quando a polícia apareceu?”

“Eles não vieram”, diz ele.

Dois dias depois, um policial chega com uma equipe de homens de macacão de proteção azul.

“Recebemos uma chamada”, diz o oficial, “com a informação de que pode haver um homem doente aqui, e que talvez haja um recém-nascido sozinho nesta casa.”

“Isso foi há dois dias”, diz Ben.

O policial suspira através da máscara. Seus olhos parecem cansados e vermelhos.

Depois disso, Ben deixa as janelas abertas o tempo todo. Sua mente é fértil com visões de um futuro terrível. Se as janelas estiverem abertas quando ele perder a consciência, talvez um desconhecido bondoso ouça sua bebê chorar antes que a desidratação a leve embora.

Em um improvável golpe de sorte que é tão possível em um desastre quanto na vida cotidiana, Ben afinal localiza o paradeiro de

Annie. Alguém ao telefone no hospital pode finalmente confirmar que ela é uma das pacientes, sua Annie. Mas não em um quarto normal. Diz a mulher ao telefone que ela foi transferida para a biblioteca do campus, convertida em enfermaria. Ninguém pode entrar no prédio, que, como o hospital, foi colocado em quarentena e é vigiado por guardas, mas o que há de singular na biblioteca, diz a mulher ao telefone como se estivesse repassando um segredo que não é dela para compartilhar: há janelas do chão ao teto.

Quando chega lá com a bebê, Ben encontra um pequeno grupo de pessoas já amontoadas junto a essas janelas, apenas pessoas normais usando máscaras descartáveis brancas, algumas crianças de mãos dadas com seus pais e suas mães. Logo os soldados bloquearão com cercas toda a área, mas por enquanto, nesse dia, ainda é possível pressionar as duas mãos contra o vidro escurecido e espiar.

Aqui está o que ele vê do lado de dentro: talvez cinquenta camas, distribuídas em fileiras, um paciente dormindo em cada uma, algumas enfermeiras ou auxiliares de enfermagem trajadas de macacões azuis andando entre as camas. As velhas luminárias e as mesas foram empurradas para um dos lados daquele vasto salão; de suas prateleiras os livros olham para baixo.

Ele não a vê de imediato, mas logo percebe alguém no canto mais distante, com cabelo castanho cacheado. E ele sabe logo que é ela. Ele respira fundo, sacolejando a bebê em seu peito. “Olhe lá ela”, sussurra para a bebê, seus lábios fazendo contato com a cabecinha careca da criança enquanto fala. É perturbador ver Annie desse jeito, deitada de costas, os tubos, mas também é um alívio. É ela, é Annie, com a mesma aparência de sempre, como ela é nas raras manhãs em que ele acorda antes dela. É um conforto saber onde ela está dormindo.

Ele tira a bebê do carregador e a segura junto à janela para que ela veja, suas perninhas encolhidas como um inseto. Os olhos de um recém-nascido não conseguem enxergar mais do que a cerca de um metro de distância, dizem os livros, mas agora ele parou de confiar nesses livros. Os bebês sabem muito mais do que os especialistas pensam — ele tem certeza. Há uma diferença entre o que não é verdade e o que não pode ser medido.

“Você viu a mamãe?”, diz ele. “Viu?”

Mas mesmo assim, mesmo enquanto ele olha fixamente para o corpo de Annie, mesmo que ele saiba com certeza que é ela, que aquela é a mão da sua esposa pousada sobre seu colo, que aquele é o cabelo da sua esposa caindo sobre seu rosto, mesmo assim, mesmo tendo bem diante de si a prova dela, de qualquer maneira as mesmas perguntas voltam a golpeá-lo: Onde você está? Para onde você foi?

Mas, de alguma forma, também existe isto: caminhadas com a bebê ao nascer do sol, quando ele não é capaz de passar nem mais um minuto dentro de casa, o corpinho da menina fechado no pijaminha de lã, os olhos dela se estreitando sob o sol, o som dos passos dele esmagando o chão no bosque.

Ele passa o dia todo recitando para ela as palavras que dão nome às coisas. Aquilo lá são as montanhas, diz ele enquanto passeiam. Isto é um lago. Este aqui é um beija-flor, pairando sobre as buganvílias do vizinho, e aquilo zumbindo lá em cima, aquilo é chamado de helicóptero, e está pairando também. E o céu, aquele céu tão azul e límpido sem nuvens. Azul. É assim que chamamos esta cor: azul. Ela encara tudo como se estivesse maravilhada. Ela começa a balbuciar. Aquele fiapo de voz. Essa é a voz da sua filha. Um sentimento surpreendente às vezes aflora no peito dele, rápido e agri-doce, um pouco culpado, inclusive, dadas as circunstâncias, mas que outra palavra existe para isso a não ser: *alegria*.

Ele tenta guardar tudo na memória, cada pequeno sorriso e cada novo truque — é assim que ele mais sente a falta de Annie, a pessoa que gostaria de conhecer a bebê nesse nível de detalhe, o conteúdo da fralda, o tão esperado arroto, aquela coisa que ela faz com os dedos dos pés, a escala do amor expressa em minúcias. Ele tenta escrever, anotar as coisas, mas tudo passa, zunindo, por ele. Levaria tanto tempo para recontar quanto para viver. A única maneira de preservar esses dias para Annie seria preservar cada hora, cada minuto. De certa forma, pelo menos, esse tempo é como qualquer outro: passa.

Nos leitos do hospital e nas camas de lona da biblioteca e nas gigantescas barracas que se estendem pelo pátio interno da faculdade e nos catres instalados nos refeitórios e nos catres colocados nas salas de aula e nas barracas novinhas em folha, uma segunda leva delas, montadas a partir de equipamentos originalmente destinados à Libéria ou à Nova Guiné, e nas barracas especiais instaladas para os soldados que começaram eles próprios a adoecer e em camas anônimas em casas anônimas agora espalhadas por toda Santa Lora — os sonhadores continuam sonhando.

Há uma sensação de que a cidade está se esvaziando, embora ninguém esteja indo a lugar nenhum. A sensação, porém, persiste entre os sobreviventes, um sentimento de êxodo, como se todos pudessem sentir sem saber, como luzes na periferia, a consciência lampejando na cabeça de outras pessoas.

Nesse ponto se torna difícil manter uma contagem precisa dos casos. Mil, eles imaginam. Talvez mais.

O cabelo cresce. As unhas se curvam. Não há gente suficiente para manter as unhas cortadas ou os rostos barbeados. Além disso, são tarefas perigosas para executar com as mãos envolvidas em três pares de luvas de látex.

Há mais doentes morrendo do que antes. Desnutrição. Desidratação.

Se uma escara aparecer e não cicatrizar, nem sempre haverá alguém por perto para notar.

Dizem que os vitorianos temiam ser confundidos com mortos e depois enterrados vivos, mas agora o oposto começa a acontecer em Santa Lora — algumas das pessoas jazem tão quietas nesses catres que, em vez disso, são confundidas com gente viva.

Observadores atentos já devem ter reparado neles a essa altura: uma porção de civis trabalhando em conjunto com a Guarda Nacional. Lá estão eles, descarregando caixas de comida na escola secundária, a calça jeans azul-escura em contraste com o verde das fardas. E lá estão eles de novo, instalando catres na capela do campus. Entre esses voluntários estão dois universitários, rostos nunca muito nítidos, correndo de um lado a outro.

Mas uma das mães repara, no pano de fundo de uma fotografia de jornal — não é a filha dela, aquela garota distribuindo máscaras? É um alívio vê-la viva. E quem é esse rapaz ao lado dela, desempacotando caixas carregadas de macacões de plástico?

Mei: uma corda solta retesada. Há tanta confusão em Santa Lora, mas alguns fatos são óbvios: eles estão acordados, Mei e Matthew. Eles estão vivos. E eles têm, ambos, duas mãos para ajudar e dois pés para andar e um desejo de fazer o que conseguirem. E é como o desejo, como um anseio, em algum lugar profundo: ser úteis.

Os olhos pretos de Matthew acima da máscara, o eco da sua voz através do papel, o modo como ele sempre sabe exatamente o que é certo e o que é errado, como se nuances fossem uma conspiração engendrada pelos fracos — é bom estar perto dele. Eles se movem em uma direção apenas: para onde são necessários. Eles estão sempre juntos, sempre, como se funcionassem como uma única unidade, o modo como os braços dele se tensionam, por exemplo, quando ele a ergue pelos quadris para espreitar janelas à procura dos adormecidos e dos mortos.

Ela continua esquecendo de colocar o celular para carregar. Ela continua esquecendo de ligar para os pais — não tem ideia de que sua mãe se juntou ao grupo dos outros pais e parentes acampados em carros a poucos quilômetros da cidade, esperando e esperando por notícias. Mas será que é verdade que já passou uma semana

desde que ela falou com a sua mãe? O tempo aqui é tão escorregadio e fugidio quanto em um sonho.

Eles têm apenas dezoito anos, mas o passado se dissolveu. O futuro se reduziu a isso, como uma sombra escorçada subitamente ao meio-dia.

Eles realizam pequenas tarefas para quem precisa de ajuda. Aproveitam as últimas gotas de combustível da picape para trazer comida da escola para o lar de idosos. Encontram os doentes em casas e carros, às vezes caídos em calçadas ou em bancos de praças e parques.

Um dia, passam pela Sociedade Protetora dos Animais e ouvem os cães uivando e choramingando do outro lado do muro. É Mei quem avista, pela janela, um homem desmaiado no balcão da recepção. As portas estão trancadas.

Eles não discutem o que fazer — Matthew apenas pega uma lata de lixo e a arremessa contra o vidro.

Os gatos choramingam quando ouvem a janela se estilhaçar.

Quem sabe quanto tempo esses animais passaram fome? Matthew abre as jaulas. Duas dúzias de cães e gatos se esparramam pela porta da frente, enquanto Mei esvazia enormes sacos de ração na calçada.

Quando eles estão saindo, dois homens entram pelo vidro quebrado e depois fogem correndo segurando caixas.

“Provavelmente drogas”, diz Matthew. “Tranquilizantes de cavalo e tal. Mas quem eles estão prejudicando?”

Outro dia, eles se deparam com um trecho de calçada estranhamente escurecido por água. O dia está ensolarado. O ar está seco e claro. Eles não sabem, de imediato, de onde vem a água. Mas quando Mei entra no quintal da casa mais próxima, a grama está pantanosa sob seus pés. A água, eles percebem, jorra com delicadeza de uma janela aberta.

Através da tela, eles descobrem uma cena fora do normal: a ondulação da água empoçada, até a altura dos joelhos, dentro de uma sala de estar. Uma inundação oculta.

Essa água, eles sabem, pode muito bem ser sangue — as pessoas dentro da casa talvez tenham se afogado durante o sono. Com que rapidez os espaços humanos, sem cuidados, apodrecem.

“Talvez não haja ninguém em casa”, diz Mei. Livros e papéis boiam na superfície, móveis se entrechocam como barcos. “Talvez isso tenha acontecido depois que eles foram embora.”

“Ou talvez eles estejam lá dentro”, diz Matthew.

Lá está ele: o garoto dela. Ele já chutou suas sandálias para longe, balança uma perna sobre o peitoril da janela. O som do corpo dele chapinhando. Mei se afasta, uma pontada de admiração e medo. Pode estar contaminada essa água. De dentro, ele abre a porta da frente e um jorro de água escorre varanda afora.

“Vem”, diz ele. E ela vai.

Dentro, o som suave de água corrente, descendo pelas escadas em um fluxo fino mas constante.

Partes do teto desmoronaram. Através desses buracos, eles olham para cima e veem as paredes de um quarto no andar superior, a água derramando nas bordas como um vazio de superfície.

“Não acho seguro ficar aqui”, diz Mei.

Mas Matthew já se dirigiu para as escadas.

Ele está um pouco entusiasmado, uma chance de salvar uma vida.

“Precisamos ver se tem alguém aqui”, diz ele.

Mas o medo de Mei volta subitamente: isso é demais. Ela tem a sensação de que algo terrível pode estar escondido nessa água, criaturas invisíveis. Ou corpos. Inconsciente, uma pessoa pode se afogar com apenas alguns centímetros de água.

“A gente precisa chamar a polícia”, diz ela, mas quando essas palavras saem de sua boca ela já sabe que é uma ideia de um tempo diferente — quem sabe quando eles conseguiriam chegar aqui?

Pouco depois, como se saltasse de um penhasco, ela respira fundo e segue Matthew até as escadas. O carpete é esponjoso sob os pés descalços dela. A água escorre pelo papel de parede.

“É a pia”, diz Matthew para ela. Ela ouve o barulho de um registro sendo fechado. “Estava vazando de um cano embaixo da pia.”

Mei tropeça em algo duro, um laptop submerso.

“Putá merda”, diz Matthew. “Olhe.”

Em uma antiga cama com dossel, como se estivesse flutuando em uma jangada, um homem de cabelo branco e óculos está deitado, completamente vestido, de costas. Ele parece tão sozinho, esse homem — a forma de sua vida sugerida pelo fato de que dois estranhos o encontraram antes de qualquer outra pessoa.

Mei se inclina para perto do homem e não sente a respiração. Ela põe a mão no peito dele, e ali está, o alívio do tórax levantando e abaixando.

“Ele está vivo”, diz ela.

Matthew vira o corpo e delicadamente move os braços e as pernas para a frente e para trás, uma ideia que eles têm de que isso precisa ser feito para evitar feridas.

No chão ao redor da cama há diários, a tinta quase toda lavada das páginas pela ação da água, nódoas de tinta azul e preta, as letras surrupiadas do papel.

“Espere”, diz Mei. “Acho que ele é o meu professor de biologia.” As aulas estão começando a parecer nebulosas na memória dela, mas Mei gostava dele, desse professor, de sua obsessão por árvores.

A essa altura eles já levaram dezenas de doentes para as barracas médicas. Esse professor de biologia é mais um.

Quando eles dormem, dormem na barraca, como se aquela casa grande tivesse se tornado uma fonte de dois tipos de contaminantes, não apenas a doença, mas também algo mais, uma espécie de decadência em um tempo de sofrimento.

Mas eles dormem o mínimo possível — há muito trabalho a ser feito. E as noites são para isso também. Tudo é urgente. Tudo é novo, até o modo como ele estende a mão para tocá-la no escuro, sua boca encontrando a dela rapidamente, a pressão de seu corpo contra o dela. Não há conversa. Sem luzes. Quase não há pensamento. Aqui está a mesma clareza que os impulsiona o dia todo.

Depois disso, eles dormem um sono pesado, horas a fio sem acordar, o sono de pedra dos jovens e dos cansados e dos corpos exaustos de propósito. A gagueira dos helicópteros já não os

desperta de seus sonhos. Eles aprenderam a dormir também em meio às sirenes e aos estrondosos roncos dos Humvees. Eles dormem também em meio à preocupação que flutua livremente, como um som, de uma ponta à outra da cidade.

Nesse ínterim, nos bosques que pairam sobre a barraca, os grilos realizam seus próprios rituais ancestrais, enquanto os escolitíneos escavam as árvores, lentamente, lentamente, derrubando-as.

Em outro momento, sob o olhar atento das garotas do andar do dormitório, Mei poderia ter se perguntado o que estava acontecendo entre os dois, se ela e Matthew eram um casal de verdade ou não. Mas ela não pensa muito sobre isso. Eles estão conectados assim: duas pessoas em perigo todos os dias. Aqui está ele ao lado dela. Aqui está a mão dele, enlaçada na dela no fim do dia. Aqui está o quadril dele pressionado contra o dela à noite. Que importância tem o nome que dão a isso? Que tal isto, ela pensa certa noite, enquanto flutua sono adentro, nutrindo o tipo de ideia grandiosa de que ela nunca falaria em voz alta: um amor pelo fim do mundo.

Cada músculo tenso deve mais cedo ou mais tarde relaxar. A adrenalina não pode fluir indefinidamente. Em certo ponto, um novo sentimento começa a dominar essas longas horas de internação: o tédio.

É assim que Sara e Libby acabam por ressuscitar uma de suas brincadeiras mais antigas, o jogo em que elas saem explorando sua própria casa, para abrir as gavetas que elas não têm permissão para abrir, vasculhar os armários nos quais não podem entrar. O pai delas é um guardião de segredos, e em geral há alguma coisa pequena para encontrar.

Não é preciso dizer em voz alta que tipo de tesouro elas de fato procuram: vestígios de que um dia a mãe delas viveu nessa casa. É assim que elas aprenderam a maior parte do que sabem sobre os dias da sua mãe na Terra. Ela usava esmaltes em tons pastéis e sombra de olhos ligeiramente prateada; certa vez ela comprou oito potes de comida para bebê e uma garrafa de vinho na Ralphs; uma vez comprou um livro sobre pintores italianos da loja de livros usados; um dia cursou aulas de aquarela na faculdade; outro dia o médico receitou a ela antibióticos para pneumonia e ela perdeu o prazo para pagar uma conta. Ela recebeu uma multa por excesso de velocidade. Ela tinha um cartão de biblioteca. Uma carteira de habilitação. Ela mantinha na carteira uma fotografia das meninas.

“Eu sei que você vai dizer que a gente não deve”, diz Libby, de repente alegre com a possibilidade — ou risco. “Mas vamos dar uma olhada no sótão.”

O sótão: a única ocasião em que aquela portinhola se abre com um rangido é nos poucos momentos em que o pai precisa para armar as ratoeiras nos cantos. Esses ratos — ou então a possibilidade de alguma criatura muito pior à espreita lá — sempre as mantiveram afastadas do sótão.

Mas nesse dia, Sara surpreende sua irmã. “Tudo bem”, diz ela. “Vamos lá.”

A porta está trancada, mas Libby sabe onde seu pai guarda a chave. A porta emperra um pouco no batente, mas um empurrão forte basta para abrir.

É menor do que Sara pensou, esse sótão, e um pouco mais iluminado também. A luz do sol jorra através de uma janela oval empoeirada, a claridade se refletindo nas asas tremulantes das mariposas.

Excrementos de rato forram as tábuas do chão. Há um fedor no ar.

Mas também isto: uma pilha de caixas de papelão lacradas. Libby se direciona bem para elas, como se soubesse exatamente o que está procurando.

Talvez Sara tenha visto essas caixas também, anos antes — porque, quando Libby desliza uma delas em direção à irmã, não a surpreende ver o que está escrito na lateral, na caligrafia do pai, em letras maiúsculas: o nome da mãe. MARIE.

“Você sabia que essas caixas estavam aqui?”, diz Sara.

“Eu já estive aqui em cima”, diz Libby.

É um choque que sua irmã tenha mantido esse pequeno segredo, que ela tenha mantido alguma vida privada nessa casa.

“Mas eu nunca abri essas caixas”, diz ela. E Sara tem a sensação de que isso pode ser verdade ou pode não ser.

Os gatos seguiram as meninas pela porta aberta e farejam aqui e ali. Margarida encontra um rato morto preso em uma ratoeira.

“Vamos abrir as caixas lá embaixo”, diz Sara.

Elas escondem seu rastro, como ladrões. São cuidadosas no manejo da fita adesiva que lacra as caixas. Os dedos delas ficam empoeirados com o trabalho.

Enquanto Sara tira o último pedaço de fita da primeira caixa, uma intensa expectativa se exacerba em seu corpo, como se essas caixas pudessem enfim responder a alguma pergunta sem resposta, como se pudessem finalmente dizer às garotas quem era ela.

A primeira caixa está cheia de roupas.

Eram as roupas dela, Sara pensa consigo mesma enquanto as coloca no sofá, como relíquias sagradas.

“Acho que eu me lembro desta”, diz Libby. Ela ergue uma blusa verde contra a luz — traças esburacaram as mangas.

“Sério?”, diz Sara. Ela também quer se lembrar das roupas, desses suéteres e desses jeans. Mas a verdade é a seguinte: esses suéteres parecem tão desconhecidos quanto os que estão pendurados nos cabides do Exército da Salvação no centro da cidade.

Libby dispõe tudo no chão da sala de estar. Os vestidos de verão, as sandálias, um conjunto de andorinhas de cerâmica em cuja parte debaixo lê-se MADE IN PORTUGAL, mas que foram comprados neste ou naquele país — quem sabe? O que elas sabem, ou podem pressupor, é que as mãos dela uma vez os tocaram, e assim elas também querem tocá-los.

Há uma pequena magia em uma caixa de joias. Esse colar de turquesa pendurado no pescoço dela, essas argolas prateadas nas orelhas. Mas é menos do que Sara quer sentir. Há uma decepção nos objetos.

Mas Libby está longe, profundamente concentrada, como se essas coisas tivessem conseguido transportá-la para outro lugar.

Alguma coisa lá fora logo chama a atenção de Sara: as perambulações de um pequeno buldogue preto que, naquele momento, lambe a pouca água empoçada na sarjeta. Há algo de familiar no formato da cabeça dele, aquela coleira vermelha.

“Ei”, diz Sara. “Não é o cachorro do Akil?” Akil: um brilho particular sempre acompanha o nome dele. Mas, dessa vez, o nome traz a reboque um novo pavor — por que o cachorro dele está na rua completamente sozinho?

“Ele deve estar perdido”, diz Libby, com o rosto pressionado contra a janela. É um alívio tê-la de volta. “Coitadinho”, diz ela. “Vamos trazer ele aqui pra casa.”

Sara sente o peso do que seu pai diria. “A gente não pode correr o risco de ir lá fora de novo”, diz ela.

Ela corre para o banheiro. Ainda está às voltas com seu sangramento, absorvendo o resto do fluxo à sua própria maneira improvisada: panos e toalhas de rosto dobrados e papel higiênico, e

tentando não andar muito por aí. De todos os suprimentos que o pai delas estocava, ele nunca pensou nisso.

Assim que ela sai do banheiro mais uma vez, ouve o som da porta de tela batendo no caixilho e, em seguida, o inconfundível tilintar de uma tigela de água pousando no pátio. Libby encurralou o cachorro de Akil no quintal.

Ele é simpático e grato, esse cachorro — o que mais poderia significar aquele olhar úmido naqueles olhos escuros? A língua dele balança descontroladamente enquanto ele bebe, como se já fizesse um bocado de tempo desde a última vez em que matou a sede, a água espirrando para fora da tigela e respingando nos pés descalços de Libby. Ele faz aquela coisa que os cães fazem com os dentes, quase um sorriso.

Os gatos estão perfilados na janela da cozinha, arranhando o vidro enquanto Libby afaga as costas do cachorro como se ele fosse dela. Os pequenos cachos castanhos de Libby caem por cima das orelhas dele quando ela o deixa lambar sua boca. Os dois têm isso em comum: ambos são rápidos em amar.

A plaquinha de identificação confirma quem ele é. O sobrenome e o endereço de Akil estão gravados no pedaço de metal pendurado no pescoço grosso do cão. Aquela plaquinha, em formato de osso, parece de repente estranha a Sara, como um artefato de um tempo perdido, como tocar um mundo paralelo. O nome do cachorro é Charlie.

“É melhor eu ligar pro Akil”, diz Sara. Há uma certa emoção na ideia. Mas mal a menina segura na mão o telefone, seu coração começa a bater tão forte que ela não consegue falar.

“Eu faço isso”, diz Libby.

Mas ninguém atende na casa de Akil.

“Vamos levá-lo para casa”, diz Libby.

Fica a apenas alguns quarteirões, mas o bairro está apinhado de soldados de fardas e coturnos, rifles empoleirados sobre os ombros e aqueles caminhões camuflados que estrondeiam como tanques.

“E se alguém vir a gente?”, diz Sara. Os soldados poderiam levá-las embora: duas meninas morando sozinhas em uma casa contaminada.

Mas Libby já está deslizando os pés descalços dentro de suas botas de caubói brancas, sem meias. Ela amarra um pedaço de corda velha na coleira de Charlie, uma guia improvisada. Ela vai, diz ela, acompanhada de Sara ou não. E, de qualquer forma, há uma certa empolgação na ideia: fazer algo legal para esse menino.

Elas pegam o caminho de trás, pelos bosques mortos e secos. Elas nunca se lembrarão de como essas matas eram antes da seca. Para as duas meninas, é da natureza desse lugar que a cada dez árvores exista uma morta, um esqueleto de pé em meio àquelas que ainda tentam sobreviver.

Há a sensação de que, enquanto elas andam, estão sendo vigiadas. Cada farfalhar de um pinheiro pode ser um soldado transferindo o peso de uma perna para a outra, cada adejar de asas um sussurro. Elas andam rápido.

Mas não veem ninguém, nem na floresta nem nas ruas que elas vislumbram por entre as árvores. Às vezes, o ar fica tão quieto que parece que elas são as últimas pessoas ainda acordadas.

Através das árvores, a casa de Akil tem o mesmo aspecto de sempre: os janelões limpíssimos, as cortinas vermelhas, os vasos de plantas no alpendre. A porta da garagem está aberta, deixando à mostra as bicicletas amontoadas no canto e o projeto da feira de ciências de Akil, um modelo para algum tipo de robô. Ao lado estão três malas empilhadas contra a parede — será que é a bagagem que eles trouxeram do Egito, ela imagina, quando fugiram na calada da noite?

Um arrepio de timidez percorre o corpo dela.

Somente mais tarde Sara vai pensar sobre as luzes, em como a luz da varanda está acesa no meio do dia, como o candelabro na sala de jantar está brilhando como se fosse noite.

De repente, Charlie corre em disparada para o outro lado da rua, entra na varanda e avança direto para o interior da casa. É quando elas percebem: a porta da frente está aberta.

“Oi?”, diz Libby.

A mochila verde de Akil está caída junto à porta. Há livros espalhados por toda parte.

Elas permanecem lá dentro por apenas um minuto, tempo suficiente para encontrar o jantar sobre a mesa da cozinha, moscas zanzando da sopa para o pão.

Charlie está latindo e latindo.

“A gente não deveria estar aqui”, diz Sara, e ao mesmo tempo ela repara no que deveria ter sido visto antes: um gotejante x preto pintado com tinta spray na porta da frente.

Ah, Akil: sobreviver a algo terrível e depois ser pego de surpresa por outra coisa. Lágrimas tomam de assalto os olhos de Sara.

De repente, alguém grita com elas.

“Ei, meninas!”, é a voz de um homem chamando. Um vizinho põe a cabeça para fora de uma janela no andar superior da casa ao lado. Ele usa uma máscara completa cobrindo todo o rosto. “Saiam dessa casa.”

Elas voltam para a casa delas correndo por todo o caminho através da floresta, pinhas quebrando sob seus pés. Charlie corre com elas, subitamente em silêncio, sua pelagem preta ficando empoeirada.

Assim que entram em casa, sentadas, ofegantes no quintal, uma nova preocupação ocorre a Sara:

“E se ele tiver a doença no pelo dele?”

Então elas desenrolam a mangueira. Vestem luvas e mangas compridas, mas esquecem de colocar as máscaras. Sara esguicha água no cachorro à distância, o mais longe possível. O que elas não pensam é o quanto ele vai se chacoalhar quando estiver molhado. O cachorro se sacode e espirra água em cima de todos os legumes e verduras. O sacolejo dele deixa as duas meninas ensopadas. Aí é a vez delas de tomar banho de chuveiro.

“Tente segurar a respiração”, diz Sara enquanto a nuvem de vapor enche o banheiro, mas são minutos demais. Elas respiram a fumaça diretamente.

As meninas dão de comer aos gatos. Trocam a areia higiênica. Organizam e reorganizam as coisas da mãe.

Nessa mesma tarde, quando um terrier surge perambulando rua abaixo, sua trela se arrastando atrás dele e se enroscando nas cercas, Libby sai correndo e o recolhe também.

Agora elas têm dois cachorros para alimentar. Dois cachorros e cinco gatos.

Do terraço, o arredor parece esgotado de vizinhos. Toda vez que os helicópteros pairam brevemente a uma distância inaudível, uma estranha quietude força passagem e se apossa: nada do zunido metálico dos cortadores de grama, nenhuma gritaria de criança, nenhuma bola de basquete quicando pelas calçadas. Não há o zumbido das portas automáticas das garagens abrindo e fechando. Nenhuma batida de portas de carro. Ninguém sai à rua para praticar corrida. Na casa em frente, a televisão pisca, abandonada, há dias. E em algum lugar lá fora, o pai delas dorme.

Mas os pássaros continuam cantando. Os esquilos vasculham o lixo, que não é coletado faz dias. Um grupo de gatos vadios começou a viver nos destroços da casa da enfermeira do outro lado da rua.

Nesses momentos, e apenas nesses momentos, Sara se sente subitamente grata pelo estrondo de um Humvee — prova de que ela e Libby não são as últimas que restaram.

Nessa noite, Sara adormece vestindo um dos suéteres da sua mãe.

Em outras partes do país, persistem certos céuticos. Uma nova hashtag começa a figurar entre os tópicos mais comentados das redes sociais: #FarsaSantaLora.

O governo, com certeza, sabe mais do que está dizendo. Essa é a verdadeira razão pela qual eles isolaram a cidade: esconder o que eles fizeram.

A única coisa que é real são os soldados. É disso que se trata de fato: uma desculpa para o governo assumir o controle. Pensem nisso. Santa Lora é possivelmente apenas o começo, um caso-teste para estabelecer precedentes.

Ou, se for real, a culpa é nossa, porra! Pode ser a Rússia que esteja por trás disso, ou a Coreia do Norte. Algum ataque de algum tipo de agente nervoso, talvez, por meio de um drone. Há anos que não pedimos por algo assim? Mandando tropas ao redor do mundo e soltando nossas bombas? Ou, mais provável, o governo quer apenas que a população *imagine* que está sob ataque.

Apenas abram seus olhos. Se vocês de fato acreditam nessa história de Santa Lora, então é provável que vocês acreditem que o flúor na água é de fato para os nossos dentes, e que um avião de passageiros colidiu mesmo com o Pentágono em Onze de Setembro.

E vocês já ouviram os últimos números? Mil e quinhentos casos em seis semanas? Calma aí, nada se espalha tão rápido.

É mais ou menos nesse período que têm início os sonhos de Ben. Quando eles vêm, chegam depressa. Por mais breve que seja o sono dele, os sonhos se apressam imediatamente, como se sua consciência mal fosse capaz de afugentá-los. E sempre — sempre — no centro desses sonhos, como uma música que vive por dias a fio na cabeça dele, está Annie. Nos sonhos, ela volta para ele das maneiras mais ínfimas possíveis, na forma de coisas que ele não sabia que conhecia: o clique do protetor labial rolando pelo balcão, o aroma refrescante do seu sabonete líquido, o jeito como ela deixa as unhas crescerem até se quebrarem, de modo que estão sempre um pouco irregulares e cada uma com um comprimento diferente. Às vezes, ele sonha com os sons que ela faz ao caminhar pelos cômodos da casa, a descarga do vaso sanitário do outro lado da parede, o pequeno esguicho de seu cuspe pousando dentro da pia ou seu cantarolar interrompido pela topada do dedão, mais uma vez, na mesma tábua solta em que ela sempre tropeça, aquele pequeno chilreado com que ele está tão familiarizado: “Merda”.

Esses sonhos sempre terminam da mesma maneira: com o choramingo da bebê pedindo leite.

Andar acalma a bebê. E acalma Ben, e o que mais há para fazer? Então eles andam: duas, três, quatro vezes por dia.

Isto é um pinheiro, diz ele quando mais uma vez pai e filha voltam a perambular sem rumo rua abaixo, e aqui está uma pinha. Estas são as nossas sombras, a sua e a minha, compridas na calçada porque o sol está baixo no céu nesta época do ano. E esta estação, nós a chamamos de outono.

Aquelas pessoas naquele alpendre, diz ele, com os olhos lacrimejantes, aquela mulher parecendo cansada e dizendo: “Não, não, nós temos que ficar dentro de casa hoje” — nós a chamamos de mãe. E aquele menino na porta, nós o chamamos de filho dela.

Aqui está uma calçada, diz ele. Isto aqui é uma rua. Ali, uma teia de aranha. Uma casa de passarinho. Um carro.

Mas nem tudo é tão fácil de nomear.

Quais são as palavras certas para isto: alguém em um macacão de plástico azul rasteja no meio da rua.

Ben e a bebê estão a meio quarteirão de distância quando ele percebe. As mãos da pessoa estão mexendo na borracha do capuz, puxando a máscara, os movimentos urgentes, mas ineficientes. O pânico é uma sensação que se pode reconhecer a trinta metros de distância. Por fim, as mãos conseguem levantar o capuz e libertar a cabeça. Um rosto é revelado: um jovem com cabelo preto suado.

Ele está dizendo alguma coisa, esse homem, sons sem sentido, um resmungo urgente. Há algo errado nos olhos dele — um vazio.

Ben recua. Seus braços cingem a bebê junto ao peito, como se os músculos dos seus pulsos fossem separados dele, como se soubessem o que fazer antes que sua mente conseguisse decidir.

“Você está bem?”, Ben pergunta em voz alta para o homem.

Mas o homem não responde, esse homem com o traje de proteção de plástico azul, e não vira a cabeça. Em vez disso, começa a subir no capô de uma perua estacionada. Seus pés continuam escorregando por causa das botinhas plásticas que ele usa por cima dos sapatos.

Alguns vizinhos agora aparecem à janela.

“Você está bem?”, Ben pergunta de novo.

Mas é óbvio o que é isto: o homem está dormindo, um sonho ambulante. O que não está claro é de onde ele veio ou quem ele é — um paramédico, talvez, abandonado pela equipe?

Por um momento, os resmungos se tornam mais claros, elevando-se rapidamente até um grito: “Eu não sei nadar”, diz ele para ninguém. “Me ajude. Por favor. Eu não sei nadar.”

Algumas pessoas se reuniram nas suas varandas agora, observando, mas permanecem onde estão: a crueldade do medo.

Ben tem certeza de que ele faria algo para ajudar se não estivesse com a bebê, a cabecinha morna descansando contra o peito dele. A bebê torna tudo mais simples. Tudo o que ele consegue fazer é afastar sua filha desse homem. Tudo o que ele consegue fazer é levá-la para casa.

Ele liga para o número de emergência no caminho. Uma ambulância virá, ele é informado. Mas demora demais. Ben consegue ouvir o homem gritando por mais de uma hora, sua voz à deriva, cada vez mais distante, e durante esse tempo Ben aperta e desata uma fralda e depois outra e abre outra embalagem de fórmula.

Todo esse tempo, enquanto o homem berra em outra rua, a bebê de Ben fita o rosto do pai, como se entendesse tudo melhor do que ele, e parece que todo o crescimento dela será um lento voltar a si. “Alguém vai ajudá-lo”, diz ele, como se ela tivesse perguntado ou acusado. “Alguém vai ajudar.”

Se Ben ligasse sua televisão naquele momento, descobriria que um dos helicópteros dos canais de notícias começou a rastrear o homem de macacão azul, de modo que milhões de pessoas estão assistindo ao vivo enquanto ele ziguezagueia pela rua, desaparece em um ponto mata adentro, e depois ressurgue, descalço, alguns minutos depois.

Ben não é um dos milhões que veem o que acontece em seguida: como o homem caminha direto para cruzar o caminho de um Humvee em alta velocidade.

Mas, a seis quarteirões de distância, Ben ouve o som — um agudo guincho de freios, o vidro despedaçando — sem saber, ou pelo menos sem ter provas, que o homem de macacão azul, esse voluntário do Tennessee, como o mundo em breve será informado, foi esmagado sob aquelas rodas enormes.

Os sonhos: quanto maior a frequência com que eles vêm, mais estranhos eles são. Talvez seja a privação do sono. Talvez seja o isolamento. Talvez algo esteja acontecendo com a cabeça dele. Seja lá o que for, não se trata de sonhos normais. Eles contêm, de alguma forma, o peso da vida vivida. É difícil explicar, mas há uma sensação de que essas experiências são reais, tão reais quanto qualquer coisa em sua vida desperta.

No começo, ele sonha com o passado: ele e Annie no seu antigo bairro em Nova York, ele e Annie em um show, cervejas geladas nas mãos, a sensação da cintura dela no escuro enquanto eles

balançam ao som da música, dias reais se desenrolando no quarto dela no dormitório, encontros verdadeiros no parque.

Mas ele não sonha com aquela viagem que os levou à Itália. Ele não sonha com o casamento deles. Ele nunca sonha com os lugares favoritos dos dois: Veneza, México, a rede no Maine. Ele sonha com o corpo dela — claro, claro. Mas ele nunca sonha com ela usando aquele vestido verde de que ele gosta, ou com os lábios dela maquiados de gloss, ou com o cabelo dela lustroso e liso. Em vez disso, ele sonha com ela vestindo calça de moletom. Ele sonha com ela de óculos com as lentes sujas. Ele sonha com ela de pijama bebendo uma cerveja sentada em seu velho sofá de vinil no Brooklyn, o formato de seus seios visíveis através da velha camiseta enquanto ela ri. Ele sonha com ela assistindo a um documentário em seu laptop. Ele sonha com aqueles sanduíches de sorvete que ela fez uma vez para uma viagem de carro — quem faz sanduíches de sorvete para comer no carro? —, o jeito como eles pingavam e esmigalhavam por toda parte, o volante grudento por semanas.

Às vezes ele sonha com antigas brigas ou pequenos aborrecimentos, como ela nunca lava a louça e nunca tira o lixo, como ela nunca pensa em comprar o papel higiênico, e como ela teve medo de deixá-lo ligar o cambaleante ventilador de teto na noite mais quente do ano. Mas há um certo prazer, mesmo nesses sonhos, o prazer dos problemas que podem ser resolvidos na manhã seguinte — basta apenas uma chave de fenda e uma escadinha, uma rápida ida ao supermercado.

E ele não sonha, nunca mais, que Annie o deixou para ficar com o orientador dela. Nesses novos sonhos, ela está sempre ao lado dele, robusta, assídua e calma.

Ele nem sempre é capaz de dizer quais são as lembranças reais e quais não são. Como aqueles sanduíches de sorvete, agora que ele pensa a respeito. “Nós fizemos mesmo isso?”, ele pergunta certa manhã à bebê enquanto dá banho nela na pia da cozinha, os olhos da menina grandes e vazios como os de um peixe. Ele não consegue mais se lembrar de para onde eles estavam indo com aqueles sanduíches de sorvete ou de quem era o carro ou quantos anos eles tinham naquela época. Ou se aquela festa de casamento

no meio do bosque era real. “De quem foi aquele casamento?” Talvez tenha sido apenas um sonho.

Mas isso é quando certa sensação estranha começa a tomar conta dele — a sensação de que esses sonhos são de alguma forma vislumbres de dias ainda por vir.

Ele descarta a ideia, é claro. Claro. É uma maluquice, como alguma espécie de alucinação, ele imagina. Uma ideia das velhas histórias que ele atribui a seus alunos, nas quais anjos transmitem mensagens e bruxas falam em enigmas, em que reis e príncipes são visitados por fantasmas em seus sonhos.

Alguma coisa está acontecendo com a memória dele. Por exemplo, se sua cabeça estivesse funcionando corretamente, ele teria se esquecido de tirar os talheres da pia da cozinha antes de usá-la como banheira para o bebê?

Dentro da água com sabão, de repente a borda serrilhada de uma faca surge boiando perto da coxa da bebê. O horror dele vem na forma da voz de Annie na sua cabeça: Ben, ele a ouve dizer, mas o que é isso?

E isso também, isso — ou algo parecido com isso — não aconteceu uma vez antes, em um sonho?

Um sintoma de delírio, ele se recorda, é a incapacidade de distinguir entre realidade e sonho.

Certa tarde, Ben descobre o que todo mundo na cidade já sabe: os dois postos de gasolina ficaram sem combustível. Novos carregamentos estão a caminho, os soldados continuam dizendo, mas eles não deixam passar os caminhões de gasolina.

“Pense nisso”, diz o cara na frente de Ben na fila do posto de gasolina, quando Grace começa a chorar em seu assento. “Por que eles iam querer que a gente tenha gasolina no nosso carro? Do jeito que está, a gente fica parado no mesmo lugar, feito um bando de ovelhas em um cercado.”

Esse Ben, ele sonha com uma bela manhã ensolarada. Eles dormem até tarde, ele e Annie, suntuosamente tarde. Ela sai para comprar croissants de chocolate e morango. Eles passam a manhã

na cama, lendo o jornal e tomando café, a alça da camisola dela escorregando pelo ombro. O que vamos fazer hoje?, pergunta ela, espreguiçando-se devagar, e a pergunta vem com a sensação de que eles podem fazer qualquer coisa, qualquer coisa mesmo. Tempo: a bem da verdade é disso que se trata o sonho. Há tanto tempo nesse sonho, horas sem fim para gastar como eles bem quiserem. Uma intensa e folgada sensação de ociosidade.

Como é doloroso quando o sonho se esvai, a cama vazia ao lado dele, mas na esteira de seu desaparecimento vem aquela sensação estranha de novo, a de que essa manhã exata está em algum lugar à frente.

Leva um tempo para ele se lembrar do que está faltando nesse sonho: a bebê.

Agora ele quer checar se está tudo bem com a bebê. Ele fica de repente desesperado para ver a bebê.

Quando chega ao berço, ele percebe de imediato que algo está errado. O cobertor dela — foi desfeito. O rosto dela está completamente coberto. Que alívio é quando ele vê que ela está bem lá embaixo, um pouco quente, talvez, mas bem, e ainda dormindo. Mas ela poderia ter sufocado? E se ele não tivesse acordado?

Uma ideia bizarra começa a borbulhar na mente dele. Ou é apenas um desejo? Que esses sonhos são na verdade um tipo de viagem, uma espécie de visão de um tempo ainda por vir.

Não é do feitio dele pensar assim. Ele jamais diria isso em voz alta, mas ele está diferente do que costumava ser, diferente de quem ele era antes da bebê. Ele acredita mais — ou menos? É muito mais difícil reconhecer, de uns tempos para cá, o que é verdade e o que não é verdade. Afinal, a coisa mais inacreditável já ocorreu — o que poderia ser mais extraordinário do que uma criança? Não era necessário um certo pensamento mágico para acreditar que aquilo que estava inchando sob a pele de Annie ao longo de todos aqueles meses era na verdade um ser humano? E a menina não era um pouco de outro mundo quando chegou? Uma *criatura*. Essa é a palavra que ocorreu a ele, a palavra em espanhol

para um recém-nascido, de acordo com o livro deles. Uma criatura. Ela nasceu com uma sedosa camada de pelos por todo o corpo. Pelagem, disse Annie, com deleite. Lanugem, definiu o médico. Nossa bebê tem pelagem, ela gostava de dizer, como se Grace tivesse de fato viajado vindo de algum reino sobrenatural. Ela sabia exatamente como respirar sem nunca ter feito isso. Ela sabia exatamente como agarrar um dedo humano. E não é verdade que, mesmo agora, sempre que Ben acorda durante a noite preocupado com a bebê no berço, a menina responde de imediato — como se por alguma telepatia da meia-noite — com um pequeno e tranquilizador grito? O ponto é: depois de tudo isso, quem é ele para dizer o que é possível e o que não é?

Manhã: há um súbito som de gotejamento, e a princípio ele não consegue entender o que vê — café vertendo pelo balcão da cozinha e escorrendo no linóleo. Ele ligou a cafeteira enquanto a jarra ainda estava na pia.

No momento em que aquece outra mamadeira para a bebê, seu sonho mais recente ainda aferrado a ele, Ben começa a acreditar que talvez — ele nunca diria em voz alta, mas talvez, como um inconsciente coletivo, como percepção extrassensorial, talvez — ele realmente esteja vendo o futuro em seus sonhos.

É fácil confundir um desejo com um fato, uma esperança com uma mentira, um mundo melhor com aquele que existe de verdade. Por exemplo, nossos filhos: não esperamos perdê-los jamais.

E assim, quando pela manhã Ben encontra sua filha no berço, dormindo até tarde, ele tem dificuldade para acreditar que algo possa estar errado. Aparentemente a menina está igual, fazendo tudo o que ela sempre faz durante o sono, aquelas bochechas de pêssgo, aqueles lábios gordos. Suas pálpebras tremelicam, como sempre. Suas perninhas estão se mexendo um pouco enquanto ela ronca. Nada parece errado, exceto por isto: não importa o que Ben faça, ela não abre os olhos.

“Vamos”, diz ele. Ela é tão quente nos braços dele, e, se ele coloca o polegar na palma da mão dela, os dedos dela ainda se fecham ao redor. “Vamos lá, minha pequenina noz.”

Mas nem quando ele faz cócegas nos pés dela, nem quando afaga sua bochecha, nem quando salpica água em seu rosto — nada disso desperta sua filha.

Não importa que Ben tenha imaginado esse exato cenário constantemente ao longo de semanas — todas essas visões acabam sendo inúteis agora, a experiência real provou que seus piores medos são frágeis e inconsistentes. Isto, isto é pavoroso: uma súbita drenagem de significado do mundo.

Mais tarde, ele vai pensar em todas as maneiras pelas quais poderia tê-la salvado disso: talvez devessem ter permanecido dentro de casa durante todo esse tempo, ou ter deixado a cidade antes, rompido as barricadas — qualquer coisa.

Mas, por ora, ele apenas se ajoelha no chão como se fosse para rezar ou implorar.

“Por favor”, diz ele, com as mãos sobre o peito dela, como se ainda pudesse encontrar alguma magia ali. “Por favor, acorde.”

Há uma razão para que o tempo pareça desacelerar em momentos como esse, um processo neurológico descoberto por meio de experimentos: em situações de choque, o cérebro trabalha mais rápido — ele absorve mais coisas. E, assim, alguns poderiam alegar que isto — o aumento da taxa de disparos dos neurônios — torna esses primeiros segundos ainda mais excruciantes do que poderiam ser de outra maneira.

Mas esqueça tudo isso. A única forma de contar algumas histórias é com as palavras mais antigas e conhecidas: isto aqui, isto é o despedaçamento de um coração.

Nessa noite, alguma coisa desperta Sara.

Talvez seja o rangido das dobradiças no portão da frente. Talvez seja o barulho de passos esmagando o cascalho na garagem. Ou o rápido pigarrear de um homem na varanda da frente.

Mas essas são possibilidades que antecedem sua consciência. A única coisa que ela sabe é que de repente está acordada no escuro.

Tudo o que ela consegue ouvir, por enquanto, é o gotejamento de uma torneira, os pequenos movimentos dos gatinhos durante o sono e mais um lento metrônomo: o ritmo constante da respiração da sua irmã na cama ao lado da dela.

O quarto está quente com o calor dos corpos delas, e ela consegue ver o rosto da irmã ao luar. Mas uma sensação estranha continua rastejando para dentro do seu corpo, a insidiosa sensação de que ela está sozinha no quarto, que sua irmã não está lá.

É a respiração da sua irmã — é isto: devagar demais. A possibilidade a golpeia com o peso de um fato: o sono dela está profundo demais.

Talvez dez segundos se passem entre o momento em que esse pensamento vem à tona e aquele em que ela está cutucando o ombro de Libby.

Libby acorda imediatamente.

“O que você está fazendo?”, diz Libby. A voz dela é áspera e rabugenta, e o barulho mais maravilhoso que Sara já ouviu. É difícil lembrar, no escuro, que toda preocupação é ainda mais preocupante no meio da noite.

Libby se revira nos lençóis, já voltando a dormir.

A tela luminosa do relógio marca meia-noite, e Sara também quer dormir. Ela está perto de cochilar, mergulhando, quando os gatinhos de repente saem da caixa. Sara os vê em silhueta, oito orelhas se contraindo na mesma direção, como se tivessem captado algum som sinistro, muito baixo para as meninas ouvirem.

Mas então vem outro barulho, muito mais estrondoso: o tilintar de vidro quebrado.

Agora ela está em pé e fora da cama. Os gatos saem correndo por toda parte. Ela sacode o ombro de Libby.

“Levanta”, sussurra Sara. “Tem alguém na casa.”

Essa casa tem cem anos. O assoalho estremece toda vez que alguém dá um passo. Acotoveladas dentro de um armário, as meninas escutam através da abertura. Alguém está andando no andar de baixo.

A irmã está tão perto que Sara consegue sentir o hálito quente dela contra o seu ombro. Tão perto que ela pode senti-la tremendo.

Agora o rangido da madeira é substituído pelo estalo pegajoso do linóleo. Alguém passou para a cozinha.

A geladeira se abre com o som de uma lufada. A sucção do ímã da porta quando ela se fecha. Aberta mais uma vez. Mais passos. E então um barulho estridente de coisas se partindo em pedaços, como se alguém tivesse derrubado a mesa. No quintal, Charlie começa a latir.

“Será que é o papai?”, sussurra Libby, uma súbita explosão de otimismo.

“Acho que não”, diz Sara.

Agora elas ouvem o rangido das dobradiças quando os armários da cozinha são abertos e depois fechados com fortes pancadas. Há um som de raspagem. Há o estrépito dos pratos.

Alguns segundos de silêncio precedem um novo e terrível ruído: o áspero rangido das escadas. Quem quer que seja — está chegando. E está vindo rápido.

Agora a porta do quarto se abre com um clique. Elas ouvem os gatos correndo, suas garras deslizando na madeira.

No armário, Libby aperta a mão de Sara com tanta força que dói, as unhas pequenas dela cravando sua palma.

Do outro lado da porta do armário, gavetas estão se abrindo e se fechando. Coisas estão sendo jogadas no chão. Há outro som também, uma estática intermitente, como um rádio ou um walkie-talkie.

Cada uma das cenas sombrias que o pai de Sara havia pintado vem à mente dela: alguém foi enviado para machucá-las. Talvez seja o governo, como naquele filme que o pai delas gosta. Talvez estejam matando todos na cidade para acabar com a epidemia.

Ela começa a chorar. A irmã estende a mão para cobrir a sua boca.

E então acontece: a porta do armário se abre.

Sob a luz fraca da luminária de Libby, elas conseguem ver a silhueta de um homem.

“Você está aqui?”, diz ele. Há pânico em sua voz. “Você está aqui?”

As meninas ficam em silêncio.

Elas não imaginam o que ele é capaz de ver nesse momento, o rosto de duas menininhas de camisola, espremidas entre seus suéteres e seus casacos, uma chorando, a outra enterrando a cabeça no ombro da irmã. Mas eis a questão: simplesmente parece que ele não consegue enxergá-las.

Agora elas entreveem os pés dele — descalço. E o peito dele — sem camisa.

Ele separa em duas partes os casacos no armário, como se abrisse cortinas.

“Por favor”, ele continua dizendo. “Por favor, me diga onde você está.”

É quando Sara o reconhece. É o vizinho. Esse cara é o vizinho, aquele professor com a bebê.

É um alívio saber que esse homem é pai, como se um pai sempre cuidasse dos filhos dos outros.

Agora ela vê que ele está sangrando. Há sangue escorrendo da sua mão. Pedacinhos de vidro reluzem em seus pés descalços.

“Onde está a minha bebê?”, diz ele. “Eu não consigo encontrar a minha bebê.”

Há algo peculiar nos olhos dele, vendo, mas não vendo, como se — de repente ocorre a ela —, como se ele estivesse sonhando.

Aquele som de novo, o sibilo ventoso de algum tipo de dispositivo eletrônico. Ele o levanta até o ouvido. Uma babá eletrônica. O barulho aparece como uma gravação antiga ou uma estação de

rádio perdendo o sinal. Uma onda de barulho, mas sem nenhum som de bebê.

E então ele sai correndo em disparada da casa, tão de repente quanto havia entrado.

Ele não se encolhe nem grita de dor quando seus pés descalços pisam no vidro quebrado. Ele não chega a entrar na própria casa. Do terraço, as meninas o viram desmaiar no alpendre.

Libby corre para colocar um cobertor sobre ele. Sara liga para a polícia. Apenas no fim da tarde seguinte uma ambulância aparece para levá-lo embora. Aqueles homens com macacões de proteção passam um bocado de tempo na casa dele e depois a marcam com um X. Se encontraram a bebê lá dentro, as meninas não a viram.

De manhã, elas descobrem que entre as coisas que o homem quebrou durante o sono estão as andorinhas de cerâmica que a mãe trouxe de Portugal. Lá estão elas, despedaçadas no chão. Libby passa o dia todo tentando colá-las novamente. Mas o tempo se move apenas em uma direção. Nem tudo o que se quebra pode ser consertado.

Nessa noite, Sara acorda mais uma vez, dominada por outro sentimento sinistro. Dessa vez, a cama da irmã está vazia. Sara corre em direção às luzes. E é assim que ela encontra Libby, deitada perfeitamente imóvel no chão de madeira. Mas, pior que isso: os olhos castanhos dela estão bem abertos.

Durante cinco segundos, Sara sabe que está sozinha no mundo — somente os mortos se deitam assim.

Mas então, um estranho murmúrio começa a sair da boca de Libby, um cantarolar, como se ela estivesse falando enquanto sonha, os olhos ainda abertos. Não tão incomum, ela descobrirá mais tarde, entre as vítimas mais jovens do vírus.

Sara coloca uma das mãos nas costas dela, com delicadeza a princípio. “Acorda”, diz ela.

Mas ela já sabe que a coisa que ela vinha temendo durante semanas enfim se concretizou: o sono chegou para Libby.

Eles carregam a irmã dela nos braços, esses desconhecidos, estudantes usando moletons da faculdade. Um rapaz e uma garota que parecem saber o que fazer. Eles usam máscaras brancas e luvas verdes.

“Eu liguei sem parar pra emergência”, diz Sara. Sua voz está tremendo com uma gratidão desesperada — parece uma espécie de amor. “Eu continuei ligando e ligando, mas eles nunca vieram.”

“Eles não têm ambulâncias suficientes”, diz o rapaz.

Ele levanta a irmã dela do chão de madeira, onde ela ficou deitada o dia todo. Libby — pijama verde, pés descalços, o rosto vincado dos nós da madeira. Seus lábios, Sara se preocupa, estão começando a rachar.

“Vocês estão ficando aqui sozinhas?”, pergunta a garota da faculdade através de sua máscara.

Dentro de Sara uma ânsia insiste em irromper: pedir desculpas pelo transtorno.

O rapaz segura Libby como se nunca tivesse segurado no colo uma criança, cuidadoso e rígido e com o corpo dela bem à frente, como se a menina fosse uma relíquia de família, algo que pode quebrar.

Mas, assim que agarra o corpo com firmeza, ele caminha depressa, com tênis de corrida, calça jeans colada, passadas largas escada abaixo, passos rápidos atravessando a sala de estar e porta da frente afora.

“O hospital está lotado”, diz ele, fechando os olhos na calçada. “Mas no campus eles podem ajudá-la.”

A máscara dele caiu sobre o queixo, e a garota age para ajustá-la — com ternura, ela puxa o elástico para trás por cima das orelhas dele. Mas o rapaz tem pressa e quer ir embora logo.

“Assim já está bom”, diz ele, e se afasta da garota.

“É melhor você se calçar”, diz a garota para Sara.

“Não”, diz o rapaz. “Ela deve ficar aqui. Ela só vai atrasar a gente.”

Na troca de olhares dos dois há um breve desentendimento. A garota vence a discussão.

Ela entrega a Sara um novo par de luvas verdes de látex.

“Coloque isto”, diz ela. As luvas são grandes demais nos dedos dela, mas a menina as usa mesmo assim — ela vai fazer qualquer coisa que essas pessoas disserem.

E em seguida os três começam a andar, Libby nos braços do rapaz.

O céu está barulhento de helicópteros. Aqui embaixo, porém, as ruas estão vazias. Aqui e ali, chega uma voz distante ou às vezes aparece um rosto em alguma janela. Mas na maior parte do tempo prevalecem apenas o sol e os bosques, os pássaros em seus galhos, o farfalhar silencioso das finas e pontiagudas folhas de pinheiro ao vento.

Está quente para dezembro, mas uma brisa faz Sara se lembrar de que ela saiu de casa vestindo apenas uma camisola de flanela e sandálias.

As pálpebras de Libby continuam estremecendo, como se ela estivesse sonhando, mesmo agora, mesmo com a cabeça balançando na dobra do cotovelo do garoto; mesmo agora, ela está tendo algum sonho secreto. Há algo de inquietante nisso, ver com tanta clareza este fato: como é inacessível e impenetrável o interior da mente da sua irmã.

A porta da frente da casa dos Garabaldi está escancarada — nenhum sinal dos Garabaldi. Sara avista um pássaro voando dentro da casa.

O pai estava certo em relação a tudo.

Quando uma ambulância dobra sacolejando a esquina, a garota universitária faz sinal para que o veículo pare. Mas os paramédicos, com seus óculos de proteção e macacões de corpo inteiro, balançam a cabeça através do para-brisa.

“Não podemos levar mais ninguém”, gritam eles através de suas máscaras. Só dá para ver os olhos deles. “Estamos lotados.”

Este é o momento — enquanto a ambulância desaparece ao longe feito um sonho — em que algo começa a acontecer dentro do

peito de Sara. Um súbito aperto, uma resistência à tarefa de respirar.

Ela se detém na calçada. Ela se inclina, sente-se fraca. A mão de alguém está esfregando as costas dela.

“Você já comeu alguma coisa hoje?”, pergunta a garota universitária.

Comida — a ideia toda é surpreendente. E água também. A informação chega a ela de repente: o quanto sua boca está seca.

“Não temos tempo pra isso”, diz o rapaz. “Quem precisa de ajuda é a irmã dela.”

“Pegue isto”, diz a garota. Ela tira algumas coisas do bolso da blusa de moletom.

Alguns goles de água e uma barrinha de granola colocam Sara em pé novamente. Ou talvez seja outra coisa: receber esse tipo de cuidado.

Um jipe Hummer passa zunindo e não para. Um policial cruza correndo a pé o caminho deles.

O rapaz troca o peso de Libby em seus braços, de modo que a cabeça dela repousa sobre seu ombro, o cabelo dela em seu pescoço, do jeito como um pai poderia carregar uma filha. A máscara do rapaz caiu de novo — e, mais uma vez, a garota tenta ajeitá-la, mas ele balança a cabeça.

“Deixe assim”, diz ele.

Você pode ver que ela quer dizer alguma coisa, mas não diz. Em vez disso, respinga um pouco de água na boca de Libby, que emite uma tosse curta enquanto a água escorre pelo queixo.

“Ela precisa tomar soro”, diz o rapaz.

É quando a universitária segura a mão de Sara, o que é estranho no começo — Sara não é tão criança, e é esquisito através das luvas. Mas, quanto mais eles andam, mais parece uma boa ideia.

Quando chegam aonde estavam indo, do lado de fora dos portões do campus, quando vê a multidão lá reunida, Sara se lembra de algo terrível: eles não são os únicos que precisam de ajuda.

De longe, elas parecem sem vida, todas aquelas pessoas inertes espalhadas nos braços de outras pessoas. As cabeças pendendo

para trás, os pescoços expostos. Seus braços, como os de Libby, balançam, soltos, como algo murcho. Pior ainda são os que estão no chão, deitados de costas na calçada ou de bruços na grama. Quem sabe como chegaram lá ou quem são eles? Voluntários se deslocam pelo meio da multidão em macacões de proteção azuis, mas Sara consegue ver, a meio quarteirão de distância, o quanto a necessidade ultrapassa a ajuda.

Devagar, muito devagar, os doentes estão sendo levados para dentro do campus em macas e para as barracas brancas que surgem nos gramados da faculdade. E sempre os helicópteros, voando em arco no céu, tão inúteis quanto moscas.

Alguém em um macacão de proteção azul distribui luvas. Outro anda pela multidão, borrifando alguma coisa clara no chão e nos sapatos das pessoas. Água sanitária, talvez.

Uma pontada de saudade do pai invade Sara — ela não tem como saber onde ele está dormindo.

Um homem enorme ronca na calçada, mostrando a barriga sob a camisa. Ninguém consegue levantá-lo. Ele parece tão sozinho, caído lá — ela não suporta a cena: talvez a família dele tenha dado uma saidinha para fazer alguma coisa e em breve vai voltar para se sentar com ele. Talvez a mulher dele tenha ido procurar um banheiro. Quatro macacões azuis pelejam para colocá-lo em uma maca. O cheiro de urina flutua no ar.

Um boato corre à boca pequena pela multidão. Uma evacuação está chegando. Ônibus.

Mas o rapaz é cético.

“Por que eles evacuariam alguém agora?”, diz ele. “Isso é exatamente o oposto do que eles estão tentando fazer.”

Para Sara, parece que não há mais ninguém no mundo, como se esta fosse a última cidade da Terra. A sensação permanece com ela, como algo que a pessoa sabe que é verdade e não é verdade ao mesmo tempo.

Algumas pessoas estão furiosas. Um homem vocifera sem trégua contra os soldados. “Que vergonha”, diz ele. “Vocês deviam se envergonhar.”

No relvado entre a estrada e a calçada, uma mulher e um menino pequeno estão inconscientes juntos. Nomes e números de telefone

estão escritos no macacão jeans do menino. Quem os anotou?, Sara se pergunta, mas não há ninguém para perguntar. Uma abelha pousa sobre o rosto da mulher. A garota da faculdade a enxota.

Na cerca ao redor do campus, botas e macacões de proteção penduram-se dos postes, uma sinistra batelada de roupa suja, secando ao sol. Ao longe, o cheiro de queimado.

“Eles queimam as máscaras e as luvas”, diz o rapaz.

O rapaz e a garota deixam Sara com Libby e vão ajudar quem mais conseguirem. Sara os observa enquanto eles distribuem água.

Libby está deitada na grama, com a cabeça no colo de Sara. Sara segura a mão da irmã.

Libby começa a murmurar durante o sono, mas não é nada que Sara consiga decifrar. Talvez eles sejam os sortudos, os que sonham, mais felizes do que os que estão acordados. Sara goteja um pouco mais de água na boca da irmã.

O rapaz se afasta e depois de muito tempo volta com alguns voluntários — para a mulher e o pequeno menino. E a irmã dela?, Sara se pergunta. Mas está com muito medo de perguntar. É difícil dizer se não há ordem aqui ou se ela apenas não entende a ordem que existe. A mulher e o menino afinal são recolhidos pelos voluntários — querem levar o menino primeiro, sozinho.

“Vocês não podem manter os dois juntos?”, pergunta a garota. “Ele é tão novo.”

Um dos trabalhadores borrija algo na grama onde eles estavam.

O rapaz traz para Sara um pedaço de papel grosso, como uma ficha, mas com uma cordinha presa.

“Escreva o nome dela neste cartão”, diz ele para Sara.

Ver as letras do nome da sua irmã na sua caligrafia traz uma nova tristeza. O rapaz amarra o cartão no pulso franzino de Libby e em seguida desaparece de novo.

Depois de um tempo, Sara avista na multidão alguém que ela conhece, sua professora de teatro, a sra. Campbell. A surpresa de ver uma professora fora da sala de aula e uma surpresa adicional: ver a expressão de sofrimento no rosto dela. A professora segura alguém nos braços, alguém doente, um homem com uma camisa de mangas curtas, um cobertor em volta dos seus ombros estreitos. Sara se dá conta de que também conhece esse homem. O homem

adormecido é o professor de matemática de Sara, o sr. Guitierrez. Mas, por algum motivo que ela ignora, Sara finge não vê-los.

A garota universitária logo volta para ver como Sara está. Ela aperta a mão de Sara. Em qualquer outro dia, essa garota teria deixado Sara tímida, essa Mei, com sua cabeleira espessa e sua proximidade com esse rapaz, a forma como ela sabe estar no mundo. Mas Sara não pensa em nada disso. Há apenas a subida e descida do peito da sua irmã e o calor da mão dessa garota mais velha na dela.

“Vamos lá”, diz o rapaz para a garota. “Você está perdendo tempo.”

“Isso também é importante”, diz a garota. Ela fica onde está, na calçada com Sara.

É graças à sensação da mão dessa garota na dela que Sara consegue sobreviver àquele dia — até o momento em que, horas depois, a garota e o rapaz desistem de esperar os voluntários e carregam por conta própria a irmã dela através dos portões, e em seguida o jeito com que a garota leva Sara para casa, onde ela dormirá sozinha — enrodilhada na cama da irmã.

Ela promete, essa garota, voltar mais tarde para ver como Sara está, mas as horas passam. A noite toda passa. A garota da faculdade não retorna.

O segundo andar da biblioteca da faculdade é onde estão dormindo os doentes mais jovens.

Aqui, na enfermaria pediátrica improvisada, eles dormem com camisetas com estampa de gato e saias de balé. Dormem com tubos de alimentação presos com fita adesiva nas bochechas rosadas. Dormem com cânulas de frascos, ampolas e bolsas de soro intravenoso aparecendo das mangas dos pijamas de caminhões de bombeiros. Alguns dormem com bichos de pelúcia na dobra dos braços, colocados lá não se sabe por quem, um elefante surrado, um coelho molenga, uma boneca de plástico aninhada nos braços de uma criança pequena. Alguns dormem com bilhetes presos à roupa: seus nomes e números de telefone e a anotação: POR FAVOR, AJUDEM. Alguns dormem, como Libby, com os olhos meio abertos para o teto, suas barriguinhas se erguendo enquanto sonham.

Talvez seus pais e mães durmam em outros quartos — no hospital ou em outros andares dessa biblioteca ou nas barracas nos gramados lá fora. Ou, talvez, seus pais e mães tenham parado de dormir. Onde quer que estejam, esses pais e mães não estão aqui.

As estantes de livros, empurradas para os lados da sala, pairam sobre os catres das crianças, enquanto médicos e enfermeiros em macacões de plástico azul verificam os sinais vitais, um por um.

Uma espécie de sacralidade permeia essa biblioteca. Está quieto aqui, exceto pelos pequenos ruídos dos roncos dos pacientes, a tosse ocasional, o bipe constante e o zumbido dos monitores, que acompanham o funcionamento dos coraçõezinhos batendo.

Mas há uma certa quantidade de caos aqui. Há, sempre, um ou dois funcionários usando menos proteção do que deveriam, por acidente ou ignorância ou falta de equipamento adequado. Às vezes, os voluntários carregam as crianças doentes para essa sala

usando apenas luvas nas mãos e máscaras finas, o restante da pele exposta ao ar contaminado.

É assim que Mei e Matthew acabam aqui, carregando a menina pelas grandes portas duplas e subindo as escadas, depois de muitas horas esperando que alguém faça isso. De repente, eles se veem quebrando a última regra restante: ficar longe das enfermarias.

“Vamos”, diz Mei, assim que deixam a menina aos cuidados de uma enfermeira.

Mas Matthew hesita, hipnotizado com o que vê: deve haver cem crianças dormindo aqui, e apenas alguns poucos médicos e enfermeiras para cuidar delas. Ele de repente se sente vivo com o trabalho que há para fazer aqui.

“Matthew”, diz Mei. “A gente precisa sair.”

Mas, em vez disso, ele se dirige a uma cama próxima. Um menino está dormindo lá; seu tubo intravenoso se soltou. É um conserto rápido, mas ninguém percebeu ainda.

“Vamos”, diz Mei. Ela está com muito medo.

Mas Matthew não vai embora, mesmo quando as enfermeiras tentam expulsá-lo.

“Estou indo embora”, diz Mei.

“Então vá”, diz ele.

E ela vai mesmo. Lá fora, ao ar livre sob a luz do sol, uma mistura de alívio e culpa toma conta dela. Ele consegue ser tão irritante, esse rapaz, tão corajoso e tão imprudente — que bem fará se eles ficarem doentes?

Já é tarde da noite quando Matthew volta para a barraca deles no quintal. Ela acorda com o som do zíper se abrindo.

“Por favor, não faça isso de novo”, diz Mei.

Mas Matthew está vibrando, eletrizado depois de um dia fazendo o trabalho mais importante.

“Pense em quantos anos de vida aquelas crianças têm pela frente”, diz ele. “A vida delas vale muito mais que a dos adultos.”

“Não temos as máscaras nem os trajes adequados para trabalhar lá”, diz Mei. “Nós não somos treinados.”

Ele solta um forte suspiro e se deita ao lado dela. Um silêncio pegajoso entra na barraca.

“Eu estive pensando”, diz ele. “Eu acho que você está muito apegada a mim.”

No mesmo instante, Mei sente um caroço na garganta. É uma surpresa o quanto esses sentimentos estão próximos da superfície.

“Você não está apegado a mim também?”, diz ela. Ela estica a mão para tocar a dele. Ele a afasta.

“Quero te perguntar uma coisa”, diz ele. Pelo tom de voz ela percebe que ele está se encaminhando para algo abstrato, algum exemplo de filosofia que ele leu em um livro. Pode ser cansativa, tarde da noite, essa conversa constante sobre lógica, essa análise diária da ética.

“Se eu estivesse me afogando”, diz ele. “E duas pessoas desconhecidas estivessem se afogando por perto. E se você tivesse que escolher entre me salvar ou aos dois desconhecidos, quem você escolheria?”, diz ele. “Você me salvaria? Ou salvaria os desconhecidos?”

“O que você acha?”, diz Mei.

Ela sabe o que ele quer que ela diga. Mas não é verdade. Ele — ela iria salvá-lo. Claro que ela faria isso. Ela não ousou, nessas semanas, dizer em voz alta a palavra *amor*, mas parece ser a certa.

“Mas essa é a escolha errada”, diz Matthew.

Um grupo de sirenes passa por perto do lado de fora, o leve piscar de luzes vermelhas sobre o rosto dele.

“Duas vidas valem sempre mais do que uma”, diz ele. “Não importa se você me conhece.”

“Acontece que eu *não* te conheço”, diz ela. Ele consegue ser tão frio às vezes. “Eu acho que você está dizendo que você não me salvaria?”

“Viu?”, diz ele. “É por isso que acho que o amor é antiético. Eu não acredito nisso.”

É um choque se lembrar que ela só o conhece há algumas semanas. Há uma sensação de que o chão está se dissolvendo.

Ele dá mais exemplos, mas ela parou de ouvir. Pelo menos está escuro dentro dessa pequena barraca — ele não consegue ver as lágrimas dela. Mas elas estão despencando com força e em

profusão. Ela não consegue esconder por muito tempo. Talvez ela não o conheça realmente, esse rapaz que, nesse momento, não faz a menor menção de consolá-la, mesmo agora, quando ela começa a chorar de soluçar.

“É disso que eu estou falando”, diz ele. “Você está muito apegada.”

Uma súbita saudade do seu pai e da sua mãe perpassa por ela, uma lembrança antiga de uma infância solitária: como pelo menos seu pai e sua mãe se importariam sempre com o que acontece com ela.

“Por que você está sendo tão maldoso?”, diz ela, por fim.

Ele responde abrindo o zíper da barraca.

“Você não está entendendo direito”, diz ele enquanto sai para a grama como se estivesse tentando se desvencilhar de Mei, ficar livre.

Em seguida, ela ouve o som dos pés dele esmagando rapidamente as folhas secas enquanto ele sai correndo para algum lugar, deixando apenas o barulho dos grilos na floresta, o tamborilar monótono e distante das pás dos helicópteros, e nela, o anseio de estar em outro lugar.

Depois disso, ela chora tanto que sua cabeça dói. Ela pensa em ligar para os pais, mas não consegue reunir forças para tentar. Ela está sozinha em um lugar desconhecido. Em seguida vem uma espécie de dormência.

Ela finalmente é arrastada para o sono ou algo parecido com isso.

É quando acontece, um sentimento desconhecido: algum tipo de presença está com ela na barraca.

“Matthew”, diz ela ou tenta dizer.

Mas Matthew não está aqui. Algum tipo de figura sombria está aqui com ela. Essa figura, como algo humano e não humano — agora está subindo por cima do peito dela. Algo pressiona com força todo o seu corpo. Algo prende seus braços.

Ela tenta gritar, mas nenhum som sai. Sua garganta se fecha.

Seu corpo inteiro, ela entende agora, escapou do seu controle, como algum tipo de paralisia.

É difícil pensar além da imensa pressão em seu peito, mas existe a mais ínfima noção da possibilidade maior, a de que talvez seja isto: a doença. Talvez seja assim que ela começa.

Primeiro é a sensação das mãos — de Matthew — quando ele a levanta da cama. Agora o eco da voz dele chamando o nome dela. *Mei, Mei, acorde, Mei, acorde*. Ela está ciente de uma mudança na luz. Uma brisa em sua pele. Ele a levou para o quintal.

Não tem nada a ver com o que ela imaginava como seria, esse sono: não parece um crepúsculo, está mais para uma noite. O mundo desperto está de alguma forma se infiltrando.

Ele a levará para o campus, ela sabe, como todos os outros foram levados. Mas, dessa vez, aqueles braços pendurados de suas articulações — são dela. E essa cabeça balançando para trás, esse cabelo caindo sobre o rosto — são dela.

Os olhos dela estão fechados e mesmo assim, de alguma forma, ela consegue ver — ou vê sem ver, sem precisar ver. Ela sabe como a calçada reluz no sol. Ela consegue imaginar a linha escarpada das montanhas em contraste com o céu. E a lufada limpa dos eucaliptos no ar puro faz brotar na sua mente a imagem aracnoide daquela árvore exata.

Um outro fato resplandece com clareza na sua mente: o prazer da atenção e preocupação de Matthew.

Em algum momento, eles chegam à faculdade, com o corpo dela ainda dobrado nos braços dele. Agora o frio dos prédios antigos, o murmúrio de muitas vozes, o cheiro de água sanitária no ar.

“Há quanto tempo ela está assim?”, diz alguém, voz abafada, como através de uma máscara. Algum funcionário.

Uma súbita urgência se avoluma dentro dela. Eu consigo ouvir você, ela quer dizer, mas não é capaz ou não quer. Eu estou aqui, ela pensa, mas parece não ser capaz de usar a voz. Estou aqui.

“Eu não sei quando começou”, diz Matthew. Ele está sem fôlego. Está falando rápido. Ela nunca o ouviu assim antes: com medo. “Acho que ela está dormindo faz umas doze horas”, diz ele. “Talvez mais.”

A mão nua dele, desprotegida, afasta o cabelo do rosto dela. Através da palma, a bondade dele a penetra como eletricidade.

Em seguida vem a moeda gelada de um estetoscópio no peito, e depois sua espinha afundando lentamente dentro de uma cama de lona.

Ela vai tentar falar de novo daqui a pouco, decide, só um pouco mais tarde, quando não estiver tão cansada como está agora.

Ela tem uma confusa sensação de que está rodeada por livros antigos. Talvez sinta o cheiro no ar — esse bolor, o apodrecimento de páginas finas. Ou talvez ela ouça alguém dizer isto durante o sono: que a trouxeram para a biblioteca, um andar abaixo da ala das crianças.

Ela está ciente de certas lacunas. Deixou escapulir a noção da passagem do tempo. Cada momento flutua sozinho, desconectado de qualquer outro.

A certa altura, uma velha história vem à tona, sombria, na sua cabeça, de um livro que um dia ela leu ou de um filme, ou apenas de um artigo que ela viu em algum lugar, anos antes, sobre um homem paralisado depois de um acidente. Todo mundo achava que ele estava com morte cerebral, mas não estava. Ninguém sabia que ele estava lá, ainda pensando e percebendo e desejoso de se conectar — durante anos. Síndrome do encarceramento, disseram.

Um terror repentino se apossa dela. Matthew consegue sentir, de alguma forma, tal medo? Talvez isso explique por que ele sempre parece voltar para a cama dela nesses momentos, sua mão quente apertando a dela.

Outros instantes são inexplicavelmente pacíficos, um sereno deslizar, tudo branco e distante, como se de algum modo tivesse sido lixiviado, dissolvido de significado e consequência.

Talvez haja um tubo de alimentação intravenosa em sua garganta — deve haver. Mas se houver, é indolor. E como as mãos dela não se movem mais de acordo com a sua vontade, é fácil evitar passar os dedos ao redor do tubo de plástico que deve estar afixado com fita adesiva na sua bochecha.

Às vezes ela percebe que suas pernas se movem ligeiramente, mas ela não está no controle — elas se mexem como juncos à deriva em uma corrente suave.

Às vezes ela volta a ser uma criança, caminhando na praia com seus pais ou ajudando a avó a cozinhar, enquanto a avó conta histórias em chinês que ela só entende pela metade. Mas às vezes, ao contrário, Mei é a avó, recontando essas histórias para sua própria neta.

Ela consegue ouvir os outros adormecidos, os roncos e a respiração, um gemido ou um grito — o barulho dos seus pesadelos e seus sonhos. E por outro lado: o farfalhar de macacões de plástico, o rangido e o zumbido dos carrinhos rolando pelo piso de madeira dura, as pás dos helicópteros golpeando o ar ao longe.

E sempre há o odor de mofo dos livros antigos que se ergue das pilhas ao redor dela, como terra, como raízes, como as árvores que eles outrora eram. Talvez ela não esteja na biblioteca, mas no chão ensombrado de uma floresta. Talvez ela esteja dormindo em algum bosque irrecuperável.

Em algum momento, sua mãe chega. Que surpresa é ouvir a voz dela — e que alívio. Como é que a senhora entrou?, ela quer perguntar, mas não consegue.

“O que há de errado com os olhos dela?”, pergunta sua mãe, e continua perguntando. “O que aconteceu com os olhos dela?” Mei se preocupa que seus olhos tenham sido desfigurados durante o sono, arrancados ou removidos. Quando tenta abri-los, ela compreende, de repente e com uma terrível certeza, o que aconteceu: a pele dos seus olhos cresceu em volta dos olhos.

E a mãe, ela percebe, não está aqui nessa sala. Claro que não está. Ela está ao telefone. Alguém deve estar segurando um telefone junto ao ouvido de Mei. Ou então a mãe dela está no viva-voz — talvez seja por isso que há um chiado na voz dela. Ou a mãe dela pode estar até mesmo no rádio. Quem sabe a voz da sua mãe esteja vindo da televisão do outro lado da sala. Ou através de algum canal mais profundo, como se pelo seu cérebro, seu sangue.

“Por que ela está gemendo desse jeito?”, pergunta sua mãe. “Ela está tentando conversar?”

Uma noite — ou para ela parece que é noite — Matthew sussurra algo no ouvido dela: *me desculpe*.

Pode muito bem ser *eu te amo*. E Mei tem a ideia de que ela pode dizer isso também, não com palavras, mas em vez disso com pensamentos, ou com o som da sua respiração, aspirando e expirando, como um código que apenas ele ouvirá.

Nessa mesma noite, ou talvez em outra, ou talvez no meio do dia, Matthew se aninha no catre dela e, depois disso, dorme com ela por um longo tempo até que isto se torna a principal coisa que ela sabe, seu fato mais verdadeiro e infalível: o corpo dele enrolado contra o dela.

Não existe uma parte única do cérebro encarregada de acompanhar o tempo e de manter o registro da passagem das horas. No cérebro consciente, o sistema de cronometragem é solto e difuso e sujeito a distorções de vários tipos: amor, por exemplo, e sofrimento e juventude. Na mente, o tempo se dilata e o tempo se contrai. Dias diferentes passam a velocidades diferentes.

Mas determinadas partes do corpo marcam o tempo mantendo o compasso com mais exatidão. No começo, todos crescemos a uma marcha fixa, certa.

Assim, quando Rebecca inicia sua sétima semana de sono, começam a florescer dez dedos das mãos e dez dedos dos pés. Um par de minúsculas narinas se abre em um nariz. As pálpebras estão começando a se formar. O crânio, nesse momento, é translúcido como uma água-viva. E dentro dela estão desabrochando os primeiros caminhos de um cérebro.

Em breve, os órgãos reprodutores se aglutinarão. Os ovários começarão a se encher de óvulos, e esses óvulos viajarão com essa garotinha — se ela sobreviver — pelo resto de sua vida.

O ar no quarto de Rebecca está estagnado. Seus únicos movimentos são os ocasionais deslocamentos da cabeça durante o sono e as cíclicas palpitações de suas pálpebras, seus olhos dardejando sob elas de um modo sugestivo de sonhos.

Mas logo, escondidos dentro dela, esses braços e essas pernas emplumadas começarão a se mover. Os braços se dobrarão. Os joelhos. As mãos se encontrarão e se separarão. Um polegar talvez encontre o caminho da boca. Um milhão de neurônios surgirá a cada minuto.

Um exame de sangue enfim revelou o segredo dela aos médicos, que o consideram uma surpresa preocupante. Não há como saber como o vírus pode afetar o feto ou se eles são capazes de manter o corpo de Rebecca em condições boas o suficiente até o bebê

completar a gestação. A partir disso, as enfermeiras passam a tratá-la com cuidados extras.

Enquanto Rebecca dorme e enquanto as enfermeiras vestem e despem seus macacões e enquanto, lá fora, os soldados entram e saem de seus turnos de trabalho e enquanto o mundo assiste à cobertura contínua da doença de Santa Lora, os pequenos e graduais desenvolvimentos de um diminuto ser humano continuam sua marcha a uma velocidade perfeitamente previsível, como o intrincado tique-taque do mais delicado relógio do mundo.

A notícia circula depressa. É um rumor, verdade seja dita, no começo. Uma revelação mais chocante, de certa forma, do que todos os fatos que vieram antes. Sete semanas depois, é difícil acreditar em notícias como essa. Mas é verdade: um dos adormecidos acordou, apenas o segundo a abrir os olhos desde a irrupção da doença.

No início, diz a enfermeira, ela presume ter cometido um engano. Pode ser difícil enxergar através do plástico ondulado das máscaras. Mas uma segunda olhada, naquele homem no canto, quatro fileiras para dentro, mostra que ela está certa: os olhos dele estão abertos. E não são apenas os olhos. É a maneira como ele de repente se revira nos lençóis, seus movimentos tão diferentes de todos os outros adormecidos, mais deliberados, mais diretos. Ele joga a cabeça para trás e para a frente. Ele olha em volta.

A cama de lona em que ele dormia é um dos duzentos catres instalados no refeitório da faculdade. Há um paciente adormecido em cada cama. Há um tubo intravenoso em cada braço. A visão de um deles sentado com a coluna reta desse jeito — é tão espantosa quanto seria ver um cadáver se erguer dos mortos.

O que nenhum dos relatórios preliminares descreveu é o que a enfermeira sente naquele primeiro momento: uma pontada de medo que ela não é capaz de explicar.

O homem começa a falar.

Quase sempre eles resmungam e gemem, mas isso é diferente. Isso é fala. Como é estranho ouvir a voz desse homem, rouca a princípio, mas a primeira palavra dele é tão concisa e clara: “Olá?”, diz ele. “Olá?”

Ele levanta a cabeça. Ele gira depressa. Ele arranca os fios atrelados a seu corpo. Ele balança os braços à sua frente, como se

fosse cego, o que, de certa forma, ele está — seus óculos se perderam durante suas longas semanas de sono.

Todas as enfermeiras logo se aglomeram ao redor dele, um punhado de macacões amarelos, o som das botas de borracha revestidas de uma camada de teflon impermeável.

Uma doença contagiosa, dizem elas. Você contraiu uma doença contagiosa. É difícil dizer se ele consegue ouvi-las, as vozes ecoantes das enfermeiras através do plástico. É difícil dizer se ele entende o que elas estão dizendo.

Ele tem olhos verde-claros que brilham inexpressivamente para elas.

Mais tarde, essas enfermeiras confidenciarão umas para as outras sobre a estranha sensação que elas tiveram ao falar com ele, como se estivessem tentando se comunicar com um viajante de alguma terra distante.

O homem fala depressa. Suas palavras se precipitam rápido demais para serem entendidas. E também há isto: ele está gritando. Ele grita algo sobre um incêndio.

“Eles apagaram o fogo?”, berra ele. “Apagaram?”

O senhor esteve sonhando por muito tempo, dizem a ele.

“Houve um incêndio”, grita ele de novo. “Na Biblioteca. O lugar inteiro estava em chamas.”

A voz dele fica cada vez mais alta, mas o sono dos que o rodeiam continua imperturbável.

Ele pede água.

“Por favor”, diz o homem. Ele continua puxando sua barba. “Estou com sede. Estou com muita sede.”

Ele bebe sem parar. Bebe tanta água que a água volta, respingando nas botas de borracha das enfermeiras, como se, depois de um tempo, o corpo passasse a preferir até mesmo a pior das circunstâncias a qualquer mudança repentina.

“Um incêndio”, grita ele mais uma vez. “Era um incêndio enorme.”

As enfermeiras assentem em uníssono em seus macacões amarelos. Elas são voluntárias, essas pessoas, vindas de outros estados depois que a maioria das enfermeiras locais adormeceu. Elas querem consolar, mas o homem não quer ser consolado. Uma das enfermeiras toca seu ombro com a mão enluvada.

“E as minhas meninas?”, berra ele. “Onde estão as minhas meninas? Onde elas estão?”

No prontuário dele não há menção a parentes. Parece possível que essas meninas, assim como o incêndio, façam parte de um sonho profundo e indecifrável.

Ele pede caneta e papel. É assim que ele passa as horas seguintes: escrevendo em um caderno com a velocidade e a urgência de uma pessoa que encara sua morte.

Que choque é receber a mensagem depois de tantas semanas em quarentena no hospital: precisam dela no campus, Catherine, uma das poucas psiquiatras que permaneceram acordadas em Santa Lora, e a única que testemunhou o despertar do primeiro garoto. O corpo dele na calçada — ainda cintila na sua mente.

Ela é escoltada por dois soldados ao longo dos três quarteirões do hospital até o refeitório, a primeira vez que ela sai em mais de um mês. Nesse período, o tempo mudou. Dezembro. Levadas pelo vento, folhas mortas vagueiam pelas calçadas vazias, as estações mais aparentes aqui nas montanhas do que em Los Angeles, onde a filha dela, graças a Deus, foi liberada da quarentena e está sob os cuidados da sua mãe.

No período em que estiveram separadas, sua filha aprendeu a contar até vinte e a vestir sozinha suas próprias blusas. A franja, Catherine sabe por meio das chamadas de vídeo noturnas, cresceu até a altura dos olhos.

O paciente, quando Catherine chega lá, está escrevendo em um diário — eles o levaram para uma sala separada no refeitório.

Ela quer ser mais cuidadosa dessa vez, depois do que aconteceu com o primeiro rapaz. Ela se aproxima desse homem em silêncio.

“Você sabe”, pergunta a ele, “por quanto tempo estive dormindo?”

O homem não responde de imediato. Ele olha à distância, do jeito que uma pessoa faria ao contemplar um vasto espaço relembrado. O outro garoto também fez isso, lembra Catherine, como se o

mundo dentro da cabeça dele fosse mais cativante do que o que existe fora dela.

Uma súbita explosão de desconfiança se estampa no rosto do homem.

“Vocês não podem me manter aqui”, diz ele. “Vocês não podem me prender.”

“É normal se sentir desorientado”, diz Catherine através de sua máscara.

Frequentemente os pacientes comatosos, passado o estupor, têm a sensação de que ficaram inconscientes apenas por um breve período, poucas horas, talvez, ou uma única noite. Pode ser traumático saber quanto tempo se passou.

Catherine observa vários sintomas incomuns no homem, traços que não estavam presentes no outro rapaz: uma tendência para a palilalia, a repetição anormal de certas palavras e frases. E também a gritaria — megafonia, como definem os livros técnicos. O paciente parece não ter consciência de ambos os sintomas, como se sua percepção do mundo estivesse desproporcional em relação à nossa.

“Não vou responder a mais perguntas”, diz o homem. Ele se mantém em silêncio pelo resto do dia, mas continua escrevendo até tarde da noite.

Só mais tarde, na mesma noite, Catherine descobre outro sintoma excêntrico, conhecido apenas de estudos de caso que leu na faculdade de medicina: as páginas do caderno do homem estão repletas de uma escrita em miniatura, as letras tão pequenas que só são legíveis com o auxílio de uma lupa.

A julgar por aquilo que ela consegue ler enquanto o homem cochila brevemente, os escritos são marcados por delírios e confusão e, em particular, pela convicção de que ele está dormindo há muito mais tempo que cinco semanas.

Seis da manhã: latidos de cães no quintal, o tilintar da corrente na porta dos fundos.

Três andares acima, sozinha na casa, Sara fica rígida em sua cama, como se quem estivesse lá fora pudesse sentir através das paredes os pequenos movimentos de uma menina de doze anos. Mais uma vez ela dorme vestindo um dos suéteres da sua mãe.

Agora o ruído de passos esmagando a terra. Agora o estrépito da porta lateral.

Os cachorros latem e latem — ela nem sabe a maioria dos nomes dos cães, todos resgatados da rua, famintos, por Libby, mas graças a Deus pela lealdade deles, graças a Deus pela barulheira.

Agora o raspar de metal na madeira. Algo está sendo arrastado ao longo das tábuas soltas da varanda dos fundos.

Sara anseia pela irmã como em uma oração. E na escuridão do quarto, ainda sombreada pelas bonecas que outrora elas imaginavam ter o poder de falar, ela quase acredita: que alguma magia semelhante possa chamar Libby de onde quer que ela esteja dormindo.

Ela vai na ponta dos pés até a janela. Suas mãos tremem quando ela puxa o canto da cortina.

Os gatinhos também estão agitados, o menor deles anda sem parar de um lado para o outro, os demais à espera estão enfiados debaixo da cama de Sara.

Quando ela espia pelas tábuas da janela do quarto, o que vê na penumbra do início da manhã é um homem parado diante de uma lata de lixo. Não é o vizinho, dessa vez. É outra pessoa, esse homem que agora olha em direção à janela do segundo andar.

Com um aviso ríspido, ele manda os cachorros se calarem — e é quando ela o reconhece, a voz dele.

Ele chega como um estranho e um ladrão, mas ali está ele: o pai dela.

No começo, é um alívio. Claro que é. Claro. Aqui está o pai dela, sentado à mesa da cozinha. Aqui está ele: vivo e acordado.

Ele continua repetindo o nome dela. “Graças a Deus”, diz ele. “Graças a Deus.” Ela não se lembra de um olhar como esse aparecendo no rosto dele antes, um alívio que parece de alguma forma explosivo.

“Eu não queria te assustar”, diz ele, um pouco ofegante.

A cabeça dele está completamente raspada. A barba sumiu.

Ele não fala muito a princípio, como se não houvesse muito a dizer, como se, depois de cinco semanas, ele apenas tivesse acordado e voltado para casa.

“Eu não sei o que aconteceu com a minha chave”, diz ele. “Você sabe o que aconteceu com a minha chave?”

A pele dele está muito pálida, e ele semicerra os olhos através de um par de óculos emprestados. Parece ainda mais magro do que o habitual em uma camiseta verde e folgada que ela nunca viu antes. Mas é ele. É ele. São dele os braços pousados sobre a mesa da cozinha, e são suas as tatuagens, o intrincado lobo de olhos amarelos e a parruda aranha negra no cotovelo, e o nome da mãe dela desbotando e ficando acinzentado no antebraço ao lado das datas de nascimento das suas duas meninas. Essa catalogação do corpo do pai parece necessária porque alguma coisa nele — há algo diferente nele.

“Você sabe o que aconteceu com a minha chave?”, diz ele mais uma vez.

As unhas dele ficaram longas como as de uma mulher, mas irregulares, a do polegar tão comprida que começa já a se encurvar.

“O que aconteceu com o seu cabelo?”, pergunta Sara. “O que aconteceu com a sua barba?”

“Eu não sei”, diz ele.

A pele dele está tão macilenta, e esse queixo nu — ela tenta ao mesmo tempo olhar e não olhar, como se uma porção do rosto dele tivesse sido removida. Um impulso fantasma se ergue dentro dela: mostrá-lo para a irmã.

“Você está bem”, diz ele. “Certo?”

“E você?”, diz ela.

A essa altura, o sol está raiando. Há um conforto silencioso nessa luz leitosa, a maneira como ela escoia pelas frestas das tábuas, da mesma maneira que faria em uma manhã mais comum.

“Onde está sua irmã?”, pergunta ele. Ele olha para as escadas.

Ela não é capaz de olhar para o rosto dele enquanto conta, por isso olha para a janela, em direção aos cachorros. Cada palavra da história deve ser empurrada, uma a uma, por cima do duro nó na sua garganta.

O pai parece confuso com o que ouve.

“Você já me contou isso”, diz ele. “Não foi? Você já me disse que ela ficou doente.”

“Como assim?”, diz ela, seus olhos embaçando.

“Nós conversamos sobre ela antes”, diz ele.

Ela tem medo de dizer que não, mas ele consegue ver a verdade no rosto dela. É difícil saber o que dizer.

“Não importa”, diz ele, esfregando as arestas carecas da sua cabeça. Ele tem uma verruga no cocuruto que ela nunca viu. “Deixa pra lá.”

Ela sente o impulso de substituir a confusão que se segue por uma ideia agradável e cristalina: “Se o senhor melhorou”, ela diz, “então ela provavelmente vai ficar boa também, né?”.

O pai dela fica em silêncio. Parece um homem lutando para fazer cálculos matemáticos em sua cabeça.

Sara traz um refrigerante para o pai, o gelado e reconfortante espocar do anel da latinha sob seus dedos. Ela também traz o cortador de unhas, deixa-o sobre a mesa ao lado dele. Há uma certa confusão na sala em relação a quem é o cuidador e quem precisa de cuidados.

Agora que seu pai está em casa, Sara de repente toma ciência de como a casa se afastou dela — é essa a sensação —, feito ervas daninhas se apoderando de um jardim. Os granulados da caixa de areia higiênica dos gatinhos estão espalhados para fora do banheiro e há um clamor de louça suja na pia, a disseminação de latas de refrigerante e todas aquelas tigelas de cereal esquecidas, lambidas pelos gatos.

Mas o pai dela parece não notar nada disso.

Ele não pergunta de quem são esses cães abanando o rabo, choramingando e lambuzando de água todo o linóleo.

“Você pode tirar esses cachorros da cozinha?”, ele diz e é o único comentário que ele faz sobre os cães. “Eu tenho muita coisa pra resolver.”

Graças a Deus, ele não pensa em descer ao porão, onde, se o fizesse, descobriria o que esses cães fizeram com os organizados estoques de papel higiênico e as caixas de cereais, os muitos potes de cenouras em conserva que eles quebraram no cimento.

Seu pai passa esse primeiro dia ali mesmo à mesa da cozinha, debruçado sobre um caderno espiral desconhecido.

“O que o senhor está escrevendo?”, pergunta ela depois de um tempo.

“Eu não sei exatamente”, diz ele. “Estou apenas tentando entender algumas coisas.”

Ele mal se move durante todo o dia, como se seu corpo tivesse se acostumado a isto: a imobilidade do sono. E quando ele se mexe, o faz a duras penas e devagar, como se estivesse empurrando um tipo mais espesso de ar. Sua caneta percorre a página, avançando sem pressa e deixando um rastro de palavras minúsculas.

É só o primeiro dia, Sara pensa, invadida por um furtivo desconforto. Talvez ele ainda esteja acordando.

Chloe desliza pelo linóleo quando o vê pela primeira vez, um silvo de alerta.

“Este é o papai”, diz Sara enquanto a cauda de Chloe se incha como um espanador. “O seu favorito, lembra?”

Talvez seja a cabeça careca que a incomoda ou o queixo sem pelos. Ou talvez seja a cor doentia da pele dele. O que quer que seja, Chloe fica longe, seu caminho até a tigela de água formando um arco anormalmente largo.

Na televisão, a mesma manchete aparece com destaque em todos os canais de notícias: “Homem desperta da doença de Santa Lora”.

“Eu acho que eles estão falando do senhor”, diz ela em voz alta para o pai da sala de estar.

Mas ele permanece à mesa e continua com a sua escrita. A uma certa distância, ele parece realizar o minucioso trabalho de um relojoeiro.

Os canais de notícias ao que tudo indica não têm muitas informações sobre o homem, nenhuma imagem, nenhum nome, nenhuma ideia acerca da sua condição.

“Você pode me arranjar outra caneta?”, pede o pai da cozinha, balançando a caneta no ar, sua mente tendo exaurido a tinta.

Entre as muitas coisas que o seu pai não percebe naquele dia é como os pertences da mãe dela estão espalhados pela casa, aquelas caixas do sótão agora esvaziadas na sala de estar, os tesouros transbordando: as fotos do casamento e as fitas cassete, a coleção de joias turquesa, todos os objetos que ela e a irmã vinham estudando com tanto amor, como pistas de um antigo mistério, e sua pulseira de pingentes de prata manchada, que nesse exato momento gira em torno do pulso pequeno de Sara, tilintando levemente contra a mesa.

Sara usa as últimas fatias do pão do congelador para fazer sanduíches de atum para o jantar, mas o pai deixa no prato a maior parte da comida.

Durante todo o dia, o cortador de unha repousa sobre a mesa ao lado dele, intocado. O dia inteiro, o raspar das unhas dele na lata de refrigerante.

“Você deveria ir para a cama”, diz ele enfim, o tipo de coisa que ninguém diz a ela em semanas. E é agradável, de certo modo, receber uma ordem e obedecer a ela, essas palavras normais de um pai para uma filha.

Muito mais tarde, no meio da noite, ela ainda consegue ouvi-lo lá embaixo, sem dormir, andando pela cozinha.

De manhã, dois policiais chegam à porta.

Sara os observa do terraço, com medo de descobrir por que motivo eles vieram — com suas máscaras brancas e luvas verdes, firmemente enfiadas sob os punhos dos seus uniformes.

A batida na porta atíça os cachorros.

“Papai”, Sara chama. Ele está sentado em seu volumoso computador antigo, esperando e esperando uma página carregar. “A polícia está aqui”, diz ela.

“Apenas ignore-os”, diz ele, como se fossem vendedores que decidem ir embora por conta própria.

Eles continuam deslocando o peso de uma perna para a outra na varanda, esses policiais. Continuam olhando em volta, como se estivessem ansiosos para dar o fora dali. Atrás deles, do outro lado da rua, a estrutura da casa da enfermeira se inclina para a frente como os destroços de um naufrágio. Depois de tantas semanas, a fita amarela de isolamento se desfiou no vento, e os pássaros construíram um ninho no fogão, que ainda está de pé, enferrujando ao ar livre.

A polícia bate de novo.

Sara consegue ouvir os cães choramingando e arranhando a porta por dentro. Talvez a polícia possa ouvir também, essas lamúrias e esses arranhões.

Em algum momento, as batidas na porta cessam. Ela observa, ruborizada de alívio, enquanto os policiais descem os degraus da varanda e depois ficam parados por um tempo no mato que tomou conta do jardim da frente. Um deles diz algo em seu rádio.

Em vez de caminhar de volta para o carro, eles desaparecem na lateral da casa. Depois surge o rangido do portão lateral, o terrível ruído de trituração dos sapatos no cascalho que leva ao quintal.

A batida começa de novo, dessa vez na porta dos fundos.

“Oi?”, dizem eles. “Oi?”

Sara ouve da cozinha, escondida pelas janelas lacradas com tábuas. Mas ela consegue ouvir o chiado da estática em seus rádios do lado de fora.

Ela não está preparada para o que vem a seguir: o rangido da porta dos fundos, o grito das dobradiças, a maneira como a fina réstia de sol sob a porta explode no formato da porta inteira. Seu pai deve tê-la deixado destrancada à noite, o que não é do feitio dele, cometer um erro como esse, não é nem um pouco típico dele.

“Ah”, dizem os policiais quando veem Sara, a maneira como ela está com os olhos semicerrados, de pijama, na cozinha. É tarde demais para ela se esconder.

“Ah”, diz um deles de novo. Ele é uma figura escura no vão da porta. A luz do sol cintila ao redor dele. “Nós não sabíamos se tinha alguém em casa.”

Os cachorros começam a pular nas calças beges dos policiais, línguas amistosas penduradas na boca, mas os policiais se afastam, como se os cães também pudessem estar contaminados.

Um deles segura a porta aberta. Para isso ele usa apenas dois dedos enluvados, e está inclinado bem para trás, como que para ter acesso ao ar fresco.

“Thomas Peterson está aqui?”, pergunta o outro. Dá a sensação de ser o nome de um desconhecido, do jeito como eles dizem o nome dele. Ninguém o chama de Thomas.

“Se você sabe onde ele está”, diz o homem que segura a porta, sua voz abrandada pela máscara, “é muito importante que nos diga.”

Ela não tem certeza de qual é a resposta correta, e não sabe se esta é uma época em que contar uma mentira é fazer a coisa certa. Ela se acomoda no silêncio e, por um momento, os únicos sons são a respiração ofegante dos cachorros e o rangido dos sapatos negros da polícia enquanto se esquivam dos pulos dos cães.

Um dos homens finalmente se abaixa para falar com Sara, como se ela fosse uma criança muito mais nova.

“Escute”, diz ele através da máscara. Ele está olhando além dela, vasculhando a sala por cima do ombro da menina. “Ele não deveria ter voltado para casa ainda. Pode ser que ele esteja doente até agora.”

Ela se pergunta se eles sabem sobre a lentidão do caminhar do pai, a escrita estranha. Ela fica imaginando se eles sabem como ele tem dormido pouco.

“Foi cedo demais”, diz ele a Sara.

Mas ela não vai assistir mais uma vez seu pai ser levado.

“Ele não está aqui”, diz ela por fim, sua voz raspando por ter ficado tanto tempo sem falar.

Os dois homens se entreolham. Ela só consegue enxergar os olhos deles sobre a parte de cima das máscaras, mas os olhos dos homens estão onde o ceticismo paira.

“Você tem estado sozinha aqui?”, pergunta um deles, o que parece criar uma nova ameaça.

Uma resposta chega na forma dos passos do pai de Sara nas escadas atrás dela. Ele anda de uma maneira diferente — isso foi outra coisa que mudou. Ele dá passos mais curtos do que antes, um passo cambaleante, quase como se mancasse.

“Vocês não têm o direito de estar na minha propriedade”, diz ele aos policiais. Ele veste as mesmas roupas do dia anterior.

Eles querem apenas monitorá-lo por algum tempo, os médicos, dizem os policiais.

“É por isso que mandaram a gente aqui”, diz um deles.

“Eu não vou para o hospital”, diz o pai dela.

“É uma questão de segurança pública, senhor”, diz aquele que segura a porta.

“Não é seguro para o senhor nem para a sua filha”, diz o mais alto.

“Eu não vou ser uma cobaia”, diz o pai dela.

E é assim que a conversa termina: ele fecha e tranca a porta. Depois volta para o computador.

É uma surpresa quando os policiais vão de fato embora, que, depois de tudo isso, palavras tenham sido suficientes para afastá-los. Antes de entrarem no carro, ela os observa tirando as luvas verdes, uma de cada vez, colocando-as em um saco de lixo.

Há a sensação de que eles vão voltar ou de que outra pessoa virá. É a sensação de que um vazamento foi vedado apenas temporariamente.

Nessa noite, um som conhecido, mas difícil de ser localizado, emana da cozinha depois da meia-noite. Uma suave raspagem de lixa. E depois de novo: raspe, raspe, raspe. Sara sabe, pela tosse ocasional, que é o pai dela lá embaixo. Ela não tem certeza se ele deveria ficar sozinho.

O cheiro confirma isso no mesmo momento da visão da cena: o pai dela à mesa da cozinha, um fósforo aceso queimando entre os dedos.

“O que o senhor está fazendo?”, pergunta ela.

Sobre a mesa ao lado dele há um punhado de fósforos queimados espalhados, um pacote inteiro trazido do porão, usado em uma noite — não é do feitio dele desperdiçar.

“Essa coisa fez alguma coisa no meu cérebro”, diz ele.

Ele observa a chama por algum tempo e depois sacode o palito suavemente. Deixa-o cair na pilha com os outros.

“O que o senhor está fazendo?”, pergunta ela de novo.

Ele toma um gole de cerveja. Pega um novo palito da caixa e recomeça, a lenta batida do fósforo na caixa, muito devagar, no começo, para acendê-lo. Mas ele continua, um arranhado determinado e cuidadoso.

Os helicópteros permanecem pulsando, estrondosos, na escuridão lá fora, mas pelo noticiário ela sabe que os repórteres estão errados sobre qual casa é a dele — os jornalistas acham que o homem que despertou da doença de Santa Lora vive em uma velha casa branca a poucos quarteirões de distância, um lugar abandonado há anos, desde antes de Sara nascer, flores silvestres crescendo por entre as tábuas do alpendre. Talvez sejam as janelas lacradas com tábuas que fazem a imprensa confundir aquela casa com a deles, que levam os helicópteros a sobrevoar o outro telhado e não o deles. Mas depois que ela assistiu às filmagens durante todo o dia, aquela outra casa, a casa de um desconhecido, a casa de um homem morto, começa a despertar nela um sentimento de familiaridade, da mesma maneira como, em um sonho, um lugar onde a pessoa nunca esteve pode de alguma forma substituir o lar.

Finalmente, o fósforo floresce na mão do pai dela. Ele deixa a chama arder por alguns segundos. Depois sacode o palito de novo.

“Eu tive uns sonhos”, diz ele. “Enquanto eu estava doente. Sonhos que em nada se pareciam com nenhum outro que eu já tive antes.”

Ele toma outro gole de cerveja. Não é a primeira, ela percebe. Há duas outras latas sobre o balcão.

“Sobre o que eram?”, diz ela.

“Como assim?”, diz ele, como se tivesse sido ela a trazer o assunto à tona. É assim que ele está desde que voltou para casa, sua mente sempre correndo em uma trilha secundária, desconhecida.

“Os sonhos”, diz ela. “Com o que o senhor sonhou?”

Ele esfrega a cabeça careca. Seus dedos se movem devagar, como se mapeassem um terreno estrangeiro.

“Eu preciso te perguntar uma coisa”, diz o pai. Ele olha diretamente para ela. Uma camada de restolho cresceu onde costumava existir sua barba. “Houve um incêndio enquanto eu estive fora? Houve um incêndio na biblioteca da faculdade?”

“Houve um na floresta”, diz ela, e parece incrível que ele pudesse saber sobre isso de alguma forma, apesar de ter dormido durante a coisa toda. “Na noite em que o senhor ficou doente.”

Mas ele balança a cabeça, frustrado, como se estivesse há horas tentando expressar essa mensagem e deixá-la bem clara para ela.

“Não, não”, diz ele. “Eu não estou falando de um incêndio na mata. Quero dizer no prédio. Houve um incêndio na biblioteca? No segundo andar”, diz ele. Ele fecha os olhos como se estivesse se lembrando. “Ou talvez no terceiro?”

“Acho que não”, diz ela.

“No sonho que eu tive”, diz ele, “houve um incêndio na biblioteca e, de alguma forma, o fogo — despertou todos os doentes.” Ele toma um gole da cerveja. Engole com grande esforço. “O fogo”, diz ele, “funcionou como uma espécie de cura.”

Depois disso, ele fica quieto de novo. Volta para os seus fósforos, acendendo-os um por um. De vez em quando, o rosto dele revela um olhar que ela nunca viu antes — assustado, mas satisfeito, como se dissesse: Ah!, aí está, é isso!

“Eu tenho tido uma sensação estranha”, diz ele. “Desde que acordei, tenho tido a sensação de que as coisas estão acontecendo fora da ordem.”

Ele raspa outro fósforo na caixa. O palito não acende. Ele tenta mais uma vez.

“Como agora, por exemplo”, diz ele. “Quando você entrou na cozinha, tive a sensação de que você estava ao meu lado, mas isso foi antes de você entrar.”

É como se tudo estivesse desarranjado, diz ele, como se houvesse algo de errado com a sequência, como se o futuro estivesse vindo antes do passado.

Ela já entende o quanto a imaginação dele é poderosa. Depois do trauma, ela ouviu dizer, as pessoas às vezes têm alucinações.

Ele pega outro fósforo.

“Às vezes”, diz ele, “eu vejo a chama antes de riscar o fósforo.”

A biblioteca: nas centenas de estantes de metal, agora empurradas de frente para os painéis de madeira que revestem as paredes e os janelões do chão ao teto, os dez mil volumes que então juntam poeira sob a pouca luz contêm todos os produtos usuais do pensamento humano.

Na seção de Clássicos, um visitante poderia ler sobre os oráculos da Grécia e Roma Antigas, como as pessoas dessas eras acreditavam que os sonhos às vezes eram capazes de revelar o futuro.

Um andar abaixo, na seção de Psicologia, o leitor poderia descobrir que Carl Jung em determinado momento da sua vida se convenceu de que havia sonhado com a sua esposa muitos anos antes de conhecê-la.

Em outra parte desse mesmo andar, em Filosofia, seria possível cogitar a teoria de que, se uma pessoa fosse capaz de compreender de fato a complexidade da realidade, também conseguiria prever com exatidão o futuro, uma vez que cada momento do futuro é acionado pelos eventos do passado — todo o sistema é apenas complexo demais para a mente humana imitar ou tomar como modelo.

No andar de cima, em Física, o usuário encontraria artigos de periódicos teorizando que os conceitos de passado, presente e futuro são construtos artificiais, que na verdade todos os três podem existir simultaneamente, em diferentes dimensões.

Na seção de Linguística, o leitor encontraria uma intuição similar refletida na gramática de certas línguas. Em mandarim, por exemplo, os verbos operam por inteiro no tempo presente. Não há tempo especial para o passado ou o futuro.

O tempo, dizia santo Agostinho, existe apenas na mente.

Mas ninguém está lendo nenhum dos livros dessa biblioteca. Pelo menos um dos volumes de capa dura está sendo usado agora para

estabilizar um catre militar oscilante onde um menino pequeno dorme ao lado de uma centena de outros doentes na cavernosa sala de leitura principal.

E mesmo se alguém lesse todos os livros dessas pilhas, certos mistérios persistiriam.

Pense em William James, um andar abaixo, em Filosofia, que uma vez comparou qualquer tentativa de estudar a consciência humana a acender uma lâmpada a fim de examinar melhor a escuridão.

Determinados eventos reais são familiares apenas pelos horrores dos nossos sonhos. E assim, quando a fumaça começa a jorrar para dentro da sala de leitura principal da biblioteca, flutuando sobre os corpos de uma centena de doentes adormecidos, a mesma palavra invade a mente de mais de uma das enfermeiras: *pesadelo*.

Mais tarde haverá muita discussão sobre o silêncio dos detectores de fumaça e alarmes contra incêndio, desligados por motivos que ninguém é capaz de explicar — foram adulterados ou só estavam desconectados para o ajuste dos monitores cardíacos e das máquinas de eletroencefalograma.

Alguns culparão as máscaras, criadas para filtrar os mais ínfimos micróbios da Terra — mas também a poeira fina que rodopia dentro da fumaça. Se eles não estivessem usando máscaras, talvez as enfermeiras e os médicos tivessem sentido o cheiro do fogo antes que ele se espalhasse.

Nos longos minutos antes da chegada das guarnições de bombeiros, não há tempo para discutir sobre quem resgatar e quem abandonar. Em vez disso, as pessoas fazem suas próprias escolhas. E quem consegue culpar os profissionais de saúde se alguns deles carregam seus próprios amigos e familiares doentes antes de socorrer qualquer um dos outros?

A dez quarteirões de distância, Sara alimenta os gatos quando as sirenes dos caminhões de bombeiros começam a gemer. O som faz os gatos saltarem do colo dela, e Sara sobe em disparada até o terraço para verificar pela vidraça se há sinais de incêndio na floresta. Mas através do vidro ondulado penetra uma imagem extraordinária — é exatamente como o pai dela descreveu: uma espessa nuvem de fumaça se ergue não da floresta ao longe, mas das janelas da biblioteca da faculdade.

“Papai!”, chama ela, uma tensão entrando em seu peito. “Papai!”, grita ela de novo, mas ele não responde. O coração dela está martelando. “É igualzinho ao seu sonho.”

Um silêncio nevado. Uma felicidade, calma e fresca — é assim que o sono passou a ser para Mei.

Mas agora, uma interrupção. Algo a está afastando. Uma algazarra de barulhos. Gritos.

Ela tem a sensação de estar acordando em seu quarto de infância, mas a ideia desaparece de imediato — esse quarto é enorme.

Além disso: algum tipo de urgência palpita nesse lugar. As pessoas se movem depressa.

É doloroso ouvir depois de tanto tempo em silêncio.

É difícil abrir os olhos dela. Tudo o que ela consegue fazer é semicerrar os olhos. Uma crosta se formou sobre seus cílios. É impossível dizer se a bruma de sua visão é uma nebulosidade de suas córneas ou do quarto.

Seu pensamento também está enevoadado, lento e propenso a estagnar, mas uma palavra importante flutua pela sua mente, hesitante e abstrata: *fogo?*

As pessoas em volta dela tosse. O vidro se quebra. Sua garganta começa a doer.

E então: Matthew aparece do outro lado do quarto.

Ela tem a sensação de que não o vê há muito tempo. Mas ali está ele, correndo, como de costume, aquelas pernas compridas, aquela maneira frenética que ele tem de se mover. Ele é bom em situações de crise. Há uma coisa diferente: o rosto dele está tomado de preocupação. Quando ele chega perto dela, grita algo que ela não consegue entender direito e continua correndo. Em seguida ele dá uma arrancada para longe, mais para o interior do prédio, sem tocá-la.

Depois disso, ela perde o paradeiro dele, mas ele vai cuidar dela. Ele fará tudo o que precisa ser feito. É o que ela está pensando quando afunda de novo no silencioso alívio do sono.

Existe nos anais da medicina um fenômeno raro realizado pelos catatônicos. Em casos de emergência, alguém — previamente imobilizado — pode despertar de súbito — e recuperar habilidades milagrosas: ficar de pé, gritar ou correr. Uma das mãos, há muito dormente, pode de repente realizar alguma tarefa necessária: agarrar-se a um estrado, talvez, nos últimos segundos antes de cair de uma cama.

Nesse dia em Santa Lora, um efeito semelhante é observado em um pequeno número de adormecidos.

Ben: primeiro, ele está em uma festa com a Annie. É em algum tipo de hotel, essa festa. Ou não um hotel, mas em um apartamento com pé-direito alto e mezanino. No Brooklyn, talvez, ou talvez não. Mas esse loft está repleto de móveis que o fazem se lembrar da casa da sua avó em Wisconsin. Aquele macio sofá cor de creme dos anos 1960. Eles bebem ponche, ele e Annie, em minúsculos copos de cristal. Que bizarro, ela está dizendo, eles terem o mesmo sofá! É uma festa de Dia das Bruxas — é por isso que Annie usa esse colete e aquela gravata, aquele chapéu preto de aba mole e calças cáqui masculinas. Todo mundo adora a fantasia dela. Ela é Annie Hall do filme *Noivo neurótico, noiva nervosa*, o que é perfeito para ela — é o que os amigos do casal dizem. Perfeito. Está muito lotada essa festa. E muito barulhenta. O ponche tem gosto de gim e alecrim e um pouco de fumaça, e as pessoas estão se divertindo muito — essa é a coisa mais importante que Ben sabe ao se postar ao lado de Annie, a mão dele no quadril dela, como se a bondade estivesse embutida na sala em si, derramando-se pelo ar e nas bebidas, esses minutos, a fantasia dela, aquele sofá.

Mas então, um súbito som aquieta a festa. É como algo se rompendo, como o estalo de madeira rachando. A sensação de rachaduras se abrindo em um velho navio em meio a uma tempestade. Eles estão em um navio? Sim, um navio. Era um navio o tempo todo.

Putá merda, alguém está dizendo, é o chão. Há algum tipo de problema com o chão.

Annie aperta a mão dele com força, com tanta força que dói. É aí que toda a parte central do assoalho desaba como um sumidouro e Annie...

Os olhos dele estremecem e se abrem.

Por um momento, tudo o que ele consegue ouvir é o som do seu próprio ofego, os baques secos do seu próprio coração batendo em seus ouvidos. Uma onda de alívio toma conta dele — era apenas um sonho.

Mas acima dele assoma um teto desconhecido, madeira escura e muito alta, uma sala vasta, mal iluminada. E também há isto: as pessoas gritam.

Alguém se inclina sobre ele. Um bombeiro.

Nesse momento, como se as partes visuais do seu cérebro estivessem repentinamente fazendo o trabalho do olfato, o amarelo do casaco desse bombeiro dispara uma explosão associativa — de repente ele toma consciência do cheiro de fumaça no ar.

Ele tenta se sentar com a coluna reta, mas algo o refreia, como se ele estivesse amarrado à cama. Ele se lembra então da doença. Ele deve ter pegado de Annie.

Onde está a bebê dele?, pergunta ele. Mas ninguém está escutando.

“Onde está?”, diz ele. “Onde está a minha bebê?”

Uma fumaça espessa enche a sala. A garganta dele começa a queimar. Toda a sua confusão é reduzida a isto: fugir dessa fumaça. É um procedimento complicado, desenganchar e desprender os tubos do seu corpo. O bombeiro ajuda a libertá-lo dos fios e depois desaparece na penumbra.

As luzes bruxuleiam e depois se apagam. Uma pequena réstia de luz do sol jorra de algum lugar, ofuscada pela fumaça acumulada. Ele começa a tossir. Ben tem uma ideia de que está em uma biblioteca, uma biblioteca lotada de camas.

Ele não consegue parar de tossir agora. E logo rasteja pelo chão com os outros. Seu corpo está rígido e dolorido, mas ele continua se movendo, estranhamente consciente de suas partes separadas, como se as partes operassem apenas um pouco fora de sincronia, uma das mãos se move antes da outra, os joelhos sobre a madeira dura. É difícil encontrar a saída através da fumaça, mas as pessoas estão chamando do lado de fora, desconhecidos, desconhecidos o estão chamando, e a verdade disto, que estranhos ajudariam outros estranhos, faz seus olhos se encherem de lágrimas, bem lá no

escuro e na fumaça: *Aqui, aqui*, eles gritam em meio ao lusco-fusco, *a porta está aqui*.

Depois, Ben esquecerá quase todos esses detalhes, como ele finalmente escapou — gramado afora e sob o sol com os outros sobreviventes. Ele esquecerá a maneira como as pessoas olharam para ele, o choque de vê-lo acordado, ele e os poucos outros, magros em camisolas hospitalares, tubos intravenosos ainda pendurados em alguns braços. Talvez a mente só possa catalogar, de um dia qualquer, uma quantidade fixa de experiência. É o que acontece a seguir que para sempre estará na sua lembrança — em detalhes quase fotográficos — dos eventos desse dia.

Há uma mulher lá fora — ela está de pé, descalça na grama. E essa mulher — é um pouco parecida com Annie. Mas ele sabe que isso acontece, como o desejo pode fazer isso, conjurar as formas de entes queridos no rosto de desconhecidos. Aquela lembrança de Annie — é uma parte de acordar, ele sabe, da experiência agradável de sentir falta dela.

Mas a maneira como está de pé essa mulher, um pouco curvada, e o modo como ela mastiga o cabelo — ele continua olhando.

Ela se vira um pouco. Seu perfil aparece. E lá, no rosto dessa mulher, um pequeno calombo no nariz, exatamente como o que Annie tem desde quando ela o quebrou quando adolescente. Annie. Ela está de pé sob o sol vestindo uma camisola de hospital, uma manta antichama enrolada em volta dos ombros, aparentando estar mais magra e um pouco adoentada, instável sobre seus pés, seu rosto manchado de cinza da fumaça. Mas é ela. É mesmo a Annie. Lá está ela, os olhos semicerrados fitando o céu, como que incrédula. Lá está ela, acordada.

Como os jornais relatarão mais tarde, suspeita-se de incêndio criminoso. Os fósforos são encontrados no porão, páginas rasgadas de livros usadas como gravetos para acender o fogo. O incendiário nunca foi encontrado.

Mas muitos dos adormecidos sobrevivem. Em sua maioria, carregados durante o sono.

A grande novidade, no entanto, é a seguinte: catorze deles acordam e saem.

É inacreditável, todos concordam, milagroso até. Há um grande apetite pelo milagroso. Entre esses sobreviventes, marido e mulher, o Romeu e Julieta de Santa Lora, como vários meios de comunicação logo começam a chamá-los no lugar dos nomes verdadeiros: Ben e Annie.

Outra sobrevivente é uma menina de onze anos que, como a mídia noticiou amplamente, foi resgatada pelo próprio pai, havia pouco recuperado da doença, e que correu para o prédio quando viu a fumaça, chamando o nome dela até encontrá-la: Libby.

A mídia presta menos atenção aos que dormiam e não sobreviveram. São nove deles. A causa da morte é a inalação de fumaça, a gradual dissipação de oxigênio do sangue, que, outrora, era causador de sonhos extraordinariamente vívidos.

Entre esses mortos estão duas enfermeiras, um especialista em moléstias infecciosas do Centro de Controle de Doenças e o reitor da Faculdade de Artes e Ciências.

Também na lista está uma caloura de San Diego da Faculdade de Santa Lora: Mei Liu, dezoito anos.

Seu corpo é encontrado tarde demais pelos bombeiros em um canto distante da esfumaçada sala de leitura da biblioteca, ainda deitada em sua cama, enrolada sob um cobertor, a solução salina gotejando até então dentro da veia principal do seu braço, que depressa se embranqueceu. Ela se manteve em estado de sono

durante a coisa toda, seus pais têm certeza. Ela faleceu pacificamente, dizem eles, dormindo.

Nos dias que se seguem ao incêndio, uma história circula mais do que qualquer outra — as pessoas adoram quando uma crise traz à tona a bondade dos outros: quando a fumaça encheu a biblioteca, um estudante, um calouro da faculdade e herdeiro da família farmacêutica Baker & Baker, Matthew Baker, correu para dentro do prédio e salvou um bebê do fogo. A história é compartilhada repetidas vezes, como ele agarrou o mais jovem de todos os doentes, aquele que mais tinha uma vida pela frente: uma criança de nove semanas de idade, envolta em cobertores, que continuou dormindo o tempo todo.

Essa história sobressai às demais, esse herói de Santa Lora, como prova do que os seres humanos são capazes — quem entre nós não ama uma música simples?

Eles relatam apenas sintomas residuais menores, Ben e Annie. Uma leve tontura, no caso dela. Um ligeiro enfraquecimento da visão periférica dele. A princípio eles não notam mais nada.

Um ou dois anos antes ou qualquer número de anos antes desse, a reunião dos dois teria sido diferente, como um desvairado lance de pura sorte, milagrosa, alguns podem dizer, como ressuscitar dos mortos.

Mas, nesse ano específico da vida deles, eles não se sentem felizes. Eles quase não sentem gratidão alguma enquanto seguram a mão um do outro ou se inclinam para dentro do calor dos braços um do outro. Ambos estão totalmente preocupados com outra pessoa. Ele é pai. Ela é mãe. A filha deles está doente.

O refeitório da faculdade é o local para onde os sobreviventes mais jovens foram removidos após o incêndio. Aqui é onde — depois de muito esperar, telefonar e telefonar e assinar uma batelada de papéis — Ben e Annie encontram a bebê.

Eles a veem deitada em um moisés de plástico transparente. Ela está enfaixada em cobertores desconhecidos, sua pequena mente trancada naquele sono profundo e inacessível.

Um tubo de alimentação está afixado com fita na sua pequena narina.

“Ela está muito maior do que a última vez que a vi”, diz Annie, com os olhos encharcados de lágrimas.

Ela já está segurando a bebê nos braços, os tubos pendurados atrás dela. Mesmo dormindo, a bebê acomoda de novo a cabeça sobre o ombro dela, como se a lembrança da sua mãe residisse inteiramente nos músculos do pescoço.

Sugere-se o uso de máscaras e luvas. Mas seria impossível, com luvas, limpar a crosta de remela dos olhos da filha ou esfregar

vaselina nos lábios secos e rachados. Há uma tremenda necessidade de tocar a pele dela.

Ela está duas semanas mais velha que da última vez em que Ben a viu. Apenas o fato contínuo do corpo dela, apenas sua existência, é prova do trabalho de outras pessoas, daquelas enfermeiras, que agora entram e saem da sala, seus macacões de proteção sibilando, como elas cuidaram da menina todos os dias desde a última vez em que ele a viu, e do aluno da faculdade que eles nunca conhecerão pessoalmente e que a salvou do fogo.

Ela poderia ter morrido — este é o conhecimento que ilumina cada momento com ela agora. As coisas que poderiam ter acontecido mas não aconteceram são tão decisivas para uma vida quanto todas as coisas que acontecem.

Alguns dos outros pais e mães estão debruçados sobre outras crianças, ou se sentam, a exemplo de Ben e Annie, em cadeiras de plástico ao lado dos catres dos filhos. Mas a maioria das crianças jaz aqui sozinha, exceto pelas enfermeiras — e não há o suficiente delas — que as mudam de posição, as lavam e abastecem seus tubos de alimentação e trocam suas fraldas.

Um dos últimos sonhos de Ben antes de acordar da doença é o seguinte: ele e Annie estão em um barco, uma canoa. O sol brilha às costas dela, que está nua exceto pelas alças de seu biquíni verde. Eles flutuam em algum tipo de baía. Ele não sabe onde. Eles remam até uma pequena ilha em que cresce um único pinheiro. Eles deixam a canoa e os remos na pequena praia e caminham até a árvore, onde bebem as cervejas que levaram em uma bolsa térmica e assistem aos outros barcos deslizando ao sabor dos ventos no sol. Há um intenso sentimento de felicidade, enquanto a luz cintila na água, e outra coisa também: a possibilidade. Uma leveza.

Mas, de repente, alguém em um barco que passa grita com eles.

“Ei”, dizem eles, “esta canoa é de vocês?”

E ali está, a canoa deles, desgarrada e vazia no meio da água. A maré deve ter subido, eles percebem enquanto nadam para pegar o barco e recolher os remos à deriva. Como todos os outros sonhos, há nesse algo que não se parece em nada com um sonho. A

sensação — de que outra forma ele pode dizer? — é real. Aqui está aquele sentimento mais uma vez: de que o que ele está vendo é o futuro.

Naqueles primeiros dias depois de acordar, o sonho paira sobre Ben, uma espécie de ruído de fundo para os seus dias nesse refeitório convertido em enfermaria.

Ben quer contar a Annie sobre ele.

Mas de repente parece algo íntimo demais para mencionar e ridículo demais também. Ele fica quieto. O ato de combinar palavras com a experiência exaure sua crença.

Em vez disso, ele só consegue fazer esta pergunta: “Você teve algum sonho estranho?”.

Ela não tira os olhos da bebê.

“Não. Eu não sonhei nada.”

Ela se sente tão distante nesses dias, como uma pessoa desconhecida sentada em frente a ele em um trem.

No segundo dia, um bebê mais velho próximo começa a choramingar durante o sono. Seu rosto se contorce e estremece. Sua fralda, Annie logo descobre, vazou. Ben chama uma enfermeira. Depois de alguns minutos de espera, o menino gemendo, a própria Annie o troca. Existem certas circunstâncias em que trocar uma fralda é um ato sagrado.

Um dia, um menino pequeno em uma cama próxima abre os olhos. O movimento dessas pálpebras, o branco em volta dos olhos, desfere esperança por todo o lugar.

“Eu quero a minha mamãe”, diz ele. Ele fica calmo por um momento, como se o pedido fosse concedido. “Eu quero a minha mamãe.”

Mas quando sua mãe não aparece de imediato, ele começa a chorar.

Ben tenta consolá-lo, mas ele não quer ser consolado.

Finalmente, a mãe é localizada e levada até a cama.

“Ele perguntou por mim?”, diz ela quando o menino pula em seus braços. “Com palavras?”

Não tem nem dois anos esse menino, diz a mãe, ainda não havia começado a falar em frases.

Mas agora, ouçam só:

“Mamãe”, diz ele, “eu tive um sonho ruim.”

Mas a bebê de Ben e Annie continua adormecida. Eles cortam as unhas dela. Dão banho nela. Eles dormem no linóleo ao lado do seu moisés.

Ben pensa mais e mais sobre seus sonhos. Tão forte é o sentimento de que esses sonhos eram premonições que eles começam a assustá-lo. Uma coisa estava faltando nesses sonhos: sua bebê. Se esses sonhos fossem sobre o futuro, onde ela estava?

Em um experimento famoso, um geólogo certa vez se submeteu a oito semanas de solidão em uma caverna subterrânea sem luz. Entre outras coisas, ele queria testar a precisão do seu próprio relógio interno. Ele acordava e dormia a seu bel-prazer. Anotava seus dias em um caderno. Sem o tique-taque dos relógios ou o raiar e o pôr do sol, não demorou para que os ritmos do seu corpo ficassem fora de sincronia com o da Terra. No fim do experimento, ele tinha certeza de que passara apenas trinta e cinco dias debaixo da terra, mas na superfície haviam se passado sessenta dias.

Libby: ela dorme por três semanas, mas sonha com uma única tarde.

Ela acorda com um sorriso no rosto, uma calma. Ela boceja e se espreguiça nos lençóis.

Com a abertura desses olhos vem uma euforia que Sara nunca sentiu antes. Nada é mais potente que o alívio.

“Como você se sente?”, pergunta Sara para sua irmã.

Libby despertou em seu próprio quarto, para onde seu pai a trouxe após o incêndio — durante os primeiros minutos de caos, quando ninguém estava vigiando os pacientes. Ele e Sara estão cuidando dela há um dia inteiro sem a ajuda de médicos ou enfermeiras.

“Tive o sonho mais incrível a noite passada”, diz Libby.

A voz dela está rouca. Seus cachos estão emaranhados. Ela não parece entender quanto tempo passou.

“Que tipo de sonho?”, diz o pai, em cuja voz há uma estranha intensidade.

Libby troca um olhar com Sara, o antigo hábito das duas.

“O que aconteceu com a sua barba?”, pergunta Libby.

“Esses sonhos”, diz o pai delas. “Não eram sonhos normais, certo? O que você viu?”

Na cabeça dele o cabelo começa a crescer de novo, mas está vindo branco em vez de castanho. E ele está tão magro quanto no dia em que acordou.

“Era sobre a nossa mãe”, diz Libby. Há um silêncio desconhecido em sua voz, uma reverência. “A gente estava na beira do lago.”

Mas o pai dela balança a cabeça.

“Não”, diz ele, com a mão para cima, como uma placa de Pare. “Não é desse tipo de sonho que estou falando. O que mais?”

“Só isso”, diz ela.

Ele fica perguntando se ela tem certeza, e ela tem, e depois ele desaparece no andar de baixo.

“Por quanto tempo eu dormi?”, pergunta Libby tão logo o pai sai do quarto.

“Três semanas”, diz Sara.

A reação de Libby é quase física, como se o vento tivesse sido arrancado do seu peito.

“Pareceu apenas algumas horas”, diz ela. “Como uma soneca.”

Os gatos se amontoaram em volta de Libby, aconchegando-se nos lençóis da cama.

“Você também estava lá”, diz Libby. “No sonho. A gente estava no lago com ela.”

Se Libby fechar os olhos, ela consegue se lembrar de tudo sobre aqueles minutos: o suéter de tricô canelado cor de lavanda da sua mãe, as unhas dela, lascadas e pintadas com esmalte claro cor de pêssego.

“E esses brincos”, diz Libby, pegando um par de argolas de prata em meio a um punhado de joias espalhadas sobre o criado-mudo. “Ela usava estes brincos.”

Havia um jornal aberto sobre uma mesa de piquenique à beira do lago. Pinturas feitas com os dedos.

“A gente fazia impressões da mão com a tinta”, diz Libby. “E ela pintava com os dedos uma pequena paisagem do lago.”

O ar recendia a churrasco. Alguém estava grelhando carne na praia. A mãe delas tinha o hábito de tirar o cabelo do rosto com as costas da mão.

“Você usava um prendedor de cabelo em formato de girassol”, diz Libby. “E um vestido de alcinha branco.”

A mãe entregou a elas copos de plástico com leite, um saquinho de fechamento hermético com bolachinhas de queijo.

“Eu comecei a jogar a tinta e ela disse: ‘Meninas, eu já falei três vezes’.”

A tinta azul secando nos vincos das palmas das mãos dela, o som dos pássaros, as vozes de outras crianças chapinhando na água.

“Você se lembra de um dia assim?”, diz Libby.

“Não”, diz Sara.

“Eu acho que era real”, diz Libby, uma tarde distante recuperada, intacta, das profundezas.

Libby era tão nova quando sua mãe morreu — ela nunca se lembrava de nada sobre ela.

“Não pode ser”, diz Sara, de repente cheia de inveja. “Você era pequena demais pra lembrar.”

Mas ela faz Libby contar tudo de novo, com mais detalhes, até que o tempo de duração do relato excede os minutos que elas passaram, uma vez, anos atrás, na beira do lago.

Libby abaixa a voz. “O que o papai sonhou?”

“Ele sonhou que haveria um incêndio na biblioteca”, diz Sara.

“Não falem sobre isso”, grita seu pai do outro quarto.

Sara sussurra: “E aí teve mesmo um incêndio lá”.

Um mal-estar se estampa no rosto de Libby.

“O que aconteceu foi igualzinho como no seu sonho, né, papai?”, diz Sara.

Ele sacode a cabeça. Ele é inflexível. “No meu sonho”, diz ele, “ninguém morreu.”

Enquanto os Humvees continuam rodando com estrondo pelas ruas de Santa Lora, o pai verifica e verifica mais uma vez os suprimentos no porão, obcecado por novas preocupações.

Ele teve outros sonhos também.

“Os oceanos se moveram cento e sessenta quilômetros para o interior”, diz ele. “Los Angeles foi engolida. O oceano chegou até a base dessas montanhas.”

Ele toma um gole de cerveja. Engole com dificuldade.

“E então, hoje, esta notícia é divulgada: a maior falésia de gelo da Antártida está prestes a desmoronar. Vocês sabem o que isso significa?”

Elas esperam que ele explique.

“Está acontecendo”, diz ele. “Os sonhos que eu tive. Eles eram todos reais.”

Sara ao mesmo tempo acredita e não acredita. Ela ainda não ouviu os rumores circulando de que alguns dos outros sobreviventes também alegam ter tido vislumbres do futuro. Mas o futuro não é sempre uma coisa imaginária antes de chegar?

Um minúsculo coração continua batendo no escuro. Uma medula espinhal se aglutina. Eletricidade começa a fluir através das sinapses de um cérebro. Ossos se formam, o começo dos dentes. Pálpebras. O primeiro adejar de braços finíssimos, o diminuto florescimento das unhas. Os joelhos e os punhos — começam a dobrar.

Rebecca, dez semanas depois, continua dormindo o tempo todo. Suas bochechas, coradas com sangue adicional, agora adquirem certa plenitude enquanto seu peito sobe e desce sob os lençóis do hospital. Uma onda de hormônios é responsável pela oleosidade extra em sua pele, e as enfermeiras — embainhadas em suas máscaras e em seus macacões — gostam de apontar a coisa mais legal nesse lugar escuro: ela de fato tem aquele brilho da gravidez.

Nessa mesma semana, dentro de uma das vastas barracas médicas do campus, o professor de biologia abre os olhos na calada da noite. Acima de Nathaniel assoma um teto branco brilhante, iluminado com lâmpadas fluorescentes. Ele não está em casa — é o primeiro pensamento de Nathaniel. O ar cheira a terra.

Ele tem sorte, diz o primeiro médico — o caso dele era brando. Apenas três semanas. Essa é a melhor estimativa deles, de qualquer forma. “Alguns jovens trouxeram você”, diz o médico através de sua máscara. “Um rapaz e uma menina te carregaram até aqui.”

No começo ele está fraco demais para se sentar com a coluna reta, mas pergunta sobre Henry, se Henry também está em algum lugar. Leva horas para a resposta voltar até ele: não, não há nenhum paciente aqui com esse nome. Ele pede emprestado um telefone. Liga para casa. Ninguém atende.

Aqui marca o início de um período de confusão, não incomum entre os sobreviventes, informam os médicos. Agora marca o

começo de um pavor lentamente borbulhante.

Em casa, ele encontra um x preto pintado com spray na porta da frente. No interior, descobre uma casa transformada, tanto pelo fluxo do tempo quanto por uma inundação. O papel de parede descasca feito casca de eucalipto. Já há mofo crescendo nos cantos. Os tapetes gotejam como esponjas sob seus pés. A mesinha de centro está torta, as cadeiras da sala de jantar derrubadas, como se todos os objetos da casa tivessem sido erguidos pela água e depois devolvidos ao chão tão logo a água recuou. Uma lembrança vaga vem à sua mente — em algum momento, ele estava tentando consertar a pia do banheiro. O cano transgressor ainda está pingando, remendado com fita isolante pelas mãos inexperientes de outra pessoa.

Ele chama o nome de Henry. “Oi”, diz ele. “Henry?” Mas a casa está quieta. Ele meio que espera encontrar Henry afogado no tapete. “Olá?”

Em vez disso, ele por fim localiza Henry de volta na casa de repouso, encolhido em uma poltrona, preso de novo em seu estupor. É difícil dar sentido a isso — vê-lo assim mais uma vez.

“Tentamos entrar em contato com o senhor”, diz um dos médicos de lá.

“Como ele voltou para cá?”, pergunta Nathaniel.

“O que o senhor quer dizer?”, diz o médico. Não há menção alguma ao extraordinário despertar de Henry.

Aquela cara frouxa. Aqueles olhos vazios. Se alguém pergunta o nome dele, ele não faz nenhuma tentativa de responder.

Os fatos, conforme os outros os verão, ficam imediatamente claros para Nathaniel: que ele apenas sonhou com Henry de volta à vida, que seu grande despertar era apenas um desejo que Nathaniel almejou enquanto dormia. E, no entanto, algo nele resiste à ideia, como se isso fosse apenas uma interpretação dos eventos.

A lembrança do retorno de Henry não parece nada com um sonho. Aqueles poucos dias são tão claros quanto qualquer outra memória. Mais claros, até.

“O senhor teve algum sonho estranho?”, pergunta a filha dele pelo telefone — ela veio de avião de San Francisco, mas o mais próximo

que ela consegue chegar é à cidade vizinha. “Eles continuam dizendo que os sonhos são uma parte da coisa.”

“Não tive sonho nenhum”, diz Nathaniel. A verdade é muito constrangedora para admitir.

Ele instala ventiladores gigantes para secar a casa. Telefona para a seguradora. Retoma seu trabalho no bosque.

Mas em seus braços e pernas perdura um peso, um cansaço — e nenhum exame de diagnóstico é capaz de detectar se é um sintoma da doença ou do luto. Os estados de ânimo mais sombrios às vezes atacam após períodos de luz inesperada.

Ele começa a pesquisar a obra de um dos seus antigos colegas, defensor de um estrambótico ramo da física: como tudo o que poderia ter acontecido *aconteceu* — cada permutação se desdobrando em seu próprio universo paralelo.

Ele dorme sozinho todas as noites e, toda noite, sonha com nada.

Na décima terceira semana, o cabelo começa a crescer. As sobrancelhas. A medula começa a encher os ossos.

E nas outras camas da mesma ala do hospital onde Rebecca continua dormindo, algumas das primeiras pessoas a adoecer — as outras garotas do andar do dormitório — começam a abrir os olhos. Uma sonhou com um futuro longo e brilhante. Outra com uma série de tragédias. A próxima se queixa de pesadelos tão extremos que o mundo desperto comum é um extravagante alívio.

No fim dessa semana, autoridades em Santa Lora informam um novo marco: não há nenhum caso novo em sete dias. Aqui está o momento que eles esperavam. Um vírus só pode queimar por um certo período — apenas uma determinada porcentagem de qualquer população está suscetível a um dado germe.

Na mesma semana, na ala infantil, um dia Ben retorna ao moisés para descobrir que, nos minutos em que ele se ausentou, tudo mudou: a bebê abriu os olhos.

Annie segura a filhinha nos braços — aquele olhar em seu rosto, aquela alegria simples e silenciosa. A bebê olha para cima e fita a mãe como no dia em que nasceu, seus olhos de um azul

ligeiramente mais escuro. Seu retorno é ainda mais precioso do que sua chegada — Ben entende, dessa vez, o que significa ter sua filha com ele no mundo.

Mais tarde nessa semana, já de volta em casa na cama do casal, enquanto Annie dá uma mamadeira à bebê, Ben finalmente tenta contar a ela sobre os sonhos.

“Eram como premonições”, diz ele. A preocupação toma conta do rosto de Annie. “Eu sei que parece estranho”, diz ele.

Mas Ben continua. Ele começa com o sonho sobre a canoa e os remos, o modo como eles flutuaram na água enquanto ele e Annie bebiam cerveja debaixo de uma árvore.

“Você está bem?”, diz ela. Ela ajeita a bebê nos seus braços.

“Eu sei”, diz Ben. “Mas ouça.” Ele fecha parcialmente os olhos para lembrar, apagando a luz fraca da lâmpada de cabeceira. “No sonho, estamos em algum lugar onde há água. E árvores. Pinheiros que crescem perto da água.”

Annie começa a rir um pouco, uma risada baixa e nervosa. Foi um erro, ele de repente percebe, contar a ela essas coisas.

“Isso não é o futuro”, diz ela. “É o passado.”

É tão difícil acreditar no que ela está dizendo quanto seria compreender a ideia de que o tempo retrocede com a mesma facilidade com que avança.

“Isso aí era o Maine”, diz ela. “O verão depois da faculdade. Você não se lembra disso? Nós falamos sobre essa história o tempo todo.”

Ele conta a ela sobre outro sonho, a festa em que o chão começa a ruir.

“Isso foi no Dia das Bruxas na velha casa do Rob no Brooklyn”, diz ela.

Ele entende o que ela está dizendo. Mas não parece possível. Talvez o sono tenha confundido a mente dela ainda mais que a dele.

Eles examinam os sonhos um por um enquanto, do lado de fora, uma leve neve começa a cair, captando o brilho fraco da iluminação da rua.

“Você só sonhou que éramos jovens de novo”, diz Annie.

A bebê observa o rosto dele agora. Ele sente um súbito desejo de estar sozinho com a sua filha, contar a ela e não a Annie sobre o

significado dos seus sonhos.

“Seu papai adora olhar para trás”, diz Annie para a bebê, que olha, piscando. “Ele sempre tem tanta certeza de que as coisas eram melhores antes do que são agora.”

Ben não diz mais nada a respeito. Nessa noite, ele fica acordado por muito tempo, incapaz de pegar no sono.

Talvez sempre haverá noites como esta, em que ele se deita ao lado da sua esposa e sente falta da esposa dos seus sonhos.

Na décima sétima semana, os ossos do ouvido interno endureceram. E dentro dessas orelhas começam a ecoar os sons do coração pulsante de Rebecca, o jorro de sangue compartilhado viajando através do cordão umbilical, o leve esguicho de líquido amniótico enquanto ela se revira no seu sono, e, talvez, as vozes abafadas das enfermeiras e do periódico apito do monitor cardíaco fetal.

À medida que vai minguando o número de doentes restantes, e sem novos casos em quatro semanas, o Centro de Controle de Doenças anuncia o fim do surto do que para sempre será conhecido, venha a acontecer mais uma vez ou não, como o vírus de Santa Lora.

O último caso confirmado é o de um homem de oitenta e nove anos no lar de idosos — e depois, tal qual a passagem de uma tempestade, o vírus desaparece.

Mas para onde ele vai? Talvez regresse ao lugar qualquer de onde veio — a floresta, talvez, algum animal carregando-o pela vegetação rasteira. Os pesquisadores retornam a seus laboratórios em diferentes estados do país a fim de continuar estudando o vírus, como precaução caso algum dia ele ressurja, o que, todos eles concordam, vai acontecer. Em um ano ou em dez anos ou em cem. O vírus pode sofrer uma mutação até lá, tornar-se mais brando, ou talvez seja o contrário, uma pestilência percorrendo o país — de todas as outras maneiras que temos para sucumbir, como esse fim seria muito mais quieto, um mundo inteiro afogado no sono.

Um juiz federal ordena a suspensão do cordão sanitário. As barricadas vêm abaixo. Parentes e jornalistas inundam Santa Lora.

Sobreviventes debandam, os supersticiosos nunca mais voltam.

Depois de quatro meses no hospital em quarentena, Catherine finalmente está autorizada a ir para casa, para Los Angeles.

Porém, quando ela entra na sua casa, a filha se esconde atrás da perna da avó. Como é excruciante não ver o rostinho dela. Mas Catherine também sente esse nervosismo perturbador, a sensação de conhecer alguém novo.

Catherine se ajoelha como se sua filha fosse uma de suas pacientes. “Posso te dar um abraço?”, pergunta ela.

Sua filha faz que não com a cabeça. Ela veste uma camiseta verde com estampa de dinossauro que Catherine nunca viu.

“Você está diferente”, diz a menina, espiando por um momento. E é verdade: Catherine emagreceu durante o tempo em que esteve longe.

Pelo menos há isto, um conforto e uma tristeza: a filha não se lembrará de nada do que aconteceu. Anos inteiros da sua vida se passarão antes que qualquer coisa mais do que vislumbres se registrem na sua memória consciente de longo prazo.

Mas Catherine sempre se preocupará com a possibilidade de esse período permanecer com a sua filha de alguma forma, esse espaço de tempo em que a menina sem pai esteve separada da sua mãe, a maneira como a raiz de uma árvore cresce em torno de uma pedra em seu caminho, ou como, sem tala, um osso quebrado se regenera torto sob a pele.

Com vinte semanas, a parte do hipotálamo responsável pelo ritmo circadiano começa a regular a taxa dos batimentos cardíacos e as marés de certos hormônios em um padrão que corresponde quase que exatamente à duração de um dia na Terra.

Caleb acorda quatro portas abaixo de Rebecca. Ele não passa pelo quarto dela. Não toca na mão dela. Não sabe o que vive dentro dela, crescendo, enquanto deixa Santa Lora com seus pais, que ao longo de todas essas semanas estiveram acampados bem ao lado das barricadas, à espera de notícias do filho.

Rebecca continua dormindo com oitenta e cinco outros pacientes, os últimos adormecidos, agora consolidados em uma única ala do hospital.

Com vinte e oito semanas, o cérebro se torna suficientemente complexo para se sobressaltar com ruídos repentinos e para virar a cabeça na direção de vozes. Nessa idade, o cérebro começa a sonhar. Mas com o quê? A sensação de flutuar, talvez, as sutis mudanças de luz e escuridão? Ou talvez cérebros tão jovens tenham sonhos inimagináveis para nós, além do alcance da ciência e da linguagem, não registrados e irrecuperáveis.

Daqui a pouco a boca começa a abrir e a fechar. Os pulmões crescem depressa, em preparação para a tarefa de converter o ar deste planeta em algo que o corpo possa usar.

As escolas reabrem.

Sara volta a almoçar sozinha todos os dias no pátio. Que alívio é um dia avistar Akil, finalmente de volta à escola.

“Ei”, diz ela.

“Oi”, diz ele. Há um peso na maneira como ele fala. Ele não precisa dizer a ela que teve a doença. Ela percebe, de alguma forma, no rosto dele.

“Sua família está bem?”, pergunta ela.

“Sim”, diz ele. “Estamos bem. E a sua?”

Ela faz que sim com a cabeça.

Muitas vezes eles almoçam lado a lado, enquanto as outras crianças correm ao redor do pátio. Há um conforto em compartilhar um silêncio. As flores da primavera voltaram, rosas perto do laboratório de ciências, malmequeres ao longo do ginásio. Dentes-de-leão estão em toda parte na grama.

Em um dia azul e radiante no fim do almoço, o bosque se agigantando à distância, além do parquinho, Akil conta a ela sobre o que aconteceu com o seu pai.

“Ele poderia ter morrido”, diz o menino.

Em vez disso, agora ele manca ligeiramente e tem uma cicatriz comprida no quadril.

“Eu não consigo me livrar desse estranho sentimento”, diz Akil. “De que tudo ainda está no futuro.” Há sempre a sensação, diz ele, de que um dia, em breve, seu pai será levado para a prisão no Egito, que eles terão que deixar tudo para trás, e de que em algum outro dia dentro de pouco ele será morto por soldados americanos bem aqui nessa cidade americana.

O sinal toca. As outras crianças começam a correr em direção às salas de aula. Mas Sara fica exatamente onde está, ao lado dele, escutando.

“Eu sei que tudo já aconteceu”, diz Akil. “Eu sei disso. Mas não é o que parece. Parece que tudo está por vir, e sempre estará, em círculos, de novo e novo.”

Rebecca dorme durante as primeiras contrações. Dorme em meio à inserção de uma agulha entre duas vértebras da sua coluna. Dorme enquanto a anestesia se espalha pelos tecidos do corpo.

Dorme enquanto, em outro quarto, o obstetra e as enfermeiras vestem seus macacões de segurança de polietileno com capuz. Dorme enquanto, assim protegidos, eles esfregam a barriga dela com iodo, em preparação para a cesariana.

Nem o bisturi perturba o seu sono.

Ela não acorda quando o obstetra, com as mãos calçando luvas duplas, tendo feito uma incisão para cortar camadas da pele, separa os músculos do abdômen. Ela dorme enquanto esse mesmo médico corta a parede do seu útero e enquanto as enfermeiras limpam com esponjas o sangue resultante. Dorme enquanto o bebê é tirado do seu corpo — como se arranca um dente. Dorme durante os primeiros momentos do bebê do lado de fora.

É o nascimento mais silencioso de que se tem memória.

Todo mundo está à espera de um choro, mas não se ouve choro algum. Rebecca dorme em meio à boa notícia: o bebê está respirando, pelo menos. E ela também dorme em meio à má notícia: seu bebê, como ela, está dormindo. O vírus de Santa Lora, no fim fica evidente, é capaz de atravessar a placenta.

Depois que o médico corta e fixa o cordão umbilical e o bebê é pesado e enrolado e as fossas nasais higienizadas, uma das

enfermeiras pensa em levar a mão de Rebecca até a testa do bebê, a pantomima de uma mãe conhecendo seu filho.

Rebecca dorme enquanto eles dão pontos na incisão. Dorme enquanto cauterizam a ferida.

Dorme quando eles acomodam o bebê sobre o seu peito. E, quando levam o bebê até o seio, e quando o bebê começa, de alguma forma, a mamar durante o sono — Rebecca dorme também nesse momento.

Os mortos: eles são médicos e enfermeiros, professores e artistas, professores universitários de filosofia e de francês, o prefeito de Santa Lora. São jovens, são velhos, estão no meio da vida. Uma família inteira, três corações, silencia em poucas horas, como lâmpadas piscando em um fio de luzes natalinas. No caso dos mortos não descobertos, a causa é desidratação. Mas, sob cuidados médicos, no mais das vezes é o coração que falha, uma lentidão tão extrema que, a um certo ponto, o bombeamento não consegue mais sustentar o corpo, como alguns monges budistas que, em meditação profunda, sabidamente atingem um estado de tal relaxamento que seu coração deixa de bater.

Os mortos são pranteados com flores deixadas nos bloqueios da estrada da cidade, ou em funerais, a que comparecem pouquíssimas pessoas, os bancos tendo sido removidos para os gramados das igrejas devido ao persistente medo de contágio.

Mais sonhadores param de respirar todos os dias. Um em cada dez nunca mais acorda. Pelo menos, dizem alguns, eles morrem boas mortes, em paz. Eles são poupados da experiência do seu próprio fim.

Os nomes dos mortos aparecerão um dia em uma placa de homenagem ao lado do que resta do lago, sob a sombra de pinheiros, se tornando marrom com o tempo.

Rebecca, cinco anos mais velha, segura a mão do seu filhinho enquanto os dois caminham um dia pelo bosque. Os dedos dele arrancam dentes-de-leão em um descampado. Ele sopra as sementes pelo ar. Olhando para o menino ela vê sabedoria, o corpo dele que cresce anunciando todos os dias: a vida continua.

Em breve ele já será um menino de seis anos, em pé sobre uma prancha de mergulho vestindo uma sunga azul e chamando: “Mamãe, mamãe, olhe isso”. Ela sentada na grama cheia de ervas daninhas ao lado da piscina. Eles estão na casa dos pais dela em uma tarde de domingo. Ela está com os chinelos do menino no colo. As roupas de ir à igreja do menino estão em uma pilha ao lado dela. De dentro da casa vem o suave tilintar de pratos, os sons da mãe dela fazendo o almoço na cozinha.

O filho dela pula na piscina. Uma bala de canhão. Aquele olhar no rosto dele ao saltar na água: os olhos fechados com força, como se pela pura força do seu sorriso.

Rebecca o chama da grama enquanto ele balança depois na água. “Incrível”, ela diz.

Ele se parece com o irmão dela nessa idade. Óculos de natação, uma lacuna entre os dentes, pernas esguias e pés compridos. O cheiro das laranjeiras dos vizinhos flutua sobre a cerca. Os sons da mãe dela na cozinha, os saltos baixos dos sapatos de ir à igreja estalando no linóleo.

Agora o menino saiu da piscina. A água escorre pelas pernas dele, pingando no mesmo piso onde os pés pequenos dela própria outrora pingavam, e ela diz exatamente as mesmas palavras que a sua mãe costumava lhe dizer: “Não corra. Não corra. Você vai escorregar”.

Mas esta é apenas uma tarde em um determinado ano. Um dia em uma vida toda.

O menino continua se movendo para a frente. Ele fica mais velho. Cresce. Começa a cursar a faculdade. Desiste. Há brigas, divergências, mal-entendidos, perdão. Ele se muda no mesmo ano em que Rebecca perde a mãe. Volta para casa no mesmo ano em que o pai dela morre. Sai do emprego. Ele se torna um artista. Volta para a faculdade. Ele se casa. Tem um filho e depois mais um.

Uma noite, Rebecca e seu filho saem para passear em seu bairro ao entardecer. Rebecca é uma idosa agora, e seu filho é um homem na meia-idade.

Durante a caminhada eles tiveram uma briguinha, mas está passando agora, enquanto andam.

“Você precisa me deixar tomar as minhas próprias decisões”, diz ele.

Uma sensação estranha ocorre a Rebecca — é a maneira como ele diz isso, o jeito como ele se vira para ela enquanto fala, as palavras dele, quase exatamente a mesma coisa que ela disse uma vez a seus próprios pais muito tempo atrás.

Rebecca acorda em um quarto desconhecido. Paredes brancas. Lâmpadas fluorescentes. Um tubo intravenoso saindo de um braço.

Em sua confusão, ela reconhece apenas uma coisa pela janela: a torre do sino da Faculdade de Santa Lora, em estilo de missão religiosa colonial. Ela está de volta, de alguma forma, a Santa Lora.

Um bipe sonoro vem de um monitor próximo. Ela tem a sensação de que não está sozinha nesse quarto. Ela toma consciência de uma dor em seu abdômen. Seus dedos encontram um curativo lá.

Uma porta se abre — alguém entra no quarto. Uma enfermeira, talvez. Ela está usando um macacão de plástico amarelo, essa enfermeira. O traje cobre o corpo inteiro dela, inclusive os sapatos, como em um filme, Rebecca pensa. A enfermeira se comporta como se Rebecca não estivesse no quarto. Em vez disso, ela se inclina sobre algo no canto mais distante. Um berço, Rebecca vê agora, um berço de plástico com rodinhas. Dentro do berço, envolto em um cobertor cor creme com enfeites cor-de-rosa, um bebê recém-nascido, com um gorrinho também cor-de-rosa, está dormindo. O primeiro pensamento de Rebecca é este: quem é esse bebê?

Mas agora a enfermeira se dirige a Rebecca. Agora ela diz algo através da sua máscara. Grita para alguém, alguém do lado de fora do quarto.

“Ela está acordada”, a enfermeira está dizendo. Ela liga para outra pessoa no fim do corredor. Aponta para Rebecca. “A mãe acordou.”

É difícil entender o que isso significa. Mas um pânico sobe dentro do peito de Rebecca.

Mais pessoas entram às pressas no quarto — todas vestindo esses macacões amarelos.

Uma profunda sensação de ausência já brota dentro dela, uma perda: Onde está o meu filho?, pergunta ela.

Mas aparentemente eles não entendem o que ela está dizendo. “Meu filho”, diz ela de novo. “Por favor, peça a ele que venha

imediatamente.”

É difícil falar. É difícil ser clara.

Mas ninguém responde ao que ela diz, e um pensamento sombrio entra na sua cabeça. “Ele está bem?”, sussurra ela, seus olhos já se enchendo de lágrimas.

“Você teve a doença”, diz uma das enfermeiras. “Você ficou inconsciente por quase um ano.”

Rebecca ouve as palavras, mas não consegue entendê-las.

“É normal se sentir confusa”, diz a enfermeira.

Em algum momento, a mãe de Rebecca entra pela porta, simplesmente assim, sua mãe, de volta dos mortos, como se estivesse esperando naquele corredor todos esses anos. E não apenas viva, mas também mais jovem, sua mãe como era trinta anos antes, na meia-idade, quando Rebecca partiu para a faculdade. Seu cabelo ruivo, seus dentes brancos. Ela corre para a cama de Rebecca. “Meu Deus”, sua mãe continua repetindo. Ela segura a mão dela. “Meu Deus.”

E é bom ver o rosto dela — essa alegria, esse alívio. É uma sensação boa, depois de tantos anos, ver a mãe dela se movendo pelo mundo sem ela. Mas é assustador, também, receber uma visita dos mortos.

“Onde está o meu filho?”, Rebecca pergunta a ela.

Mas a mãe dela parece não entender a questão. “Eu não sei do que você está falando”, diz a mãe. “Você teve uma menininha”, diz ela. “Veja.”

“Aconteceu alguma coisa com o meu filho?”, diz Rebecca mais uma vez, um soluço crescendo em sua garganta.

Há medo agora no rosto da sua mãe. Ela olha de relance para as enfermeiras.

“A médica”, diz a mãe. “Ela avisou que você pode ter tido alguns sonhos estranhos.”

Durante anos depois de Rebecca acordar, os conhecidos comentam que ela tem um senso de sabedoria além do que é comum em alguém tão jovem. Mas não se diz que, talvez, um certo cansaço também.

Ela demora meses para acreditar que é uma garota de dezenove anos e não uma mulher com muitas décadas de vida. Que extraordinário, lhe parece, que a menininha no seu colo seja filha dela.

E seu filho: a ausência dele dá consistência a cada momento da sua vida. Ninguém consegue entender — como ela pode se aferrar com tanta força a um sonho. Mas, para ela, seu filho é uma verdade tão incontestável e definitiva quanto qualquer outra coisa: ela o conheceu por quarenta anos. Às vezes, por um instante, ela tem certeza de que o vê na rua. O som da voz dele, o formato do seu rosto — são tão nítidos e tão queridos para ela quanto os dedinhos da sua filha, as bochechas redondas dela.

Não existe dor igual ao luto por um filho.

Os médicos de Rebecca consideram extraordinária e misteriosa a complexidade do delírio dela; décadas inteiras persistem na sua mente, uma vida inteira. Seus sintomas se alinham com vários distúrbios psiquiátricos conhecidos: a ilusão de que seu bebê não é seu, de que seu corpo não é seu corpo, uma dificuldade de distinguir entre realidade e sonho.

Uma obscuridade generalizada também permanece presente. Uma certa lentidão de pensamento, uma confusão em suas lembranças.

“Não é de esperar”, diz a mãe, “depois de tanto tempo inconsciente?”

Embora a mãe de Rebecca também tenha contraído a doença, e seu pai, e seus irmãos, nenhum deles dormiu tanto quanto ela ou se recorda de tais sonhos realistas. Os especialistas ainda não

conseguem explicar muita coisa sobre a natureza da doença ou sobre o que ela pode ter feito ao cérebro.

O principal, dizem os pais dela, é ser grata. Pense nos outros. Pense nos mortos. “Dê graças em todas as circunstâncias”, é o que o pai dela diz. “Pois esta é a vontade de Deus para você em Cristo Jesus.”

Ela não mantém contato com ninguém daqueles dias, nem mesmo Caleb. Como somos peritos em desviar o olhar do que preferiríamos não ver.

Solteira com uma filha — ela nunca teria previsto que as coisas aconteceriam dessa forma ou que haveria tão pouco julgamento por parte de seus pais. Se eles apresentaram alguma objeção, ela não se lembra. Um presente de Deus, dizem eles. Essa menina, a filhinha dela, é um presente. Não importa como ela chegou aqui. Eles deixam por isso mesmo. Não questionam. E as circunstâncias exatas de como a bebê foi gerada — tão escandalosas na mente de Rebecca que era de pensar que despedaçariam a família — afastaram-se dos pensamentos dela.

Mas uma sensação perdura: a de que peças estão faltando. O cérebro é um mistério, dizem os médicos de Rebecca, e leva tempo para se curar. Vai ficar mais fácil — é o que a mãe dela diz. Nós passamos por algo terrível, diz ela, mas sobrevivemos.

Certos pensamentos que Rebecca guarda para si mesma, a exemplo de como alguém pode dizer com certeza que a outra vida era o sonho, e não esta? Por qual instrumento ela pode se certificar de que esses momentos aqui mesmo — com sua menininha no colo, olhando para ela com tanta doçura, aquelas bochechas, seu primeiro dente — não são parte de um sonho estranho e agradável que ela está sonhando na velhice?

Mas algumas coisas são simples: ela segura sua filhinha no colo assim como uma vez, muito tempo atrás, segurou seu filho. Canta para ela as mesmas canções que cantou para ele. Ela a ama com a mesma loucura. Ou com mais loucura ainda, talvez, seu amor permeado, dessa vez, pela perda do outro.

Um ano após a revogação do cordão sanitário, Nathaniel deixa sua casa pela última vez.

Ele é breve no derradeiro e-mail que envia à filha — eles vão procurar algum tipo de tratamento para Henry, experimental, diz ele, mas promissor. O não comprovado, diz ele, não deve ser confundido com o impossível.

Ele busca Henry na casa de repouso. Eles vão de carro para o aeroporto. Voam de Los Angeles para a Cidade do México e depois para uma cidade menor, mais ao sul, onde um anesthesiologista prometeu que é capaz de induzir com drogas o mesmo sonho de sono provocado pelo vírus de Santa Lora.

Uma agulha é inserida nas veias de Henry. E então uma segunda é inserida nas de Nathaniel. Ele segura a mão de Henry quando isso acontece. Demora menos de um minuto para o sono dominar os dois.

E é lá onde eles se encontram até agora, deitados lado a lado, em uma clínica nas montanhas do México, sob os cuidados de enfermeiras, corações batendo, pulmões respirando, olhos fechados para este mundo.

E quem somos nós para dizer que eles não estão, esses dois, juntos em algum lugar até agora, no bosque atrás da casa deles, aquelas árvores tão saudáveis quanto eram trinta anos atrás, ou sentados nas velhas cadeiras na sua varanda nos fundos, bebericando o uísque irlandês favorito de Henry, que agora deixou de ser fabricado. Quem somos nós para dizer que eles não estão neste exato momento sonhando com um mundo melhor?

A faculdade é reaberta. As aulas são retomadas. Barris de cerveja podem mais uma vez ser vistos rolando pelas rampas das repúblicas e casas de fraternidade.

Mas levará anos até que as matrículas retornem aos níveis anteriores. Circula uma petição para que o município de Santa Lora seja renomeado.

O vírus persiste não apenas nos congeladores dos laboratórios de nível 4 desse país, mas também na forma de casas vazias em Santa Lora, de animais de estimação perdidos, jardins sem

cuidados, de caminhonetes abandonadas nos estacionamentos do supermercado e da igreja, por fim rebocados um a um, também nos trechos mortos de grama, por semanas demais cobertos pela sombra das barracas médicas nos relvados. Também permanece no cansaço no rosto de algumas pessoas, na lentidão do andar e, algum dia, talvez, um barco de pesca afundado surgirá no meio do lago, sempre que a água finalmente secar por completo.

Alguns sonhavam com a sua juventude. Outros sonhavam com a velhice. Outros ainda sonhavam com dias que poderiam ter sido — todas as vidas que eles não viveram. Ou as vidas que, em algum outro mundo, eles tiveram. Muitos sonhavam com amores, antigos e atuais. Alguns sonhavam com os mortos.

Um homem relatou ter sonhado reiteradas vezes que ficava preso dentro de um elevador — ele tinha a sensação de que esse tédio continuava por anos a fio. Esse tipo de coisa, revelou-se, é comum nos sonhos, essas distorções do tempo, como se cada sonho contivesse sua própria física singular.

Passado, presente, futuro — um físico poderia dizer que essas distinções são, de qualquer maneira, ilusões. O cérebro humano está sujeito a todo tipo de percepções equivocadas, e nem sempre a mente desperta está mais sintonizada com a realidade do que a mente que sonha.

Algumas das crianças sonhavam com mundos primorosamente maravilhosos, as sombras dos quais aparecerão em seus desenhos durante anos. E o que as crianças sonharam nunca saberemos, mas talvez essas visões vivam no íntimo em seus hábitos e desejos, seu senso do que é familiar e do que deve ser temido.

Ao longo de anos os pesquisadores estudarão o vírus — por que algumas pessoas sobreviveram e por que outras não, e por que o vírus recuou quando o fez. Mas o conteúdo dos sonhos será de pouco interesse para a ciência, assim como um neurologista não tem utilidade alguma para a alma.

Quase que inteiramente sem estudo ficaram as mais famosas alegações — a de que alguns sonhadores tiveram visões do futuro. Evidências nada científicas sugerem que certos eventos sonhados

de fato aconteceram: o fim da seca e a morte de vários parentes. Circula pela escola de ensino fundamental que um dos pais viu em seus sonhos a biblioteca arder em chamas.

Essas histórias trazem para as ruas da cidade certos tipos de viajantes, em busca do poder místico do sono de Santa Lora. Pessoas desejosas de encontrar a verdade ou a iluminação espiritual acampam na floresta ou em peruas à beira do lago.

E quando perambulam pelas ruas de Santa Lora, esses viajantes esperançosos podem notar, em muitas noites, um homem sentado em um balanço de varanda com um bebê repousado no colo, sua esposa às vezes ao lado dele, às vezes não.

Ben: ele jamais escapará da sensação de que o que ele viu em seus sonhos — todos aqueles dias bons com Annie — era o futuro e não o passado. Mesmo mais tarde, quando ele entender que deve ser verdade que aqueles dias já chegaram e se foram, ainda assim não parecerá ser verdade, da mesma forma que aqueles que argumentam que não existe livre-arbítrio continuarão a deliberar cuidadosamente sobre grandes decisões.

Quanto mais tempo se passa, o que começa a parecer extraordinário para Ben é o fato de que todos os dias à frente são uma escuridão tão intensa, que todos nós nos movemos através das nossas horas como se estivéssemos de olhos vendados, sem nunca saber o que acontecerá a seguir. Como ele pode conduzir sua filha para um mundo assim?

Mas até o cérebro de uma criança é capaz de prever o árduo e acidentado caminho de um objeto em queda em seu voo.

E assim, talvez, de alguma forma, Ben *possa* ver o que está por vir:

Sua menina amará e será amada. Sofrerá e causará sofrimento. Será conhecida e desconhecida. Ficarà contente e descontente. Às vezes ela será solitária e às vezes menos. Ela sonhará e sonharão com ela. Sentirá tristeza e se entristecerão por ela. Vai lutar e triunfar e fracassar. Haverá dias de beleza espetacular, sublimes e imerecidos. Haverá momentos de entusiasmo e de arrebatamento. Vez por outra ela sentirá medo.

O sol vai aquecer o rosto dela. A terra vai impedir seu corpo de voar.

E o coração dela — agora tamborilando firme e forte, encostado ao peito de seu pai enquanto ele a embala para dormir em um balanço de varanda numa noite do início do verão, bem no começo de uma vida — esse coração: ele vai bater, e um dia vai parar de bater.

E uma imensa porção dessa vida permanecerá para sempre além da compreensão dela, tão obscura quanto as paisagens dos sonhos de outra pessoa.

Agradecimentos

Estou muito feliz por ter mais uma oportunidade de agradecer às pessoas que me ajudaram a tornar possível escrever este livro.

Pelos anos de amizade, ideias, discernimento e inspiração — tanto sobre livros quanto sobre a vida —, agradeço a meus amigos escritores: Alena Graedon, Nellie Hermann, Nathan Ihara, Tania James, Susannah Kohn, Dina Nayeri e Maggie Pouncey. Pelo apoio particularmente generoso a este livro, quero agradecer em especial a Karen Russell.

Agradeço também a Sara Irwin, Heather Saucedo Hannon, Shiloh Beckerly, Kelly Haas, Liz Guando e Dan Guando, Rachel Burgess e Jack Hostetter e Carrie Loewenthal Massey.

Por um carinhosamente estranho clube do livro não clube do livro, agradeço a Brittany Banta, Jenny Blackman, Hannah Davey, Meena Hart Duerson, Paul Lucas, Devin McKnight, Finn Smith, Pitchaya Sudbanthad (e Nathan Ihara e Casey Walker).

Por sua sabedoria e generosidade, agradeço a Jim Shepard, Karen Shepard, Dani Shapiro e Michael Maren.

Agradeço de novo aos meus professores, cujas ideias continuam a guiar meu trabalho como escritora e professora: Aimee Bender, Nathan Englander, Mary Gordon, Sam Lipsyte, Mona Simpson e Mark Slouka.

Agradeço aos meus maravilhosos e talentosos colegas da Universidade do Oregon: Daniel Anderson, Lowell Bowditch, Jason Brooks Brown, Marjorie Celona, Geri Doran, Garrett Hongo e Brian Trapp. Agradeço também a todos os meus alunos, cujo trabalho me desafia e me inspira continuamente. Obrigada a Julia Schewanick por suavizar o caminho.

Agradeço a Amelia Duke, graças a quem foi possível que eu deixasse os cuidados de um bebê recém-nascido durante algumas horas por dia para terminar a revisão deste livro — e fazê-lo sem a menor preocupação.

Eu me sinto extremamente afortunada por ter uma editora tão gentil e brilhante, Kate Medina. Obrigada, Kate, por colocar tanta atenção e tanto carinho nestas páginas.

Agradeço ao restante da equipe da Random House, especialmente Anna Pitoniak, Erica Gonzalez, London King, Gina Centrello, Susan Kamil e Evan Camfield. Agradeço também ao editor de documentos Deb Dwyer por uma leitura particularmente minuciosa e cuidadosa.

Agradeço a Suzanne Baboneau da Simon & Schuster UK por seu ininterrupto entusiasmo.

Agradeço a Eric Simonoff, da WME, por seu encorajamento, perspicácia e amizade. Agradeço também ao restante da incrível equipe da WME, especialmente Laura Bonner, Tracy Fischer, Jazmine Goguen, Alicia Gordon e Lauren Szurgot.

Também sou grata por ter encontrado os seguintes livros em minha pesquisa, todos fundamentais: *Tempo de despertar*, de Oliver Sacks; *A vida pelos outros: Escolhas altruístas no limite da ética*, de Larissa MacFarquhar; *Spillover*, de David Quammen; *A Paradise Built in Hell*, de Rebecca Solnit; *A vida secreta das árvores*, de Peter Wohlleben; *Dreamland*, de David K. Randall; e, da série “Oxford Very Short Introduction”: *Sleep*, de Steven W. Lockley e Russell G. Foster; *Dreaming*, de J. Allan Hobson; *Freud*, de Anthony Storr; *Jung*, de Anthony Stevens; e *Consciousness*, de Susan Blackmore.

E agora, a minha família:

Por me tratar como uma irmã, obrigada, Liz Chu e Kiel Walker. Por seu amor e entusiasmo — e muitas horas de um crucial trabalho de babá —, obrigada, Cheryl Walker e Steve Walker.

Agradeço a meus pais, Jim Thompson e Martha Thompson, por todo seu amor, ajuda, interesse (e por fazerem as vezes de babás!) — e por serem meus maiores fãs.

Obrigada, doce Hazel, por seu cérebro incrível, sua personalidade imensa e por ampliar de forma geral a minha vida — bem como este livro (acrescentei um recém-nascido a esta história quando você tinha onze dias). Agradeço também à pequena e misteriosa Penny, por seus grandes sorrisos e inspiração e por dormir tão profundamente no meu peito enquanto eu terminava este livro.

Por fim, agradeço a Casey, a quem eu devo tanto que é difícil escolher as palavras certas, então direi apenas isto: obrigada por tudo.

Copyright © 2019 by Karen Thompson Walker
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Dreamers

Capa e ilustração
Filipa Damião Pinto/ Foresti Design

Preparação
Adriane Piscitelli

Revisão
Carmen T. S. Costa
Camila Saraiva

ISBN 978-85-5451-728-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editora.alfaguara
instagram.com/editora_alfaguara
twitter.com/alfaguara_br

Table of Contents

<u>Rosto</u>	
<u>Dedicatória</u>	
<u>Epígrafe</u>	
<u>1</u>	
<u>2</u>	
<u>3</u>	
<u>4</u>	
<u>5</u>	
<u>6</u>	
<u>7</u>	
<u>8</u>	
<u>9</u>	
<u>10</u>	
<u>11</u>	
<u>12</u>	
<u>13</u>	
<u>14</u>	
<u>15</u>	
<u>16</u>	
<u>17</u>	
<u>18</u>	
<u>19</u>	
<u>20</u>	
<u>21</u>	
<u>22</u>	
<u>23</u>	
<u>24</u>	
<u>25</u>	
<u>26</u>	
<u>27</u>	
<u>28</u>	
<u>29</u>	
<u>30</u>	
<u>31</u>	

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)